UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio
(Versão corrigida)

São Paulo
2013

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio
(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Programa de Pós-Graduação: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Professora Doutora Maria Júlia Kovács

São Paulo
2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Fukumitsu, Karina Okajima.

O Processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio / Karina Okajima Fukumitsu; orientadora Maria Júlia Kovács. - São Paulo, 2013.
237 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Suicídio 2. Luto (Estado Emocional) 3. Prevenção do Suicídio 4. Comportamento autodestrutivo I. Título.

RC569

FOLHA DE APROVAÇÃO

FUKUMITSU, Karina Okajima
O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Júlia Kovács

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr(a). _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Para a **vida** que me presenteou por existir e me ofereceu a dádiva de ser disponível para a existência humana. Enquanto estiver viva, comprometo-me a viver intensamente para dignificar minha existência.

Para meu mestiço e meu orgulho, Enzo Fukumitsu Lobo, concretização dos meus sonhos. Seu jeito tranquilo, quieto, carinhoso, esperto, o melhor jogador de *Wii* e de *Beyblade* que conheço, meu Enzo, foguete explorador, que me encanta, me contagia com seu carinho e ilumina cada dia de minha vida. **Te amo! Você é iluminado e um anjo...**

Para minha mestiça e meu orgulho, Isabella Fukumitsu Lobo, concretização dos meus sonhos. Seu jeito bravo, fofo, falante, alegre, cantora, artista, pintora e carinhosa. Você é maravilhosa. **Te amo! Você é iluminada e um anjo...**

AGRADECIMENTOS

Ao meu maridão: **meu anjo bom, Eduardo José da Silveira Lobo**. Agradeço sempre por tudo o que tenho e pela pessoa que me tornei. A partir do momento em que comecei meu relacionamento com você, minha sorte mudou. Meu eterno agradecimento e meu mais profundo e sincero respeito e amor por você e pela sua existência. Fazemos uma dupla boa. **Te amo!**

Minha **SDC – S**onho **D**e **C**onsumo **Maria Júlia Kovács –**, mais que orientadora, você é minha mentora e um exemplo de vida: dedicada, carinhosa, afetuosa, capaz, exigente, acolhedora, mãezona e grande incentivadora. Ser aceita por você foi e é um grande presente. Obrigada pelo incentivo para que eu pudesse me reconhecer como autora e pelo resgate da paixão pela escrita.

Para minha irmã, **Cristina Sakai**, minha alma gêmea. Sem você eu não seria nada. **Te amo!**

Para minha mãe, **Yooko Okajima** (*in memoriam*), minha eterna inspiração para tentar fechar minhas *Gestalten* inacabadas. Você me inspirou na minha trajetória de ser psicóloga para tentar compreender os fenômenos humanos e me ensinou a ser amante da vida. Ofereceu a oportunidade para que eu pudesse aprender a me despedir de você e portanto, para vivenciar meu processo de luto ao esperar a morte chegar. Obrigada sempre e **te amo!**

Ao meu eterno sogro, **José Eduardo da Silveira Lobo** (*in memoriam*), o pai presente, sua ajuda com minha vida foi fundamental e crucial para que pudesse ter a vivência de um dia ter sido "adotada" por um pai como sempre desejei. Sinto muita falta do senhor...

À minha sogra, **Suzeley Binato**: a garra e coragem para enfrentar seu luto são admiráveis. Seus dons culinários e cuidados como avó foram essenciais na minha trajetória. Sua aproximação e interesse por mim foram especiais. Considero-a como uma segunda mãe.

Para minha amiga **Cida Barreto**, pelo incentivo para entrar no doutorado, carinho e amor por mim e pela minha família. Você é única e uma amiga e tanto!!!! Tenho muito orgulho de compartilhar com você minha história, que se tornou nossa de tanto carinho que tenho por você.

Para **Roberto Peres Veras**, por ser meu ouvinte, acolhedor e psicoterapeuta experiente e presente em palavras e em atitudes. Você representa muito mais que um psicoterapeuta, pois é uma pessoa humana e carinhosa que me acompanha como um barqueiro e facilita minha trajetória do ir e vir.

Ao meu pai, **Mário Fukumitsu**: Quero que saiba que consegui entender que te amo por aquilo que pôde me oferecer. Sua resposta no dia 8 de fevereiro de 2011: "Não existe carência com o PAI ainda vivo. Nunca é tarde para reavivar a convivência e harmonia entre nós" provocou em mim a esperança de que tudo na vida tem jeito, somente a morte que não. Felizmente, pudemos construir uma relação em vida e estou feliz pela filha que estou sendo e o paizão que tem sido!

Aos meus afilhados profissionais**: Flaviana Cavalcante Oliveira, Juliana Teixeira Freitas, Luana de Oliveira Pinto, Marcela Minhoto, Marcelo Borges e Vinícius Rossi Farkas**

dos Santos. Tenho muito orgulho de ser a dinda de cada um de vocês. **Flaviana:** esforço, sensibilidade, persistência, garra, reconhecimento do amor que dediquei a você; **Juliana:** alegria, inteligência humorada, ousadia e espontaneidade adulta, carinho espiritual; **Luana:** sensibilidade, dedicação, imensurável apoio ao meu trabalho e jeito agradável de ser; **Marcela:** falta de foco, alegria, agitação, beleza, sorriso e divulgação de meu trabalho são preciosos para mim; **Borges:** sua ajuda com as transcrições das entrevistas foi preciosa! Prático, tecnológico, ambicioso, cuidadoso e curioso; **Vinícius:** seu convite para ser meu afilhado sensibilizou-me, pois fui eu a procurada; a relação se constrói e toma forma quando cuida de mim. Enfim, queridos afilhados, admiro suas características peculiares e vejo em vocês partes minhas que um dia contribuíram em minha formação pessoal e profissional.

À minha sempre e querida amiga **Maria Lúcia de Oliveira** (*in memoriam*) pela amizade inesquecível e pela inspiração de ser professora universitária. Por ter me visto em um momento em que nem eu me via. A cada dia em sala de aula, em 12 anos de docência, lembro-me da nossa vontade de lecionar. Tínhamos um projeto juntas e caminhei solitária em nosso projeto, infelizmente por causa de sua morte.

Para **Lilian Meyer Frazão**, pela sabedoria gestáltica e por me acolher tão generosamente em meu sofrimento.

Para **Carmen Célia Girardi Chohfi** pelos momentos em que me senti apoiada e acompanhada por você.

Para o casal **Maria Cecília Peres do Souto** e **Edgard Garcia do Souto** pelo acompanhamento duplo e pelo olhar singular que cada um ofereceu em 2012. Vocês se tornaram amigos leais e sensíveis. Exemplo de casal e inspiração de pessoas.

Para os **colaboradores da pesquisa**: dividir e compartilhar suas histórias comigo foi um privilégio que reforçou minha escolha do tema. Meu mais profundo agradecimento pela confiança e pela colaboração.

Para **Aurélio Fabrício Torres de Melo**, que incentivou minha trajetória desde a inscrição, acolhendo minhas fantasias de não conseguir entrar no doutorado até a amizade construída. Ser sua amiga proporcionou uma ótima dose de humor, risadas e leveza com inteligência.

Para **Karen Scavacini**, pelo material compartilhado, motivação e incentivo e parceria de novos projetos.

Para **Lee Back**, **Kerry Moustakas** e **Clark Moustakas**, pelo acolhimento dez anos depois de meu mestrado e pela orientação e cuidado para comigo durante dez anos de minha existência.

Para **Mônica Brigido Kalume** e **Davide Davi** por terem proporcionado o privilégio de vivenciar o melhor aniversário da minha vida no ano de 2011. É uma grande honra ser sua amiga.

Para **Christina Binato**, pela constante revisão de minhas ideias e ideais. Você é incrível, pela capacidade de me acompanhar em cada palavra.

Para **Jennifer Batista Castellen e Sander Dalvi**, que sem minha dupla de funcionários nada conseguiria. Obrigada pela dedicação!

Para **Marcel Daudt de Paiva Rosa**, que de maneira genial conseguiu traduzir minhas ideias e sentimentos. Você é o melhor *designer* que conheço!

Para **Editora Digital Publish & Print**, responsável pela concretização de meus projetos. Profissionalismo e cuidado em um só lugar.

Para meu **grupo do doutorado**, que compartilhou, durante os quatro intensos anos de estudos, as orientações e o companheirismo.

RESUMO

FUKUMITSU, K.O. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio.** 2013. 237 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

O suicídio é uma morte repentina e violenta, que choca. Pode provocar indignação, pois causa em quem ficou um hiato, em relação à experiência de dizer adeus àquele que é amado. A morte autoinfligida causa sofrimento e, por isso, o enlutado por suicídio é reconhecido como sobrevivente. Este estudo teve como objetivo a compreensão do processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio. Jamison (2010), Alvarez (1999) e Shneidman (1985; 1993) foram os principais autores que fundamentaram a discussão sobre o suicídio. As obras de Parkes (1998; 2009), Franco (2002; 2010), Kovács (1992; 2003) e Clark (2001; 2007), as fontes básicas consultadas para a compreensão do processo de luto. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, tendo como participantes 9 (nove) filhos de indivíduos que cometeram o suicídio. Os princípios éticos de sigilo, privacidade, confidencialidade, não identificação dos dados do colaborador e liberdade de participação foram respeitados. Os depoimentos foram gravados com a anuência dos entrevistados e realizados: entrevista – para a coleta de depoimento, de aproximadamente 3 (três) horas de duração – e 2 (dois) contatos por *e-mail* – para enviar a transcrição das entrevistas, e outro, depois da análise dos dados, para compartilhar com o colaborador a compreensão da pesquisadora. As unidades de significados foram extraídas conforme o método fenomenológico (Moustakas, 1994) e compreendidas pela perspectiva da abordagem da Gestalt-terapia. Observou-se que para alguns entrevistados, a superação da falta do progenitor trouxe ambivalências: vivos, foram ausentes; mortos, tornaram-se presentes. O ato suicida pode denunciar uma dinâmica familiar cujo rompimento de vínculos já acontecia, ou seja, o estresse foi experienciado antes, durante e depois do suicídio. Portanto, o suicídio não foi fator precipitante, mas, sim, o processo como um todo. Quando o filho sobrevive ao suicídio de um dos genitores pode ter uma experiência cujo sofrimento provoca culpa, raiva, ressentimentos, sensação de desamparo e de abandono, solidão, falta de oportunidade por não ter recebido colo, acalanto, cuidado, amor e direção. Considerou-se que, embora a morte seja para sempre, o luto é um processo dinâmico, no qual os enlutados tentam administrar uma diversidade de sentimentos e pensamentos: além da necessidade de compreender a morte, surge a redefinição de seu papel na família. Destaca-se também o calar e o isolamento dos depoentes. O isolamento parece acontecer para que não sejam mobilizados os sentimentos confusos e não compartilhados, que ameaçam a zona de conforto tão arduamente conquistada pelos que sobreviveram. O que se cala é o sofrimento, a dúvida e o estigma. Identificou-se que o suicídio parental é uma vivência ímpar, que permite à pessoa descobrir e desenvolver estratégias de enfrentamento em seu processo de luto.

Palavras-chave: 1.Suicídio. 2.Luto (Estado Emocional). 3.Prevenção do Suicídio. 4.Comportamento autodestrutivo. 5.Suicidologia.

ABSTRACT

FUKUMITSU, K.O. **The grieving process of the offspring of the person who committed suicide**. 2013. 237 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Suicide is a sudden and violent death, which shocks. It may cause outrage, as it causes a gap in those who remained, in relation to the experience of saying goodbye to the one who is loved. The self-inflicted death causes suffering and, thus, the bereaved by suicide is recognized as a survivor. This study had as goal the comprehension of the grieving process of the offspring of the person who committed suicide. Jamison (2010), Alvarez (1999) and Shneidman (1985; 1993) were the main authors who grounded the discussion about suicide. The works of Parkes (1998; 2009), Franco (2002; 2010), Kovács (1992; 2003) and Clark (2001; 2007), the basic sources consulted to the comprehension of the grieving process. It is a research of qualitative nature, having as participants nine (9) offspring of individuals who committed suicide. The ethical principles of secrecy, privacy, confidentiality, no identification of the data of the collaborators and freedom of participation were respected. The testimonies were recorded with the consent of the interviewees and carried out: interview - to collect the testimony, approximately three (3) hours long - and two (2) contacts by e-mail – one to send the transcripts of the interviews, and other after analyzing the data, to share with the collaborator the comprehension of the researcher. The units of meaning were extracted according to the phenomenological method (Moustakas, 1994) and understood through the perspective of the Gestalt-Therapy approach. It was observed that for some interviewees, overcoming the lack of a parent brought ambivalences: as alive, they were absent; as dead, they became present. The suicidal act may denounce a family dynamic in which breaking of bonds has already happened, in other words, the stress was experienced before, during and after the suicide. Therefore, suicide was not a triggering factor, but, instead, the process as a whole. When the child survives the suicide of one of its parents, one can have an experience whose suffering causes guilt, anger, resentment, helplessness and abandonment, loneliness, lack of opportunity by not having received lap time, soothing, care, love and guidance. It was considered that, although death is forever, grief is a dynamic process, in which bereaved ones try to manage a diversity of feelings and thoughts: besides the necessity of comprehending death, comes the redefinition of their role in the family. Also noteworthy is the silence and isolation of the deponents. The isolation seems to happen for mixed and not shared feelings not to be mobilized, that threaten the comfort zone so hardly conquered by those who survived. What is silenced is the suffering, the doubt and the stigma. It was identified that parental suicide is a unique experience that allows the person to discover and develop coping strategies in their grieving process.

Keywords: 1.Suicide. 2.Grief (Emotional State). 3.Suicide Prevention. 4.Self-destructive behavior. 5.Suicidology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

INTRODUÇÃO 17

CAPÍTULO 1 – FRAGMENTOS DO ENTRE: REFLEXÕES SOBRE SUICÍDIO 20

1.1 Prevenção e posvenção do suicídio 25

CAPÍTULO 2 – FRAGMENTOS DO ENTRE: ATUALIDADES EM PESQUISAS SOBRE ENLUTAMENTO POR SUICÍDIO 29

2.1 Atualizando meu enlutamento 29

2.2 Quem mata quem quando acontece o suicídio 31

2.3 O luto por suicídio 32

2.4 O processo de luto do filho da pessoa que cometeu o suicídio 35

OBJETIVOS 40

CAPÍTULO 3 – O MÉTODO FENOMENOLÓGICO 41

3.1 Homenagem à Clark Moustakas 41

3.2 Sobre a fenomenologia 42

3.3 A utilização do método fenomenológico na pesquisa 45

3.4 Procedimento e manuseio dos dados 51

CAPÍTULO 4 – AS VIVÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES 56

SOBREVIVENTE 1: ANÁLISE DA ENTREVISTA 57

SOBREVIVENTE 2: ANÁLISE DA ENTREVISTA 68

SOBREVIVENTE 3: ANÁLISE DA ENTREVISTA 79

SOBREVIVENTE 4: ANÁLISE DA ENTREVISTA 93

SOBREVIVENTE 5: ANÁLISE DA ENTREVISTA 107

SOBREVIVENTE 6: ANÁLISE DA ENTREVISTA 123

SOBREVIVENTE 7: ANÁLISE DA ENTREVISTA 150

SOBREVIVENTE 8: ANÁLISE DA ENTREVISTA 169

SOBREVIVENTE 9: ANÁLISE DA ENTREVISTA 184

DISCUSSÃO 196

CONSIDERAÇÕES FINAIS 223

MENSAGEM DE DESPEDIDA AOS ENLUTADOS 230

CARTILHA AO PROFISSIONAL QUE DESEJA TRABALHAR COM A TEMÁTICA DO SUICÍDIO, PREVENÇÃO E POSVENÇÃO 231

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 232

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 237

ANEXO B - ENTREVISTAS ..... CD

APRESENTAÇÃO

Lembro-me da última vez que ouvi minha mãe falando sobre sua vontade de se matar. Era uma tarde de novembro de 2005, ao ligar para saber como estava. Depois de ter falado que seria melhor se estivesse morta, retruquei:

"Mãe, por inúmeras vezes você tentou se matar e não morreu. Até quando vai querer escolher o momento que morrerá? A gente não escolhe o momento, calma, você terá seu tempo de morrer."

Grávida de dois meses e meio, recordo o momento em que senti uma leve cólica, que, na verdade, era o início de um aborto. Foi daí que surgiu o estudo **Suicídio e psicoterapia:** uma visão gestáltica (2005, dedicatória) e a seguinte frase.

> Ao meu filho que não conheci fisicamente e que, dentro de meu ventre, presenteou-me com a possibilidade de sentir a vida. Sua descontinuidade dentro de mim confirma a ideia de que como seres humanos não temos o livre-arbítrio do momento em que partimos. Sua ausência me fez pensar nos suicidas, particularmente em minha mãe, que podem ter a vida e escolhem por inúmeras vezes partir deste mundo...

Essa experiência me fez pensar sobre o paradoxo da existência humana – vida e morte – e sobre o pedido que existe por trás de toda pessoa que almeja com a morte a finalização de seu sofrimento.

Compreendo o suicídio como a confirmação concreta da descontinuidade do sentido de vida. Por acreditar no questionamento crítico constante sobre o determinismo e a causalidade, compreendo que a escolha do tema do presente estudo "**O Processo de Luto do Filho da Pessoa que Cometeu Suicídio"** não teve sua origem em um único fato de minha vida, mas, sim, em várias situações que me motivaram a pesquisar sobre o processo de luto de filhos da pessoa que cometeu suicídio. Saliento, portanto, neste momento, a diferença entre **influenciar** e **determinar**.

> **influenciar:** [...] Exercer influência em […]
> **influência:** [...] Ação que uma pessoa ou coisa exerce sobre outra [...]
> **determinar:** [...] Fixar, firmar, assentar [...] (Novo dicionário eletrônico Aurélio, 2009).

Jamison (2010, p. 183) ofereceu a melhor analogia a respeito da predisposição de uma pessoa que cometeu o suicídio: "Como o fogo: a relva seca e fortes ventos podem permanecer apenas como possibilidades perigosas, elementos de combustão. Mas, se um raio cai na relva, a chance de o fogo aumentar será rápida: pula de leve para determinada".

Não acredito na causalidade única, por isso, ao considerar as influências, não limitarei a compreensão do fenômeno a ser pesquisado em apenas uma causa, e, sim, em possibilidades múltiplas, que denominarei neste trabalho de ***motivações***. A primeira motivação é que procuro dar outro significado a uma fase de minha infância permeada por lembranças de uma mãe que tentou o suicídio várias vezes. Inspirada por Kübler-Ross (1998, p. 239), quando menciona que

"[...] grande parte da vida consiste em descobrir aquilo que já conhecemos", tal vivência pode ser, parcialmente, ilustrada na descrição dos meus dez anos.

> Era uma vez uma menina de dez anos de idade que viu sua mãe "quase" morta por pelo menos 15 vezes, com suas mãos geladas, sem reações, caída no chão ou em sua cama. Essa mãe utilizava diversas estratégias para suas tentativas de suicídio: tomou pílulas e medicações misturadas ao álcool, ateou fogo em suas roupas, tentou jogar-se do sétimo andar do edifício, tentou enforcar-se etc.
> As coisas foram ficando cada vez piores e mais estressantes entre as duas: a mãe estava desesperançosa e comunicava esse desespero em sua fala e atitudes. E nada havia que a menina pudesse fazer, a não ser aceitar a possibilidade de estar com sua mãe da maneira como sua mãe podia.
> Essa menina tinha muita dificuldade para entender o motivo pelo qual sua mãe, a pessoa que a gerou por nove meses, a quem amava tanto e a quem lhe deu o presente da vida, estava tentando tirar a própria vida. Essa questão a acompanhou até a fase adulta e, por isso, ela escolheu ser uma psicóloga clínica. Psicologia: uma área em que se estuda e se compreendem o processo psíquico e o fenômeno humano...
> (FUKUMITSU, 2005, p. 17)

Outro fato pungente em minha vida é a felicidade de ser mãe de duas crianças lindas, que nasceram em 2006 e 2007. Sempre me vangloriei de ser uma aventureira, repetindo uma percepção do senhor Moacir, dono de uma fazenda que visitei em Bonito, a meu respeito: "Lá vai a japonesa aquática". Essa percepção se deu, porque era sempre eu a primeira do grupo de turistas a me jogar em rios, poços, cachoeiras e lagos. Sempre gostei de correr riscos e admirei esportes radicais. Depois que tive o privilégio de me tornar mãe, essa percepção a meu respeito mudou bruscamente. Como mãe, percebo-me preocupada permanentemente em me manter viva, para acompanhar o desenvolvimento de meus filhos. Antes do nascimento deles, morrer não era preocupante. Atualmente tenho medo de minha morte, pois, se pudesse escolher, viveria até o último momento da vida dos dois: Enzo e Isabella, minhas preciosidades, meus tesouros e minha fonte de inspiração.

Desde 2006 tenho vivido o papel diário de cuidar de meus filhos e experimento, a cada momento, a constante transição de papéis em minha vida: deixei de ser filha para ser mãe – mudança que se patenteou em uma experiência ocorrida em 2008.

Fora convidada para proferir a palestra em São José do Rio Preto sobre a angústia de finitude e os paradoxos da existência. Aceitei a empreitada, primeiramente por ter recebido o convite de um grande amigo, Hugo Oddone, e, segundo, por ser o lançamento do livro **Morte, suicídio e luto:** estudos gestálticos[1] (2008), produção que coordenei juntamente com ele. Detalho os motivos que me fizeram ir ao evento para justificar os inúmeros questionamentos e dúvidas que tive na viagem e para reforçar que foi dessa experiência que tive clareza de que meus papéis – ser filha e ser mãe – estavam em processo de ressignificações.

Por ter passado por uma cansativa experiência anterior (seis horas de ônibus de São Paulo a São José), optei pelo avião, escolha que me custou dez horas de viagem e um sentimento de

[1] FUKUMITSU, K. O.; ODDONE, H. R. B. **Morte, suicídio e luto:** estudos gestálticos. São Paulo: Livro Pleno, 2008.

sequestro, pois, como o aeroporto de São José estava sem teto para pousar, o avião foi para Mato Grosso, retornou à Campinas, para só então pousar em São José do Rio Preto. Lembro-me de que, dentro da aeronave, senti-me nervosa, revoltada e preocupada: sentimentos agravados pelo fato de minha mãe estar na UTI, por uma insuficiência cardíaca, e por meu filho (com dois anos, na época) estar sob observação, em casa, com suspeita de pneumonia. Sem escolha pensei: "Para quem falará sobre morte e morrer, até que não está mal, pois encontrei uma maneira, em vida e sem precisar morrer, para ficar no céu durante pelo menos dez horas!". Ri com meu pensamento conformista e resolvi esperar com calma o momento de pisar em terra. Ao sair do avião, liguei para minha irmã, que me transmitiu a feliz notícia de que minha mãe havia recebido alta. Cheguei finalmente para a palestra e, no dia seguinte, depois de ministrar um minicurso, liguei novamente para minha irmã, que me informou que minha mãe passara mal na noite anterior e que voltara para a UTI. Telefonei para meu marido, para avisá-lo sobre minha mãe, e ele me falou que acabara de internar nosso filho, com pneumonia e baixa saturação de oxigênio.

Por um breve momento, senti-me literalmente sem chão e totalmente desesperada: minha mãe – representação do início de minha existência – e meu filho – continuidade de minha existência – sendo internados ao mesmo tempo, e eu, distante. Tentei comprar uma passagem aérea, mas o primeiro voo aconteceria somente às seis horas do dia seguinte, o que determinou minha escolha por uma passagem de ônibus, que me faria já estar em São Paulo às seis horas do mesmo dia seguinte. Por uma semana morei em um hospital com meu filho, enquanto acompanhava o estado de minha mãe pelas visitas à UTI.

Outra experiência que me influenciou quanto à escolha do tema foi o fato de, em 2005, no lançamento, anteriormente citado, do livro **Suicídio e psicoterapia:** uma visão gestáltica, ter vivido uma situação inusitada, que me permitiu rir e sentir alegria com algo considerado até então triste e trágico. Explico. Lembro-me de que, antes de sair o livro impresso, pedi para que minha mãe o lesse e que compartilhasse comigo suas considerações, ao que me apoiou e incentivou. No lançamento solicitei que ficasse próxima a mim, pois a considerava uma parceira. Ela cumprimentava as pessoas que me pediam autógrafo, dizendo: "Oi, eu sou a camicase". Algumas riam e entravam na brincadeira; outras ficavam sem graça e diziam: "O que é isso, dona Yooko!", e outras, ainda, fingiam não ter ouvido nada e iam diretamente me cumprimentar. A frase hilária de minha mãe me fez refletir sobre o quanto minha irmã e eu fomos presenteadas pela vida, no sentido de resgatar ou criar uma relação de filha e mãe em vida. Digo isso porque, desde 2004, minha mãe, por inúmeros fatores, inclusive pelo acerto das medicações, recuperou seu prazer de viver e nunca mais tentou se matar. Acredito que a experiência de acompanhar o "renascimento" da mãe acontece com poucos. Costumo dizer que minha mãe era melhor que gato, fazendo menção à folclórica ideia que gatos têm mais de sete vidas. Além das inúmeras tentativas de suicídio, desde 2008, foi 18 vezes à UTI até a data de sua morte em 12 de fevereiro de 2013, por insuficiência cardíaca, e confesso que o que experimentei nas salas de espera

despertou minhas lembranças infantis e desencadeou sentimentos, pensamentos e *Gestalten* inacabadas. A experiência de visitar minha mãe na UTI remeteu minhas lembranças do iôiô emocional e do sentimento de impotência provocado pela percepção de não poder fazer nada por ela a não ser aguardar o que aconteceria. E dessa experiência teci a seguinte questão.

- Como é o processo de luto de um filho de pais que cometeram o suicídio?

Quero explicitar novamente meu desejo de uma compreensão não determinista e, ao considerar que o suicídio de pai ou mãe pode gerar uma marca inesquecível para aqueles que, mesmo após certo tempo da ocorrência, sofrem e reagem ao sentimento de alarme. Advogo que o fato de acreditar que o suicídio dos pais deixa marcas, marcas do passado que constantemente se revelam no presente, nas vivências consigo e com os outros, não significa que esse processo aconteça a todos os filhos de pessoas que cometeram o suicídio. Concomitantemente, corro o risco de ser julgada como aquela que pensa que a morte de um pai ou mãe por suicídio gera uma marca inesquecível necessariamente. Portanto, o processo de compreensão do luto por suicídio remeterá aos encontros, desencontros e reencontros das relações entre filhos e pais que cometeram o suicídio.

INTRODUÇÃO

Para Ariès (1977), a morte repentina, por exemplo, de ataque cardíaco, derrame, não é bem-vinda, pois não permite a preparação do enlutado, desrespeitando os ritos das despedidas. Se, em alguns momentos, as pessoas tentam negar a morte natural, imagine em relação ao suicídio! A má receptividade e a negação da morte por suicídio são escancaradamente observadas, principalmente pela díade: trata-se de uma morte premeditada e planejada pelo autor do ato de se matar e a falta ou aparente falta de aviso prévio aos outros envolvidos com a pessoa que cometeu suicídio e por provocar nas pessoas curiosidade, dúvidas, confusão, repulsa, culpa, ambiguidade e diversos outros sentimentos inexplicáveis.

Falar da morte significa considerar o desconhecido e o medo provocado pelas incertezas e como Kovács (1992, p. 15) salienta: "O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. Apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões". O medo é angustiante, ponto fundamental para o existencialismo, pois a morte é o termo final dos projetos. Portanto, a existência deve ser compreendida como angustiante, inédita e singular e conforme Tavares (2008, p. 63) afirma: "A vida é mortal, e a morte pode ser tratada como condição vital, condição de quem está e se reconhece vivo". Sendo assim, o homem não pode ter a experiência da própria morte, mas com a morte de outrem percebe sua finitude, ou seja, o ser humano não poderá ter a representação de sua própria morte considerando que, ao morrer, não terá a consciência dela.

A morte de uma pessoa amada demanda energia psíquica para lidar com aspectos nela envolvidos. Mais importante que definir a morte, é necessário inclusive, considerar o luto como processo que o indivíduo vivencia pela morte do outro, pois "Em qualquer luto, raramente fica claro com exatidão o que foi perdido" (PARKES, 1998, p. 24).

Conforme a reação provocada pela ausência do outro, a vivência do processo de luto proporcionará uma diversidade de mudanças que dependerão da maneira como a pessoa percebe o mundo. Além disso, sua visão de mundo influenciará futuras relações. Lidar com a morte da pessoa amada, portanto, provoca, dentre tantas outras demandas, a descoberta de uma maneira singular de lidar tanto com as mortes reais quanto com mortes simbólicas e que poderá desencadear um fenômeno complexo, pois exige "um movimento de elaboração dos vínculos afetivos rompidos" (SOUZA; MOURA e PEDROSO, 2010, p. 123).

Outro aspecto a ser destacado é que a morte de uma pessoa exige o enfrentamento da ausência daquele que morreu. Wolterstorff (2007, p. 19) – pai de Eric, que falecera aos 25 anos – reflete sobre a ausência que se torna tão presente na morte de uma pessoa amada: "é o nunca mais que é tão doloroso". Sendo assim, o processo de luto é uma das reações regulatórias do indivíduo, pois se enlutar capacita o ser humano a enfrentar novas possibilidades e auxilia nas passagens

para novas fases da vida. E mesmo que a situação da ausência daquele que morreu não possa ser modificada, acredita-se nos ajustamentos criativos para que o indivíduo enlutado restaure seu equilíbrio (PERLS; HEFFERLINE e GOODMAN, 1997, p. 85). Concomitantemente, o ser humano é constituído pelas inúmeras relações e interações com o mundo e, por isso, é afetado por tudo o que lhe acontece e como Franco (2010, p. 12) afirma na apresentação do livro **Formação e rompimento de vínculos:** O dilema das perdas na atualidade: "Formar e romper vínculos faz parte da identidade humana, não se restringe a um único contexto, mas interage com os diferentes contextos que permitem sua expressão".

Refletir sobre o suicídio significa pensar em vivências interrompidas pela morte violenta, que neste trabalho, enfatiza-se sobretudo, a reflexão de que o filho da pessoa que cometeu o suicídio não pôde vivenciar os ritos familiares do adeus.

O filho cujo pai cometeu suicídio talvez fique sem direção e sem apontamentos para onde seguir. Ou, um filho que teve a mãe que se matou, pode vivenciar a falta de colo, aconchego e mimo. Desejo, com base neste estudo, compreender as vivências dos filhos sem as devidas referências dos pais ou, como Ferreira (2010, p. 34) pontua, no livro **Minha Mãe se Matou Sem Dizer Adeus:** "O órfão é caminhante cujo trajeto só tem ida. Vive-se eternamente em alto-mar por falta de porto para se atracar. É ruim viver sem mãe – principalmente sem o adeus daquela que se matou".

Tal como a morte de uma criança é atordoante, pois muda a lógica temporal da vida, a morte do pai ou da mãe por suicídio provoca conflitos, pois os filhos buscam a compreensão dos motivos que levaram os pais – responsáveis por sua existência e pela inclusão de filhos na biografia deles (pais) – a tirarem a própria vida. O suicídio de um pai ou uma mãe pode provocar no filho o hiato da oportunidade da experiência de dizer adeus àquele que é amado, e as vivências fragmentadas e solitárias podem emergir. Por esse motivo, os próximos capítulos receberam o nome de ***Fragmentos do Entre***.

O nome ***Fragmentos do Entre*** surgiu quando percebi, desde o exame de qualificação[2], as várias tentativas de articular minhas ideias, alinhavar as diversas informações e tomar como meu todo o investimento e esforço.

Constatei o impacto da fragmentação quando, tanto as arguidoras quanto a orientadora, salientaram suas percepções a respeito da fragmentação de meus dois primeiros capítulos e, principalmente, quando acrescentaram que não a percebiam nos textos da apresentação e do método.

Assim como Belinda Mandelbaum (2010) afirmou no exame de qualificação – "Não escapamos da nossa história, das nossas determinações e, ao longo da vida, tentamos elaborar essas situações. Compreendo ser essa uma *Gestalt* que ainda não se fechou para você e que, talvez,

[2] Qualificação realizada em 17 de junho de 2011 com as professoras titulares Maria Helena Franco e Belinda Mandelbaum, sob orientação da professora Doutora Maria Júlia Kovács.

não tenha como se fechar. É necessário respeitar o enigma do outro que envia para nós uma mensagem poderosa e enigmática como o suicídio" –, o tema instigante e angustiante pôde denunciar que o suicídio de pais inaugurou um espaço em mim para que eu pudesse reaprender a viver de outra maneira.

Com muito sofrimento, identifiquei minha insegurança ao utilizar as ideias dos outros autores, a insistência de não me tornar autora de minhas próprias palavras e, acima de tudo, percebi que os fragmentos estavam em mim.

Confesso que os dois capítulos foram as partes mais exaustivas do meu estudo, pois, surpreendentemente, fui me apoderando da percepção sobre minha resistência para lidar com o tema: sentia muito sono logo que iniciava a escrita dos capítulos, flagrava-me demorando em iniciar minha escrita, lia várias obras sobre doentes na proximidade com a morte e não sobre o suicídio.

Teci aproximações entre minha vivência fragmentada com as dos filhos de pais que se mataram. Talvez o filho da pessoa que cometeu suicídio fique com os fragmentos de algo começado (seu nascimento), do caminho (método) percorrido e da morte do pai ou da mãe, mas as vivências do *entre* ficam sem sentido, confusas, picotadas, estilhaçadas.

Os *fragmentos do entre* oferecem as reflexões sobre o suicídio e sobre atualidades em pesquisas sobre enlutamento por suicídio. Sendo assim, *fragmentos do entre* revelaram meu desespero, minha insegurança e falta de coragem para desvendar o constante desafio de dar sentido para a morte de um pai ou de uma mãe e do caminho solitário e, por vezes, assustador, do resgate de partes fragmentadas.

Fugi, dei-me conta da fuga ou, em linguagem gestáltica, tornei-me *aware* do momento presente, tomei coragem, perseverei e transcendi ao esboçar minhas ideias. Aproprio-me, portanto, daquilo que escolhi pesquisar, aprofundar-me, relacionar, compreender e tomo posse do conhecimento sobre suicídio e de minha trajetória.

CAPÍTULO 1 - FRAGMENTOS DO ENTRE: REFLEXÕES SOBRE SUICÍDIO

Suicídio é:

O imprevisto,

o indefinido,

o inexplicável.

Morte intrusa,

morte repentina e violenta,

morte que ofende,

que choca,

que cala.

Uma incógnita,

uma tragédia,

um mistério,

uma entrega da vida,

uma denúncia do sofrimento e do desespero.

História interrompida,

história velada...

Ato a ser julgado,

a ser decifrado,

a ser compreendido.

Pedido de socorro,

de escuta,

de paz...

Morte sem aviso prévio,

morte que provoca indignação,

morte que causa dor,

morte que confirma o absurdo da falta de sentido.

Corpo que desfalece sem movimento,

corpo que expressa a ausência de ritmo e do tom.

Coração que para.

Existência que se eterniza naquele que sofre pela sua concretização...

Sabe-se algo sobre o suicídio? – esta é a questão que se presentifica neste capítulo. Sim, é possível saber sobre o ato de se matar. Derivado do latim *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar), o suicídio não significa apenas a ação de matar a si mesmo, mas é, sobretudo, um ato humano que implica em um processo cujo fim da linha termina em um ato que faz o sobrevivente sofrer. Dessa forma, pensar em suicídio significa refletir sobre a morte irreversível vista como libertação, punição, coerção, fuga, alívio para o sofrimento, entre outras inúmeras maneiras de concebê-lo, constituindo assim, uma lógica própria.

Nada parece ter mudado desde a primeira notícia contra a morte voluntária cuja procedência se refere ao período pitagórico entre 571 a.C. e 570 a.C. (PUENTE, 2008), pois o suicídio é visto, ainda na contemporaneidade, como uma morte cujos ritos de passagem são vetados. A privação dos ritos de passagem decorre pelo fato de a pessoa que cometeu o suicídio ser considerada traidora e aquela que deve ser expurgada, pois foi contra os princípios mais instintivos do ser humano: sua vida, autorrejeitou-se e expurgou seu sofrimento por meio de sua morte. Contudo, há de se indagar neste momento: Qual seria o lugar *do* suicídio e *da pessoa* que comete o suicídio?

A difamação do ato de se matar e da pessoa que comete suicídio só desapareceram a partir do momento em que "[....] não há menção a suicidas no novo código penal de 1791" (ALVAREZ, 1999, p. 61). E, dentre muitos outros pensadores sobre o suicídio, Tomás de Aquino foi um dos defensores de que o homem não tinha direito a sua morte, pois este direito pertencia a Deus, sendo o suicídio um pecado mortal.

Já com Durkheim (1897), o suicídio deixou de ser considerado como um ato moral e as condições sociais foram consideradas como contribuintes para o ato de se matar, portanto, o fenômeno do suicídio passou a ser uma questão na qual "Ser ou não ser" cedera espaço para o motivo pelo qual se matou.

Principalmente por ser o suicídio um tema que mobiliza e provoca vários sentimentos confusos e contraditórios, o ocultamento, distanciamento e fuga se tornam evidentes. Quem ocupa o lugar do suicídio é considerado como um criminoso em caso de fracasso, ou um doente mental em caso de sucesso. É tabu por ser interdito, negado e execrado e por isso, seu lugar é ofuscado. Além disso, a imensa curiosidade em compreender o fenômeno pode provocar paralisia, "É inevitável que certa paralisia intelectual se estabeleça após a leitura de centenas de elaboradas tentativas médicas, filosóficas e sociológicas para classificar o suicídio" (JAMISON, 2010, p. 29). Sinto-me reconfortada ao ler as palavras de Jamison por talvez ser uma das muitas justificativas para que sentisse a paralisia ao adentrar nos meus próprios *fragmentos do entre* e nas entranhas das inúmeras tentativas de compreensões sobre meus e comportamentos de outros.

Acredita-se ser possível saber sobre o suicídio, porém, pouco se sabe sobre a pessoa que cometeu suicídio. Em 27 de julho de 1890, o pintor Vincent Van Gogh deu um tiro no peito. Em 28 de março de 1941, Virginia Woolf, vestiu um casaco, encheu seus bolsos com pedras e afogou-se.

Embora os momentos sejam diferentes, todas as mortes citadas representam uma incógnita, por não se saberem as motivações de cada uma delas. Multifatorial, o suicídio não decorre de uma única causa. Portanto, pode-se pensar no suicídio como um acontecer, e como a concretização e finalização de um processo de sofrimento individual e coletivo. Mas se o fenômeno do autoaniquilamento considera tanto o olhar individual quanto coletivo, a quem pertence a vida? E, se a vida pertence ao homem, Deus, Estado, natureza ou qualquer instituição, é sensato que se pense que a morte também pertencerá a quem intitularmos *O dono*.

A escolha do suicídio passa por um crivo individual que tem repercussões também no público e o *modus operandi* da pessoa que escolhe se matar tem relação com a maneira como a pessoa se vincula consigo, com o outro e com o mundo. Segundo a perspectiva existencial, o ser humano não tem a escolha de seu nascimento, pois não determina quando nem como o nascimento ocorre e, por isso, os limites da nadificação constituem a facticidade da existência. Para muitos, a morte, considerada outra facticidade existencial, torna-se, no entanto, uma escolha, pois o ato de se matar, o suicídio, é determinado pela pessoa que escolhe o dia e a maneira de morrer. Sendo assim, a escolha de morrer é outro ponto a ser considerado. Algumas pessoas que cometem o suicídio escolhem a morte como método coercitivo, ou, em outras palavras, o suicídio pode oferecer uma mensagem direcionada ao outro cuja função é atuar como retaliação.

Já outras pessoas que cometem o suicídio escolhem que outras não participem do planejamento de sua morte. Nesse sentido, torna-se importante enfatizar um interessante aspecto mencionado por Clark (2007); Fontenelle (2008); Jamison (2010) e Fox e Roldan (2009) que acontece em alguns suicídios dos quais as pessoas não ofereceram indícios para os familiares sobre sua intenção suicida e parecem muito calmos antes de cometê-lo. Esse aspecto recebe o título: *Antes do furacão: a falsa calmaria*, pelo fato de me lembrar do filme **Twister** (1996), dirigido por Jan De Bont, que apresenta uma equipe de caçadores de tornados que aguardavam a temporada de ventos fortes para testar um dispositivo que poderia prever o início dos tornados. Em uma das partes do filme, os caçadores identificam que o tornado está próximo, quando percebem a calmaria dos ventos e o céu claro.

> No dia 18 de setembro de 1826, um furacão aproximou-se de Miami, Flórida. A população estava preparada para os ventos fortes e a maré meteorológica. Miami experimentou chuvas torrenciais, enchentes e ventos com rajadas mais de 160 km/h. Mas, de repente, o céu aclarou e os ventos dissiparam-se. Pessoas saíram das casas para inspecionar os danos e alguns até foram para seus empregos. Muitos dos jovens foram à praia para aproveitar as grandes ondas. A calma durou menos de uma hora, quando as nuvens aproximaram-se rapidamente, vindas do sul. As pessoas não sabiam que estavam no olho da tempestade. Os ventos fortes retornaram e centenas de pessoas morreram afogadas, quando a Praia de Miami desapareceu embaixo da maré elevada[3].

Curiosamente, Jamison (2010, p. 140) afirma que "[...] mais da metade dos pacientes que se mataram em hospitais psiquiátricos foram descritos pelas equipes médicas e de enfermagem, pouco antes do seu suicídio, como 'melhores clinicamente' ou 'melhorando'", ou seja, anteriormente ao

[3] Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/furacoes/furacoes-11.php>. Acesso em: 8 nov. 2009. (Grifo do autor.)

suicídio, expressaram uma calmaria, fazendo com que a morte passasse despercebida. Essa seria uma manifestação da morte interdita? Ou apenas, uma manifestação que a pessoa não queria expor suas intenções a fim de evitar que alguém tentasse impedir seu ato?

Em seu brilhante trabalho **O Suicídio como Espetáculo na Metrópole:** Cenas, cenários e espectadores cuja proposta foi o diálogo entre as cenas suicidas e a metrópole, Marquetti (2011) ressalta os sinais do suicídio interdito -, a mais interdita das mortes, quando se percebem:

- subnotificações;
- negação da morte;
- eficiência em se livrar do corpo;
- contratação de serviços técnicos para cuidar da morte;
- óbitos por suicídios registrados como óbitos por acidentes;
- quando o local do óbito é desviado para o hospital.

Além disso, assinala as várias denominações da função de coveiro: sepultador e atualmente, oficial de obras, bem como, aponta "o caráter de escamoteamento" ao ser utilizado o lacre no caixão da pessoa que cometeu suicídio. Dessa maneira, sinais da morte interdita tornam-se evidentes. Não oferecendo sinais de sua vontade de morrer e não compartilhando seu sofrimento, a pessoa que comete o suicídio transgride pelo planejamento de sua morte, pois "Tornar público algo privado na sociedade contemporânea, onde observamos um recolhimento das práticas sociais, afetivas e, principalmente, das práticas referentes à morte é um ato de transgressão (MARQUETTI, 2011, p. 141). Entre 1930 e 1950 a morte interdita configura uma época em que morrer não fazia parte da vida e esta configuração ainda está presente, pois a morte tem seu lugar para acontecer: um lugar que não está mais disponível para as manifestações de sofrimento e dor.

Morre-se em hospitais e a morte deve ser escondida e, segundo Kovács (2003, p. 65-6), "O que é mais característico desta representação é que a morte passe despercebida, que nada mais anuncie a sua presença".

Enquanto a morte interdita é pessoal, a morte escancarada é pública (ARIÈS, 1977). Desse modo, além do lado íntimo, há de se refletir sobre o lado escancarado, ou seja, cabe a reflexão de que o suicídio fique, talvez, na fronteira entre o interdito, que representa o pessoal e íntimo, pelas razões supracitadas, e o escancarado, pois, além de ser público, invade também, é divulgado e tem grande audiência, assim como, a morte escancarada que, para Kovács (2003, p. 141), "[...] é o nome que atribuo à morte que invade, ocupa espaço, penetra na vida das pessoas a qualquer hora. Pela sua característica de penetração dificulta a proteção e o controle de suas consequências: as pessoas ficam expostas e sem defesas". Sendo assim, o suicídio visto segundo o foro íntimo e pertencente ao domínio do privado passa a ser considerado como um evento público.

O suicídio, portanto, pode ser visto como uma morte escancarada e íntima, pois se a morte escancarada é uma morte violenta que acontece nas ruas, no cotidiano, o suicídio é uma morte violenta nas vielas íntimas e, por esse motivo, instala a experiência de caos e uma intensa situação inacabada por configurar a urgência e emergência naquele que a vivencia.

> O suicídio público surge como uma transgressão ao interdito da morte na sociedade contemporânea, na medida em que lança elementos opostos a este padrão: o evento é público, indiscreto, visível, comandado pelo sujeito, determinado em dia/hora/forma pelo sujeito, escapa do aparato de controle da morte, enfim, é a própria negação da morte silenciosa da sociedade atual (MARQUETTI, 2011, p. 51).

Adrianna Paiva, em aula ministrada por Maria Júlia Kovács[4], relata sua experiência como assistente social em uma indústria que trabalha no atendimento a emergências e contingências socioambientais e ensina que "a intervenção em situações traumáticas deve ser realizada no menor tempo possível". Acrescenta ser "importante lidar com estratégia da situação do caos – talvez essa seja a melhor ajuda". Isso posto, é importante confirmar que o suicídio de um ente querido pode dilacerar o psiquismo do sobrevivente e que, embora no decorrer do seu desenvolvimento, cada pessoa organize sua maneira de ser e de reagir aos estímulos e situações da vida, acredita-se que a ausência do familiar que se matou é traumatizante. E trauma, muito bem apontado por Tavares (2008, p. 66): "vem do grego e significa ferida. Fé (r) ida – perder a fé, a esperança diante da dor", ou como Parkes (2009, p. 45) define: "Um 'trauma' é um golpe e um 'luto' é uma perda".

E, principalmente por se tratar de um trauma, de um golpe de violência, de impotência para enfrentar a situação, a pessoa que cometeu suicídio é a vítima e o algoz. Dessa maneira, o suicídio pode ser compreendido como expressão da soberania do homem em relação à sua existência, sendo que a pessoa que comete o suicídio exercita o poder sobre a vida e a morte e comete a violência contra si.

> [...] o suicídio é sempre violento, o que significa que familiares ou descobrem ou devem identificar corpos gravemente mutilados ou danificados; a polícia precisa estar envolvida na cena da morte, o que soma um elemento extra inquietante e semelhante a criminoso; e investigadores de seguros, em cujas mãos estão os futuros financeiros, costumam tornar as coisas piores por interrogatórios intrusos e ofensivos. Amigos e vizinhos podem ou não reagir a uma morte suicida com o mesmo nível de consolo e apoio comunitário que a maioria das outras mortes exige e, de fato, um terço dos familiares relata ter se sentido estigmatizado pelo acontecimento (JAMISON, 2010, p. 265).

Concomitantemente, "a violência emudece, esteriliza e cala" (ENDO, 2005, p. 89) e quando alguém morre por suicídio é comum a família ter vergonha de falar a causa morte e, por essa razão, em alguns momentos, o suicídio torna-se tabu e enaltece a vergonha que "inclui um sentimento de defeito ou inferioridade e um sentido de não estar apto para ser amado e merecedor de respeito" (YONTEF, 1998, p. 370). Nesse sentido, a linguagem é sobreposta pela ação de se calar, e o silêncio e a vergonha surgem, pois a morte deliberada cala, incomoda e traz constrangimentos para quem o vivencia.

[4] Disciplina: Questões da morte nas instituições e educação, em 22 de outubro de 2009.

1.1 Prevenção e posvenção do suicídio

> *Olhar para o suicídio – os números incontestáveis, a dor que conduz a ele, o sofrimento que fica para trás – é angustiante. Para cada momento de exuberância na ciência, ou de sucesso nos governos, existe uma realidade combinante e terrível das mortes em si: as mortes de jovens, as mortes violentas, as mortes desnecessárias* (JAMISON, 2010, p. 279).

O suicídio está entre as dez principais causas de morte do ser humano e, em 45 anos, houve um aumento de 60% das notificações de casos de morte autoinfligida. O índice mundial evidencia que 16 pessoas em 100 mil cometeram suicídio em 2008 e que, a cada 40 segundos, um suicídio acontece, bem como, a cada três segundos uma tentativa é realizada. Números assustadores, a progressão desenha um futuro apavorante. Como assegurar a vida de meus filhos? E de meus netos, se a estimativa é de que, em 2020, para cada 1,5 milhão de pessoas uma cometerá suicídio a cada 20 segundos e duas tentarão se matar a cada 2 segundos? (WHO, 2008).

Esta triste constatação provoca a sensação de que, infelizmente, o conhecimento sobre a prevenção do suicídio nunca será o suficiente para evitá-los total e mundialmente. Desde 2000 tenho estudado esse fenômeno e, conforme exposto na apresentação deste estudo, foi em 2005 que confirmei minha orientação profissional e me tornei suicidologista. Sendo assim, minha participação ativa nos programas de prevenção é motivadora para que algo seja feito, pois, caso contrário, aquilo que é mais importante – a existência humana – será extinto, ou seja, a vítima será o próprio algoz. Sofreremos, então, pela colheita obrigatória das nossas más escolhas por não ver, acolher e cuidar desse grande problema de saúde pública.

Deparo constantemente com meu desconforto e minha indignação devido à constante impotência na lida diária com pessoas que tentam o suicídio. Em contrapartida, é a impotência a justa medida para contrabalancear a fantasiosa onipotência de acreditar que poderia salvar alguém. Não. Não é possível salvar, porém, carrego a crença de que posso me colocar a serviço de cuidar de meu semelhante, compartilhando seu desespero existencial e não me deixar abater pelo aumento desenfreado dos números de suicídios a cada ano em todo o mundo.

Existiria um perfil de pessoas que se tornam mais propensas para o ato de se matar? Seria possível prevenir o suicídio? Para responder tais questões, cabe lembrar que cada pessoa que cometeu o suicídio deverá ser observada como ser singular, cujas inúmeras motivações e todas as explicações para o ato de tirar a própria vida pertencem ao domínio privado, embora o ato se torne público. Apesar de ser considerado um fenômeno individual, o matar-se é, sobretudo, como assinalado anteriormente, um grande problema de saúde pública e, dessa maneira, o que este estudo aborda é o adoecimento público. Como afirmam Botega et al. (2006, p. 214), "O suicídio não é tão somente uma tragédia no âmbito pessoal; ele também representa um sério problema de saúde pública".

Sendo assim, o ato suicida abrange o viés individual, social e cultural. Segundo Alvarez (1999, p. 69): "[...] diga-me a sua taxa de suicídio e eu lhe direi o seu grau de sofisticação

cultural – pela simples razão de que o ato vai contra o mais básico dos instintos, o instinto de autopreservação".

Terei de me acostumar com as notícias de pessoas que se matam? Terei de me conformar com o fato de que o outro percebe a morte mais atraente que a vida? É ainda válido e possível cuidar do ser humano, no sentido de compreender o fenômeno do suicídio e as diversas motivações que influenciam sua preferência pela morte? No Brasil, "em números absolutos, o país contabiliza 6.000 mortes por ano" (BANDO; BARROZO, 2010, p. 27) e os números de mortes alertam para uma crise. De acordo com Botega et al. (2006, p. 215), "O Brasil encontra-se no grupo de países com baixa taxa de suicídio, em média 4,5/100.000 habitantes, mas, como é um país populoso, atinge o nono lugar em números absolutos de suicídio".

Tomara tal estimativa diminuísse, mas, como questiona Jamison (2010, p. 47), se "um dos mais difíceis, frustrantes e essenciais problemas clínicos" é prever quem completará o ato suicida, haveria realmente a possibilidade de previsão e, consequentemente, maneiras de preveni-lo?

Sim, a prevenção é possível e, além disso, a posvenção se evidencia como uma alternativa importante a ser considerada em tais programas. Explico. O termo posvenção foi cunhado por Edwin Shneidman (1985; 1993) para representar todas as atividades, que ocorrem após o suicídio, para minimizar o impacto das consequências da morte por suicídio (FLEXHAUG e YAZGANOGLU, 2008, p. 20, tradução nossa). Portanto, a posvenção é a prevenção das próximas gerações.

A prevenção ocorre para que a mortes sejam minimizadas e para que, com base no conhecimento prévio dos fatores de risco, seja possível levantar e conhecer os fatores de proteção. Meleiro, Fensterseifer e Werlang (2004, p. 142) apontam que "Na prevenção do suicídio, então, deve-se dar prioridade a ações que busquem evitar o que pode ser evitado, e interromper ou amenizar o que não pode". Sendo assim, durante o período entre o pensamento e a ação suicida é que a prevenção se torna importante, pois o comportamento suicida envolve um processo que tem seu início desde a ideação, a tentativa, as ameaças até o ato consumado, ou seja, a morte. Avaliam-se a letalidade e intencionalidade, ou seja, a reflexão sobre quão letal foi a tentativa, bem como, a intencionalidade do ato: intenção e intensidade do desejo em acabar com sua vida. Existem duas fases relevantes da abordagem do contexto suicida: a fase da prevenção e a fase da posvenção. Dessa maneira, enquanto o programa de prevenção visa à redução dos suicídios, a posvenção preocupa-se com o cuidado com os sobreviventes no que diz respeito ao pós-suicídio de um ente querido.

Retorna-se ao filme **Twister**, citado no início deste capítulo, indagando: por que os caça-tornados queriam testar um dispositivo que previsse o início dos tornados? Para alertar, contornar danos maiores, dar tempo para que as pessoas pudessem fugir e se proteger. É importante considerar que a previsão meteorológica não impede que o tornado apareça com sua fúria e avassale tudo o que encontra à sua frente. O mesmo pode ser pensado no âmbito do suicídio – a prevenção não oferece garantias de que a pessoa não tentará novamente se matar, mas a previsão, no sentido de investigar e explorar ao máximo as ideias que a pessoa tem sobre sua morte, pode

ser facilitador, tanto na lida com a pessoa que comete o suicídio, quanto na compreensão do processo do enlutado por suicídio.

> A chave é um símbolo de vivências que durante algum tempo quis esquecer. "Minha mãe tentou o suicídio", constatação que se confirmava pela porta trancada quando chegava da escola. Porque era uma criança, não havia ainda recebido minha chave de casa. A estratégia utilizada por mim e por minha irmã era a de colocar um papel embaixo da porta, para que pudéssemos empurrar a chave. Consequentemente, ela caía no papel, que puxávamos para fora e, depois, abríamos a porta.
>
> – Por que minha mãe sempre deixava uma chave para que pudesse socorrê-la?
>
> – Para que a porta fosse aberta – resposta que encontrei depois de alguns anos. (FUKUMITSU, 2005, p. 83).

Ao compartilhar suas ideias suicidas, a pessoa talvez esteja deixando a chave para que a porta possa ser aberta. Investigar pode significar fazer a previsão do suicídio e, consequentemente, a prevenção. Ao dizer previsão não se aponta o papel onipotente de ver o futuro, e, sim, ressalta-se o interesse pelo sofrimento da pessoa que comete o suicídio. Clark (2007, p. 15) menciona a importância do interesse: "Sua necessidade de saber o máximo que puder é normal e saudável. O 'aborrecimento' que sente se deve ao fato de uma pessoa querida ter se matado, não às perguntas que você faz".

Um dos maiores desafios nessa árdua lida tem sido desenvolver e ampliar cada vez mais manejos para lidar com a escolha que o outro faz para a própria vida. E a frase de Alvarez (1999, p. 54) ecoa em minha alma: "Por que essas coisas acontecem? Existiria alguma forma de explicar tal desperdício, já que justificá-lo é praticamente impossível?". O eco provoca a seguinte indagação: qual é a razão de alguém preferir a morte à vida? Tenho consciência de que uma única explicação, ou várias, não daria conta desse grande mistério do suicídio.

Mal da alma, as respostas para a escolha de se matar não são justificadas por um só fator de risco. Retomando às matérias do pioneiro do estudo sobre suicídio, Edwin Shneidman (1918-2009) apresenta seis aspectos importantes para a configuração de um suicídio: a iniciação do ato que deflagrou a morte, o ato em si, o desejo ou a intenção de autodestruição, a perda da vontade de viver, a motivação para estar morto e o conhecimento sobre o potencial do ato que poderá levar à morte (SHNEIDMAN, 1985).

> Na prevenção, é necessário levar em conta e abordar a influência exercida por outras pessoas que, por alguma razão, são significativas para o desencadeamento da crise suicida em um determinado indivíduo. Na segunda fase, a fase da posvenção, se torna necessário lidar com os impactos que a morte por suicídio acarreta na vida das pessoas próximas da vítima (CÂNDIDO, 2011, p. 94).

Um ato de desespero, um erro, um espetáculo para quem o assiste, um alívio para quem o realizou ou um pedido de ajuda e de aprovação? Qualquer definição que se apresente ao suicídio, o ato de aniquilar a própria vida choca, cala e deixa marcas naqueles que o vivenciam. Por esses motivos, preocupo-me constantemente com minha tolerância ao deparar com outro ser humano que vive sem sentido e "sem sabor". Sou amante da vida e, por vezes, meu compromisso com a vida ofusca ou acentua uma miopia da confusão, do vazio e da solidão do outro.

Disponibilidade significa habilidade de dispor? Ou dispor da habilidade? Alvarez (1999, p. 84) afirma: "Apesar de toda a ênfase dada à prevenção, talvez a verdade seja que o suicida é tão tenazmente rejeitado pelos cientistas sociais quanto era pelos mais dogmáticos teólogos cristãos" e, nesse sentido, penso que a habilidade de dispor respeito, compaixão, ternura, cuidando para que intolerâncias em relação ao diferente se tornem possíveis, o acolhimento do ser que se sente possivelmente rejeitado e a disponibilidade para com o sofrimento do outro podem ser maneiras para prevenir outra morte.

É preciso, portanto, incentivar a prevenção a fim de que a posvenção tenha seus números atenuados. Para tanto, o programa de serviços de "enlutamento" se tornam importantes elementos para a posvenção e é um componente necessário para a compreensão da estratégia de prevenção do suicídio visando à reconciliação do sobrevivente.

Jamison (2010, p. 25) destaca: "Ainda assim, uma tentativa continua sendo o único e o melhor previsor do suicídio" e a preparação acontece somente pelo ato suicida, ou seja, é possível se preparar para a perda e para a vivência após o suicídio.

> Com base em dados da Organização Mundial da Saúde, Botega, Mauro e Cais (2004) relatam um dado importante: 15 a 25% das pessoas que tentam o suicídio tentarão novamente se matar no ano seguinte, e 10% das pessoas que tentam o suicídio, conseguem efetivamente matar-se nos próximos dez anos (BOTEGA et al., 2006, p. 214).

A ideação contínua nesse processo, pode ser compreendida com base nos estudos de Botega et al. (2006) que evidenciam que depois da primeira tentativa, outra tentativa acontecerá em uma estimativa de um ano, principalmente quando se percebe que o *modus operandi* e os meios utilizados por aquele que deseja se matar são aperfeiçoados.

Refletir sobre o suicídio é precipitar a reflexão sobre o humano e sobre suas reverberações no enlutado, que inicia um legado de viver *com* e *apesar da* morte do ente querido. Dessa maneira, um último aspecto a ser discutido diz respeito à maneira como o sobrevivente lida com o suicídio de quem ama. Como serão os dias seguintes? Após a morte, os dias subsequentes para o enlutado podem tanto expressar vivências de solidão quanto de pesar: "Uma pessoa enlutada reage tanto à perda quanto à privação. Pesar é a reação à perda, solidão é a reação à privação" (PARKES, 1998, p. 26). Sendo assim, a ausência da pessoa amada provoca no sobrevivente uma sensação de caos devido à intensidade de sentimentos de frustração, dor, culpa e falta de sentido.

Portanto, a posvenção tem seu destaque por ser uma proposta de ações desde o momento em que se sabe da morte do ente querido até o que será feito com e pelos sobreviventes, após a notícia, pois se o luto é uma resposta, o que se segue é um processo.

CAPÍTULO 2 - FRAGMENTOS DO ENTRE: ATUALIDADES EM PESQUISAS SOBRE ENLUTAMENTO POR SUICÍDIO

> O suicídio é um meio de morrer particularmente horrível: o sofrimento mental que conduz a ele costuma ser prolongado, intenso e sem paliativos. Não existe morfina equivalente para mitigar a dor intensa, e a morte costuma ser violenta e terrível [...] O suicídio traz como consequência um nível de confusão e devastação que, na maior parte, fica além de qualquer descrição (JAMISON, 2010, p. 27).

O luto é convite para lidar

com a falta;

com o resgate da fé;

com o acolhimento do não saber;

com a tolerância para informações mal respondidas...

Refletir sobre luto significa

a vivência da dor...

a busca pelo recomeço...

a necessidade de fazer diferente...

a conscientização do lugar e dos papéis na família...

a busca de uma reconciliação.

Refletir sobre luto por suicídio significa

falar das consequências da morte do outro;

enfrentar as perguntas sem respostas e explicações sem comprovações;

lidar com especulações sobre a vida daquele que se matou.

2.1 Atualizando meu enlutamento

Tenho me despedido de você, mãe, há muito tempo e parece que sua hora de partir está chegando. Na UTI pela décima sexta vez (Dia dos Pais –12 de agosto de 2012) em decorrência de uma miocardiopatia de grau importante, percebo você muito fraca e debilitada. Será que afinal a proximidade da morte é real? Ironicamente, quando retomei este capítulo do enlutamento, você retornou, depois de dois anos, para a Unidade de Terapia Intensiva. Se não morreu por suicídio, talvez esteja sofrendo pelas consequências das inúmeras tentativas de se autoaniquilar. Ser testemunha do quanto sofre, sem a clareza do que acontece com você, provoca, em mim, grande tristeza e diversas dúvidas. Os médicos dizem que a musculatura de seu coração é

grande, que seus pulmões estão encharcados, que a pressão arterial está muito baixa, a arritmia descontrolada, a infecção bacteriana se agrava e que tem preocupantes problemas renais – tudo traduz a grande confusão que é e *foi* sua vida. Coração grande demais para uma existência perdida e inexistência sentida. Falta ar, falta condições para respirar...

Sobra musculatura no coração, muita água no pulmão e muitas lágrimas em seu existir e tudo parece transbordar em seu sofrimento. Falta e exagero. Ausência presente. Luz e escuridão. Dor e alívio. Desamparo e acolhimento. Grande demais para quem se sente tão pequena. Você está sofrendo e diz se sentir quase morta no Dia dos Pais – isso quer dizer algo? Sim. Talvez precise aprender a me despedir de você mãe-quase-pai. Mãe quase existência. Mãe totalmente minha mãe e a única mãe que tive e que aprendi a amar. A mãe que durante muito tempo precisou assumir os papéis também de pai. Vida desperdiçada. Eu tive uma mãe – uma mãe quase viva, uma mãe quase morta, mas eu tive. Hoje sou mãe...

Adulto que tenho como referência, mas não como modelo para se viver. Você me deu a vida e, embora o amor que sinta por você seja profundo, não quero viver como você, pois você me deu sua quase morte e quase vida. A escuridão parece tê-la acompanhado por muito tempo e a morte parece ter sempre brilhado para você. Sua decrepitude expressa sua luz se apagando. Colo pedido e perdido. Cada dia mais na UTI significa que tem mais um dia na vida e, ao mesmo tempo, revela que tenho menos um pouco de você. Contudo, ganho a possibilidade de tê-la mais um pouquinho de tempo.

Sua morte equivale a ver você partir inteiramente e não em partes. E, pensar na proximidade de sua morte, obriga-me a refletir sobre meu luto. *Viver sua morte real* – na verdade não sei como será. Interessante é perceber que, talvez, sempre tenha me preparado para vivê-lo, pois a única coisa que sei é que a ameaça de sua morte provocou em mim vários dilemas existenciais e, sobretudo, a maior contradição existencial: meu imenso amor pela vida. O martírio e a constante ameaça de sua morte estão sendo finalizados.

Mãe, você é a inspiração para meus estudos – quem serei sem você? O que farei sem você? Continuarei amando a vida? Meu amor pela vida seria apenas uma formação reativa de toda pulsão de morte que vi em você? Fragmentos que atualmente tornaram-se profundos e dilacerados pela ausência de seu constante tormento e de sua vida perturbada.

Descansa em paz e tenha seu colo com a mãe morte...

Descansa mãe! Chega de sofrer, de viver sem sentido, de viver pela metade. Descanse em paz, pois nunca pôde viver sua paz e agora está na hora de viver a paz em sua morte. Vai mãe. Descanse em paz e se autorize a morrer – existência perdida e solitária. Por tantos anos acompanhei sua falta de vitalidade e ausência de amor pela vida e infelizmente no momento em que disse que estava cansada de viver sem vida...

2.2 Quem mata quem quando acontece o suicídio?

A questão emerge como uma crença de ser o suicídio uma vivência violenta na vida de outros e que exige muito daquele que ficou, pois os enlutados ficam com a sensação de caos e que foram retirados do mundo que, até então, lhes era familiar.

Assim, o presente capítulo tem como objetivo refletir sobre o processo de luto por suicídio e verificar possíveis diferenças entre esse tipo de luto e aquele por outras causas de morte. O impacto de um suicídio é abordado por Flexhaug e Yazganoglu (2008, p. 17) do seguinte modo: "3 a 4 gerações podem ser afetadas, incluindo irmãos, pais, avós e, no caso da morte de um adulto, os próprios filhos". Os autores (2008, p. 18) apontam ainda que "A estimativa mais comum revela que existem seis sobreviventes para cada morte por suicídio".

Embora a morte seja para sempre, o luto é um processo dinâmico no qual o enlutado, primeiramente, volta-se para a perda e busca o objeto perdido. A partir da morte do ente querido, o enlutado deverá administrar uma diversidade de sentimentos e pensamentos: além da necessidade de compreender a morte, surge a redefinição de seu papel na família. Trata-se de um intenso investimento emocional, pois a morte da pessoa amada exige um reposicionamento diante de novos papéis.

O *Modelo de Processo Dual do Luto* ou *Dual Process Model of Grief*, DPM (STROEBE E SCHUT, 1999), proposto por Margaret Stroebe, por seu marido Wolfgang Stroebe e o assistente Henk Schut, parece apresentar um novo paradigma tanto para a compreensão quanto para a intervenção do processo de luto.

Apresentado em 1994, em uma conferência na Grã-Bretanha e com a primeira publicação em 1999, por meio do artigo "*The Dual Process Model of Coping with Bereavement: Rationale and Description"*, o modelo, que coloca em questão as fases do processo de luto descritas em estudos anteriores, traz reflexões acerca do redimensionamento dos papéis e tarefas sociais e considera o luto um processo que envolve a constante oscilação entre dois estressores ambivalentes – a "orientação para perda" e a "orientação para a restauração". Dessa maneira, oferece possibilidades para a compreensão do luto como um processo dinâmico e regulador de enfrentamento e conciliação com novos papéis (PARKES, 1998; CÂNDIDO, 2011).

Além de lidar com a morte da pessoa, o enlutado se vê diante do impacto da ausência e, por isso, situações que se referem à elaboração da perda *de per si* e o imenso desejo de restaurar a vinculação com o morto serão vivenciados na "orientação para a perda". Posteriormente, a busca da restauração da vida começa a emergir. Nesse sentido, o redimensionamento e a descoberta de papéis, a busca de reorganização prevalecem. É importante salientar que a oscilação entre "voltar-se para a perda" e "voltar-se para a restauração" permite que o enlutado encontre significados e que possa dialeticamente, compreender seu processo de luto.

2.3 O luto por suicídio

O que fazer com o fato de pessoas que são amadas atacarem-se a si próprias? Talvez essa questão seja a mesma dos familiares de pessoas que cometeram suicídio. E como afirma Parkes (1998, p. 22), "A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor, o preço do compromisso" e o débito pelo amor, faz do enlutado por suicídio, um sobrevivente que vive com uma "tatuagem natal", como brilhantemente Juliano Pessanha cunhou na apresentação do livro **Minha mãe se matou sem dizer adeus** (2010). Para aqueles que vivem o suicídio, a preferência por uma situação diferente é totalmente compreensível, mas, infelizmente, após a morte do ente querido, o suicídio e suas consequências demandam e exigem um olhar mais profundo daquele que o enfrenta e de todos envolvidos. E como afirma Franco (2002, p. 34): "Se o luto por causa repentina ou violenta coloca o enlutado na condição de risco para desenvolver luto complicado, esta condição da nossa sociedade impõe a necessidade de um olhar mais cuidadoso para essas pessoas".

> O suicídio é uma morte como nenhuma outra, e aqueles que são deixados para lutar com isso devem enfrentar uma dor sem igual. Eles são deixados com o choque e o infindável "e se". São deixados com a raiva e a culpa e, vez por outra, com um terrível sentimento de alívio. São deixados para uma infinidade de perguntas dos outros, respondidas ou não, sobre o motivo; são deixados ao silêncio dos outros, que estão horrorizados, embaraçados, e incapazes de formular um bilhete de pêsames, dar um abraço, fazer um comentário; e são deixados com outros pensando – e eles também – que poderia ter sido feito mais (JAMISON, 2010, p. 264).

Clark (2001) aponta a existência de uma vasta quantidade de pesquisas qualitativas nestas duas últimas décadas (DUNN & MORRISH-VIDNERS, 1987; MCINTOSH, 1987; VAN DER WAL, 1989; VAN DONGEN, 1991; VALENTE & SAUNDERS, 1993; CLARK & GOLDNEY, 1995) que identificaram temas e características, tais como culpa, acusações, rejeição e "por quê?". Entretanto, a autora enfatiza que tais características não são particularidades somente do luto por suicídio. Portanto, há que se indagar: ***o luto por suicídio é diferente do luto por morte provocada por outra causa?***

Sem querer oferecer conclusões e categorizações para o luto por suicídio, este trabalho pretende ser um instrumento para a reflexão e ampliação da compreensão do enlutamento por suicídio. Segundo Cândido (2011, p. 131), "[...] desde o primeiro instante, o luto dos sobreviventes de suicídio parece peculiarmente atravessado pela necessidade premente de reconstruir as condições, os significados e as motivações do ato suicida". Ainda para o mesmo autor (2011, p. 81), "Enlutados por suicídio relatam que se sentem abandonados e isolados, muitos dizem vivenciarem intensos sentimentos como a solidão e a vergonha". Sendo assim, a principal diferença a ser destacada pode se encontrar nas especificidades advindas do ato violento. Explico. Quando alguém morre por outra causa, como uma doença, a pessoa que morre e a família têm assegurados a privacidade do momento da morte. O que dizer, no entanto, no caso de uma pessoa que se joga do prédio, por exemplo?

O corpo está em via pública e a morte acaba pertencendo também aos outros, que se tornam espectadores da tragédia. Teria a família, nesse momento, sua privacidade assegurada? Ou ela deverá, pelo menos enquanto o corpo estiver exposto, lidar com os olhares alheios e, às vezes, com o julgamento e os comentários indevidos de outrem? Haveria algum modo de a morte não ser apresentada tão escancaradamente e de a família ter assegurado seu momento de despedida, com privacidade? Acredita-se que não – exatamente por ser morte ser violenta e impactante.

Para algumas pessoas que cometem: o suicídio pode encantar e fascinar, pois pode ser a promessa de paz, um caminho transformador: *transforma a dor*, um enamoramento da morte como uma possível extinção do sofrimento...

Para as pessoas que sobrevivem a ele: o suicídio pode desencantar e frustrar, pois pode significar o início da agitação provocada pela falta de explicação e pela privacidade violada...

Há que se considerar que "[...] modelos do luto refletem nossas representações sociais correntes sobre a vida e morte e podem, por esse motivo, ser efêmeros. Ou sensíveis à cultura". (FRANCO, 2002, p. 23).

Salienta-se a importância de se considerar as dimensões biológicas, pessoais, psicológicas e sociais que operam sobre a pessoa que comete o suicídio, ou seja, a constituição orgânica, o modo como a pessoa percebe a situação, suas expectativas, o contexto familiar, social e cultural em que está inserida, principalmente por se acreditar, como anteriormente apontado, que o suicídio não só oferece uma mensagem individual, como também denuncia uma mensagem coletiva. Sendo assim, o luto por suicídio não é somente um fenômeno que pertence ao território da pessoa que se mata, mas trata de uma morte que pertence ao coletivo.

Parkes (1998, p. 24) menciona que "[...] uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias", assim, o suicídio de um ente querido não apenas aniquila a vida da pessoa que o comete, mas impacta – senão aniquila –, igualmente, várias outras vidas que fazem parte de seus vínculos. Sendo assim, o suicídio parece abarcar o sofrimento individual e coletivo, pois desvela uma obrigação para que a família olhe para sua disfuncionalidade.

Conforme Jamison (2010, p. 266): "A morte por suicídio não é uma gentil reunião junto ao leito de morte. Ele rompe vidas e crenças e lança seus sobreviventes em uma jornada prolongada e devastadora". O ato suicida pode denunciar uma dinâmica familiar cujo rompimento de vínculos já acontecia, ou seja, pode ser umas das várias situações problemáticas da família, denotando assim um funcionamento que apresentava disfunções de interações preexistentes.

Soifer (1994, p. 24) destaca que "as funções básicas da família podem ser sintetizadas em duas: *ensino e aprendizagem.* Durante os primeiros anos de vida o ensino cabe totalmente aos pais, ao passo que corresponde às crianças a função de aprender [...]". É reconhecida a

importância de enfocar o vínculo familiar, principalmente no que tange as funções da família e, principalmente, dos pais em relação à defesa da vida. Dessa maneira, falar sobre luto por suicídio significa, acima de tudo, falar sobre as imprevisibilidades ***na*** e ***da*** vida e do desconforto de ter vivenciado o suicídio de membro da família e, consequentemente, de ter vivenciado a formação e o rompimento do vínculo familiar.

Acredita-se que o suicídio compromete a estabilidade de cada um dos membros desse núcleo: "(...) o enlutamento da unidade familiar irá codepender do enlutamento individual de cada um dos membros" (CASELLATO, 2002, p. 17). Pensar nos familiares das pessoas que cometem suicídio é acolher suas vivências e refletir sobre a necessidade de se resgatar o funcionamento saudável tanto do enlutado quanto do contexto nele inserido, até porque o sobrevivente precisa lidar com uma diversidade de fatores relevantes relacionados ao impacto do ato suicida na família: sentimentos ambivalentes de alívio e culpa, arrependimento, choque, culpa, autoacusação, raiva, busca de boas lembranças, vergonha, estigmatização e isolamento, rejeição e falta e busca de sentido – destacadas ainda as dificuldades para se compreender o porquê (FLEXHAUG e YAZGANOGLU, 2008, tradução nossa; MARTINS e LEÃO, 2010).

> Quando a morte se deu por suicídio, fatores como estigma social, medo, culpa e autoacusação podem afetar o apoio que nos oferecem, bem como nossas reações. A maioria das pessoas se sente sozinha e isolada por certo tempo durante o luto, e essas emoções são intensificadas caso a pessoa enlutada se sinta estigmatizada ou culpada (CLARK, 2007, p. 13).

Martins e Leão (2010, p. 133) afirmam que "O impacto do suicídio na família é tão devastador que ela tenta se reorganizar para superar, para admiti-lo ou para negá-lo". Tal reorganização é associada ao luto complicado. Explicado por Flexhaug e Yazganoglu (2008, p. 18), o termo complicado é definido como uma resposta que é tipicamente caracterizada por pensamentos intrusivos e frequentes sobre o morto, excessiva solidão, amargura e raiva – tudo associado à morte, por mais de seis meses. E, segundo o Modelo de Processo Dual do Luto, "[...] o luto complicado pode ser interpretado como o resultado de um desequilíbrio entre as duas tendências ambivalentes" (CÂNDIDO, 2011, p. 59).

Advoga-se que o luto por suicídio é diferente do luto por outra causa de morte, principalmente por se acreditar que tais sensações são exacerbadas pela morte violenta e porque o enlutado recebe o legado cujo sofrimento psíquico é inegável. O suicídio emudece e, simultaneamente, provoca a fala. Exige o trabalho com o possível sentimento de traição da vida – pela morte – e a necessidade veemente de "colocar ordem".

Como então seria o trabalho com o estigma e as dificuldades advindas de se ter um familiar que se matou? Talvez, o enlutado precise encontrar meios para enxergar o impacto que emerge das mais variadas formas: fugindo, culpando-se, envergonhando-se, isolando-se, protegendo-se daquilo que pode lhe parecer ameaçador: o olhar do outro.

2.4 O processo de luto do filho da pessoa que cometeu o suicídio

> Depois houve a morte de meu pai. Uma morte brutal, inesperada, cruel. Um suicídio, com 82 anos de idade, realizado com sua própria arma, uma morte incompreensível, que ficará assim para sempre. Nunca pude saber o porquê. O que conheci foram o peso e a dor desse desaparecimento, sem que pudéssemos nos despedir. Tudo o que gostaria de ter dito a meu pai e que não tive tempo de dizer: as palavras, os gestos de amor, de gratidão, esta morte que não pude acompanhar, tudo isso certamente pesou na minha escolha, anos mais tarde, de consagrar-me a acompanhar pessoas no fim da vida (HENNEZEL, 2004, p. 30).

As palavras de Hennezel refletem as dúvidas, situações inacabadas, dores e sofrimento de uma filha que enfrentou a morte de seu pai por suicídio. Fontenelle (2008, p. 21) compartilha também sua experiência: "[...] O que eu não esperava era que, para compreender a sua escolha de eliminar o amanhã, seria preciso relembrar, tão profundamente, o ontem que havíamos construído juntos".

Meu pai / mãe morreu...

Morreu por escolha...

Morreu por desespero...

Onde está meu genitor?

Onde está minha referência e meu norte?

Para onde foi o responsável por iniciar minha existência?

Para onde foi meu colo?

Para onde foi meu amparo?

Para onde foram os apontamentos e as direções que tomarei?

Para onde foram partes de minha história?

Qual é a explicação?

Qual é o cuidado?

Qual é a lição que deverei tirar de tudo isso?

Meu luto é um processo da continuidade de uma vida que ficou?

É um recomeço?

Ou é uma questão de sobrevivência?

> Vida quase toda sem colo materno – travesseiro que os deuses-do-acalanto fizeram sob medida para cabeças atormentadas. O órfão é caminhante cujo trajeto só tem ida. Vive-se eternamente em alto-mar por falta de porto para se atacar. É ruim viver sem mãe – principalmente sem o adeus daquela que se matou. É ruim viver; principalmente só – falando apenas com ela palavras que nascem a todo instante neste bloco de papel de rascunho que já amanhece inquieto carente de vocábulos (FERREIRA, 2010, p. 34).

Nem sempre os pais têm condições para oferecer os ensinamentos aos filhos e um dos aspectos que considero é que o filho da pessoa que cometeu suicídio não teve o mesmo privilégio que o meu, como exposto na apresentação, de ver sua mãe saindo das cinzas. Por esse motivo, os filhos de pais que cometeram o suicídio podem sentir solidão, falta de oportunidade por não terem recebido colo e acalanto, cuidado, amor e direção, culpa, raiva e ressentida sensação de abandono.

Como dito anteriormente, o suicídio é um evento que pode tornar a vida do sobrevivente um caos, provocando a dúvida sobre possibilidade de reconciliação. Contudo, mesmo antes do evento trágico, a vida e os relacionamentos entre os membros da família talvez fossem disfuncionais e, portanto, a dinâmica familiar já era caótica e aprisionante: **"**[...] muitas das famílias enlutadas por suicídio [...], viam-se como se estivessem presas em um caminho do qual não conseguiam sair" (PARKES, 1998, p. 160).

Quando o filho sobrevive ao suicídio de um dos genitores pode ter uma experiência cujo sofrimento provoca a sensação de desamparo, e o suicídio parental representa mudança, um divisor de águas: o antes e o depois do suicídio. "Um dia, nossos mundos mudam e não somos os mesmos" (FOX e ROLDAN, 2009, p. 22). Dessa frase, elaborou-se uma história cuja legenda é:

- A vida = festa;
- O convidado = filho da pessoa que cometeu suicídio;
- O anfitrião = a mãe ou o pai que cometeu o suicídio.

Uma festa foi idealizada e os convites foram encaminhados aos convidados. A festa foi organizada, preparada e, após a entrada do convidado, o anfitrião se ausentou e saiu de cena.

O anfitrião não desfrutou daquilo que preparou e organizou. O convidado, que não conhecia o local, talvez tenha ficado com a sensação de que não estava no lugar certo, pois o anfitrião, que supostamente deveria estar lá, não estava. O convidado, em dúvida, desconfiou que pudesse estar na festa errada e perguntou para outras pessoas se era esse mesmo o lugar onde deveria estar. Em outros momentos, olhou por várias vezes verificando se lera corretamente as informações que estavam em seu convite, indagando:

- Será que vim ao lugar certo?
- O que deverei fazer agora, uma vez que, quem me convidou, não está aqui?
- Poderei aproveitar o momento? Como?
- Serei capaz de vivenciar este espaço? Estarei preparado para utilizar o espaço sem o anfitrião?
- Por quanto tempo deverei ficar aqui?
- Deverei aguardar o anfitrião ou algum substituto?

- Como ficarei sem o anfitrião?
- Deverei assumir o lugar do anfitrião? E, se assumir o lugar dele, terei tempo para assimilar a nova informação de que deverei assumir outra tarefa?
- Que droga! Minha expectativa era de ser um convidado – apenas. Alguém poderia me dizer como um convidado pode se tornar um anfitrião?

Um convidado, ao se tornar anfitrião (difícil tarefa!), perde a referência, a direção e vê abalado o apego seguro (PARKES, 1998), pois o suicídio do pai ou da mãe limita a possibilidade da aprendizagem por modelos.

Dessa maneira, o filho da pessoa que cometeu suicídio, mesmo não tendo escolhido a morte de seu pai ou de sua mãe, carrega consigo uma história na qual tudo o que lhe acontece está com ele e dentro dele. Histórias fragmentadas e vivências picotadas que aparecem nas poucas lembranças que revelam o vivido e o percurso até o momento do suicídio – uma morte precipitada, malcompreendida, sem sentido...

Soifer (1994, p. 26) afirma que uma das funções dos pais é oferecer limites e, "pôr limites significa dar a noção de realidade, noção que, em última instância, constitui o limite decisivo com relação à fantasia". Depois do suicídio, os papéis de todos da família devem ser redimensionados, principalmente, porque o limite da vida foi ultrapassado e um conjunto de reações surge e exige reorganização. É o que destaca Judy Fox, uma das autoras do livro **Voices of Strength** (2009, p. 29), ao mencionar que uma criança, ao perder o pai ou, principalmente, a mãe, por volta de 5 anos ou menos, pode sofrer por querer saber quem ela é e qual é seu lugar de pertencimento: "Essencialmente, a primeira lição em sua história e geograficamente acontece pela própria linhagem".

O filho terá de reaprender seus papéis e deverá redescobrir ou descobrir que, apesar da dor e confusão, sua vida continua e clama por uma nova configuração e pela busca de amparo que já não recebe das figuras parentais, pelo menos, daquele que morreu. Jamison (2010, p. 273) destaca:

> Os filhos, embora devastados e marcados para sempre pelo suicídio de um pai, em sua maioria sobrevivem à morte sem patologia grave ou duradoura. Como os adultos na esteira do suicídio, porém, muitos filhos passam por pesar, culpa e ansiedade profundos que persistem por muitos meses, se não anos.

Por que a morte do meu pai ou mãe aconteceu justamente comigo? O que fiz de errado para não continuar com minhas referências? Por que fui lançado no mundo e agora me sinto sozinho para continuar minha trajetória? Essas são questões que expressam a falta de sentido dos motivos do suicídio parental – geralmente mal respondidas, mal-acolhidas e mal compreendidas – podem gerar frustrações e, consequentemente, amedrontar e ameaçar o filho da pessoa que se matou.

Por que os filhos não foram razão suficiente para que a pessoa se mantivesse viva? É o que Alvarez (1999, p. 49) levanta quando reflete sobre o suicídio de Sylvia Plath: "acima de tudo,

tinha os filhos: Sylvia era uma mãe passional demais para querer perdê-los ou para desejar que eles a perdessem". Sendo assim, há de se pensar sobre o fato de alguns filhos se tornarem ou não fatores de proteção para os pais que cometeram o suicídio. Contudo, também se consideram situações em que os filhos, talvez, não tenham tido a função de proteção para que os pais pudessem escolher a vida e não, a morte.

O suicídio pode significar o grande sequestro da proteção. Nesse sentido, ressalta-se que ao cometer o suicídio, a mãe ou o pai se torna estrangeiro para sua prole, pois a tarefa da compreensão do fato de um dos genitores sinalizar a vontade de sair de seu território é, no mínimo, árdua. Já os filhos que perderam seus pais perdem também uma fonte de segurança e tendem a permanecer próximos ou tentam direcionar suas necessidades para outras fontes de segurança – pessoas ou lugares aos quais estão vinculados.

Pais e **país** apresentam uma correlação direta, ou seja, o estrangeiro deve ser compreendido na fronteira entre o individual e o social. Os pais que saem do território original são os que saem de seu país original, considerando a ideia de que a perda da pátria corresponde à perda de um ente querido. A imigração provoca a sensação de perda do enraizamento e o sentimento de abandono, revela o sentimento de estar sem bando, que, segundo Maaloulf (2005, p. 2): "É muito angustiante não se compreender o que o outro fala, é uma experiência de estranhamento, de estraneidade, que deixa o solo remexido, com as raízes suspensas".

> A criança é simultaneamente atraída e repelida pelo componente desconhecido desse mundo, mas é a proximidade da mãe que irá determinar se um novo objeto ou pessoa deve ser evitado ou contatado. Períodos nos quais a criança fica "grudada" à mãe são alternados com períodos de exploração, garantindo uma distância segura desta. Se uma pessoa estranha aparecer ou se a criança de repente perceber que foi além da distância de segurança, irá imediatamente "retornar à base" (PARKES, 1998, p. 29).

No entanto, há de se considerar que o filho da pessoa suicida não pode retornar à sua base, ou, em outras palavras, ao seu país, porque sua mãe (ou seu pai) está morta (o).

A perplexidade do ato suicida do pai ou da mãe não produz uma resposta que possibilitaria a simbolização, pois o objeto a ser punido não está mais presente, tampouco vivo.

> Para nós e para a maioria dos sobreviventes com quem falamos o sentimento de caos nos acompanha em algum nível de nossos mundos. Acreditamos que os pais supostamente oferecem muitas coisas: amor incondicional, segurança, proteção, a sensação de estabilidade emocional e psicológica. Quando um pai ou mãe se mata, todos esses aspectos são colocados em questão. Vemos o mundo como incerto, injusto e potencialmente trágico. No luto antecipatório, frequentemente sentimos que aqueles a quem amamos (o pai ou a mãe que não morreu, irmãos, maridos, viúvas, crianças, pessoas amadas ou amigos) podem ser retirados da nossa vida, seja por suicídio ou outra causa de morte (FOX e ROLDAN, 2009, p. 158).

O que se torna traumatizante, talvez, seja a luta constante para conviver com a violência, uma vez que o pior não se trata o suicídio de *per si*, mas, sim, de todo o processo anterior, o durante e o pós-suicídio. Aquilo que poderia ser ameaçador – a morte dos pais – tornou-se realidade. Então, a resposta da morte também dependerá da estabilidade ou instabilidade das relações familiares mesmo antes do suicídio acontecer.

Parte-se da premissa que enfrentar o suicídio do pai ou da mãe é uma vivência violenta e de grande pressão e, por esse motivo, o estresse é uma das reações da família enlutada devido ao suicídio. Parkes (1998, p. 123-4) salienta: "Quando a perda foi repentina, grande e impingida à atenção do enlutado, são usadas palavras relacionadas à mutilação e violência".

Foi na disciplina *Família, violência social e trauma* – ministrada em 2010 pela docente Belinda Mandelbaum – que fui apresentada à obra **Carta ao pai**, de Franz Kafka (2009). Mandelbaum e Mandelbaum (2002, p. 5), sobre os escritos de Kafka, mencionam que "[...] a família é núcleo originário de um modo de relação entre pais e filhos que conduz à alienação ou à solidão".

> O fato de termos uma lente de aumento para as vivências da família diante de um luto, e não apenas de indivíduos enlutados, apresenta-nos uma perspectiva de grande valor, uma vez que desdobra situações presentes na vida diária e desafiadas pelas mudanças do mundo contemporâneo (FRANCO, 2010, p. 32).

As ideias sobre a família ser representante do acolhimento e do sofrimento provocado pela sociedade são questionadas. E, enquanto se pensa que um dos objetivos da família seria a defesa da vida, que inclui ensinar a cuidar-se emocional e fisicamente, Kafka apresenta uma compreensão que está na contramão da maioria das teorias sobre família, pois amplia a reflexão sobre a função na educação das crianças. "Definitivamente, em Kafka, a família não é o lugar de promoção da compreensão e do entendimento" (MANDELBAUM e MANDELBAUM, 2002, p. 5). Kafka expressa na obra **Carta ao pai** (1919) a crença de que a família não acolhe; ao contrário, provoca sofrimento ao filho, por causa da incomunicabilidade das expectativas e dos mitos familiares.

Aqueles que deveriam proteger – os pais – são justamente aqueles que se matam e, por consequência, tornam-se os causadores da violência. Gary Small, no prefácio de **Nobody's child anymore** (2000) afirma: "O momento em que estiver a frente do túmulo de seus pais será o ápice da sua solidão". Solidão e desamparo são sentimentos que os filhos das pessoas que cometeram suicídio parecem conhecer bem, mas isso será outra história...

OBJETIVOS

1.a OBJETIVO GERAL

Conhecer e compreender o processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio.

1.b OBJETIVO ESPECÍFICO

- Compreender o processo de luto da família da pessoa que cometeu o suicídio.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

A questão a ser explorada é: “Como é o processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio?”.

3. MÉTODO

A pesquisa qualitativa, baseada no modelo fenomenológico proposto por Edmund Husserl e adaptado por Clark Moustakas (1994) foi utilizada para as análises dos depoimentos de 9 (nove) colaboradores, e a teoria que ofereceu sustentação para o presente estudo foi a Gestalt-terapia.

CAPÍTULO 3 - O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

3.1 Homenagem a Clark Moustakas

Figura 1 - A foto foi tirada em janeiro de 2011 e representa o momento em que Clark Moustakas chegou para participar do almoço durante o *workshop* sobre o método fenomenológico e para acolher, generosamente, meu pedido para revê-lo, após dez anos de mestrado, a fim de receber orientações e aprender com Doutora Lee Back, professora que se tornou especialista no método fenomenológico proposto por Moutaskas.

Momento mágico e de plena felicidade! Duas nacionalidades diferentes que puderam se encontrar e que conversaram pela mesma linguagem: a da humanidade!

Clark Moustakas, juntamente com Maslow, Goldstein, entre outros, é um dos pioneiros da Psicologia Humanista. Conheci Moustakas, pois é o fundador do *Center for Humanistic Psychology*, atual *Michigan School of Professional Psychology* – MiSPP, local de pertencimento em uma fase de minha vida e local onde fui acolhida por duas vezes, em 2001 e em 2011. Por 11 anos sou psicóloga clínica humanista e tenho muito orgulho por fazer parte do grupo do MiSPP e do antigo CHS (Center for Humanistic Studies). ***Cozy place...***

Clark Moustakas morreu em 10 de outubro de 2012. Sr. Hércules, chamado pelos americanos de Clark, inspirou e orientou muitos. Ensinou outra possibilidade para se trabalhar com o método

fenomenológico e, como pai, apontou a direção e permitiu que seus filhos continuassem seus consistentes ensinamentos como seu principal legado.

Sua experiência sobre o frio, contada em uma das aulas, na qual saiu de bermuda andando em plena neve por Detroit para "*sentir experiência do frio*" ainda ecoa em mim de maneira vívida. O presente que me proporcionou ao revê-lo foi um dos momentos mais marcantes em minha existência! Obrigada, porque sua humanidade tocou a minha, afetou minha maneira de ser e influenciou minha crença no ser humano!

Com o objetivo de apresentar ao Brasil sua proposta do método fenomenológico, sinto-me feliz e intransigente em utilizar seu método na presente pesquisa. Método significa caminho. Sendo assim, obrigada por me mostrar o caminho, apontar algumas direções e por compartilhar tanta humanidade. Obrigada por sua existência e por ter contribuído, de maneira contundente e pioneira, para a psicologia. Descanse em paz.

3.2 Sobre a fenomenologia

Fenomenologia é método, epistemologia, gnosiologia e filosofia. Os estudos husserlianos buscam elucidar o fundamento de realidade das representações científicas, sendo que realidade em 1900 significava a objetividade e as representações científicas o próprio conhecimento. É o que revela Husserl (2000, p. 87): "O que a diferencia das ciências aprióricas objetivantes é o seu método e o seu objetivo. *A fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido*. Compara, distingue, enlaça, põe em relação, separa em partes ou segrega momentos".

Fenomenologia significa o estudo do conhecimento da maneira como conhecemos e pressupõe o retorno-às-coisas-mesmas ou o retorno à intuição originária ou voltar-se a um ato intencional. E como Ribeiro Júnior (1991, p. 24) aponta:"[...] a Fenomenologia é 'uma direção de nosso olhar se voltando das realidades experimentadas para o caráter de serem experimentadas'".

Edmund Husserl (1859-1938) dedica seus esforços para organizar uma proposta de investigação de conhecimento, cujo objetivo era a ampliação do caminho da verdade, e de questionamento crítico sobre o psicologismo, compreensão cartesiana de Descartes e transcendência kantiana. E como salienta Bello (2000, p. 64-5): "Pela análise fenomenológica husserliana se aceita o método descritivo, intuitivo, que visa evidenciar essencialmente o sentido das questões e dos fatos, enfim, da *Sache* ("coisa") que é objeto da análise, e a *Sache* é a realidade: é neste ponto que se inicia a diferenciação a respeito de Husserl".

> É nesta tentativa de conhecer o existente, conforme ele se manifesta na consciência, que Husserl vai desenvolver seu pensamento fenomenológico a partir da palavra--chave: *retorno-às-coisas-mesmas*, para postular que se observe e descreva cuidadosamente os fenômenos (reais ou imaginários) com o objetivo de apreender a essência de determinada espécie de eventos (RIBEIRO JR., 1991, p. 16).

A palavra *fenomenologia* remete a duas expressões gregas: *Phainómenon*, que faz referência aos eventos celestes e significa aquilo que se mostra por si mesmo, e *Logos*, que significa a proposição de se perceber algo e considera a compreensão do discurso a respeito daquilo que se mostra por si mesmo.

> Fenômeno é, pois, o aspecto do objeto patente imediatamente na consciência. Os aspectos não presentes à consciência integram o objeto. O fenômeno é o aparente, é a aparência. Mas, note bem! A aparência não no sentido de ilusão, como oposta à realidade, senão no sentido do *dado* à mera presença na mente, ao que Husserl chama de *consciência pura* de algo (RIBEIRO JR., 1991, p. 23).

A fenomenologia surgiu na época em que as explicações eram oferecidas pela objetividade das ciências naturais e sua preocupação vai ao encontro de uma realidade a fim de descrevê-la enquanto experiência significativa até sua essência, ou seja, até o retorno-às-coisas-mesmas. E para Bruns e Holanda (2003, p. 42): "a Fenomenologia é um método de acesso à realidade concreta do mundo".

Matemático e estudioso de filosofia, argumentou que todo o problema de conhecimento envolve reflexão e, dessa maneira, retornar-às-coisas-mesmas implica a busca das essências e sua relação com a intencionalidade da consciência. Envolve um processo e, por esse motivo, não pode ser compreendida somente do ponto de vista ôntico (estudo daquilo que se mostra como se mostra), mas, sim, do ponto de vista transcendental, representado na seguinte tabela.

Tabela 1 - Diferenças entre o estudo ôntico e ontológico

Quando tudo começou: Positivismo	**Quando tudo começou: Fenomenologia**
Ôntico: "[...] diz respeito aos entes em sua existência própria" (CHAUÍ, 1995, p. 238-9). Exemplo: Botânica	**Ontológico:** "[...] ontológico diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento" (CHAUÍ, 1995, p. 238-9). Exemplo: *Daseinsanalyse*
Ocupação: Ente **Ente:** aquilo que é, mas não existe ou qualquer coisa claramente definida.	**Ocupação:** Ser do ente ***Sein*:** ser que existe e não apenas é (ente).

Em sua primeira obra, *Filosofia da Aritmética* (1891), teceu considerações a respeito do conceito de número, como aspecto lógico, e sobre o processo de enumeração, como aspecto psicológico, considerando o conhecimento não como pura abstração, e, sim, envolvendo reflexão. O número é definido como conceito de relação produzido pela reflexão, que, segundo Bello (2004, p. 51): "é capacidade de examinar toda a estrutura do sujeito humano, é um ato reflexivo, talvez o ato mais importante para o ser humano". Seu interesse principal era refletir sobre a teoria do conhecimento que buscasse a verdade e, portanto, uma teoria radical e científica que

considerasse a universalidade e a necessidade do conhecimento. Por esse motivo, é por meio do método fenomenológico que acontece a mudança dos modelos epistemológicos, o que, para muitos, representou um marco epistemológico e uma verdadeira revolução paradigmática da realidade científica, principalmente no que diz respeito à relação entre sujeito e objeto que estão intrinsecamente relacionados. Dessa maneira, a intencionalidade da consciência demarca a relação direta, imediata e sem distanciamento entre observador e observado.

> [...] *Objeto* não é sinônimo de *coisa*. O *objeto* é a coisa enquanto está presente à consciência. *Objeto* é tudo o que constitui término de um ato de consciência, enquanto é término do dito ato. Os objetos podem ser reais, como esta mesa, que tenho à minha frente; fantásticos como o centauro; ou ideais como uma expressão matemática, a idéia de verdade, de desejo, de justiça etc. (RIBEIRO JR., 1991, p. 23).

Husserl argumentou que, se nossa consciência fosse definidora, fechada, a importante relação entre sujeito, objeto e as relações que estabelecem com o mundo poderia ser esquecida. Para Husserl, a consciência é aberta, ativa, criativa e intuitiva e por isso, quando percebemos o objeto, ele se torna imanente ou, como Ewald (2008, p. 151) menciona:

> [...] partindo da experiência, é possível atingir o concreto, e o mundo da consciência, até então visto como algo basicamente vago destituído de qualquer positividade, controle e possibilidade de previsão, sem qualquer fundamento empírico, no sentido reinante no período, torna-se acessível através dos atos intencionais da consciência e seus modos de relação com o mundo.

Contrariando a ideia de que vemos um objeto externo e ele permanece sob a forma de imagem na consciência, o que poderia induzir a ideia de que temos uma consciência passiva, a fenomenologia é considerada como transcendência da investigação do conhecimento, pois se preocupa em ir além do objeto existente com a finalidade de compreender o objeto percebido. Isto é, sabe-se que "Todo comportamento considerado o mais insignificante é, na verdade, significativo quando explicitado e compreendido em sua experiência originária" (CAPALBO, 2002, p. 19). O comportamento humano não é desprovido de significações, pois toda consciência é consciência de algo e todo ato tem uma direção, graças à intencionalidade da consciência e a relação entre *Noesis* e *Noema*. *Noema* significa o "*o que?*", ou o conteúdo ou qualquer coisa que a pessoa possa experienciar; por exemplo: a percepção de que uma pessoa é amigável, bonita, alta. Enquanto a *Noesis* representa o "*como*", ou o processo e as coisas que não se manifestam, como a pessoa fala e vivencia a experiência; por exemplo: essa mesma pessoa lembra uma amiga minha e as experiências não agradáveis com ela. O pesquisador deve, portanto, evitar a atitude captativa e a crença de que o objeto entra passivamente na consciência, devendo adotar uma atitude perceptiva, a fim de promover a reflexão e colocar em evidência que a consciência é uma atividade constituída por atos, tais como percepção, lembrança, imaginação, simbolização etc.

Quando se fala de fenomenologia há maior preocupação com a investigação do conhecimento do que com o próprio teor filosófico e como alertam Bruns e Holanda (2003, p. 42): "fazer 'filosofia fenomenológica' é uma coisa e fazer 'psicologia fenomenológica' é outra". Contudo, é necessário não esquecer a importância filosófica na construção do modelo epistemológico e

da reflexão filosófica, cuja direção deriva ao próprio pensamento. Chauí (1995, p. 14) assinala: "A reflexão é o movimento pelo qual o pensamento volta-se para si mesmo, interrogando a si mesmo" e fundamentalmente, o que importa para a fenomenologia é compreender o processo intrínseco entre ato perceptivo e objeto percebido.

Todo fenômeno deve ser compreendido em seu contexto, seguindo a ampliação compreensiva de que primeiramente é necessário que se desvele o fenômeno no campo perceptivo do sujeito e, em seguida, compreenda-se o campo perceptivo e sua relação com o mundo. Concomitantemente, a proposta de Husserl coloca as atividades do sujeito pensante em relação direta com o mundo.

3.3 A utilização do método fenomenológico na pesquisa

> Um estudo fenomenológico é uma tentativa de representar ou descrever a existência da pessoa, adequadamente, permanecendo fiel à própria qualidade e experiência da mesma. O ponto de vista, a terminologia, a ênfase de um estudo fenomenológico são aqueles que o próprio sujeito experiencia (VAN DUSEN, 1977, p. 133-4).

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer e compreender o processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio, com base na sustentação teórica da Gestalt-terapia. Sendo assim, a questão a ser explorada foi: "como é o processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio?". Trata-se de pesquisa qualitativa, baseada no modelo fenomenológico proposto por Edmund Husserl e adaptado por Clark Moustakas (1994). A realização de uma pesquisa qualitativa justificou-se pela necessidade de compreensão das vivências do filho da pessoa que cometeu o suicídio. E a escolha do método fenomenológico justificou-se pela preocupação com a descrição dos fenômenos da consciência e pelo meu interesse, como pesquisadora, pelo procedimento reflexivo da fenomenologia, por meio da análise das imanências, ou seja, o alvo da investigação é a compreensão dos significados atribuídos pelos colaboradores e a maneira de a pessoa perceber a vivência. A perspectiva teórica utilizada no presente estudo foi a conjunção entre a epistemologia fenomenológica e a abordagem da Gestalt-terapia, encontrada nos trabalhos de Moustakas (1994) e Perls, Hefferline e Goodman (1997).

O processo de luto decorrente do suicídio esteve diretamente vinculado à maneira singular e relacional de constituição das vivências. Sabadini, Sampaio e Koller (2009, p. 141) mencionam que: "Na abordagem qualitativa, os pesquisadores procuram, a partir de observações e de análises abertas, descobrir as tendências e os processos que explicam o como e o porquê dos fenômenos". Cassel e Symon (1994, p. 7) apontam que "[...] os métodos qualitativos são frequentemente mais interativos, mais intensos e envolvem um compromisso de longo termo".

O objeto de estudo e o método estabeleceram congruência, uma vez que a pesquisadora pretendeu compreender, descrever e mostrar os fenômenos desvelados no processo de luto

dos filhos da pessoa que cometeu o suicídio. Keen (1979, p. 32) afirma: “A psicologia fenomenológica tem de produzir interpretações sistemáticas em lugar das informais e causais, mas tem também de permanecer aberta ao acontecimento em sua estrutura e presença únicas. Evitando enquadrá-lo segundo alguma teoria que exclua outras perspectivas”. Isso posto, cabe ressaltar que, ao fazermos um estudo fenomenológico, precisamos saber que o conhecimento obtido nas entrevistas e no processo de análise dos depoimentos tem duração contextualizada e depende do contexto que o colaborador experiencia naquele momento. Em outras palavras, o que filho da pessoa que cometeu suicídio percebe naquele momento sobre o processo de luto pode ser diferente em outro momento de sua vida.

As ideias de Clark Moustakas derivam das concepções de Edmund Husserl, influenciado, por sua vez, principalmente por Wilhelm Dilthey – que preconizava que toda experiência está originalmente relacionada com a consciência – e por Franz Brentano, estudioso da distinção entre fenômenos psíquicos, que comportam a intencionalidade da consciência, e fenômenos físicos. Moustakas tornou-se, nos Estados Unidos da América, um ícone do movimento humanista que utiliza o método fenomenológico e, embora no Brasil, o método proposto por Giorgi (1985) seja o mais utilizado, considera-se que a adaptação de Clark Moustakas, em seu livro **Phenomenological Research Methods** (1994) permite ao o leitor ter maiores elucidações sobre o manejo dos dados da pesquisa fenomenológica. Além disso, trata-se de proposta atual e, a meu ver, mais rica, pois inclui as sete condições existenciais propostas pelo existencialismo. São elas: temporalizar, espacializar, aspectos relacionados ao corpo, motivação, materialidade, relacionamento com o mundo próprio, relacionamento com outros e com as coisas circundantes.

3.3.1 Instrumentos e procedimentos de coleta dos dados da pesquisa

- **Convite aos participantes**

A pesquisadora entrou em contato com pessoas da rede de relacionamentos (amigos, familiares e alunos) para convidar possíveis colaboradores. Também divulgou o projeto e escreveu para a rede de Gestalt-terapeutas (acesso da internet GT-BR). Posteriormente, entrou em contato com os colaboradores, filhos de pessoas que cometeram suicídio, e fez o convite de entrevista, apresentando a pesquisa e seus objetivos, bem como, solicitando o preenchimento do termo de consentimento. Nesse contato com os colaboradores, a entrevista foi agendada e realizada individualmente e em local conveniente ao entrevistado. Cabe salientar que as entrevistas foram agendadas previamente, que os horários foram respeitados conforme a disponibilidade do entrevistado e que o entrevistado teve a liberdade de participar e de se retirar da pesquisa se achar conveniente.

- **Colaboradores e critérios de aceitação**

O número de colaboradores não foi previamente definido e dependeu do interesse pela participação na pesquisa entre o período de 2011 a 2012. O participante é filho de pessoa que cometeu suicídio, tem mais de 18 anos e estava disposto a compartilhar sua experiência.

  - **Critérios de exclusão dos colaboradores:** O suicídio não deveria ter acontecido recentemente [pelo menos há mais de dois (2) anos], pois se acreditou que a pessoa estivesse em sofrimento psicológico intenso nesse período, o que dificultaria a entrevista direcionada à pesquisa. Além disso, a entrevista poderia causar sofrimento adicional pelas lembranças. No entanto, cabe ressaltar que se tratava de uma estimativa e, caso houvesse sofrimento intenso, a entrevista poderia ser interrompida.

- **Questões éticas envolvidas e procedimentos adotados, relativos a essas questões**

A pesquisa foi desenvolvida considerando-se os princípios éticos de que a pesquisadora manteria sigilo, privacidade, confidencialidade e não identificação dos dados do colaborador, principalmente por se considerar a vulnerabilidade do entrevistado, como afirma Franco (2010, p. 35): "[...] o enlutado está em condições de maior vulnerabilidade, como, por exemplo, quando pesquisamos uma população não clínica, sem termos informações sobre os riscos que a participação na pesquisa pode desencadear". Sendo assim, o entrevistado participou voluntariamente e poderia retirar-se da pesquisa quando quisesse.

Buscou-se o mínimo de riscos, pois não se utilizou de nenhuma técnica invasiva ao corpo e não se pretendeu infligir sofrimento psicológico. No entanto, a entrevista poderia suscitar lembranças que, mesmo momentâneas, poderiam provocar sofrimento. Se fosse necessário, seria oferecido acolhimento ao colaborador da pesquisa, após entrevista, que seria encaminhado para cuidados psicológicos, caso desejasse.

Antes de cada entrevista, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) e explicado que o sigilo de identidade seria preservado em toda e qualquer situação. O participante estava ciente de que sua participação foi voluntária e que tinha o direito de retirar seu consentimento ou sair da pesquisa sem que isso lhe trouxesse qualquer prejuízo e/ou ônus à sua pessoa.

- **As entrevistas**

Os depoimentos foram gravados com a anuência dos entrevistados. Foram realizados uma entrevista – para a coleta de depoimento, de aproximadamente 3 horas de duração – e dois contatos por *e-mail* – para enviar a transcrição das entrevistas e outro, depois da análise dos dados, para compartilhar com o colaborador a compreensão da pesquisadora.

1. A entrevista (anexo B): tratou-se de entrevista aberta, de aproximadamente 3 horas de duração, para coleta do depoimento, utilizando-se a afirmação disparadora: "Compartilhe sua experiência de ser filho(a) de um pai ou mãe que cometeu suicídio".

A entrevista iniciou-se com base na apresentação do objetivo da pesquisa e o participante falou livremente. Só houve intervenção, em forma de perguntas, quando foi necessário aprofundar algumas questões, explorar ou esclarecer o que foi dito.

2. Os contatos: trataram-se, o primeiro, do envio da transcrição da entrevista e o outro para dialogar sobre a compreensão dos dados. Como afirma Amatuzzi (2003, p. 22): "Nesse tipo de pesquisa, o melhor juiz é o próprio colaborador. Só ele saberá dizer se se reconhece no que o pesquisador 'lê' no que ele diz".

- **Dados da pesquisa**

As entrevistas foram transcritas e literalizadas. Cabe salientar que durante as entrevistas houve várias interrupções que não foram consideradas no texto para facilitar a leitura. Dados relevantes da entrevista foram utilizados na pesquisa e as citações sem identificação ficarão disponíveis ao público, bem como para ensino, publicação em periódicos, livros e/ou apresentações em encontros científicos. O colaborador teve garantia de privacidade em toda a participação, e o sigilo de sua identidade foi preservado de toda e qualquer situação.

- **Benefícios ao colaborador, pesquisadora e relevância**

Acredita-se principalmente nos benefícios que o filho da pessoa que cometeu o suicídio recebeu ao compartilhar com a pesquisadora suas vivências, ao receber acolhimento e experienciar a escuta da pesquisadora.

Franco (2002, p. 34) afirma: "Se luto por causa repentina ou violenta coloca o enlutado na condição de risco para desenvolver luto complicado, esta condição da nossa sociedade impõe a necessidade de um olhar mais cuidadoso para essas pessoas". A relevância dessa investigação traz implicações e contribuições para a psicoterapia, bem como aprofunda e oferece questões para reflexões sobre o suicídio e o processo de luto, validando dados qualitativos sobre os fenômenos da vida e da morte. Mais especificamente, acredita-se que o estudo colabora para aprofundamento de outros estudos sobre o processo de luto da família da pessoa que cometeu o suicídio, expondo que o suicídio é um evento que provoca sofrimento e que, por isso, deixa, possivelmente, marcas no enlutado.

Cientificamente, este estudo constituiu um campo teórico e de pesquisa, reconhecido em diversas áreas da Psicologia e da Saúde, sendo que os dados obtidos poderão ser utilizados posteriormente para instrumentalizar profissionais de saúde mental no manejo do luto da família da pessoa que cometeu suicídio.

- **Análise intencional e compreensão dos depoimentos: a proposta de Clark Moustakas para o método fenomenológico**

O conteúdo foi organizado e analisado pelo método fenomenológico proposto por Clark Moustakas (1994) em seu livro **Phenomenological Research Methods**. Ressalta-se que, ao utilizar o método fenomenológico, os resultados não são preditivos nem generalizáveis a situações que outros filhos possam experimentar.

A compreensão dos depoimentos apresentou a seguinte sequência.

(1) Os depoimentos foram transcritos e mantida a fala original do depoente. A transcrição foi transformada em texto e literalizada. Os textos foram numerados conforme a sequência das entrevistas, e o depoente, referido também pelo número da sequência da entrevista, i.e., texto 01, colaborador 1 (C1). Após as entrevistas, foi feito o agrupamento dos depoimentos transcritos. Cabe salientar que as interrupções e pausas durante as entrevistas não foram inclusas no texto para facilitar a leitura.

(2) A entrevista transcrita foi enviada, por e-mail, para o colaborador anexada ao texto: Olá (nome do colaborador). Conforme combinei com você, envio anexo sua entrevista transcrita. Iniciei a compreensão fenomenológica e a enviarei posteriormente, para que possa verificar se consegui compreender sua experiência. Mais uma vez agradeço pela disponibilidade para ser colaborador(a) da minha pesquisa e por compartilhar sua vivência comigo. Um grande abraço. Karina

(3) Distanciar-se dos dados por algum tempo, a fim de suspender preconceitos e juízos, ou seja, descansar ou fazer atividade não relacionada à pesquisa e então retomar para derivar os temas da vivência do entrevistado – o pesquisador exercita o procedimento proposto por Edmund Husserl: *Epoch*é – palavra grega da filosofia medieval que significa cessação, estado de repouso mental pelo qual nada se afirma ou nega. Em todo o processo da análise, o pesquisador deverá suspender conceitos prévios.

(4) Redução fenomenológica: redução neste sentido significa voltar à coisa mesma. Leitura de cada texto, a fim de identificar significados singulares. Para derivar os temas individuais, foram assinalados, sublinhados e selecionados os temas mais representativos da vivência do entrevistado, considerando as repetições dos temas pelo menos duas vezes e os aspectos significativos para a questão da pesquisa. Ou seja, foi preciso considerar as categorias que depreenderam do texto sem o *a priori*. A redução fenomenológica subdivide-se em:

a) engajamento inicial;

b) agrupamento – focalizar na experiência do fenômeno estudado e agrupar as repetições;

c) delimitação – considerar o que se repete e delimitar o conteúdo;

d) horizontalização – aproximar as palavras e afirmações que permanecem depois da delimitação;

e) agrupamento das principais unidades de significados e dos temas – são as frases que representam o agrupamento dos temas.

O objetivo dessa fase (4) é a compreensão do que é dito. Os depoimentos representaram o conteúdo, a parte noemática, o objeto do ato, o “o que”. Ao final da redução fenomenológica esperou-se:

- temas e descrições individuais dos depoimentos;
- compreensão das unidades de significados;
- composição das unidades de significados de todos entrevistados (foi apresentada após as entrevistas).

(5) A adaptação de Clark Moustakas tem seu início na fase de variação eidética ou imaginativa.

> Considerar as estruturas universais que descrevam sentimentos e pensamentos relacionados ao fenômeno, tais como a estrutura do tempo, espaço, relações com corpo, materialidade, motivação, relacionamento com o mundo próprio, ou relacionamento com outros (MOUSTAKAS, 1994, p. 99, tradução nossa).

Variação eidética é a descrição e ampliação que visa à busca da essência. *Eidos* é a experiência que influencia a configuração do fenômeno. E segundo Moustakas (1994, p. 99, tradução nossa) "tem seu início na variação sistemática dos possíveis sentidos das estruturas universais latentes nas significações dos depoimentos". Sendo assim, Moustakas adota a visão existencialista que considera que todo ser humano apresenta sete condições humanas ou sete estruturas universais. Deve-se procurar as afirmações que estão relacionadas aos aspectos estruturais dos depoimentos (MOUSTAKAS, 1994).

1. Temporalizar: apresentação da vivência do tempo

2. Espacializar: apresentação da vivência do espaço

3. Aspectos relacionados ao corpo

4. Motivação: apresentação da compreensão do fenômeno

5. Materialidade: utilização de figuras de linguagem que remetem à compreensão do que o depoente sente por meio de exemplos concretos. É a utilização de linguagem de algo concreto como se fosse algo abstrato.

6. Relacionamento com o mundo próprio

7. Relacionamento com outros e com as coisas circundantes

O objetivo dessa etapa é a apreensão das análises que representam o processo daquilo que aconteceu, *noesis*, o ato, a forma como se deu a experiência, o significado da experiência, a informação estrutural, o que não foi falado, o velado e o implícito e segundo Flewelling (2008, p. 98-9, tradução nossa):

> O processo da variação imaginativa, entretanto, não é um processo sem estrutura, mas em vez disso é conduzido pelas estruturas existenciais universais do temporalizar, espacializar, corpo, materialidade, motivação e relacionamento com o mundo próprio e com outros.

Finalizada a fase da variação imaginativa, pode-se esperar:

- Temas e descrições individuais das condições humanas
- Compreensão das condições humanas
- Composição das condições humanas de todos os entrevistados (apresentada após as entrevistas).

Cabe salientar que a pesquisadora apresentou a compreensão das sete estruturas universais na análise intencional e compreensão da entrevista de cada participante.

(6) Neste momento, outro contato por *e-mail* foi realizado para que pesquisadora e entrevistado pudessem compartilhar a compreensão desvelada, com base na articulação entre conteúdos textual e estrutural. O contato com o colaborador foi necessário para validar o que foi captado pela pesquisadora. As perguntas norteadoras foram direcionadas para verificar: "Consegui captar sua experiência? O que escrevi aqui é verdadeiro para você? Faz sentido para você?" A análise foi enviada, por e-mail, para o(a) colaborador(a) anexada ao texto: (Nome do colaborador), envio a análise que fiz do seu valioso depoimento. Por favor, verifique se concorda e se sente que foi visto(a) e compreendido(a) por mim. Aguardo seu *feedback*. Abraço. Karina

(7) O *feedback* do colaborador e a resposta da pesquisadora foram acrescentados à análise.

(8) Síntese: é a composição das análises intencionais de todos os colaboradores na qual ocorreu a integração de todas as compreensões.

(9) *Follow-up*: a pesquisadora acompanhou as eventuais ocorrências e necessidades dos colaboradores relacionados aos possíveis sentimentos e pensamentos que emergiram nas e após as entrevistas.

3.4 Procedimento e manuseio dos dados

3.4.1 Enquanto a pesquisadora realizava a leitura de cada entrevista, os temas individuais derivados foram assinalados e relacionados às cores que representavam os agrupamentos de cada depoimento. Para tanto, consideraram-se as repetições dos temas pelo menos duas vezes e os aspectos significativos para a questão da pesquisa, por exemplo.

Tabela 2 - Representa a maneira como os temas individuais foram relacionados às cores.

Legenda: temas e cores
Stress e o estranho alívio
Pouco se falava x falar com os filhos
A falta de referências: antes e depois da morte
As situações inacabadas e necessidade de explicação
Poderia ser diferente...
A escolha da profissão como manejo do processo de luto
As boas lembranças
O impacto do suicídio e a transcendência
O legado: uma mensagem
Como vivo hoje
A admiração pela mãe

3.4.2 As principais unidades de significados emergiram da separação do depoimento em frases que representam o agrupamento dos temas de cada entrevista:

C – Percebendo a ausência dele um pouco antes. E ao longo de todos esses anos eu fui tentando. Logo de imediato eu fui. Eu tinha 14 anos de idade, mas eu fui amadurecendo enquanto indivíduo e fui percebendo e fui tentando explicar para mim mesmo porque que ele tinha feito aquilo.

P – Como é que você explicava?

C – Então, a história de. Eu sou, eu, fiz, eu sou historiador. Eu sou apaixonado por história, então. Aí eu fui buscar, fui tentar reconstruir a história da vida dele, mas, fui tentar compreender o contexto em que ele vivia para tentar perceber porque que ele tinha feito aquilo. É. Ele teve uma história de vida muito complicada, muito difícil na infância.

3.4.3 Em seguida, a composição das unidades de significados (temas e descrições individuais dos depoimentos) de todos entrevistados foi apresentada, bem como a compreensão da análise intencional da entrevista de cada participante, como mostra o exemplo de uma parte da análise de C4.

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DOS DEPOIMENTOS

Estresse anterior ao suicídio

- *O meu pai, ele já tinha, ele tinha problemas, ele frequentava psiquiatras [...] Porque ele passou os dois últimos anos da vida dele perambulando por hospitais psiquiátricos.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA DE C4

Nove temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de seu pai ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Estresse anterior ao suicídio; (2) O Alívio após o suicídio: perdas e ganhos e resiliência; a tensão e o relaxamento; (3) Entre o calar e o falar; (4) A falta de referências: antes e depois da morte; (5) As situações inacabadas: poderia ser diferente...; (6) A escolha da profissão como manejo do processo de luto; (7) A preocupação e admiração pela mãe; (8) O impacto do suicídio: as referências e o legado; (9) As boas lembranças.

3.4.4 Após as descrições dos depoimentos e a composição das unidades de significados e análise de todos entrevistados, foi realizada a reunião de todos os temas dos nove colaboradores em um arquivo.

Tabela 3 - Representa um exemplo da reunião de todos os temas dos nove colaboradores em um arquivo.

(C2) (8) Os sobreviventes que se unem: proximidade com o pai e com a irmã
(C2) (9) Se a minha mãe estivesse viva...
(C2) (10) O processo de luto – (10.1) Enfrentando o suicídio
(C3) (1) Estresse anterior ao suicídio
(C3) (2) As situações inacabadas e a busca de motivos, explicações e respostas: Sabe? Entende? Por quê?
(C3) (3) O peso do suicídio que cala
(C3) (3.1) Suicídio como morte escancarada

3.4.5 Os temas foram cortados em tiras e a pesquisadora iniciou um novo agrupamento dos temas que se repetiram.

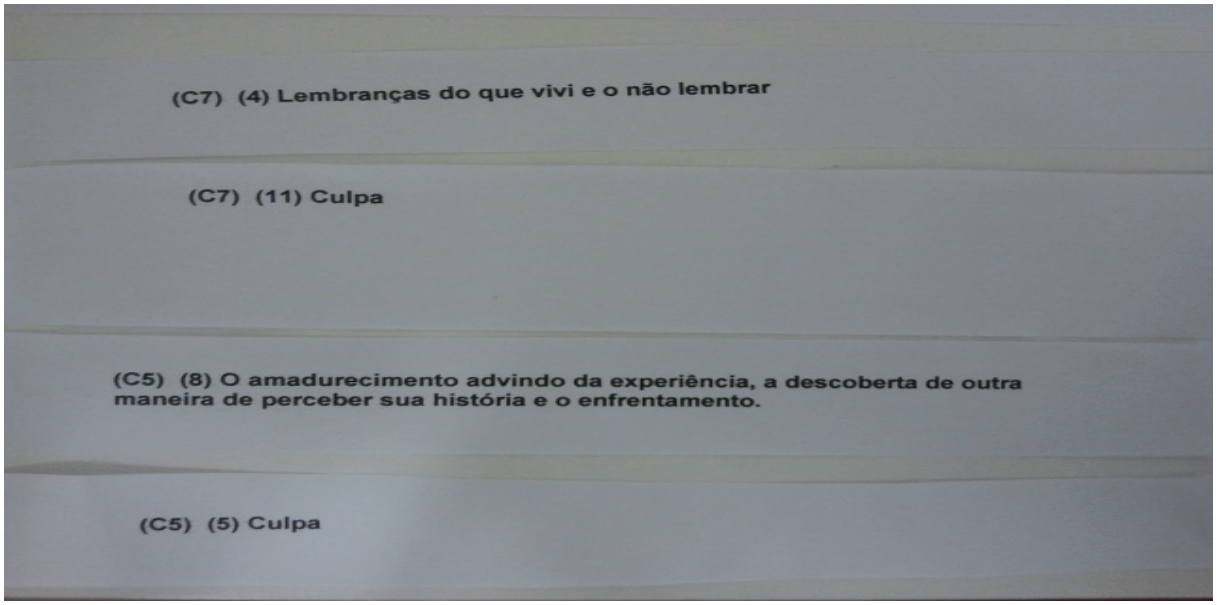

Figura 2 - A fotografia mostra as tiras cortadas que auxiliam no preparo para agrupamentos.

3.4.6 Foi a realizada a composição dos principais temas de todos os entrevistados, reunindo os temas que se repetiram.

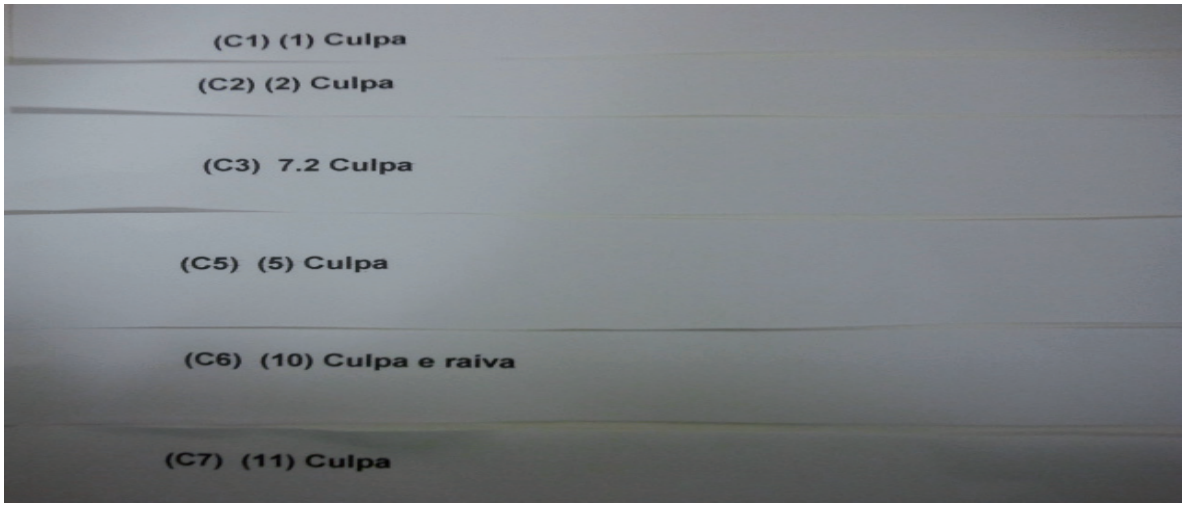

Figura 3 - A fotografia retrata a composição dos principais temas de todos os entrevistados, reunindo os temas que se repetiram.

3.4.7 Os temas foram agrupados, grampeados e contados e, aqueles que tiveram maior número, foram apresentados sequencialmente como as unidades de significado do processo de luto de nove filhos de pessoas que cometeram suicídio.

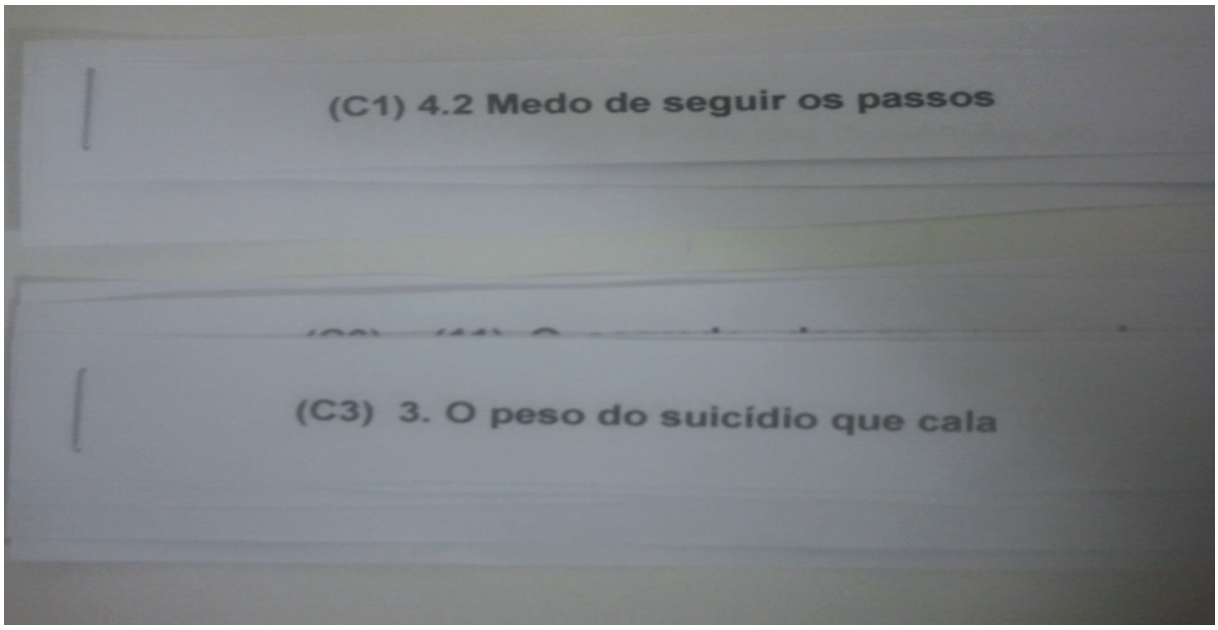

Figura 4 - A fotografia retrata os temas agrupados, grampeados e contados e, aqueles que tiveram maior número foram apresentados sequencialmente como as unidades de significado.

CAPÍTULO 4 – AS VIVÊNCIAS DOS SOBREVIVENTES

A seguir, cada colaborador foi apresentado com o respectivo levantamento de unidades de significado obtido pelas articulações entre os temas dos depoimentos e das condições humanas.

A análise intencional apresentou resumo das principais unidades de significado e das condições humanas de cada entrevista e, posteriormente, ofereceu a compreensão geral do depoimento. Para facilitar a leitura do próximo capítulo, as citações dos depoimentos foram apresentadas em itálico.

SOBREVIVENTE 1: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaborador 1
C1: 42 anos (2012)
Sexo: masculino
Idade quando o suicídio aconteceu: 17 anos (8/12/1986)
Pessoa que cometeu o suicídio: pai
Método do suicídio: choque elétrico
Local da entrevista: casa do colaborador
Tempo total de entrevista: 1 hora 25 minutos 20 segundos
Análise enviada em: 13 de julho de 2012
***Feedback* do colaborador:** 14 de julho de 2012

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

O primeiro colaborador tem 42 anos de idade, é francês, psicólogo, professor de língua estrangeira, divorciado e sem filhos. O pai cometeu suicídio por choque elétrico, quando tinha 17 anos de idade. Seus pais já estavam divorciados na época em que o suicídio aconteceu. Tem um irmão que é filho de seu pai e um meio irmão que é filho de sua mãe com o segundo marido. O local da entrevista foi em sua casa, onde recebeu a pesquisadora com uma mesa farta de sucos, chás, salgadinhos e doces.

1. Culpa

A palavra culpa surgiu repetidamente no depoimento. Considera que a culpa não é um processo racional e percebe que se encarregou das autoacusações. Menciona que os assuntos levados a sessões de psicoterapia circundam o suicídio de seu pai, destacando que a responsabilidade pelos filhos é dos pais. Imagina que o *modus operandi* do suicídio por choque elétrico pode ter sido uma mensagem, pois, como cursava eletrotécnica e foi a última pessoa a ver o pai antes de morrer, acredita que, talvez, seu pai quisesse dizer que se lembrou dele na hora da morte. Seguem os recortes do depoimento que sustentam o tema.

- *Embora eu tenha trabalhado muito essa questão da culpa durante esses anos todos, eu nunca parei para pensar muito se o meu pai podia ter me culpado no gesto. Eu me encarreguei de me culpar, mas nunca, nunca pensei se ele pudesse ter pensado isso ou não. Ah, eu não sei* [olhos marejados].
- *É claro que racionalmente eu vejo que eu não tenho culpa nenhuma, no entanto, eu me culpo, mas se alguém ousar me culpar por isso, reajo até com violência.*
- *E afinal de contas eu não era maior de idade e se há algum responsável pelos filhos são os pais* [sorriso].
- *O gesto em si já é suficientemente doloroso. Mas, enfim, é um tanto quanto original, pelo menos como maneira de fazer; e de uma maneira que realmente dizia respeito ao que eu estava fazendo. Eu posso interpretar que simplesmente eu fui a última* [pigarreou] *pessoa*

a ter ficado com ele. Portanto, a conexão comigo era forte e eu, na realidade, meu outro irmão, não era filho dele, legítimo [...]

- *Apesar de ter feito 15 anos, estou há 15 anos em terapia. Eu toco frequentemente no assunto do meu pai, quando falo no assunto, falo do suicídio, falo da minha relação com ele, falo da culpa.*
- *É, pelo menos que eu assumi eu sei, mas se ele* [sorriso] *me culpou, eu realmente, eu não, nunca parei para pensar nisso eu acho* [riso].
- *O meu pai não me culpa. Não me culpou. Acredito. Toda minha família tentou me poupar.*
- *Não sei se foi mais uma coisa de uma sensação de escuta: lembrei de você quando eu fiz isso. Eu acho que a questão do abandono, eu ter abandonado, entre aspas, claro que ele sentiu, claro que ele deve ter sentido algo. Algum tipo de decepção, tristeza, alguma coisa, pelo fato de eu ter saído de casa.*

2. O cuidador: necessidade de salvar pessoas e o interesse por histórias de sobreviventes

Revela interesse por história de sobreviventes, considera-se cuidador e como alguém que se relaciona para salvar. Salienta que mantém relações amorosas com mulheres salváveis e associa sua escolha de salvar as pessoas com o fato de querer salvar seu pai.

- *Mas para dizer realmente o tamanho da minha não resolução desse luto, eu falaria do como me relaciono, ou tenho me relacionado afetivamente.*
- *Todas as minhas relações afetivas foram com meninas, mulheres, moças, enfim, dependendo da idade, que eu precisava salvar. Namorei viciada em drogas, namorei prostituta, namorei simplesmente perdidas na vida. E casei com uma psicótica.*
- *Eu não posso ver uma pessoa perdida que eu quero ajudá-la. No ônibus, alguém pedindo o caminho, eu quero informar o caminho para ela.*
- *Eu acho que está muito ligado a isso, assim, essa procura de salvar. É interessante, todas as minhas grandes paixões foram com mulheres totalmente salváveis.*
- *Mas sabe, às vezes, não é ajudar, é salvar, é bem diferente. E eu acho isso tudo bem representativo do como é ter um pai que se mata. É você querer, não querer isso, é você querer a todo custo impedir isso. E você tentar sem saber como, porque não há como impedir.*
- *Quando você me ligou para me perguntar se eu topava dar essa entrevista, uma das questões fundamentais é, para mim, quer dizer, além da ligação com você, com esse tema, de querer te ajudar, não te salvar.*
- *Eu adoro assistir* [a] *documentários de sobrevivente do Shoah, do holocausto, ou de outros genocídios ou acidentes ou tragédias.*
- *Tenho pouca vontade de me relacionar com as pessoas a não ser para salvá-las.*

3. Situações (*Gestalten*) inacabadas

3.1 Não é o fato que traumatiza, mas o processo como um todo: perguntas sem respostas

Verbaliza permanente falta de respostas, falta de sentido emocional, quando tenta compreender o suicídio. Acrescenta que a morte do pai por suicídio é um assunto que não foi resolvido e

comenta não perceber o suicídio como ato de covardia ou de coragem, entendendo que a pessoa que comete o suicídio não tem opção.

Afirma que, apesar de 15 anos de terapia, toca frequentemente no assunto sobre sua relação com o pai e sente não tê-lo conhecido sem ser pela doença (transtorno bipolar) e que, por esse motivo, sente dificuldades para apontar onde começa seu processo de luto, pois considera que não somente o suicídio tenha sido um fator precipitante, mas, sim, o processo como um todo. Levanta dúvidas se ele cometeria o suicídio como o pai. Seguem as afirmações que sustentam o tema.

- *Nunca superei isso. Apesar de ter feito 15 anos, estou há 15 anos em terapia. Eu toco frequentemente no assunto do meu pai, quando falo no assunto, falo do suicídio, falo da minha relação com ele, falo da culpa, falo de todas as coisas que a gente sente. Que eu sinto. Isso com frequência, mas é uma* [pigarreou] *dor muito, muito profunda.*
- *Fora a doença, não sei quem era o meu pai.*
- *Esse é um ponto que não está resolvido para mim.* [suspiro]
- *Eu falo disso até porque eu acho que além do próprio suicídio é difícil para eu distinguir onde* [pigarreou] *começa. Quer dizer, onde tudo o que eu posso sentir a respeito do acontecido, diz respeito ao suicídio unicamente ou a todo o processo. Eu acho que não é só o suicídio, porque deve* [ser] *tudo: as tentativas, a doença em si, proporcionaram muitas coisas e tudo isso se mistura...*
- *[...] ao suicido do meu pai, mas* [pigarreou] *talvez se ele não tivesse* [se] *suicidado, talvez eu fosse igual, talvez eu fosse triste, talvez, não sei.*
- *E sem contar quanto sempre à questão do você acabar duvidando sobre a capacidade do ser humano de poder controlar a própria vida. É, eu escuto* [pigarreou] *quando acontece algum comentário sobre algum suicídio. As pessoas não sabem se é corajoso ou covarde.*
- *É; para mim o suicídio me remete muito a isso, eu acho que é a mais profunda coisa, é esse medo de que: Será que eu posso chegar a fazer isso? Porque eu não aguento mais.*
- *Para mim, passar por uma experiência dessa, de ter um pai que se mata, é, reforçando, repetindo, não tem só o ato de se matar, tem anos de doença e de compartilhar uma doença, com todas as consequências que isso possa ter.*
- *Perder alguém dessa maneira me parece que é muito mais pesado, é muito mais dolorido, é muito mais difícil de dar um sentido.*
- *Por mais que eu possa entender que ele tinha uma doença. Chegou ao nível de dor, que ele não aguentou permanecer vivo; ele preferiu fazer isso. Ah! Faz sentido, racionalmente faz. Emocionalmente não faz. Como eu falei, eu procuro um jeito de ainda salvá-lo. De achar solução para isso.*

3.2 Conexões com o pai: alguma mensagem pai?

C1 parece estabelecer algumas conexões, por meio das coincidências de datas, entre vivências atuais e antigas. Enfatiza que as *datas são muito fortes*, e que o dia em que passou seu pai em termos de longevidade, quando fez 40 anos, viu conscientemente o dia chegar, ficando sozinho. Acrescenta que no mesmo dia, sua ex-mulher foi diagnosticada com transtorno bipolar.

Outro ponto importante na entrevista é observar a mudança de assunto, quando estava falando sobre cuidados e interrompe retomando a entrevista com outro assunto: culpa. Seguem os trechos que oferecem suporte para este resumo.

- *Na época eu estudava eletrotécnica...*
- *... sei lá, se havia um recado a dar para alguém, era para mim.*
- *É, mas era uma pessoa que mesmo na doença, ou antes, eu tenho sinais de que era o filho dele, eu era o filho dele, ele queria me ver bem. Enfim, ele fazia tudo por mim.*
- *Mas sempre havia um cuidado comigo. Vamos dar uma paradinha. [...]. Bom, eu estava falando do meu pai me culpar [...]*
- *Eu posso interpretar que simplesmente eu fui a última* [pigarreou] *pessoa a ter ficado com ele. Portanto, a conexão comigo era forte e eu, na realidade, meu outro irmão, não era filho dele, legítimo, então.*
- *Isso aí é, o que eu vou te falar agora, é muito bom – sobre as datas, você sabe que o meu pai se matou e ele tinha 39 anos. Ia fazer 40. Alguns dias depois. [...] A ponto de ter calculado exatamente qual seria o dia que eu ultrapassaria meu pai em termos de longevidade. Isso ocorreu em fevereiro do ano passado. Eu, logo antes de fazer 40, eu fiz em março. No dia que eu ultrapassei meu pai, foi bem consciente, vi o dia chegar. Foi o dia em que minha mulher teve o primeiro surto dela. Foi diagnosticada como bipolar. [...] É eu nem lembro todas as coincidências de datas que eu já pude observar. Mas foram tantas, e quer dizer, a partir do dia que eu completei a idade que o meu pai tinha quando se matou, basicamente fiquei sozinho.*
- *As datas são coisas muito fortes.* [pigarreou] *Às vezes no dia 8 de dezembro, às vezes nem lembro que é oito de dezembro. Mas eu fico muito mal, muito mal. Aí eu lembro, acabo lembrando. Às vezes eu lembro no dia seguinte. Ah, eu sei por que eu estava mal. Mas, em geral, eu lembro, porque como o John Lennon foi assassinado em 8 de dezembro, na televisão passa, de alguma maneira me relembram que é 8 de dezembro.*

3.3 O último momento

Viu seu pai pela última vez quando foi, com um amigo, visitá-lo no hospital logo após sair do coma. Como a mãe e o namorado dela estavam morando em outra cidade. No final de semana seguinte, a mãe, que monitorava o estado de saúde de seu pai de longe, soube da morte de seu pai e, ao notificar para C1, a primeira reação dele foi dizer: "*Ah! Ele conseguiu finalmente*" e, em seguida, sentar no bar e tomar cerveja. Após 15 minutos, subiu para o quarto e chorou. Na entrevista enfatiza a possível mensagem para ele, descrevendo a maneira como seu pai cometera suicídio e estabelecendo relações entre o curso que estudava: eletricidade.

- *Isso era no final de semana; eu voltei para o internato; foi quando soube que ele estava lá no hospital, que estava em coma. Falei, "bom, eu não tenho o que fazer aqui, eu vou voltar para a escola". Voltei para a escola e quando voltei no final de semana, acho que foi no seguinte. A minha mãe ficava monitorando o estado do meu pai. Assim, ele saiu do coma em poucos dias no final de semana seguinte. Eu fui com amigo meu até o hospital e levei umas coisas para ele.* [pigarreou] *Foi a última vez que eu vi o meu pai.*
- *Em 8 de dezembro eu estava, portanto, nesta outra cidade, a minha mãe com o namorado* [dela] *tinham aberto um bar lá, uma cidadezinha muito pequena. Eu estava no bar; não, eu*

estava voltando da escola e entrando no bar quando minha mãe anunciou a morte dele. Eu lembro que a minha reação na hora foi: "Ah! Ele conseguiu finalmente". E eu fui sentar com uns amigos que eu tinha feito lá no bar e comecei a tomar cerveja. [pigarreou] *Depois de 15 minutos eu não aguentei, eu subi para o meu quarto e chorei. Foi a polícia que encontrou meu pai* [pigarreou] *depois de uma* [hora]*; ele estava muito sozinho, totalmente isolado, não tinha falado mais com ele. Ele pegou uma extensão elétrica, separou os dois fios, fez braceletes que colocou nos pulsos, colocou uma ponta de cada fio em cada bracelete, ligou na tomada de 220; eu estava estudando eletricidade na época.*

4. Intensidade dos sentimentos

4.1 Dor, vergonha, raiva, culpa, dúvidas e as marcas

Aponta sentimentos fortes relacionados ao fato de seu pai ter cometido suicídio: dor, raiva, culpa, vergonha, vergonha de ter raiva, além da dúvida sobre a capacidade do ser humano poder controlar a própria vida.

Considera que o fato de querer a todo custo impedir que a situação seja concretizada provoca uma marca como se fosse um traço de personalidade. Em relação às marcas salienta: a morte de seu irmão por AIDS e a situação de seu pai ser ao mesmo tempo vítima de um assassinato e cometer um assassinato. Menciona que se tornou uma pessoa mais consciente, humana e sensível. Expressa o medo de seguir os passos de seu pai, dizendo perceber semelhanças no que se refere à solidão e ao isolamento que ficaram mais evidenciados desde 2010.

- *Que eu sinto isso com frequência, mas é uma* [pigarreou] *dor muito, muito profunda. Muito...*
- *É você querer, não querer isso, é você querer a todo custo impedir isso. É você tentar sem saber como, porque não há como impedir. Se a pessoa realmente, eu não vou dizer que quer se matar. Porque para mim não é um querer; é não ter outra opção. Então, não dá para fazer nada, não dá para salvar.*
- *Meu irmão é homossexual, digo isso porque foi a causa do grande desentendimento do meu pai e o meu irmão. Quer dizer, não sei se foi o ovo ou a galinha isso, mas enfim. Mas ele faleceu também, de AIDS; ele faleceu no dia 8 de junho. O dia mais distante de 8 de dezembro.*
- *Eu atribuo esses sentimentos, esses traços de personalidade, diria até muito, ao suicídio do meu pai. Portanto, é uma coisa que é difícil de se desfazer mesmo. Quero dizer, não são só as coisas negativas, digo, é uma coisa tão marcante, eu acho que muitas coisas positivas inclusive. É da minha vida. É, aconteceram devido ao suicídio do meu pai. Digo* [que] *provavelmente me tornei uma pessoa muito mais consciente, muito mais humana, muito mais sensível; é, e outras coisas, devido ao suicídio do meu pai. O que quero dizer é que é um traço.*
- *É muito forte, é muito forte.*
- *E sem contar quanto sempre à questão do você acabar duvidando sobre a capacidade do ser humano de poder controlar a própria vida.*
- *Ah, cria sei lá... a raiva, da minha parte a raiva contra ele. É; a culpa, a vergonha. A vergonha de ter raiva. É. Sabe. É como se fosse uma ferida num lugar tão difícil de curar.*

É como se fosse, como se tivesse que fazer uma cirurgia do cerebelo, sei lá, num lugar bem inalcançável. É algo muito profundo.

- *Dolorido, muito dolorido. É claro que eu não posso esquecer que aqui eu estou falando do meu pai, que isso já em si é peculiar, perder o pai talvez [...] perder alguém dessa maneira me parece que é muito mais pesado, é muito mais dolorido, é muito mais difícil de dar um sentido.*
- *Agora, o meu pai se matou. É. Não dá para dar* [sentido]. *A gente por mais... Eu acho que não foi à toa que estudei psicologia, está estreitamente ligado, claro, a essa compreensão. É* [pigarreou] *por mais que eu possa entender que ele tinha uma doença. Chegou ao nível de dor, que ele não aguentou permanecer vivo; ele preferiu fazer isso. Ah! Faz sentido, racionalmente faz. Emocionalmente não faz.*
- *É uma coisa que marca tão profundamente, porque o suicídio é uma coisa tão ambígua, a meu ver, porque o meu pai foi vítima de um assassinato; o meu pai cometeu um assassinato. É, não é simplesmente* [que] *perdi um ente querido. É muito violento.*

4.2 Medo de seguir os passos

- *O que me vem é que eu sempre tive medo de seguir os passos do meu pai. Eu associo muito o suicídio dele à solidão. E eu tenho me isolado muito ultimamente, de um ano para cá. E, aliás, não de um ano para cá. De 25 anos para cá. De 24 anos para cá. Mas muito particularmente de um ano para cá.*
- *Se o raio já caiu uma vez, vai cair de novo, sim. E no mesmo lugar, ou no lugar onde eu estiver. Eu só estou te falando de crenças, das mais profundas, como se tivesse sido gravado, como se tivesse sido marcado com ferro vermelho. Por mais que você passe por experiências que poderiam te comprovar totalmente o contrário, que a vida não é feita só de catástrofes, e que coisas boas podem acontecer. Por mais que você tenha fé nisso. Essas crenças, elas são muito difíceis de retirar.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

C1 é uma das pessoas que mais influenciaram a realização da presente pesquisa e, por esse motivo, o convite foi efetivado para que fosse o primeiro entrevistado. Conhecemo-nos desde fevereiro de 2004, quando fui sua professora, e a relação construída entre nós, ao longo desses anos, parece ter contribuído para um depoimento sensível, minucioso e cuidadoso. Sendo assim, a entrevista pôde ser uma escuta de um grito*: Olha o que eu passei! Olha a que eu sobrevivi! Olha de onde eu vim!*

Compartilhar seu processo de luto com abertura e disponibilidade parece ter promovido a oportunidade para realizar *revisão, resumir, revisitar e redescobrir* sua história, salientando a crença de *cura ao expressar o que sente*. Parece perceber a entrevista como momento de acolhimento pelo fato de alguém se interessar pelo que aconteceu com ele. Interesse que não percebe em outras pesquisas, principalmente ao relembrar o momento em que foi entrevistado pela televisão quando seu vizinho matou a mulher e se matou, afirmando que *nunca se entrevista filho de um "suicidado"*.

Quatro temas foram desvelados no processo de luto, em decorrência de seu pai ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Culpa; (2) O cuidador: a necessidade de salvar pessoas e o interesse

por histórias de sobreviventes; (3) Situações (*Gestalten*) inacabadas, (4) Intensidade de sentimentos.

Parece ter várias perguntas sem respostas e situações sem compreensões – percepções que serviram como alicerces para a presente análise. Segundo a Gestalt-terapia, aquilo que acontece ao humano torna-se parte dele, pela assimilação, ou se torna uma situação inacabada (*Gestalt* incompleta) e, embora não compreenda o motivo real da morte de seu pai, associa o suicídio ao transtorno bipolar. Sendo assim, as percepções sobre doença e suicídio se misturam, percebendo o suicídio como *falta de opção* e como *se fosse uma ferida num lugar difícil de curar*. O suicídio é sempre uma história e, sendo assim, aponta que o suicídio não foi um fator precipitante, mas, sim, o processo como um todo.

Apesar de o suicídio do pai ser transformador, pois tornou-se uma pessoa consciente, humana e sensível, destaca a marca psíquica, dizendo que sente *como se tivesse sido marcado com ferro vermelho*. Um dado importante sobre a elaboração do luto é o fato de mencionar que, durante 15 anos, os assuntos ainda trabalhados em terapia estão diretamente relacionados ao pai. Aponta diferenças entre lutos por acidente e por suicídio e indica que o luto por suicídio é mais doloroso: *Perder alguém dessa maneira me parece muito mais pesado, é muito mais dolorido, é muito mais difícil de dar um sentido*. Há de se refletir sobre o fato de o suicídio ser um evento trágico que provoca uma ferida profunda e que, por esse motivo, ocupa um lugar preciso na existência do enlutado. **Quem mata quem quando acontece o suicídio?** O fato de se ter um pai que se mata provoca uma ferida difícil de cicatrizar ou que, talvez, nunca cicatrize. Em sua afirmação: *Faz sentido, racionalmente faz. Emocionalmente não faz. Como eu falei, eu procuro um jeito de ainda salvá-lo. De achar solução para isso,* várias questões surgem. São elas.

1. Seria possível encontrar um sentido para o suicídio?

2. Seria possível dividir o sentido entre racional e emocional?

3. O que significa racionalizar com sentido?

4. O que significa lidar com aspectos emocionais sem sentido?

5. Existe uma solução para sua fantasia de salvar o pai?

6. O suicídio poderia ser evitado? É possível ter o controle sobre a morte do outro?

O suicídio de seu pai parece ter influenciado na maneira de se relacionar, principalmente com seus cachorros e mulheres salváveis. Percebe-se como cuidador e curioso por assuntos de sobreviventes, desvelando que sua maneira de se relacionar é expressa pela constante necessidade de salvar pessoas, principalmente, as mulheres com quem se relacionou até o momento. Escolheu estudar psicologia, e o que estudar psicologia o ajudou em sua história?

É um sobrevivente e, por essa razão, demonstra interesse também por histórias de sobreviventes. Durante a entrevista, C1 tirou uma pulga do cachorro e até no ato de acariciar, cuidou. O ponto

convergente entre salvar e ajudar é que, em ambos, ele é o cuidador. Isso posto, cabe ressaltar a diferença entre cuidar, ajudar e salvar, pois ao cuidar, oscila entre ajudar e salvar.

Seu lado cuidador ficou evidente desde o momento em que a entrevista foi agendada, pois se preocupou tanto em disponibilizar uma vaga da garagem para que a pesquisadora pudesse estacionar o carro, quanto em preparar uma mesa com lanches, salgadinhos, doces, chás e sucos. Acrescenta que sua participação na entrevista não tinha relação com a necessidade de salvar a pesquisadora, mas, sim, com o fato de ser uma ótima oportunidade para rever sua vida.

Parece ter se ajustado criativamente para lidar com o fato de não ter conseguido impedir a morte do pai, salvando-o. Concomitantemente, surge a indagação: Seria possível realmente salvar seu pai? Ou: pode-se pensar que o ato de ajudar as mulheres salváveis representa um manejo possível ou uma das maneiras para elaborar seu processo de luto? Como a salvação não aconteceu, o ato de ajudar parece provocar a sensação de poder fazer algo por alguém. Portanto, ajudar parece ter sido a melhor maneira que ele encontrou para se autorregular e para lidar com o sentimento fantasioso de querer a todo custo impedir a morte.

Ao relatar as brigas entre pai, mãe e irmão, nas quais não estava incluído, percebe que foi poupado também por ser o caçula. Como recebeu o cuidado de ser poupado, parece repetir aquilo que aprendeu: **cuidar poupando os outros nos relacionamentos**. Infere-se, pois, que transcendeu, querendo, além de proteger, poupar, cuidar do outro. Aquele que salva se torna conhecido, não se culpa, pois não abandona e não provoca tristezas e decepções. Ao salvar as pessoas, ele ocupa o espaço de ser salvador, potente e de ter sentido na vida das pessoas.

Destaca-se o fato de ele não apresentar motivação para se relacionar com quem não pode salvar, pois alega que *não vê sentido*. Relacionar-se com quem não pode salvar talvez o reconduza ao lugar de impotência e daquele que não pôde salvar. E mesmo em relações em que não desejava mais manter, como por exemplo, com sua ex-mulher.

Evita as relações interpessoais, dizendo que há um ano percebe seu isolamento, sinalizando solidão e o medo de seguir os passos do pai. Mesmo que identifique o temor de repetir o isolamento de seu pai, salienta que prefere ficar com seus cachorros que *se tornaram tudo para ele*. Seus cachorros, *Mandela e Gandhi* – nomes de personalidades que fizeram sentido para a humanidade – parecem amenizar sua solidão e representam tudo para ele. Tem a guarda compartilhada de seus cães, a quem considera seus filhos. O carinho expresso por ele durante a entrevista indica também a maneira de ser o provedor dos cuidados. Os cães partilham com ele proteção e troca de amor. Parece ver neles a possibilidade de se cuidar também e cuida deles como gostaria de ser cuidado.

Tornou-se cuidador e responsável pelas relações que estabeleceu até o momento e o fato de ser o único filho legítimo, ter sido o último a ter contato com o pai e imaginar que seu pai se sentiu abandonado por ele. *Algum tipo de decepção, tristeza, alguma coisa, pelo fato de eu ter saído de casa* parece ter acentuado a responsabilidade e influenciado desde a

escolha da profissão – psicólogo – até o modo de se relacionar com as pessoas e mulheres salváveis.

Começar o primeiro namoro após duas semanas da morte de seu pai e achar que seu pai tenha se eletrocutado no momento em que cursava eletricidade revela a crença de que o método escolhido pelo pai pode ter sido uma mensagem para ele. Qual seria o significado extraído do fato de ter sido a última pessoa que viu o pai? Significaria mais amor? Mais culpa? Mais responsabilidades?

Sabendo que não é o fato que traumatiza, mas o processo como um todo, mostra as nuances da intensidade das emoções ao menciona dores, culpa, raiva, vergonha e dúvidas sobre o controle da própria vida. Como é possível ter raiva de quem já morreu? A raiva não teve espaço na relação entre pai e filho, e o rompimento do vínculo dos dois configurou-se antes da morte, pois toda a vivência anterior com seu pai parece ter sido mais marcante do que o impacto do suicídio. Nesse momento, a frase *Ele conseguiu finalmente*, quando soube da morte do pai, desvela o sentido de que, depois de tanto sofrimento provocado pelas várias brigas entre pai e mãe, irmão e mãe, tentativas prévias de suicídio e a doença do transtorno bipolar, pôde experimentar alívio. Além disso, pode-se questionar se a má qualidade da relação entre pai e filho tornou mais difícil a elaboração do suicídio.

Parece reconhecer seu pai como um estranho, pois menciona que *fora a doença,* não sei quem era meu pai, ao mesmo tempo, lembra-se de situações em que se sentiu cuidado por seu pai, e, após dizer: *sempre havia um cuidado comigo*, pede para interromper a entrevista e, ao voltar, retoma falando sobre o fato de seu pai o culpar. Atenta-se para o desvio do discurso no qual parece ter modificado a direção dos sentimentos. Como "nem todo contato é saudável, nem toda a fuga é doentia" (PERLS, 1988, p. 35), C1 parece ter direcionado a energia para outro assunto, pois:

- parece ter aprendido a se cuidar e, ao solicitar *vamos dar uma paradinha*, promoveu a busca do cuidar-se de si;
- a troca entre ***cuidado do pai*** para ***culpa do pai*** pode indicar que cuidar, culpar e poupar são processos que se apresentam indiferenciados em sua percepção;
- tornou-se cuidador e salvador e demonstra dificuldades em ser cuidado ou pelo menos em desfrutar de tempo para se sentir cuidado.

Outro fato que o surpreendeu foram as coincidências de datas e a crença de que as datas podem ser repetições, ou seja, parece acreditar em um traço familiar e em um destino no qual as repetições acontecem. Mesmo vivenciando uma *fase boa e de coisas produtivas,* o que virá depois, será ruim. A passagem dos 39 para os 40 anos foi vivenciada com muita angústia, pois, além de sua ex-mulher ter recebido o diagnóstico de transtorno bipolar na mesma data, teve receio de repetir o suicídio. Parece acreditar que as coincidências podem configurar o destino e entra em confluência com o pai, principalmente ao reconhecer a solidão e o fato de

identificar seu isolamento acentuado há um ano. Reflete sobre o medo de ser igual ao pai, pois aprendemos com os modelos. No entanto, parece ter a fantasia do efeito imitativo de cometer também o suicídio, quando afirma ter plena consciência do dia que ultrapassaria o pai em termos de longevidade, pois seu pai se matou aos 40 anos. Infere-se que a experiência tenha sido confirmatória para que percebesse que não é a mesma pessoa que seu pai foi. Há de se acreditar em transmissões e não em determinismos de comportamentos, mais especificamente, em efeitos imitativos. Dessa maneira, o fato de receber de seu pai o modelo de autodestruição não significa que ele fará, deverá ou precisará fazer o mesmo.

E afinal de contas eu não era maior de idade e se há algum responsável pelos filhos são os pais sinaliza a crença de que os filhos aprendem e internalizam os conhecimentos oferecidos pelos pais. Aprendeu a se proteger das ameaças, reais e fantasiosas, antecipando, salvando e fumando. O ato de fumar oferece em momentos de ansiedade e antecipações uma função de preenchimento e esvaziamento, principalmente em momentos em que depara com a solidão e a necessidade de se isolar. Surpreendeu-se com o fato de ter fumado apenas 3 cigarros, compartilhando sua história, pois apontou a diminuição de consumo de cigarros dizendo que, em outras situações, teria fumado pelo menos dez cigarros ou mais em vez dos três que fumou durante a entrevista.

Percebe seu pai como uma pessoa que queria seu bem, pois identifica alguns momentos em que seu pai cozinhava macarrão na manteiga e relembra que, mesmo em crise, conseguia controlar o tom de voz para falar mais gentilmente com ele. Se o pai não tivesse cuidado dele, haveria culpa? A pergunta justifica-se pela inferência de que a culpa está associada à figura amorosa e não somente pelo fato de ser o pai.

Sua constante demanda em salvar pessoas, talvez seja a estratégia utilizada para lidar com a expiação da culpa por não ter salvado o pai. Seu depoimento assinala a necessidade de lidar com as autoacusações pela morte do pai e, embora saiba que a culpa não seja algo racional, percebeu que seu pai nunca o culpara e que ele se encarregou de fazê-lo por si: *você não sabe se ele que te culpou ou se você que assumiu essa culpa*, bem como, não associa o suicídio aos atos de covardia ou de coragem. Seria possível categorizar claramente o ato suicida entre coragem e covardia? Parece não direcionar a culpa para seu pai, mas, sim, para ele. No entanto, as autoacusações são possíveis; não a heteroacusação: *se alguém ousar me culpar por isso, é; reajo até com violência*.

Embora seu berço seja a França, é no Brasil que tenta construir a vida e busca se apoderar dos espaços na vida. Ao final da entrevista, compartilhou que não consegue exercer a profissão de psicólogo na mesma proporção que exerce a profissão de professor de língua estrangeira e afirma que precisa despender mais energia para seu papel de psicólogo. E levanta-se, então a possibilidade de essa dificuldade estar também relacionada ao fato de, como professor, não ter de cuidar de pessoas salváveis. Em contrapartida, ao constatar que a relação com sua ex-mulher *tinha se tornado muito destrutiva*, parece discriminar as relações que deseja se aproximar e se distanciar e modifica a maneira padronizada e repetitiva de se relacionar com as pessoas ao seu redor.

Se, para a Gestalt-terapia, aprender significa descobrir experiências novas, pode-se considerar que as teve e puderam auxiliar na ressignificação de seus relacionamentos. Ao se divorciar, indica a necessidade de ocupar seus espaços e de cumprir a missão consigo mesmo e não mais com outros.

Amadureceu e parece estar em processo de se salvar para ocupar lugar no mundo, bem como, parece tornar-se *aware* de sua condição de não ser o responsável mais pela vida, doença e escolhas de outrem, percebendo-se responsável por sua existência.

Feedback da análise 1 (Enviada por C1 em 14 de julho de 2012):

Querida,

Muito obrigado. Li e fiquei tão emocionado que não posso te dar um feedback por enquanto. Preciso deixar a poeira baixar. Te respondo posteriormente.

Um beijo grande.

SOBREVIVENTE 2: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 2
C2: 34 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade que tinha quando o suicídio aconteceu: 9 anos
Pessoa que cometeu o suicídio: mãe
Método do suicídio: corte na jugular
Local da entrevista: consultório da pesquisadora
Tempo total de entrevista: 3 horas 34 minutos 51 segundos
Análise enviada em: 14 de junho de 2012
***Feedback* da colaboradora:** 15 de junho de 2012

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

A segunda colaboradora tem 34 anos de idade, é brasileira, estudante de psicologia, casada, sem filhos. Sua mãe cometeu suicídio quando tinha 9 anos de idade. Ela tem uma irmã dois anos mais nova. O local da entrevista foi no consultório da pesquisadora. Ao receber o convite para realizar a entrevista, aceitou prontamente.

1. Intensidade dos sentimentos e sofrimento

- *Revolta, eu sempre tive muita revolta. Eu achava, porque aí você tem que assumir uma nova responsabilidade, porque aí eu era a mais velha.*
- *Então era muito triste isso para mim. Mas eu chorava muito.*
- *A gente sofreu muito.*
- *Minha mãe quis morrer? Eu acho que em momento nenhum ela pensou em mim nem na minha irmã. Eu acho um absurdo isso. Assim: hoje eu até entendo, porque eu estou estudando; eu tenho que entender que a depressão... eu aprendi com você. Que é um ato de desespero, então, talvez, ela esteja, ela estava tão desesperada que ela não parou para pensar nem em mim nem na minha irmã.*
- *Por mais que hoje eu entendo, eu entendo que assim, morreu. Só que eu acho que ela devia ter pensado na gente um pouquinho* [começou a chorar].
- *Quando me falaram da morte, eu chorei. Depois você fica passada, você não acredita. Mas quando eu vejo o caixão, aí eu choro. Talvez seja isso. Cada um tem uma reação*.

2. Culpa

- *Mas a gente sempre, na minha casa, a gente sempre se acusou muito... o tempo todo.*
- *A gente sempre se acusava muito. Todas as brigas era: "A culpa foi sua", ou então "A culpa é minha", coisa de pré-adolescente. [...] A gente brigava muito. E sempre assim: eu culpava ele* [pai] *e ele me culpava, sempre. [...] Da morte da minha mãe. A gente falava... eu falava: "Sabe por que minha, ela se matou? Porque ela não aguentava viver com você". Ele falou: "Talvez porque ela teve uma filha igual a você".*

- *E minha tia, assim, desabafou. Assim, falou que a culpa é da minha mãe, porque ela fala assim: "Aqui, a gente, eu, minha mãe, a gente sempre cuidou da* [nome da mãe] *como se ela fosse um bibelô. Eu deixei de casar por causa dela. Eu esperei ela casar para casar. Eu já era noiva. Mas a gente tinha muito cuidado com ela e mesmo assim ela me traiu".*
- *Então ela* [a tia] *fala que tudo é culpa da minha mãe.*
- *Porque eu tinha minha irmã que era menor, então se ela cometesse alguma coisa, meu pai sempre me culpava.*

3. Responsabilidade

- *Achava um absurdo eu estar brincando na rua, meu pai me chamar para fazer comida. [...] A gente tinha todas as responsabilidades, eu achava ruim. Que eu falava: "Meu, sou criança, eu não quero ficar fazendo essas coisas".*
- *Como minha mãe era funcionária pública, quando a gente tinha 14 anos, meu pai emancipou a gente no nosso CPF* (Cadastro de Pessoa Física) *e deu nosso salário.*
- P – Como é que vocês resolveram essas tarefas... C2 – *Eu acho que foi automático. Porque sempre foi distribuído assim: a minha irmã faz uma faxina que só ela faz. Então, ela sempre cuidou da sala e dos quartos e eu cuidei sempre da cozinha, da lavanderia e do banheiro. Então, eu não olhava para sala. A minha irmã faxinava lá. E eu sempre que fui a cozinha e roupa. Roupa, lavava a cozinha, meu negócio era a cozinha para frente. E então, minha irmã sofreu muito, porque ela sempre trabalhou em cozinha de hospital, mas ela não gosta de cozinhar. Ela odeia. Hoje em dia ela cozinha muito bem porque ela já era técnica de nutrição. Fez curso. [...] Desde pequena assim, quando eu sempre era a louça, eu sempre fiquei na cozinha, louça, fazia arroz, que gosto de cozinhar, aí fazia arroz e ela sempre foi forte na faxina.*
- *Porque elas preparavam, as freiras, elas preparam para ser dona de casa mesmo. Só que meu pai autorizou que elas colocassem a gente o mais cedo possível. Então, era eu e a* [nome da irmã], *pegava eu e a ela, levava a gente para cozinha, as outras meninas não, porque só ficava mulher.*
- *Quando eu tenho oportunidade, eu batalho. Sabe? Igual agora. Eu faço o possível para não pegar "DP". Eu estudo, todo mundo fala para mim que eu sou bitolada na faculdade, fala, porque eu tenho mais dificuldade que os outros.*
- *Ela tirou essa possibilidade. Então, tudo que na minha vida hoje está relacionado a isso, então a faculdade, eu acho que é a minha liberdade. Eu vou me livrar. Eu acho que no dia que eu me formar, eu vou, falo para as meninas: gente, eu vou chorar tanto no dia da colação de grau, porque eu vou levantar esse diploma. Assim: eu fiz por mim, é a única coisa que eu fiz na vida. Porque o resto não. O resto tudo foi, eu fui vivendo, sabe? Eu fui deixando a vida me levar. Eu não fui fazendo nada por mim. Eu tinha as responsabilidades, eu tinha que fazê-las e fui levando.*
- *Nós* [ela e a irmã] *criamos um filho* [referindo-se ao pai].
- *Eu estou vivendo um momento que eu quero me formar. A minha prioridade hoje é o estudo.*

4. Medos

- *Eu tinha amiga que não entrava na minha casa. Amiguinha assim, da rua, que não descia*

na minha casa porque falava que minha casa era assombrada. Ela tinha, eu também, tinha pavor de entrar no banheiro.

- *No começo, tinha, de madrugada; eu ficava a noite inteira com vontade de ir no banheiro, mas não ia. Porque você fica vendo a imagem muito tempo. Toda hora que você entra, era o mesmo banheiro. Então toda vez que você entrava no banheiro, você, eu via aquela mesma imagem, aquilo, é difícil. Até hoje eu tenho essas coisas.*
- *É; tudo o que aconteceu de ruim na minha vida foi porque minha mãe morreu. Tudo eu relaciono. Tudo o que eu não fiz por mim foi por causa dela.*
- *Eu queria trabalhar para ter o meu dinheiro. Porque eu não queria se, eu não ia mais saber viver sem dinheiro. Então, eu não fiz faculdade, por causa dela.*
- *Porque assim, eu me viro sozinha, mas eu acho que não sei viver sozinha. Eu me viro, eu morro de medo de ficar sozinha. Eu morro de medo de acontecer uma coisa assim.*
- *O* [nome do marido] *estava se descobrindo, então eu sempre tive consciência de que, um dia, ele ia talvez ver que eu não sou a mulher. Assim, ele me vê mais como mãe do que como mulher. Então, um dia, ele pode aparecer uma menina na vida dele, que tenha. [...] Eu sempre tive muito medo nem eu falo, nem é de perdê-lo, mas é de ficar sozinha.*

4.1 Medo das repetições do ato suicida

- *Minha irmã tinha uma mania. Toda vez que a gente brigava quando era pequenininha, minha mãe, minha irmã se trancava no banheiro. [...] A gente morria de medo dela fazer a mesma coisa que a minha mãe fez.*
- *Ela fala assim para mim: "Você tem coragem de fazer o que a mamãe fez?". E eu falo: "Não e você?". Daí ela fala: "Eu não, credo!"*
- *Trabalhava na cozinha também. Só que minha mãe foi, era cozinheira profissional, minha irmã era copeira. A minha irmã, hoje, é técnica em nutrição. Hoje, ela é chefe numa cozinha de hospital também. Nunca mais saiu da cozinha do hospital.*
- *Mãe! Ele* [marido] *viu em mim a mãe. Até hoje. Porque ele fala que eu sou tudo o que ele tem. Ele fala que, sem mim, ele não é nada.*

4.2 O medo de repetição com o filho: não quero ser mãe

- *Então, será que eu vou saber ser mãe de verdade? Será que eu tenho condições de criar, de educar? O meu maior medo é esse. Eu acho que a gente não tem. Eu acho que ninguém tem um método certo. A gente não tem manual, mas, ai, eu morro de medo. Aí, eu não sei se eu tenho medo de ter um filho parecido comigo.*
- *Eu sofri, eu sofro tanto, às vezes, por nada. Eu tenho uma coisa assim de criança; eu me fiz, eu me questionei tanto quando eu era novinha. Eu fiquei tão perdida. Teve uma época na minha vida que eu me senti tão perdida. É, eu tenho medo do meu filho ter todas essas e eu não ser capaz de corresponder.*
- *Se eu tivesse orientação da minha mãe, não teria acontecido com a minha vida. Eu tenho certeza. Eu acho que é falta de orientação. Tudo o que a gente já passou também.*
- *Mas eu fico pensando: "Ai, não é possível. Amor de mãe, eu acho que eu não quero ser mãe por causa disso, porque amor de mãe tem que ser mais forte".*
- *Eu acho que eu vou falhar como mãe; eu não tive referência. Então eu não sei se eu sei*

criar um filho. Eu não acho que isso é instinto, a gente em que tudo na vida da gente tem que ter referência.

- *Mas o* [nome do marido] *não quer que eu tenha filhos também. Eu já não quero, mas só que ele também não quer.*
- *"Você é mais velha, você tem que olhar a sua irmã." Eu tive que assumir responsabilidade. "Cuida da casa, faz isso, faz aquilo", porque ela morreu.*
- *Eu não me vejo mãe. Eu não sei se eu saberia tratar. Eu acho; todo mundo fala assim, que mãe é instinto. Para mim não é. [...]Aí é estranho. Esse negócio de ser mãe, para mim, não está muito difícil.*
- *Não cabe* [ser mais mãe]. *Acho que não está. Eu falo para as meninas: eu acho que tudo tem seu tempo. Pode ser que eu me forme, porque eu acho que a mulher nunca fica satisfeita mesmo. Que eu comece a trabalhar e que eu queira um filho. Eu falo: agora, nesse momento, para minha rotina, não cabe. Não cabe, porque eu já tenho que me virar nos trinta para cuidar da casa, e do estudo.*

5. O conhecimento

5.1 Os conhecimentos dos outros

- *O povo foi levar os filhos na escola e comentavam todo o tipo de coisa que você podia imaginar. E a gente escutando e eu e minha irmã ali.*

5.2 O conhecimento postergado

- *Na verdade eu não fiquei sabendo na hora que a minha mãe. A gente até desconfiava, mas meu pai inventou uma historinha bonita. [...] Eu fiquei sabendo com 12 anos, quando meu pai sentou com a gente, foi quando ele foi tirar os ossos dela, aí ele que falou. "Vou contar a verdade porque eu não aguento mais; a mamãe cometeu suicídio ninguém sabe o porquê". [...] Ele só contou também, porque ele foi tirar os ossos dela, e a gente tinha ido almoçar na casa da minha tia ou estava voltando, eu não lembro bem. E a dona do bar, passou a mão na minha cabeça e falou: "Por que que ela fez isso?". E aí eu perguntei: "O que ela fez? O que que ela fez que todo mundo fala que ela fez? O que que ela fez?" Aí ele falou: "Não sei por que, mas ela quis morrer". [...] Aí ele contou. O pai foi tirar os ossos dela, parte no dia anterior ou aquele dia mesmo e ele, ele falou: "Protelei muito".*
- *É meio tabu isso na minha família. Essa conversa. Tanto que minha família por parte do meu pai ficou sabendo o ano passado que minha irmã sabia que ela tinha cometido suicídio; todo mundo achava que o meu pai não tinha contado para gente, porque ninguém toca nesse assunto. Porque se toca, também, é um "chororô".*

5.3 O conhecimento que fala de todos menos de si

- *Meu pai não, meu pai tem um luto patológico, meu pai nunca mais se envolveu com mulher nenhuma.*
- *Meu pai, assim, santificou minha mãe, ele colocou minha mãe no altar.*
- P – Porque é interessante que você falou da vida do teu pai, falou da vida da tua irmã. C2 – *Mas não falo da minha. É, então. Ah! Eu não sei, eu não acho que eu me cobro demais, assim, porque eu queria, eu acho que eu queria ser uma pessoa melhor. Eu acho que eu fui fazer psicologia por causa disso. Eu imaginei que a minha vida mudar, e não muda. Isso*

que é, porque a gente é o que é. Acrescenta; eu acho que o curso está me acrescentando bastante coisa, mas eu não estou mudando como pessoa. Porque eu queria mudar como pessoa, assim. Eu queria ser menos, eu não sou satisfeita com as coisas, sabe? Eu vou, tudo o que eu queria na minha vida era casar, ter minha casa, tudo. Aí, às vezes, eu me vejo cobrando o [nome do marido] *de coisas que são minhas, não são dele.*

- *A família dele toda é* [da mesma religião], *a mãe é, a tia é mãe de santo, eu acredito que a minha sogra teve muito problema, porque minha sogra ela era muito esse negócio de droga, ficou trocando muito de mãe de santo...*

6. Mãe: quem foi você? O que poderia esperar de você?

- *Eu não tenho ela..., você não vê a expressão no rosto dela. Minha mãe era uma pessoa... Todo mundo que conhecia minha mãe fala: "Sua mãe era muito fechada". Assim, você não sabia se ela estava feliz, se ela estava com problema, se ela estava bem.*
- *Eu meio que apaguei da memória a minha mãe. Assim, eu não tenho muita lembrança da minha mãe, assim. Parece que a minha vida começou depois que ela morreu.*
- *Mas eu não lembro da minha infância. Eu vivi muito tempo com ela, tinha nove anos. A minha irmã, às vezes, comenta coisa comigo e eu falo: "Não lembro". Nem assim, eu preciso olhar para a foto, já sonhei duas vezes com ela, mas nos meus sonhos, eu não vejo o rosto dela. Só vejo partes do corpo e, quando eu olho para ela, não é ela. Não é o rosto dela.*
- *Se eu tivesse que tirar algum nome eu ia tirar o* [sobrenome do meio - o da mãe]*, porque não fez parte da minha vida. Eu falei: "Pai, não estou falando mal dela, só estou falando que se fosse para tirar o nome de alguém, eu tiraria o de quem não fez parte da minha vida". É da minha mãe. É muito estranho. Porque é como se ela não fizesse parte da minha vida. Eu não sei por que, mas é como se ela não fizesse parte da minha vida.*
- *Eu tive várias mães substitutas. Porque você vai, acho que o povo tem dó: "Ai, eu vou pegar você e vai ser minha filha", então, por mais assim, eu nunca consegui chamar ninguém de mãe. Eu tenho pessoas que fizeram papel de mãe na minha vida. Só que mãe é única.*
- *Ai, me socorre se estiver me ouvindo, se estiver perto de mim, me ajuda. Me tira dessa. Eu sempre falo. Minha mãe não teve salvação. Ela só teve se ela se arrependeu. Isso a gente não tem como saber, porque o suicídio é uma coisa imperdoável. Na Bíblia. Só Deus dá, só Deus pode tirar. A gente não pode tirar a vida. Então, se eu penso nisso, eu acho que eu faço isso mais quando eu estou desesperada mesmo. Eu falo: "Mãe você está perto de mim?". Se você estiver me ajuda, porque acho que só você, porque eu acho que as únicas pessoas que não fazem mal para gente são os pais".*
- *Eu sempre agradeço a Deus; e nunca agradeço* [a ela, mãe]*; se eu confiasse mesmo, às vezes, eu estou tão desesperada, eu peço ajuda para ela, não peço? E por que que eu nunca agradeci? Eu não, eu me livro sempre. Sempre me livro, mas eu nunca falei:* "*Mãe, obrigada*"*. Não, eu sempre peço ajuda e eu falo: "Você está perto de mim? Se estiver, me ajuda. Me livra dessa*"*. Mas, nunca, eu não sei se é por, ah! não sei se é carência, vontade de ter, sabe?*
- P – E qual que é a falta maior que você teve da tua mãe? C2 – *Ai, de chamar de mãe. Eu acho tão bonito sabe? Todo mundo chama, quando chama assim: 'Mãe'. Eu acho que uma coisa que eu mais senti falta de chamar. Ter alguém para chamar de mãe. Falar, mãe.*

Porque eu acho tão bonito quando a pessoa chama de mãe. E para conversar mesmo, sabe? Para te dar uma palavra; não é nem para fazer as coisas. Eu não queria nem ter uma mãe para me fazer as coisas, para fazer comida, nada disso. Eu queria para poder chamar, conversar, para, às vezes eu vejo, tem muitas meninas na faculdade que tem mãe que são amigas mesmo. Sabe, a [nome da amiga]*, a mãe e ela são amigas; uma liga para outra e uma fala: "Mãe estou com saudade", porque uma mora aqui e a mãe mora no interior. Elas se veem todo final de semana, mas, às vezes, a mãe, manda uma mensagem falando: "Filha eu te amo, a mamãe está com saudade". Quando a* [nome da colega] *não vai embora no final de semana, ela fica mal. A mãe dela fica muito mal. Aí ela fala: "Nossa! Minha mãe é totalmente dependente de mim; quando eu me formar se eu quiser ficar aqui...". Aí eu queria, eu sinto falta disso, eu sinto falta dessa coisa de mãe.*

7. Lembranças emprestadas

- *Eu lembro que eu fiquei à tarde, eu tenho, assim, é relance do dia. Eu lembro de algumas coisas que aconteceu no dia.*
- *Quando o meu pai chegou ela já estava caída no chão. Que daí a imagem que eu tenho. Meu pai abrindo a porta do banheiro, ela já deitada, ela bateu a cabeça, porque ela perdeu toda a força, ela esperou sair todo o sangue, até onde ela teve força, ela segurou. Aí, para não gritar ela mordeu a língua, então a imagem que eu tenho é ela com o dente quebrado, com a língua para fora e um corte bem pequenininho aqui no pescoço, que aí nós vimos bem. Aí meu pai pegou na minha mão e da minha irmã e saiu correndo gritando: "Minha esposa, minha esposa" e caiu desmaiado no portão.*
- *Eu lembro que quando meu pai desmaiou, eu voltei lá para dentro de casa. Eu voltei para dentro de casa e falei para a minha mãe: "Olha, mamãe, não morre". Porque eu ajoelhei perto dela, que daí eu vi o corte e o banheiro estava lavado de sangue. Daí me tiraram de lá e levaram para a casa dessa vizinha.*
- *Aí eu lembro que eu era tão pequeninha que pegaram, levantaram assim eu vi ela no caixão.*
- *Ela* [a irmã] *lembra de coisas que eu não lembro.*
- *Eu lembro que quando minha mãe fazia algumas coisas, que ela vivia na casa dos padres, na igreja, eu sempre estava junto.*
- *A gente fala, daí ela* [irmã] *fala um monte de coisa ela lembra que eu não lembro. Eu falo: "Não lembro disso". Ela: "Mas eu lembro". É muito engraçado, porque eu lembro das coisas que a minha mãe fez assim: quando um dia que ela ficava de castigo. Eu lembro de uma surra que a minha mãe me deu, a gente aprontou alguma coisa e minha mãe correu atrás de mim e atrás dela e nós corremos pela casa.*
- *Não lembro, só lembro do dia da morte; dela estar estranha, então eu tento lembrar, eu tento, não consigo, assim, ela e eu com ela. Não lembro, não lembro de um carinho, não lembro de nada, não lembro da voz dela, não lembro dela, do rosto dela, eu tenho que ver em foto, se eu vejo na foto eu lembro.*
- A*s fotos... ela está do lado, mas eu não estou, nenhuma foto, assim, eu estou no colo, só essa que eu estou de mão dada com ela.*
- *Tem semana que eu não paro de pensar naquela imagem da minha mãe. Já, às vezes, eu estava trabalhando assim, e indo trabalhar e no ônibus, eu começo a ver aquele dia. Eu fico pensando, como que alguém tem coragem de fazer isso.*

- *Eu lembro de algumas vezes minha mãe, a gente pequenininha, é outra lembrança que eu tenho. A gente está num lugar, eu acho que era mesa branca aquilo, porque a gente sentava assim: era igual uma igreja, mas era escura e eu lembro que minha mãe ficava sentada numa cadeira, eu, meu pai e minha irmã, sentava assim, tipo no primeiro banco e um cara faz, passando a mão assim na minha mãe, minha mãe chorava muito. Acho que ela estava tomando passe, não sei.*

8. Os sobreviventes que se unem: proximidade com o pai e com a irmã

- *Eu não conhecia meu pai antes da minha mãe morrer, porque meu pai era aquela pessoa que eu tinha como brava, que chegava no fim de semana sempre trazia doce, mas que a minha mãe sempre falava: "Ó! O pai vai brigar".*
- *Eu falei: "Pai não estou falando mal dela, só estou falando que se fosse para tirar o nome de alguém, eu tiraria o de quem não fez parte da minha vida, porque o senhor fez muito mais parte da minha vida do que ela".*
- *E minha irmã, eu tenho assim: a gente conversa muito sobre a minha mãe. A gente fala muito. Eu acho que a gente se criou. Ela fala até hoje: "Eu não vivo sem você". Eu falo: "Nem eu". A gente sempre se defendeu muito do meu pai. Se unia as duas, é assim: às vezes eu estava discutindo com o meu pai, ela não se metia na briga, mas ela ficava: Para e ficava sempre do meu lado. "Para de brigar vocês dois, mas que coisa". Sempre do meu lado, sabe?*
- *Dia das Mães, esse ano, a gente passou na casa de uma tia minha. E ela chegou, todo mundo achou engraçado, estava todo mundo na sala. Daí ela falou: "Feliz dia das mães"; daí eu falei: "Para você também". Daí todo mundo: "Que estranho". Porque daí eu falei: "Não; porque é. A gente foi uma a mãe da outra". A gente foi assim.*
- *Quando menstruou, eu esperei ela para menstruar. Ela menstruou com 13, mas, é, a minha menstruação veio numa semana, a dela veio na mesma semana. Eu esperei ela para menstruar.*
- *Eu fico pensando no sofrimento do meu pai. Eu fico pensando de tudo o que ele já passou na vida. Assim, que mal que o meu pai fez para ter uma vida tão sofrida do jeito que o meu pai teve? Que tudo aconteceu com o meu pai. Tudo. Ele perdeu uma mulher do jeito que perdeu. Ele caiu, se machucou, depois foi expulso de casa; hoje não, hoje eu falo assim, que eu sempre, eu e a minha irmã sempre falamos assim: "O pai um dia vai estar bem".*
- *O meu pai é a melhor pessoa que eu conheço. Meu pai nunca falou mal de ninguém. Meu pai vivia a vida dele sabe, é assim, ele é honesto, é trabalhador, ele trabalhou 23 anos no hospital, recebeu até uma placa, é todo mundo que conhece o meu pai, fala: "O seu pai é maravilhoso".*
- *Eu casei com ele porque meu pai foi minha referência. Porque ele é, eu falo sempre para Deus, eu quero uma pessoa que seja 80% do meu pai. Ele me deu 100. Porque ele é igualzinho meu pai.*
- *Todo mundo, todo mundo admira muito o meu pai.*
- *Hoje em dia, eu sou mais amiga do meu pai, hoje eu consigo conversar com ele, certos assuntos.*
- *Eu sempre tive essa coisa. Eu vou casar e vou deixar meu pai? Sozinho?*
- *Até para casar eu tinha dó. Eu vinha todo dia, um ano eu fiquei vindo todo dia, para fazer jantar.*

- *Eu falo para minha irmã, eu sempre falo para minha irmã: "Oh, o pai é mão de vaca", porque o pai não, eu falei: "Graças a Deus, desde quando eu saí de casa, nunca precisei de ajuda, mas se um dia eu precisar, é nele que eu vou correr, é nele".*
- *As únicas pessoas que eu sei que não vão me prejudicar, nunca , é você e o pai. Então, é só vocês que eu conto, conto com o* [nome do marido] *sim, também, mas eu sei que as únicas pessoas que não vão me prejudicar são vocês..*
- *Ah, quando eu tinha acho que uns 20 anos. Eu sempre sonhava: vou casar, vou ter três filhos, que, eu ouço as meninas falarem hoje, a mesma história. Mas você vai priorizando outras coisas. Hoje eu quero me formar. Eu quero. A primeira coisa que eu quero fazer é entregar esse diploma na mão do meu pai. Eu falo para ele: para de beber um pouco, pelo amor de Deus. Porque faltam dois anos e eu quero entregar meu diploma na sua mão. Mas você tem que estar lúcido igual o senhor é agora. Então, a primeira coisa que eu quero fazer, porque eu vou dedicar totalmente esse diploma para o meu pai e para o* [nome do marido]. *Assim: eu fiz, não para vocês, fiz por mim, mas eu sei que isso vai deixar eles muito felizes. Assim, meu pai principalmente.*

9. Se a minha mãe estivesse viva...

- *E eu tenho comigo que a minha vida seria completamente diferente se a minha mãe estivesse viva.*
- *Então eu não sei como seria a minha vida com a minha mãe. Então, eu acho que eu lamento por não ter tido essa oportunidade. Eu acho que é muito difícil, se eu tivesse a minha mãe, eu acho que eu nunca pensaria na possibilidade de não tê-la. Então, eu não ficaria lamentando: como seria a minha vida sem ela não... mas, o contrário é horrível isso. Você pensar que você poderia ter tido outra vida, de não ter cometido aqueles erros; eu teria outra possibilidade de fazer outra coisa; a minha vida poderia ser diferente.*
- *Eu acho que como pessoa minha mãe só me acrescentaria. Eu acho se ela estivesse presente, ela ia me proteger; eu ia ser uma pessoa diferente do que eu sou. Eu tenho certeza. Se eu tivesse a orientação dela, talvez eu teria conversado com ela: "Mãe, eu estou grávida", e aí? Poderia ter acontecido, mas eu acho que aconteceria outras coisas. Ou o meu relacionamento, que foi ruim, meu relacionamento com o* [nome do segundo namorado] *foi ruim. Porque foi um relacionamento que só me trouxe sofrimento; eu não conseguia sair daquele sofrimento; eu falava, eu sentava, às vezes, no banco da praça, falava: "Mãe, por que que eu sofro tanto? "Por que que eu gosto de sofrer?" Eu sempre pedi muito a ajuda dela. Eu sempre falei assim: "Por que que você não está aqui do meu lado para falar: 'Filha, não é assim'". Porque pai não é a mesma coisa.*
- *Eu não sei se minha mãe me daria tudo. É, não sei. Se ela estivesse viva, será que ela seria minha amiga? Será que ela me daria abertura para conversar com ela? Ou não? Eu não sei, eu nunca vou saber.*

10. O processo de luto

10.1 Enfrentando o suicídio

- *Quando passa por uma situação dessa, desestrutura totalmente a família, e a gente sempre fica perguntando por que a pessoa faz isso. Será que ela me amava?*
- *Sempre fiquei me perguntando, eu converso muito com a minha tia que é irmã dela. Como*

eram crises; assim que eu acho que minha mãe era bipolar, não tenho certeza, mas como eram crises que aconteciam, às vezes episódios uma vez por ano...

- *Quer dizer, então não sei nem onde minha mãe está enterrada. Eu sei o cemitério, mas eu não sei nem o local. Que a gente não foi no enterro.*
- *Eu sempre fiquei perguntando: por que eu fui sorteada? Sempre fiz essa pergunta: porque eu? É tão difícil acontecer esse tipo de coisa, foi acontecer justo na minha família. Então eu não sei se eu elaborei bem o luto. Eu não sei se eu tive elaboração, um luto.*
- *Ah, lembrar de tudo que a gente passou. Como foi difícil essa fase. Assim, esse começo. Porque perde o chão.*
- *Quando você é criança, você meio que não entende direito. Então, você supera. Me contaram uma história bonitinha, a mamãe foi morar no céu. Ah! Você acredita e vai viver a vida. No mesmo dia eu estava brincando, não estava? No outro dia? Eu tinha acabado de ver minha mãe com o pescoço cortado, um monte de sangue, mas a menina montou a piscina, colocou um monte de patinho. A gente não queria saber. É muito mais fácil; quando ela me contou lá, a gente chorou na hora. A mamãe foi morar no céu. Choramos, mas não é. A ficha vai caindo com o passar do tempo. Quando você perde assim, só que quando é criança, supera muito mais rápido. Fico pensando: já que ela tinha que fazer, às vezes eu agradeci: ainda bem que fez naquela época. Se ela tivesse feito quando eu tinha 15 anos. Eu não sei se eu teria a mesma estrutura hoje. Eu não sei se eu entenderia. A toda revolta que eu passei, eu acho que ela foi por fases, assim. Foi passando. Dos nove, nos dez, aí 12 anos, meu pai conta. A gente, eu fui mastigando aquilo. E se fosse assim, com 15, 16, com 20 e poucos anos? Será que eu teria a mesma, porque quanto mais você convive, menos, acho que menos você entende. Você fala: "Como isso?". E já que ela tinha que fazer, que ela fizesse; acho que ela fez na época certa.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Dez temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de sua mãe ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Intensidade dos sentimentos e sofrimento; (2) Culpa; (3) Responsabilidade; (4) Medos; (5) O conhecimento; (6) Mãe: quem foi você? O que poderia esperar de você?; (7) Lembranças emprestadas; (8) Os sobreviventes que se unem: proximidade com o pai e com a irmã; (9) Se minha mãe estivesse viva; (10) O processo de luto.

O único conhecimento que tem é que a mensagem deixada no bilhete do bolso da calça de sua mãe estava escrito *Eu amo vocês*. Apesar de sua mãe não ter deixado nenhuma explicação, várias elucubrações e comentários foram levantados sobre o motivo do suicídio, como por exemplo: a traição de seu pai (fato que não condiz com a realidade). Talvez a maior violência sofrida tenha sido o fato de vizinhos, amigos e familiares apresentarem vários motivos para a morte de sua mãe: *Igual, eu escutei falar muita coisa. Que meu pai pegou, minha mãe pegou meu pai com outra na cama. Isso é mentira, porque isso a gente estava lá. Meu pai fazia tudo pela minha mãe.*

A colaboradora detalha extensivamente as histórias da irmã, pai, marido, sogro, sogra e, não falar da própria vida, ilustrou a confluência pela qual ela se percebe misturada tanto em relação aos seus papéis na família quanto em relação ao lugar que ocupa, ora dizendo que sua irmã e

ela criaram um filho, referindo-se ao pai, ora mencionando sua percepção de que o marido a vê como mãe. Além disso, percebe-se o desvio da energia, mecanismo denominado de deflexão pela Gestalt-terapia, quando atrela sua história às histórias do grupo familiar. Em contrapartida, a falta de articulação das vivências em seu depoimento, oferece a impressão sobre sua dificuldade em identificar o que lhe pertence e o que pertence às outras pessoas, pois assuntos sobre as maneiras de ser das pessoas e acontecimentos (estado atual da irmã, pretendentes do pai, ambição profissional do marido, relação entre o marido e a sogra, relação entre sogra e as drogas, a morte da sogra) surgiam em momentos diversos afastando-se de si.

Sua afirmação – *Vê o que acontece na minha família; aconteceu em toda, acontece normal, é normal; você olha para minha família, você olha para qualquer família* – causou certa estranheza para a pesquisadora, pois menciona que o que aconteceu em sua família, acontece em todas. Como pensar que o suicídio seja uma situação normal? E, quando afirma isso, reflete-se então, que o sentido da normalidade para ela é uma negação ou significa a necessidade de pertencimento e de se aproximar de outras vivências de famílias que não enfrentam a morte por suicídio.

Percebe sua mãe como: guardiã, ajudante, aquela que atende a seu pedido, um nada ou como alguém que poderia protegê-la. *Mãe, quem foi você?* – é a pergunta que se tornou figura na análise do presente depoimento. Lembra-se de poucas vivências com sua mãe e, ao mesmo tempo, não tem certeza daquilo de que se lembra alegando: "*Tem coisas que eu não lembro. Não tenho lembrança assim, se ela era mesmo*". O conhecimento de quem era sua mãe parece ter sido construído por aquilo que os outros contaram, ou seja, emprestou as lembranças de outros para construir a identidade de sua mãe e para que pudesse conceber sua própria referência e, em momentos de desespero, pede ajuda para sua mãe: *mãe você está perto de mim? Se você estiver me ajuda, porque acho que só você.*

Acredita que tudo seria diferente se sua mãe estivesse ainda viva. Mas como saber se aquilo que viveu foi a única vivência que teve? A palavra "se" surgiu várias vezes em seu depoimento. Afirma que tudo acontecera por causa do suicídio de sua mãe e que, por isso, *foi levando sua vida* como pôde. Ajustou-se criativamente e aprendeu a ser uma pessoa que nutre, alimenta e cuida dos outros e, pela primeira vez, encontrou uma oportunidade de fazer algo por ela: formar-se e disponibilizar seu tempo para a faculdade.

Pede e não agradece: *Eu nunca falei: mãe, obrigada*. Brincando com a palavra "obrigada", pode-se pensar que, em vez de sentir-se agradecida pelo fato de sua mãe não estar fisicamente presente, fora obrigada – no sentido de obrigação – a acentuar sua responsabilidade. O senso de responsabilidade ficou evidente quando deparou com o pensamento ao se casar: *Eu vou casar e vou deixar meu pai? Sozinho? Até para casar eu tinha dó. Eu vinha todo dia; um ano eu fiquei vindo todo dia, para fazer jantar*.

Escolheu a profissão da psicologia não por causa do suicídio de sua mãe, mas, sim, por causa da experiência de psicoterapia que realizou em decorrência do suicídio: *Eu falava: vou ser igual*

ela. Ser igual à psicóloga pode significar que encontrou uma referência e, por considerá-la *o máximo*, a influência pode ter facilitado sua reorganização da experiência tão desestruturante que foi o suicídio de sua mãe. Contudo, há de se pensar que a formação em psicologia seja uma maneira de elaboração do luto.

Destaca seus medos: do banheiro, de ficar sozinha, de seu marido perceber o papel materno que desempenha e encontrar outra mulher e o de ser mãe: *Será que eu vou saber ser mãe de verdade*? *Será que eu tenho condições de criar e de educar? O meu maior medo é esse [...] Aí, eu não sei se eu tenho medo de ter um filho parecido comigo*. O impacto do suicídio parece recair em seu medo de ser mãe por não ter certeza de saber cuidar, assim como não foi cuidada. A escolha de não ter um filho parece ter o apoio de seu marido, uma vez que também julga que perderá seus privilégios de cuidados: *Nem entra no negócio de bebê* [nome do marido]. *Não entra que você vai ter que abrir mão de suas Traquinas* [bolachas]*, você vai ter que abrir mão do seu Danoninho* [iogurte]*; tem que abrir mão de todas as suas coisas*.

Talvez seu medo seja acentuado pelo significado que atribui para mãe: "*Nada*". Sendo assim, a falta de referências de quem foi sua mãe e a convicção de que o papel materno não pode ser substituído, parece provocar a fantasia de que seu filho possa ser parecido com ela – tanto em relação ao sofrimento quanto ao fato de se sentir muito perdida.

"O desamparo implica que o ser humano escolhe seu ser" (GILES,1989, p. 280) e como apontado anteriormente, desamparada e sem compreensões tão esclarecedoras sobre a morte de sua mãe, aprendeu a realizar aquilo que menos teve: cuidar, alimentar e nutrir.

Sinaliza que ficou mobilizada ao participar da entrevista. Percebeu a entrevista ansiógena e, ao mesmo tempo, mobilizadora por se referir a falar com uma psicóloga.

O luto é evidenciado pela intensidade de seus sentimentos, pelas poucas lembranças que tem de sua mãe, pelas histórias que ouviu sobre ela, pela aliança entre seu pai e sua irmã, pela sua maneira cuidadosa de ser e pela mãe que se tornou para outras pessoas com quem se relaciona. Relata que seu luto não foi elaborado por ser criança (9 anos quando sua mãe cometeu o suicídio) e que não compreende os motivos pelos quais sua mãe se matou. Entretanto, há de se ponderar que a não compreensão não significa não elaboração.

Feedback da análise 2 (Enviada por C2 em 15 de junho de 2012):

Prô OBRIGADAAAAAAA! Fiquei emocionada com sua análise.

Não só concordo, como também agradeço o privilégio de fazer parte deste lindo e competente trabalho. Se precisar de alguma coisa que esteja ao meu alcance, pode contar comigo sempre. :)

Beijinhos...

SOBREVIVENTE 3: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 3
C3: 36 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade que tinha quando o suicídio aconteceu: 24 anos (27 de outubro de 2000)
Pessoa que cometeu o suicídio: pai
Método do suicídio: enforcamento
Local da entrevista: universidade onde faz mestrado
Tempo total de entrevista: 2 horas 07 minutos 22 segundos
Análise enviada em: 11 de setembro de 2012
***Feedback* da colaboradora:** 12 de setembro de 2012

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

A terceira colaboradora tem 36 anos de idade, é brasileira, casada, sem filhos. Seu pai cometeu suicídio por enforcamento, quando ela tinha 24 anos de idade. É a caçula de cinco irmãos. Enviou um *e-mail* dizendo que teria disponibilidade para ser entrevistada, pois era filha de uma pessoa que cometera o suicídio. Soube da pesquisa por uma amiga e foi solícita para combinar a entrevista, que aconteceu na faculdade onde estuda.

1. Estresse anterior ao suicídio

- *Sempre muito alterado, muito estressado, assim, não bebia, entendeu? Nada disso. O próprio jeito dele* [pai], *assim muito alterado. Não sabia sentar e conversar com a gente.*
- *[...] era um estresse infernal, a vida toda foi assim. Sempre muito estressante e desgastante.*
- *Aí eu acabei voltando para casa. Fiquei em casa, aquele estresse de novo com o pai, não deu certo. É que de novo ele entrou em crise, porque eles construíram uma segunda casa [...]. Venderam e construíram, aí ele entrou em crise de novo. Ele foi parar no hospital e começou todo o estresse. Minha mãe já não deixava mais ele sozinho, sabe? É revoltado com tudo. Ah, chorava, muito, sabe?*
- *A gente foi ver ele no hospital e eu me lembro* [de] *que tentei conversar com ele, tentei me aproximar dele e ter uma conversa diferente, que a gente nunca teve. Esse tipo de conversa de amigo, de pai para filho, algo do gênero, entendeu? Porque não tinha, não era concebível isso.*
- *[...] em todas as crises, a mãe tentando levar para uma psicóloga.*
- *Muito estresse, sabe? Muito desgaste.*
- *A gente não podia fazer nada de errado que ele batia. Batia desencadeadamente, assim, muito na gente. A gente apanhava muito.*
- *Italiano emotivo e estressado.*
- *E qual era a revolta? Éramos nós? Era a mãe, ele não podia* [se] *separar? O que é que era? Por que ele fazia isso? Por que diante dos olhos era uma maravilha, diante dos olhos dos outros e em casa não era?*

- *Hoje eu vejo que a sensibilidade que ele tinha para fazer o vinho, ele não tinha nada com a gente com isso.* P – Além da receita do vinho, o que você acha que ele deixou de dar? C – *Eu acho que só carinho.*
- *Aos olhos dos outros ele* [pai] *era uma coisa, em casa ele era outra.*
- *Mas aquela coisa de carinho, de pegar, de abraçar, de dar, de um dar colo, sabe? Isso a gente não tem.* [Referindo-se ao relacionamento entre irmãos].
- *Por mais que o médico te diga, tu acha que não vai acontecer contigo [...] Que não era para deixar ele sozinho, não era para deixar ele sozinho, porque poderia vir a acontecer o suicídio.*
- *Porque tu fica pensando todas as possibilidades e a minha irmã falou para mim: "Tu fica bem quieta, tu não pode opinar nada, que quando tu chegar aqui, se ele morrer, ele já vai estar duro". Sabe? Então, tipo assim: por que eu vou me preocupar? Se eu tentei e não permitiram? Tu entende? Então existe um distanciamento, também, sabe? Quer queiram, quer não, foram palavras que me marcaram, que foram pesadas.*
- *Por que não fazer as coisas que não custavam nada, que era pura e simplesmente pelo bem de todo mundo? Por amor, digamos assim, não fazer, birrar, não. Tinha que ser do jeito que ele* [pai] *quisesse, as coisas não podiam ser diferentes. Se fosse diferente, já saía gritando, estressado e brigando, e depois as coisas aconteceram do jeito que a gente queria. Então, primeiro precisa acontecer o suicídio, para depois as coisas começarem a se ajeitar?*
- *Então é uma revolta mesmo, sabe? Porque cobrou tanto, porque brigou tanto e sendo que agora, as coisas estão acontecendo do jeito que nós queríamos, por exemplo.*
- *As poucas lembranças boas fazem bem a gente recordar. Por menores e por pequenas que elas sejam, faz bem. E, ao mesmo tempo, um estresse, uma frustração, um sentimento de perda, um desgaste.*
- *Então ele tinha certa sensibilidade com os outros, que em casa ele não tinha. Por que ele não parabenizava quando a gente passava de ano? E ele batia quando a gente reprovava? Então o medo de reprovar era por apanhar, não por reprovar.*
- *Eu acho que a vida não é isso, sabe? Não faltava teto, não faltava comida, entendeu?*

2. As situações inacabadas e a busca de motivos, explicações e respostas: Sabe? Entende? Por quê?

- *Eu sempre fico me questionando: por que que ele fez isso com a mãe? Por que ele fez isso?*
- *Eu não sei se ele não via perspectiva de vida.*
- *Então essas coisas me marcaram muito. Por que que ele fazia a gente sofrer tanto? Porque para mim aquilo ali era um sofrimento, tu entende?*
- *Não sei, eu não sei. Na verdade, assim, ao mesmo tempo* [em] *que tem uma coisa que me motiva, que me empurra a pesquisar, tem uma coisa que me afasta [...] Eu acho que me empurra também, por tentar, descobrir ou tentar entender. Na minha concepção, por que ele fez isso?*
- *Tu entende? Então eu não sei até onde vai o meu sentimento de perda, entendeu? Não sei.*
- *É. Porque ele não tinha mais opção de viver, ele não tinha mais. Ele não tinha mais motivo*

nenhum. Eu acho que talvez tenha sido isso que tenha levado ele. Será que foi a falta de opção ou não? Que ele fez...

- *Não sei. Eu acho que eu me sinto mais tranquila pensar que ele não pensou. Que tenha sido assim. Eu acho que foi uma coisa, uma resposta que eu dei para mim.*
- *O que* [é] *que vai ocasionar em mim essa descoberta? O que é que vai desencadear em mim esta descoberta?* [referindo-se a saber o motivo que provocou o suicídio do pai].
- *Ocorreram mais suicídios* [referindo-se aos suicídios na mesma cidade]. *Mas daí até onde eu conseguia ler, eles levantavam muito a hipótese de serem os inseticidas, os venenos usados na lavoura, que poderiam levar ao suicídio das pessoas, sabe?*
- *E quando acontecia, ele condenava isso. Ele não achava isso certo.* [referindo-se ao fato de seu pai condenar os vários suicídios que aconteceram na cidade]. *Aí, por que* [é] *que ele fez? Então, de novo, a gente fica sem resposta. Só que foi tão rápido que aconteceu, nos poucos momentos que a gente conversou, logo depois que ele faleceu, não nos ocorre, principalmente* [para a] *mãe, nenhum momento que ele tenha conseguido deixar tudo pronto para fazer. Porque pensando do jeito que fez, leva a conclusão de que já estava tudo pronto. Mas a gente não consegue ver em nenhum momento de fuga dele, para deixar preparado. Por exemplo, a nona contando: "Ele tirou óculos e botou do lado". Tu entende? Ah, aí ele tinha um saco de sementes que ele subiu e se enforcou.*
- P – Você comentou que você abriu a camisa dele, porque você queria ver. O que levou você a abrir, a querer ver? C – *Sim. Não sei. Talvez até por um momento não acreditar entendeu? Ter que ver, que olhar. Sentir que tinha acontecido isso.*
- *Quando eu penso para tentar encontrar uma resposta para mim, ele fez o que ele queria, porque do jeito que estavam as coisas [...]. Porque alguém que faz involuntariamente não vai dar para tirar os óculos. Me parece. Eu não vi as fotos nem nada. Eu sei porque a nona contou. Então... Não sei.*
- *Eu não sinto liberdade de questionar ela* [referindo-se à mãe], *de perguntar mais coisas.*
- *Então, às vezes eu penso: ah, será que um dia ele não pensou em tudo, um dia não, um determinado período, ele não pensou em tudo o que ele fez, em tudo que aconteceu na vida dele e daqui a pouco ele chegou à conclusão de que ele fez tudo errado e ele achou melhor se matar? Por que ele chegou à conclusão disso? Não se sabe, ou se foi pura e simplesmente a política. Que eu acho que não, que eu acho que aquilo ali foi só o último desencadeamento da depressão, digamos assim, dele. Foi o que desencadeou tudo, porque foi o último episódio que aconteceu na vida. Ele não tinha vergonha, ah... de não dar amor em casa, carinho, mas ele tinha vergonha de perder a eleição.*
- *Será que ele sabia o que ele estava fazendo? [...] eu fico: será que ele sabia? Porque para ele a sociedade foi mais importante que a família dele. Então, será que ele se matou por vergonha? Tu já pensou se todo mundo que não vence na vida, se mata?*
- *Eu acho que essa questão de depressão é mais ou menos isso, porque eu acho que no momento em que nós chegarmos à resposta para tudo, a gente não vai ter mais motivação para viver. Porque o que nos faz viver é a descoberta.*
- *O que estava perturbando ele? Por que ele não queria mais viver com a gente? E, de novo, ao mesmo tempo em que a gente se enche de perguntas, eu volto a me questionar: será que ele sabia o que estava fazendo? Será que ele sabia as consequências que isso está tendo?*

Por que que ele não digeriu isso de uma forma melhor? Por que [é] *que ele não aceitou mais isso? Por que ele ficava bem só enquanto estava dopado?*

- *Porque se fosse uma fuga, se ele tivesse fugido, por exemplo, tu até tenta buscar. Mas daí tu tem um motivo. Eu vou encontrar ele, eu posso encontrar ele. Porque eu não sei se ele está vivo ou morto, porque ele fugiu. Mas como eu sei que ele morreu, quem vai responder a isso? Será que a gente vai se encontrar um dia? Não sei.*

C3 utilizou frequentemente, no final das frases, as palavras: *Sabe? Entende?* E talvez o suicídio do pai tenha motivado a busca de respostas.

3. O peso do suicídio que cala

- *Porque a meus olhos, não sei dos meus irmãos, porque a gente também nunca conversou sobre isso, nós não falamos, sabe?*
- *A gente não fala sobre isso. Eu não sei se é pelo distanciamento que a gente tinha com ele, mas a gente nunca fala sobre isso. Pelo menos comigo, na minha presença, nunca ninguém falou nada e eu também nunca falei nada com ninguém.*
- *A gente não conversou. Logo que ele faleceu, na primeira semana, nós estávamos todo mundo lá, ficou todo mundo em casa. E a gente foi consultar uma psicóloga, aí ela fez tipo uma reunião em família, assim, sabe? Ah... mas depois, como nós não morávamos lá... Ela e o meu irmão mais velho que morava perto, mas eu nunca questionei, eu nunca quis saber, eu nunca falei, nunca falei sobre nada. Ela nunca falou, nunca comentou nada e eu também não vou levantar isso, entendeu? Eu não sei se está fazendo bem, se está fazendo mal, se eu vou tocar no assunto, se eu vou fazer bem ou não, entendeu? Ela está muito bem.*
- *Ninguém fala. Ninguém fala nada. Entre nós irmãs também, assim, nunca ninguém falou nada.*
- *Não. A mãe só diz: "Ê, não vamos levantar coisas do passado. Chega a gente está vivendo hoje e o que passou, passou, chega. Vamos levantar a cabeça". Então, não sei se não é uma forma de meio que de se esconder ou deixar de falar, não querer relembrar...*
- *As pessoas que eu conheço há pouco tempo. Ah, todo mundo vai falar sobre o que o pai de cada um morreu. O meu pai se suicidou. Eu não vou me sentir essa liberdade. Porque a palavra suicídio, ela é muito pesada. A impressão que eu tenho, falando contigo agora, é que vai cair uma bomba na sala de aula. E pode ser que não. Pode ser que tantas outras pessoas dentro da mesma turma que eu tenha passado pela mesma experiência. Então, eu acho que na verdade, por mais estudos que se tenha, ela continua sendo [...] não dá para se chamar de tabu, porque não é mais tabu, mas as pessoas acabam transformando ela numa coisa mais escondida, mais obscura, porque ela acaba pesando.*
- *Foi uma forma de... sei lá, botar para fora. Alguma coisa que não tinha com quem conversar. E eu nunca gostei de conversar com ninguém.*
- *Então, aquele próprio peso de chegar ao trabalho e eu não conseguir omitir ou esconder alguma coisa e ter que contar que ele se matou. Não sei. Só que não me fazia bem contar aquilo, sabe? A gente tinha que se conhecer mais, não tinha porque ele* [marido] *saber. Não. Achei melhor não, entendeu? A gente nunca falou, ele nunca me cobrou, ele nunca me questionou nada, sabe? Meu pai morreu, morreu, acabou, entendeu? E daí antes dele ir lá para* [a casa da] *mãe que eu falei para ele. [...] Não! Eu acho que a princípio me*

parecia que ele não tinha porque saber disso, entendeu? [referindo ao fato de o marido saber sobre o suicídio no início do relacionamento].

- *Para ele* [seu marido] *saber um pouco e depois com o tempo, assim, eu fui contando, mas a princípio eu pedi para ele não me questionar e nada, mas era para ele estar preparado se alguém falasse alguma coisa ou desse alguma indireta ou falasse alguma coisa que ele não estivesse entendendo, para ele não questionar.*
- *Porque é bom e eu estou fazendo aqui, agora, sabe? Parece que eu estou resgatando um pouco, parece que me dá um alívio* [referindo á entrevista].

3.1 Suicídio como morte escancarada

- *Eram onze e meia da manhã aproximadamente e o pessoal, todo mundo trabalhando ainda. Vieram os policiais, todo mundo, sabe? E foi isso. Quando a gente chegou em casa, um monte de gente estava lá. Eu perguntei onde ele* [pai] *estava, porque estava todo mundo lá em casa, ele não estava.*
- *Sempre fica, imagina no interior, todo mundo falando o que quer, o que acha, o que pode, o que não pode, o que deve, o que não deve, sem saber se tem alguém por perto, sem respeitar nem nada.*

4. Lembranças e esquecimentos

- *Bem, eu vou te contar desde quando eu me lembro.*
- *Aí não me lembro* [de] *que horas eram, nem quanto tempo, nem nada; eu fiquei todo o tempo, que eu me lembro, assim, com a mãe perto* [referindo-se ao momento da morte do pai].
- *Não sei o que aconteceu, também, quando a gente se levantou. Não me lembro.*
- *Eu me lembro* [de] *que ele fazia de vez em quando, sabe? Na gente. Mas muito pouco, assim. Poucos momentos.*
- *Não sei. Não sei se dá para chamar de lembrança ou de saudade, não sei o que eu posso chamar, porque são momentos que realmente, são os que me fazem lembrar.*
- *Então, a primeira semana de trabalho foi difícil; eu me lembro* [de] *que* [estava] *muito engasgada, sem fome. Só aquela angústia, aquele mal-estar. Então, aquele próprio peso de chegar ao trabalho e eu não conseguir omitir ou esconder alguma coisa e ter que contar que ele se matou.*
- *Ah, me lembro* [de] *que teve uma amiga que ligou para mim, que ficou sabendo. E eu não consegui falar com ela no telefone, sabe?*
- *E às vezes eu fico pensando, também: será que isso é bom? Será que eu devo apagar? Era meu pai. Como é que eu vou apagar uma coisa que fez parte da minha vida? Até onde eu tenho que apagar isso?*
- *Porque o momento do almoço também era um momento de discussão, era um momento de decisão, era o momento de alguma coisa que tivesse acontecido no dia; a gente resolvia ali na hora do jantar ou na hora do almoço, sabe? Todo mundo presente. Então essa foi a minha criação. Isso que eu levo que foi muito bom, que eu aprendi isso, sabe? Todo mundo sentado na mesa, imagina? Sete pessoas. Mesa cheia. Sabe? É ali que tu aprende que a comida que tu acha que não gosta, que tu nunca comeu, tu pode vir a experimentar e gostar. Sabe? Que é uma lembrança muito forte que eu tenho do meu irmão mais velho,*

que eu sempre dizia: "Eu não gosto de aipim, eu não gosto de aipim". Até que um dia ele pegou e colocou no meu prato: "Experimenta, experimenta, tu nunca experimentou. Como é que tu diz que não gosta?". Sabe? E eu adoro aipim. Sabe? Então são os poucos momentos bons.

- *Eu estava sempre doente, muito doente, quando criança. Muito doente, sempre com muita dor de barriga. Sempre e... náusea e vômito e muita dor de barriga [...] Muito ruim de ver, de lembrar também. E o meu pai não queria me levar para o hospital. Não, eu acho que na verdade era com todo mundo, só que eu* [me] *lembro de mim. Eu era a mais doente, na verdade, eu era a que estava sempre meio capenga.*
- *Ele nunca permitiu, ele nunca queria que a gente aprendesse a dirigir. [...] Eu não sei quem foi de carro para funerária. E ninguém queria levar o carro para casa. Entendeu? Ninguém queria. Aí eu peguei o carro e fui. Eu disse: "Pode deixar que eu levo". E no caminho eu falei sozinha: "Está vendo, nunca deixou a gente dirigir o carro, olha para quem sobrou agora".*
- *Ensinava a contar nos dedos. Eu me lembro* [de] *que isso ele ensinava, eu* [me] *lembro da minha irmã que apanhou porque reprovou.*
- *Eu não me lembro de ter escutado alguém dizer que foi bom.*
- *As poucas lembranças boas fazem bem a gente recordar. Por menores e por pequenas que elas sejam, faz bem. E, ao mesmo tempo, um estresse, uma frustração, um sentimento de perda, um desgaste.*
- *Porque eu me lembro muito bem de quando o nono morreu, o pai do meu pai. Mas eu me lembro, são figuras que marcaram, sabe? Se eu parar para pensar, eu vejo nitidamente tudo o que aconteceu. Sabe? É bem impressionante isso. Todos os momentos, tudo o que aconteceu durante o velório, sabe? Tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. A ida para o cemitério, porque não tinha funerária na época, eles velavam em casa. As pessoas que estavam lá, tudo, eu* [me] *lembro de tudo.*
- *Eu* [me] *lembro dos dois, assim, mas é eu vejo com muito mais cor, o velório e o enterro dele, do pai.*
- *É. Se nós fossemos fazer dois filmes, eu coloco cor na morte do meu avô e deixo em preto e branco a* [do] *meu pai.*

5. A obediente e responsável

- *É. Ela praticamente me criou. Para mim, até uma determinada idade, ela era a mãe* [referindo-se à relação com a irmã].
- *Aí tem eu: a obediente da casa. Que meio que me revolto hoje em dia pensando. Que eu basicamente fazia o que mandavam, sabe? Era aquilo ali, entendeu?*
- *Fiquei acho que menos de um ano trabalhando em casa de família. Depois eu já fui trabalhar no comércio e continuei estudando de noite.*
- *Elas que me sustentaram durante um período, uma semana, duas, 15 dias. Aí consegui emprego, por indicação e tal, fui trabalhando, trabalhando e fui me virando sozinha...*
- *Passei no vestibular, aí eu fazia uma matéria, porque eu não tinha dinheiro para pagar, aí tinha aluguel para pagar. Tinha que me sustentar e a faculdade para pagar.*
- *Por que* [é] *que eu não vou ajudar? Ela está pesquisando* [fala para a pesquisadora,

referindo-se à sua aceitação em colaborar com a pesquisa]*, ela precisa de ajuda, então vamos lá, eu estou disposta, entendeu?*

6. Minha mãe: a preocupação e admiração pela sobrevivente-mor

- *Eu tinha saído de casa, porque ela* [mãe] *sempre nos "empurrou" para que não vivêssemos como ela, para que fossemos em busca de algo melhor.*
- *Porque minha mãe foi sempre meio não de esconder, mas de nos poupar de algumas situações. Então, tipo, uns 15 dias antes de acontecer, ele ficou hospitalizado.*
- *Então era sempre a mãe que dava. Que passava a mão, que unia a família, que conversava e que a vida toda que, desde sempre que eu lembro, ela sempre conduzia a gente a sair de casa.*
- *Então, agora, com aposentadoria, ela recebe tudo; ela continua com o resto da terra, ela planta junto com o meu irmão; eles plantam acácia, que é mato, então a cada seis, sete anos eles, vendem essa lenha. Isso; e ela vai fazendo o dinheiro dela com isso, sabe? Vai vivendo a vida dela. E lá não tem custo de vida, sabe? Porque tudo o que ela quer comer, ela planta, sabe? E ela tem despesa quando a gente vai para lá no final de ano. Então, ela está vivendo, assim.*
- *Tudo o que não podia ser feito eles fizeram, e eu como achava que ninguém tinha me apoiado na saída de casa, sem ser minha mãe, sair de casa sem dinheiro, ralei para caramba.*

6.1 Meu pai não podia ter feito isso com minha mãe

- *Que eu achava que ele não podia ter feito isso* [referindo-se ao suicídio]*, com minha mãe.*
- *Ele não pensou em quem estava ficando. Daí pensando agora, não só na mãe, eu digo a mãe porque eram só eles dois que estavam ali naquele momento, vivendo já, sozinhos. Mas e o resto?*
- *Por que* [é] *que ele fez isso com a minha mãe?* [referindo-se ao suicídio]. *Sabe? Porque quer queira, quer não, por melhor que ela esteja hoje, que ela demonstre estar ou que realmente ela esteja, ela também perdeu.*

7. Depois do suicídio

- *Então, eu ia fazendo do jeito que dava.*
- *Por que as pessoas que ficam sofrem? É que nem eu sempre digo: ele foi, e nós? Ele está descansado, está lá, quieto [...] E a gente fica aqui se remoendo, tentando procurar respostas. Tentando não fazer o mesmo.*
- *Abala as estruturas de todo mundo. Eu, assim, eu me senti sem chão em um determinados momentos, porque, por pior que seja, ele é a tua base: o pai e a mãe são tua família. Não adianta, é tua estrutura, é tua base. Parece que são pilares consolidados – e se quebrar um? Eu me senti, em alguns momentos, assim, pensando comigo sozinha Eu disse: "Bom, agora, eu estou sem, sem estrutura, estou sem base. Eu vou pisar onde?". Ah, tu vê o pensamento que às vezes eu tinha. Ahn, por menos que ele tenha me ajudado, eu ficava pensando: "E se eu ficar sem dinheiro agora, eu vou buscar onde? Eu vou buscar, ah, apoio em quem? Eu vou pedir dinheiro para quem?" Eu cheguei a pensar nisso, sabe? Graças a Deus eu nunca precisei. Porque antes faltava, mas ele estava ali e tinha, pelo menos, a pessoa ali, mas depois não tem mais.*

- *Eu descobri que isso é de plástico, mas se a gente fizer um de papel vai proteger mais a natureza, a gente vai desenvolver o de papel e vai. Sempre uma descoberta.*

7.1 A Intensidade dos sentimentos

- *Eu até fiz e faço ainda acompanhamento psiquiátrico.*
- *Devido a esses fatores todos, eu sempre dizia para mim e para todo mundo que eu nunca iria casar. Que eu nunca teria filhos e que não fazia parte da minha vida. Que se fosse para ter uma vida que a minha mãe teve ou que estava levando não teria porque casar e muito menos porque* [não queria] *ter filho.*
- *E se eu não tivesse condições de dar aos meus filhos o que eu não tive, também não teria. Por que ter filhos? Porque eu penso dentro de uma lógica, não sei se certa ou errada, mas no meu pensamento, ah, se a gente não tem condições de criar, sejam elas financeiras, físicas, psíquicas, a gente não faz os filhos.*
- *A ideia de não ter filho eu continuo. O meu marido que anda me dobrando, ah, né e tal. Ah, eu não sei te dizer.*
- *Essa questão de querer não ter filho, sabe? Ah, quem vai ser o pai desses filhos?*
- *Aí eu fico pensando: será que a gente vai conversar? Isso é uma coisa que eu sempre penso. A gente está vendo novela, filme, coisa assim, aí eu olho para o meu marido assim: será que a gente vai conseguir dar todo esse carinho? Será que a gente vai conseguir conversar com nossos filhos? Será que a gente vai conseguir conversar com eles sobre sexo, sobre drogas? Será que a gente vai ter essa liberdade? Isso é uma coisa que me preocupa e eu questiono muito isso. Será que eu vou conseguir falar? Eu fico cobrando tanto dos outros e será que eu vou conseguir falar? Será que eu vou ser a mãe ideal como eu espero? Eu não sei.*
- *São só uns momentos, assim, mais marcantes que acho que por mais tempo que passe sempre fica alguma coisa, não adianta.*
- *Talvez alguma coisa não resolvida. Pode ser que inconscientemente também, ah...*
- *[...] a palavra suicídio, ela é ainda pesada, ela é forte. Então, mesmo estando tão aberta, ela acaba sendo um peso ainda.*
- *Até algum tempo atrás, eu tinha uma revolta muito grande com isso, sabe? Não de me estressar e tal, sabe? Mas, assim, ah, de mim para ele, sabe? Eu nunca mais consegui ir ao cemitério, por exemplo. Sabe? Por que* [é] *que ele foi fazer isso no momento que eles poderiam viver uma vida melhor, tranquila? Por que eles passaram uma vida inteira trabalhando de sol a sol, entendeu? Criando porco, galinha, cachorro, gato, periquito, papagaio, tudo o que* [se] *pode imaginar, entendeu? Ah, trabalhando desesperadamente para nos criar, para eles terem uma vida um pouco melhor, entendeu? Aí, quando chega num período quando tu, tipo assim, pode respirar... Ele faz isso. Sabe? Então eu me questionava muito.*
- *Tu fica repetindo toda vida. Então é melhor que todo mundo já saiba de uma vez*
- *Que as pessoas usem esse sofrimento, digamos assim, da família, para que não aconteça na família deles. Acho que é isso.*
- *Eu precisava ficar sozinha, tudo fechado, sozinha, sabe? Sem pensar, sem conversar com ninguém. Para tentar aliviar. Dia seguinte acorda, toma banho, vai como se nada tivesse acontecido, pelo menos.*

- *Tu chega em casa e senta todo mundo na mesa para almoçar e ele não está. Então, realmente é um terremoto. Cai uma pilastra, cai um pilar da tua estrutura. Mais ou menos isso.*
- *Porque, na verdade, eu acho que conscientemente mesmo, eu procuro apagar, sabe? Eu me questiono, sabe? Até onde essa revolta, porque eu ainda me sinto meio revoltada com ele, sabe? Eu sou bem sincera contigo. Eu ainda sinto um... Ah, uma revolta mesmo.*
- *Sobrevivente. Eu acho que ele* [sobrevivente] *fica blindado.*
- *Eu sempre consegui administrar muito bem, mesmo não sobrando nada, entendeu? Eu conseguia administrar minha vida. Mas eu cheguei a pensar: e se faltar?*
- *Repulsa, quando ele cometeu.*
- *Acho que não cabe, acho que é muito forte, acho que não sinto raiva. Acho, nunca, acho que nunca senti raiva. Mas uma coisa muito forte, assim, de questionamento, sabe?*

7.2 Culpa

- *Desculpa* [para de falar e pega o lenço de papel].
- *Talvez por eu ter culpado muito ele por ter feito isso. Porque eu o culpei de certa forma. Bastante. Então, ah, meio que criei uma revolta contra ele para me sentir mais forte, eu acho.*
- *A culpa de não ter, sido madura o suficiente para mostrar para ele que a gente não vive estressado. Que a gente pode dar um abraço um no outro. Não dói, não cai pedaço. Será que ele não iria me ouvir, será que ele não iria pensar no que eu tinha para dizer para ele?*
- *Eu não tenho culpa disso, até onde eu sei. Se ele se suicidou por alguma coisa, por algum fato que eu fiz, que talvez possa ter sido o meu namoro, eu acho que ele fez besteira, porque eu já não estava mais junto e não tinha mais interesse nenhum.*
- *Mas o meu cunhado falou. Que eu tive boa parcela de culpa na morte do meu pai, entendeu? Só que eu não acho isso.*
- *Lá no fundo eu ainda não aceitei, porque se a gente começar a falar, quanta coisa boa veio? Praticamente nada; então é uma coisa que não me motiva, que não, às vezes eu me sinto um pouco culpada, daí eu fico pensando: nossa, mas será que é só coisa ruim?*

8. Poderia ser totalmente diferente...

- *Eu acho que a gente podia ter tido um pouco mais de carinho. Será que ele é... claro hoje eu não sei se ele sabe, só se ele incorporar. Será que ele morreu sabendo o que era carinho? Será que ele sentiu isso?*
- *Se eu tivesse ficado lá, que vida eu teria? Não é? Como é que teria sido a nossa convivência? Será que isso não teria acontecido antes, também? Às vezes eu penso, a gente pensa em tudo isso.*

9. Ajudar, estudar e isolamento como manejos para a elaboração do luto

- *Se nós não estamos aqui para nos ajudarmos, a gente veio para cá para quê?*
- *Cada vez que eu chego aqui, sabe? Que eu vou estudar, que eu penso em fazer um curso, eu me lembro dele, porque ele sempre dizia: "Quanto mais a gente estudasse mais burro a gente ficava" [...] É. Talvez seja uma forma de provar, entendeu? Que eu não sou tão burra assim. Entendeu?*

- *Eu procuro ajudar as pessoas, porque é o que me faz bem. E às vezes eu digo. Eu acho que eu me sentiria bem lá no meio da favela. Lá no meio onde as pessoas não têm nem o que comer, para ajudar. Às vezes eu piro, eu digo para meu marido: "Vamos lá para Amazônia, vamos ajudar os índios, sabe? Vamos sair desse estresse, vamos lá, a gente tem muita coisa para fazer". Tu imagina, chegar num lugar onde não tem nada e tu começar a construir. E isso começa a aparecer, sabe? Tu vai crescendo. Tu vai* [te] *desenvolvendo, porque na própria sala de aula, que é um ambiente muito pequeno, do início ao final do ano, tu percebe o quanto as pessoas desenvolvem. Quanto os alunos* [se] *desenvolvem. E eu me sinto muito gratificada por isso, não tem dinheiro que pague isso, sabe? Tu já pensou entrar no hospital desse aí, poder fazer um monte de coisa. Ajusta aqui, puxa lá, mexe lá, constrói, compra equipamento...*
- *Eu peguei meu marido depenado, endividado, e hoje a gente tem tudo o que tem. Que eu digo para ele: "Quando eu peguei a fatura do teu cartão de crédito eu não sabia se eu pulava a janela ou se eu abria a porta para ir embora de mala e cuia".*
- *Mas que se não fosse muito pelo que eu fiz, nós não estaríamos hoje, nós não teríamos o que nós temos hoje; mas bem ou mal, a gente tem casa, tem* [como] *viver tranquilamente; eu não trabalho, estudo.*
- *Eu não posso ver alguém quieto ou parado, ou está escrito na cabeça, assim: pensativo, problema, solução, interrogação, resolva, me ajuda, faça e eu não posso ficar quieta, eu tenho que resolver, eu tenho que ajudar, eu tenho que puxar, sabe?*
- *Então eu estou aqui porque eu quero fazer mestrado, depois que eu fizer mestrado, eu vou dar aula na graduação, depois eu vou fazer pesquisa, não sei o quê. Tem uma coisa que vai te motivando. Então, eu acho que quando isso não existe mais, que quando a gente encontrar resposta para tudo vai ser o fim.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Nove temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de seu pai ter cometido suicídio. Foram eles: (1) Estresse anterior ao suicídio; (2) As situações inacabadas: a busca de motivos, explicações e respostas; (3) O peso do suicídio que cala; (4) Lembranças e esquecimentos; (5) A obediente e responsável; (6) Minha mãe: a preocupação e admiração pela sobrevivente-mor; (7) Depois do suicídio; (8) Poderia ser totalmente diferente...; (9) Ajudar, estudar e isolamento como manejos para elaboração do luto.

Percebe sua participação na pesquisa como uma ajuda aos outros e para *que as pessoas usem esse sofrimento da família, para que não aconteça na família deles.* Durante a entrevista, algumas lembranças surgiram e provocaram bem-estar. Em contrapartida, lembra-se de experiências ruins e afirma: *Lá no fundo eu ainda não aceitei, porque se a gente começar a falar, quanta coisa boa veio? Praticamente nada.*

A busca de sentido parece ter motivado e mobilizado suas ações e, por meio do ato de ajudar e dos estudos, parece ainda buscar respostas. As perguntas não respondidas deixaram uma marca que representa um misto de revolta com outros sentimentos advindos da falta de compreensão do suicídio de seu pai. Parece ter encontrado no ato de ajudar, uma maneira para ressignificar sua história.

E às vezes eu fico pensando, também: será que isso é bom? Será que eu devo apagar? Era meu pai. Como é que eu vou apagar uma coisa que fez parte da minha vida? Até onde eu tenho que apagar isso? – Há que se investigar a relação entre apagar e esquecer. Existiriam diferenças para a colaboradora, pois se acredita que apagar significa *extinguir, aniquilar da memória*. Em contrapartida, pode-se pensar que o suicídio de seu pai é um fato difícil de ser apagado, principalmente, porque a questão: *Por que as pessoas que ficam sofrem? [...] E a gente fica aqui se remoendo, tentando procurar respostas,* parece indicar que, se fosse possível, começaria tudo novamente, reescreveria sua história ou apagaria parte do que viveu: *Será que eu devo apagar? Era meu pai.* Relata que percebia o estresse familiar mesmo antes do suicídio. Seu pai, um *italiano emotivo e estressado*, falava gritando e era percebido em casa como uma pessoa completamente diferente da maneira como outros o percebiam fora de casa. Parece sentir que seu pai não ofereceu a oportunidade para que pudessem viver bem como família, desfrutando todas as conquistas, bem como, a diferença entre quem era seu pai dentro e fora de casa também pode dificultar a compreensão do suicídio.

A morte parece ter abalado sua confiança, pois foi vivenciada como *um terremoto. Cai uma pilastra, cai um pilar da tua estrutura*. Sente repulsa e acredita que seu pai não deveria ter se matado, porque o fato desestabilizou sua estrutura e principalmente, afetou sua mãe. Verbaliza o amor pela mãe e sua preocupação com ela – aquela que a poupou, cuidou e que julga ser a sobrevivente–mor –, acredita que poderiam, mãe e pai, aproveitar a casa construída e estar bem. Tudo poderia ser diferente, mas não foi. Será que, por isso, exigiu-se também se tornar, em algum momento, *mor* e daí ser responsável e estudiosa?

Transcendeu por meio dos estudos, pois *Talvez seja uma forma de provar que não é burra*. Graduou-se em administração hospitalar e, cursou mestrado em educação, arte e história da cultura, finalizando-o em 2012. É interessante refletir sobre o nome do mestrado que parece fazer referência às suas vivências. Educação: educou-se e foi além. Fez arte da história pessoal e cultural. É mestre em ajustar-se criativamente, refazendo-se, construindo suas bases e, por mais estressante que tenha sido sua vida antes da morte de seu pai, sentia que o fato de ele estar vivo fazia com que não precisasse se preocupar com a falta. *Mas eu cheguei a pensar: e se faltar?*

Quando afirma: *Tu imagina, chegar num lugar onde não tem nada e tu começar a construir. E isso começa a aparecer, sabe? Tu vai crescendo. Tu vai* [te] *desenvolvendo [...],* parece desnudar sua própria realidade, pois do nada se construiu, refez-se e começou a aparecer...

Poupa sua mãe e se poupa de ser mãe, revelando seu medo da maternidade, questionando-se: *Será que eu vou conseguir falar? Eu fico cobrando tanto dos outros e será que eu vou conseguir falar? Será que eu vou ser a mãe ideal como eu espero?*

As cores da morte do pai são preto e branco. *Se nós fossemos fazer dois filmes, eu coloco cor na morte do meu avô e deixo em preto e branco a* [do] *meu pai.* A ausência [o preto] e a presença [o branco] de cores sugerem a alternância das percepções destoantes. Cor que se

torna presente pela intensidade dos sentimentos e que se torna ausente pela pura falta: falta de palavras, falta de sentido, falta da segurança, falta da intensidade que provocava tanto estresse, medo e curiosidade por quem era conhecido como pai e sobre quem pouco sabia.

Falta e isolamento. Isolou-se, pois *precisava ficar sozinha, tudo fechado, sozinha, sabe? Sem pensar, sem conversar com ninguém. Para tentar aliviar.* Alívio da falta de carinho, do estresse dos julgamentos. Alívio do impacto da morte, da necessidade de dar satisfações e de falar para outros sobre o suicídio de seu pai.

O contraste de suas vivências é apresentado pelas ambiguidades, oposições, contradições, explosões e implosões *da* e *em* família. O peso do suicídio não se encontra apenas na palavra, mas na relação da família que denuncia o vínculo complicado entre os integrantes.

Eu acho que ele [referindo-se ao sobrevivente] *fica blindado.* Blinda-se para se proteger da marca, do estigma e da dor. Sente revolta, pois a marca é forte e como define: *Criei uma revolta contra ele para me sentir mais forte.* A revolta parece fortalecê-la e seus contrapontos são a vulnerabilidade e o sentimento de insegurança. Cabe salientar que quando menciona *acho que nunca senti raiva,* os termos revolta e raiva sugerem significados diferentes. Enquanto a raiva não é direcionada para o pai tampouco para o suicídio, parece direcionar o que sente para si e é possível levantar as seguintes questões: O que se voltou [re-volta] contra o pai? O que voltou novamente foi a reprovação contra o ato do pai?

Não dá para se chamar de tabu, porque não é mais tabu, mas as pessoas acabam transformando ela [morte] *numa coisa mais escondida, mais obscura, porque ela acaba pesando* convida a reflexão sobre quanto o peso do suicídio cala. O calar em uma família italiana e o falar alto apresentam-se como contrapontos exponenciais. O que se cala é a dor, a dúvida e a vivência estressante que todos viveram antes, durante e depois do suicídio. O suicídio cala, pois parece trazer o peso da dor, da falta e da culpa. Enquanto estão juntos o falar sobre o suicídio é calado e a voz do silêncio emerge.

Destaca-se a mistura entre o calar e o negar. O não falar acontece para que não sejam mobilizados os sentimentos confusos e não compartilhados, que embaraçam e ameaçam a zona de conforto tão arduamente conquistada. *Chega a gente está vivendo hoje, e o que passou, passou; chega. Vamos levantar a cabeça* – sua mãe diz, como se o não falar pudesse ocultar também os sentimentos –, fantasia de que seria possível fazer com que o suicídio pudesse passar despercebido. O desviar o assunto toma uma direção de maior isolamento e do sentimento de solidão. Conversar para quê? Se em um momento ouviu: *Tu fica bem quieta, tu não pode opinar nada, que quando tu chegar aqui, se ele morrer, ele já vai estar duro* – tais palavras ecoaram nela como palavras que marcaram e que foram pesadas e que provavelmente, provocaram o recuo para compartilhar e uma acentuação do calar.

A fala é de outros, vizinhos, colegas e pessoas do interior. O desrespeito para quem vivenciou o suicídio de um familiar cala: *Todo mundo falando o que quer, o que acha, o que pode, o*

que não pode, o que deve, o que não deve, sem saber se tem alguém por perto, sem respeitar nem nada.

Quando ela perguntou: *O que tu acha disso tudo*?, a pesquisadora escolheu fazer diferente, pois a análise que costumava elaborar após as entrevistas, pôde ser efetivada, em parte, no final da entrevista juntamente com a colaboradora: *Com você, eu também estou pensando e estou falando e se fizer sentido, você valida comigo como eu estou te percebendo.*

Atualmente, o que se fala é sobre o bem-estar, do cuidar e da maneira como vive com seu marido. O que se fala é sobre a vida, do permanente investimento no estudo, da possibilidade de ajudar o outro e da ternura de receber colo, atenção, amor e carinho de um homem a quem ajudou financeira e emocionalmente: *Eu peguei meu marido depenado, endividado e hoje a gente tem tudo o que tem.*

Embora não acreditasse que casaria, casou-se e encontrou uma oportunidade para ressignificar o que aconteceu em sua infância e adolescência estressantes. Na relação com o marido, não quer ficar com perguntas mal respondidas ou sem respostas, pois parece não querer repetir algo que aconteceu com o pai. Parece que sente que pode fazer do jeito que quer e essa é a diferença que merece ser pontuada: "salvou" seu marido há algum tempo atrás e atualmente, sente que ele a "salva", pois parece trocar carinho, afeto e diálogo. Trata-se de um jeito inovador e criativo de se relacionar com o outro. Reflete-se, portanto, no espaço que criou com o marido tanto para perguntas quanto para respostas, espaço que não tinha com seu pai e que permite o diálogo e a experiência de ser compreendida.

Repete várias vezes "*sabe*?" e "*entende?*" – palavras expressivas e que fazem sentido quando são compreendidas como sinais que traduzem o não saber e o não entender suas situações inacabadas. As perguntas parecem revelar sua curiosidade a respeito da maneira como a pesquisadora a percebeu. Como a percebi?

Percebi C3 como uma mulher terna cuja necessidade é a de saber se foi ouvida, acolhida e compreendida. Mulher meiga, forte, persistente, solitária, estudiosa, solidária, generosa, obediente, responsável, que deseja se diferenciar e viver à sua maneira...

Feedback da análise 3 (Enviada por C3 em 12 de setembro de 2012):

oieee... tudo bem com vc? Muito boa sua análise, parabéns.... Só verifique, se possível, o item:

6. Minha mãe: a preocupação e admiração pela sobrevivente-mor

Eu tinha saído de casa ***por incomodar a mãe*** *do que por querer mesmo, por livre e espontânea vontade.*

Aqui me refiro, ... sai pq ela sempre nos «empurrou» para que não vivêssemos como ela, para que fossemos em busca de algo melhor, talvez eu não tenha entendido sua transcrição, mas o fato é que não sai por incomodá-la...heheh. abs sucesso.

Resposta da pesquisadora:

Claro!!! Arrumarei e depois, enviarei para que verifique se ficou a contento, OK!

Para manter a fidelidade no seu depoimento, copiei o que escreveu no e-mail de substitui pela frase mencionada. Veja o que acha e se achar necessária qualquer alteração em sua análise, estarei disponível! beijo Karina

***Feedback* depois da alteração:**

Está ótimo. Sucesso. Bj

SOBREVIVENTE 4: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaborador 4
C4: 39 anos (2012)
Sexo: masculino
Idade que tinha quando o suicídio aconteceu: 14 anos (21 de dezembro de 1986)
Pessoa que cometeu o suicídio: pai
Método do suicídio: enforcamento com fio elétrico
Local da entrevista: universidade onde cursa Pedagogia
Tempo total de entrevista: 1 hora 32 minutos 23 segundos
Análise enviada em: 25 de setembro de 2012
***Feedback* do colaborador**: 25 de setembro de 2012

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

C4 tem 39 anos e é o mais velho de três filhos. Único homem entre três mulheres: duas irmãs e a mãe. Relata que seu pai se enforcou com os fios elétricos em sua casa quando tinha 14 anos. É casado e tem dois filhos: o mais velho, com 11 anos e o caçula, com 10 anos. É historiador, trabalha como técnico em gestão e, atualmente, cursa o terceiro ano de Pedagogia. Soube da pesquisa pela irmã e se prontificou a me encontrar na universidade onde estuda. Foi bastante acolhedor e cuidou para que nosso encontro pudesse ser efetivado, pois fez questão de ligar ao chegar.

1. Estresse anterior ao suicídio

- *O meu pai, ele já tinha, ele tinha problemas, ele frequentava psiquiatras [...] Porque ele passou os dois últimos anos da vida dele perambulando por hospitais psiquiátricos. Na verdade ele já estava num processo, a gente já estava num processo. [...] Não era, não foi a primeira tentativa. Ele já tentou se envenenar.*
- *Ele era uma pessoa atormentada [...] Ele tinha, assim, acho que conflitos internos, assim. Por conta dessa história de vida dele. Então ele tinha muito ciúme da minha mãe, ele era uma pessoa agressiva. E tinha essas situações de agressividade e era complicado. A gente sabia que era muito difícil a convivência com ele.*
- *É que a gente conversava pouco, porque ele era um pouco turrão, assim. [...] não sei, era difícil, não tinha muito diálogo com ele.*
- *Ele voltou, ele cometeu suicídio num dos períodos em que ele recebeu alta. Porque ele recebia alta, aí tinha outra crise e voltava. Aí, num dos momentos em que ele teve uma alta, aí voltou para casa e aí ele cometeu suicídio. Foi um choque, assim, a notícia. [...] Porque assim: ele estava num momento* [em] *que para minha mãe... estava insuportável para minha mãe. Era um peso terrível para ela enfrentar toda aquela situação. Então, de certa maneira cessou aquele período angustiante de convivência com ele.*
- *Ele era agressivo particularmente com a minha mãe. Mas houve um momento em que ele me agrediu, mas ali, eu, naquele dia eu percebi que ele estava emocionalmente perturbado.*

2. O Alívio após o suicídio

- *E isso trouxe certo alívio [...] porque apesar de tudo o que eu falei, da minha relação com ele. Porque a relação ela é conflituosa mesmo. Você tem o amor que você sente pelo seu pai, tem a esperança de que as coisas se resolvam, de que ele tenha um comportamento mais... uma relação melhor com a família. Mas também existe essa situação de eu testemunhar todo o sofrimento da minha mãe. A minha mãe foi agredida algumas vezes, por ele. Então eu via, observava, ali, como era difícil para ela. Então, quando ele faleceu teve esse momento de alívio, esse fardo tinha cessado ali.*
- *É, quando ele faleceu, quando ele se matou. E isso trouxe certo alívio. Essa mistura de sentimentos com alívio, dor, frustração, ausência. Porque, por mais difícil que fosse a relação com ele, era o meu pai. Então eu fiquei nessa situação de: e agora? Quer dizer, acabou o sofrimento da minha mãe, mas também o nosso pai não está mais ali, a falta que ele começa a fazer.*
- *Até por conta dessa questão que eu falei para você do alívio, de saber que a situação estava muito difícil para minha mãe, para gente, mas não foi aquela coisa... Por isso a facilidade de falar a respeito. Porque não foi uma, não foi uma coisa terrível que se abateu sobre a gente. Foi uma experiência que culminou com o suicídio. Mas a gente já estava com a sensação, já existia a sensação de que a gente estava perdendo ele em vida. Porque ele tinha uma doença, uma doença psíquica...*
- *O que a gente mais queria era que ele se curasse. Mas ao mesmo tempo estávamos todos esgotados. A gente não sabia o que poderia acontecer ali. Acho que nesse esgotamento todo, a gente acaba esperando que acontecesse qualquer coisa. Sair daquela situação de angústia para ir para uma situação melhor.*
- *Eu acho que essa perda do meu pai nos deu essa, nos permitiu, construir essa capacidade de enfrentar as situações mais adversas e continuar de cabeça erguida.*

2.1 Perdas e ganhos

- *Foi uma transformação. Uma transformação que teve ganho e teve perdas. Teve ganho e teve perda. E a perda que é a vida dele e a figura do pai. E o ganho foi esse conforto em relação à doença dele. Porque em muitos momentos ele tinha uma postura agressiva, ele era violento, então, aí vivia essa vida de desarmonia.*
- *Porque a gente* [se] *transforma, as pessoas que conhecem essas coisas da nossa vida, pessoas privilegiadas e especiais para gente. De contar isso que, essas marcas, esses episódio tão marcantes que definem a nossa personalidade, definem o nosso ser. E às vezes eu fico preocupado em criar certa arrogância, não é intencional, de se sentir especial. Por viver uma situação tão traumática e conseguir sair dela. Conseguir trabalhar isso, compreender e transformar isso numa experiência de vida que me transforma numa pessoa melhor e capaz até de ajudar o outro.*
- *Essa preocupação só com a ciência, mas é um indivíduo que está produzindo essa ciência. É um ser humano que tem sentimentos que teve um pai e uma mãe. Em alguns momentos o cara vai parar para pensar sobre isso, ele não é uma máquina.*
- *Mas no sentido de trazer uma contribuição de fazer o outro parar para refletir também e sair um pouco daquela posição de que, sei lá. De perfeição, de normalidade.*
- *Para mim são pessoas, eu vejo que essas pessoas que são diferentes, são especiais. Pessoas que lidam com situações especiais, então que precisam ter... aí voltando àquela questão da resiliência.*

2.2 Resiliência: a tensão e o relaxamento

- *Toda essa situação, também, me fez enxergar a vida, me deu mais força para enfrentar a vida, para enxergar as coisas, me deu mais força para encarar a vida mesmo, tudo o que aconteceu. Não dava para ficar, para cruzar os braços e então, vendo a minha mãe ali, ela tendo que sustentar todo mundo, tendo que trabalhar e no final das contas todo mundo conseguiu estudar. Nós estamos aqui, todos. Todos constituíram família, todo mundo teve filho, dois. Conseguiu tocar sua vida, então...*
- *Então, aí, depois, com o tempo, as coisas foram ficando mais fáceis. Com o tempo você vai, a gente vai aceitando e vai tirando lições dessa ausência. Vai ficando mais forte, eu acho, vai... Você vai criando resistências, vai aprendendo a lidar com as coisas. [...] a lição que eu tirei, que eu fui tirando, até por conta de observar muito as atitudes da minha mãe. Da perseverança, de perseverar, de continuar mesmo.*
- *Eu acho que eu tirei isso dessa convivência, de todas, da história, dessa história [...] Tem também a união da família. A família acabou... A gente está sempre junto [...] a gente sempre acaba ficando junto nos momentos mais importantes.*
- *A nossa família tem essa coisa de passar por esses momentos, assim, trágicos, dramáticos e muitas outras coisas aconteceram. E a gente está sempre ali, sempre. Então, por isso que eu te falo, também. Eu acho que eu fiquei muito, eu criei uma espécie de resiliência, assim. De dar aquela puxada, assim, do elástico, mas sabe? Para tensionar. A minha vida, eu tensiono minha vida, assim e consigo, é difícil, mas é complicado.*
- *A relação que eu faço dessa experiência* [é] *de tentar lidar com essas perdas. Porque, na verdade, a perda do meu pai foi um grande aprendizado no sentido de saber lidar com as ausências.*
- *Acho que me ajudou bastante, sim, a tentar compreender melhor as pessoas. Acho que me ajudou.*
- *Essa coisa de tentar se relacionar com todo mundo, de tentar conhecer todo mundo e às vezes marcar coisas com várias pessoas no mesmo dia e não dá para cumprir. Não dá para cumprir com todos. [...]. Eu acho que eu vivi muito isso, essa necessidade de buscar referências, com a perda do meu pai.*
- *Eu construí amizades e eu tentei dar um caráter muito familiar a essas minhas amizades. [...] Então tem essa, eu acho que eu tive essa ausência do meu pai, ela acabou criando em mim essa necessidade enorme de estar com pessoas, mas, ao mesmo tempo, é uma ilusão, porque a multidão na verdade, a multidão é a solidão. Então o que eu estava falando: não dá para ter todo mundo.*
- *Que "tensiona" ao máximo, mas aí ele resiste e depois ele afrouxa e é assim.*
- *Que a questão é essa. É você ter um problema e saber lidar com ele.*

2.2.1 A identificação com pessoas resilientes

C4 se identifica com histórias de pessoas resilientes, por exemplo, a do sociólogo Norbert Elias:

- *É que teve uma trajetória de vida extremamente turbulenta, só que encontrou forças para continuar, porque ele tinha um propósito na vida dele que era produzir a obra dele e ele seguiu em frente. Estava falando que perdeu a mãe e o pai no campo de concentração. Aí tem aquela passagem* [em] *que ele foi assistir a um discurso do Hitler. Ele deu um jeito de assistir* [a] *um discurso do Hitler, então imagina a capacidade que um indivíduo deste tem.*

Porque não dá para [a] *gente dissociar. Porque na academia não se leva em consideração essas questões, muito, assim. Eu digo na academia, nesses cursos de humanas.*

3. Entre o calar e o falar

- *A gente não falava muito sobre o assunto,*
- *É difícil falar sobre essa... como é que fala? Essa expectativa. Com os meus filhos tem essa questão, essa situação de estar sempre conversando, sempre falando as coisas, sempre dizendo... Como se tudo o que o meu pai não pôde falar para mim, eu tivesse dever, ali, de estabelecer esse elo de comunicação, sempre. Falar: olha, o que está acontecendo, vamos conversar a respeito disso.*
- *Faltou essa comunicação, faltou essa presença, faltaram esses momentos de diálogo.*
- *Eu estava falando que a gente costuma falar muito sobre o luto, sobre a perda, nos primeiros anos. Então, fala-se muito porque você vai conhecendo as pessoas, aí você vai ficando íntimo, aí você conhece seu pai, você conta muito sobre isso. [...] Durante os primeiros anos fala-se muito, ainda mais quando acontece com uma criança, como aconteceu com a gente, fica muito marcado [...] depois com o tempo foi se perdendo, foi* [se] *parando de falar a respeito. Mas eu tinha falado outra coisa para você, que eu falei dessa questão de parar de, falando menos a respeito. Fazia tempo que eu não falava a respeito com alguém sobre isso. Então* [estou] *falando com você hoje.*
- *Então eu estava falando que é um privilégio, às vezes, a gente contar para [...]. De falar para o outro: olha, calma, não é bem por aí. Às vezes eu deparo com situações de pessoas que eu falo: meu, você não sabe o que é sofrer, viver um sofrimento tão intenso e depois... Ou compartilhar com outras pessoas, essas questões de compartilhar, também.*
- *Mas é também por causa do que eu tinha te falado. A gente vai falando menos. A gente vai falando menos e não é que a história se perde, mas é como se o livro ficasse... Sabe aquele livro que está na biblioteca sem empréstimo há mais de vinte anos, então...*
- *Eu acho que a minha grande dificuldade sempre foi essa minha... como é que fala? Dificuldade em traçar uma trajetória intelectual.*
- *Eu não sei se isso pode ser um reflexo disso, porque eu procuro conversar com os meus filhos o tempo todo e desde pequenos.*
- *O tempo vai passando, você vai ficando mais velho, você vai falando cada vez menos, sobre isso.*
- *Foi uma análise da minha história. É, hoje eu tirei esse livro e bati a poeira bem dele* [referindo-se à entrevista].

4. A falta de referências: antes e depois da morte

- *Ele não estava ali, mas ele estava vivo. Percebendo a ausência dele um pouco antes. A gente já estava no processo, em vida, de ausência.*
- *Essa situação, assim, de ausência, assim, de não tê-lo ali, naquele instante. Essa frustração...*
- *Aí depois de algum tempo é que eu comecei a chorar um pouco, comecei a chorar a ausência dele.*
- *Diferente assim: de não ter um pai, de não ter um companheiro ali para dividir as coisas*

[...] É, sempre achei que as coisas eram um pouco mais difíceis para mim, tinha essa sensação, um pouco. Uma sensação, acho, também.

- *Talvez essa ausência do meu pai ela tenha criado isso em mim. Essa necessidade de tentar conhecer... Só que eu percebo que isso se intensificou principalmente depois que eu entrei na universidade.*
- *Na verdade, a grande falta que eu sinto do meu pai é o que mais me faz falta em relação ao meu pai é isso. Poxa! O cara que é o meu pai.*
- *Porque eu sempre fui um pai muito presente, então tudo o que uma mãe faz pelo filho, no dia a dia, pelo bebê, eu fiz, eu fiz tudo. Fazia papinha, aprendi a fazer papinha, trocava fralda. Como é que fala? Tudo, banho, todos os momentos do bebê que uma mãe, que tipicamente a mãe tem com o bebê, eu tive com os meus dois filhos. Até brinco que eu fui mãe, fui mãe da mãe dos filhos, na verdade. Porque a minha esposa, ela é órfã de pai e mãe. A história de família dela é bem complicada também, bem complexa. Então, para ela ter uma família. Ela não teve uma referência, assim. Então de certo modo eu acabei, acabei ali.*
- *A gente falava dessa falta que o pai fazia e explicava para os amigos: "Ah, seu pai o que acontece? Nossa! Foi desse jeito".*
- *É claro que tinha essa questão da ausência da figura paterna.*

5. As situações inacabadas

- *Fui tentando explicar para mim mesmo por que* [é] *que ele tinha feito aquilo. Para tentar perceber por que* [é] *que ele tinha feito aquilo. É. Ele teve uma história de vida muito complicada, muito difícil na infância.*
- *É fica essa dúvida. Mas é, vai ficar sempre, fica como uma necessidade. Ah, sei lá, de viver uma história.*
- *A história que eu vivi foi a história que eu vivi, não dá para falar muito a respeito disso. Mas fica um pouco isso, fica um pouco essa questão de como... É uma lacuna que fica. É como se fosse uma estrada que um pedaço dessa estrada. É uma estrada pavimentada, mas que num pedaço dela ficou... o mato cresceu, você entendeu? Vai ficar sempre aquele mistério.*
- *Mas eu tive que viver esse processo todo do que eu estava sentindo ali para tentar compreender melhor a morte dele. Eu estava tentando, ali, compreender o que estava acontecendo. E ao mesmo tempo tentando, na expectativa: o que aconteceria depois? Como seria a vida a partir dali? [...] Eu acho que esses primeiros seis meses, esse primeiro ano, foi na tentativa de compreender realmente o que iria acontecer depois, o que estava acontecendo, como é que iria ser agora. Eu não tinha um pai, eu era diferente dos outros. Tem toda essa questão também, de ser diferente. Na escola.*
- *É sempre intenso, mas naquele. Mas o que eu guardo é isso que eu falei para você. Essa sensação de não saber o que iria acontecer depois e ficar ali tentando imaginar se as coisas iriam ficar bem.*
- *Em alguns momentos quando eu, sei lá, eu percebo que as coisas não estão indo muito bem, eu tento, tento, me fecho um pouco, assim, tento entender por que* [é] *que as coisas acontecem, como as coisas estão se desenrolando, sei lá.*
- *Porque, na verdade, eu nunca sei exatamente. A gente nunca sabe exatamente o que os outros, o que as outras pessoas estão pensando, ou o que elas desejam.*

- *Em alguns momentos eu entendia o suicídio do meu pai. Porque se passaram muitos anos, quando ele morreu eu tinha quatorze anos, hoje eu estou com trinta e oito, então nesse percurso todo, várias coisas se passaram pela minha cabeça.*
- *É uma busca, é a busca de uma sensação que às vezes você nem sabe se você... uma sensação que é desconhecida, mas é uma fantasia que você cria na verdade. Mas essencialmente é a busca de uma sensação [...] Uma sensação de preenchimento [...] Uma sensação de estar com alguém que vai conversar com você, que vai te dizer coisas interessantes, que vai te fazer refletir sobre o que você está fazendo da sua vida. Bem essa relação de um filho que está esperando a palavra de um pai, assim. Eu acho que isso me perseguiu durante muito tempo, me persegue até hoje. Esperar que meu pai diga alguma coisa para mim.*
- *Então, parece que ele tinha, dizem que ele tinha esquizofrenia. Mas a gente, então, esse é um dos mistérios, porque quando a gente era muito pequeno e a minha mãe, com pouco estudo, então a gente não sabia exatamente o que estava acontecendo com ele. Aí, em alguns momentos, a gente ouviu a palavra esquizofrenia.*
- *Ele era espírita e ele era médium. E tem um pouco esse debate; ele tinha esquizofrenia, mas ele era médium, entendeu? Tinha toda essa contradição, esse debate. E foi uma das coisas que eu tentava refletir quando ele, quando eu comecei a conhecer melhor essas questões e logo depois que ele morreu. Mas, para mim, por isso que eu buscava uma explicação. De que lado que eu ia ficar? Do lado da ciência ou do lado da religião? E tinha a questão afetiva muito forte, era meu pai. Aí eu optei pela história de vida dele...*
- *Ele tinha o desequilíbrio familiar, ali. E a personalidade dele. Eu tentei buscar explicação nessas questões...*
- [Interrupção 1]
- [Interrupção 2]

5.1 Poderia ser diferente: reflexões sobre o passado e o presente

- *É complicado dizer, a gente sempre fica imaginando o não, o outro acontecimento diferente da realidade, mas eu não sei o que teria acontecido, é difícil dizer, porque é muito difícil dizer. Porque eu, até achava, assim, nos primeiros anos, até achava que se eu fosse mais maduro, eu teria tido conversas com ele e queria ter, teria discutido com ele sobre a história de vida dele, sobre as coisas que tinham acontecido com ele. Mas não dá para afirmar nada.*
- *Esperar que ele me diga: "Olha você não está indo pelo caminho correto", ou "Você deveria ter feito isso" ou "Você não precisa fazer nada, relaxa, desencana".*
- *Momento de solidão, não deixa de ser um momento de solidão, permite todas essas reflexões, assim, todas essas... É como se fosse uma pausa para... Eu vou fazer trinta e nove anos em julho, como se eu tivesse vivendo uma pausa para pensar* [em] *tudo o que aconteceu até hoje, até agora.*
- *Família, os amigos, os hábitos os costumes, essas coisas. Porque você por mais que eles estão lá, mas estão cumprindo tarefas, na verdade. Estão lá para cumprir tarefas. Ela* [esposa] *está fazendo a pós-graduação e ela tem um trabalho, aí levou as crianças que estão estudando, mas ela sente falta das coisas daqui.*

6. A escolha da profissão como manejo do processo de luto: o historiador buscando a história de seu luto

- *Eu sou historiador. Eu sou apaixonado por história, então. Aí eu fui buscar, fui tentar reconstruir a história da vida dele, mas, fui tentar compreender o contexto em que ele vivia.*
- *Eu acredito muito nessa questão da vocação, então eu acho que eu tenho, eu guardo comigo essa natureza. Porque eu sempre fui apaixonado por história, foi uma escolha que eu fiz desde criança.*
- *Hoje eu faço Pedagogia.*
- *Engraçado isso, porque eu sempre fui muito tímido, eu sempre fui uma pessoa muito tímida, mas depois que eu vim para universidade aí eu comecei a me soltar mais.*
- *Eu acho que a história do meu pai sempre foi resolvida para mim. Eu fiz escolhas para poder compreender a história dele, então já estava resolvida para mim, a questão do meu pai.*

7. A preocupação e admiração pela mãe

- *A minha mãe é uma pessoa, sempre foi uma pessoa muito forte. Então ela soube suportar essa perda e conseguiu criar os três filhos, sozinha.*
- *Minha mãe. É todo um trabalho para continuar, para continuar depois de uma perda.*
- *Então, vendo a minha mãe ali, ela tendo que sustentar todo mundo, tendo que trabalhar e no final das contas todo mundo conseguiu estudar.*
- *Porque assim: ele* [pai] *estava num momento que estava insuportável para minha mãe.*
- *Acho que para minha mãe, para mim também, mas também existe essa situação de eu testemunhar todo o sofrimento da minha mãe. A minha mãe foi agredida algumas vezes, por ele. Então eu via, observava, ali, como era difícil para ela. Então, quando ele faleceu teve esse momento de alívio, esse fardo tinha cessado ali.*
- *Acabou o sofrimento da minha mãe...*
- *A mãe pegava todo mundo e ia todo mundo junto.*
- *A lição que eu tirei, que eu fui tirando, até por conta de observar muito as atitudes da minha mãe.*
- *Lembro do velório é de ter acompanhado, de ter ficado sempre do lado da minha mãe, ali, protegendo a minha mãe, porque ela estava abalada, ali, então sempre perto dela.*
- *A minha mãe é uma pessoa muito, assim: ela tem um significado para mim. Assim, é, aí a gente vai, é... interessante, porque tudo bem, a minha mãe, mas é claro, admiração de um filho pela mãe, é todo, geralmente é o que se pensa. Então todo filho tem uma enorme admiração pela mãe. Mas uma mulher que passa por uma, que tem trajetória de vida assim, e consegue passar por tudo, ela revela, assim, uma dignidade extraordinária. Qualquer pessoa que conheceu a história dela, geralmente, então tem até essa, um pouco essa cobrança.*
- *Mas a gente sempre compreendeu e, hoje, a gente, todos crescidos e maduros, consegue valorizar bastante essa história de vida dela. Então é isso, a trajetória de vida dela, de ter enfrentado tudo isso.*

- *O fato de ter acompanhado toda essa luta da minha mãe, então eu acho que eu desenvolvi assim um instinto maternal.*

8. O impacto do suicídio: as referências e o legado

- *Porque o suicídio de certa, em algum, dependendo do contexto familiar, ele é a desmobilização da família, ele é a desestruturação da família.*
- *Para mim a morte dele foi muito complicada porque eu era o único, o filho, o único filho homem.*
- *Ele faleceu num momento em que eu estava deixando de ser menino para me tornar um rapaz, estar me tornando um rapaz. E era um momento em que eu mais precisava dele mesmo [...]. Eu acho que o que mais me causou impacto, o que mais me trouxe, sei lá, desconforto, foi essa situação de não ter essa presença masculina e eu fiquei sozinho com três mulheres. Ficou uma pressão grande por conta de não ter esse diálogo com outro homem dentro da casa.*
- *Eu tive que fazer as coisas meio que de improviso e não tive alguém que me segurasse se eu tivesse mais acelerado ou que me empurrasse se eu tivesse mais devagar, assim. Então eu acho que me faltou isso.*
- *Frustração minha em relação a ele e à perda...*
- *Foi um choque, assim, a notícia.*
- *Eu acho que esses seis meses eu tive que trabalhar tudo* [referindo-se ao luto].
- *Aí, depois de algum tempo, é que eu comecei a chorar um pouco, comecei a chorar a ausência dele. [...] esse processo de tristeza, ele é meio que, como eu vou explicar? Eu ia usar uma expressão assim: é meio autolimpante, assim.*
- *De chorar, porque você estava ali, com todas aquelas coisas dentro de você, acumuladas, aí, de repente, uma hora você acorda e você percebe que você precisa pôr para fora. Eu me lembro mais ou menos desses momentos assim. Quando ele faleceu foi, eu estava indo para o meu último ano do primeiro grau* [8º ano do ensino fundamental] *e foi nesse momento que estava começando a definir mais ou menos o que eu queria, assim. [...] Então para mim aquilo foi, assim, eu fiquei sem reação. [...] A minha irmã do meio, ela viu o meu pai. Eu não sei como ele foi retirado do local, eu sei que a minha irmã do meio, ela viu ele pendurado lá.*
- *Dos três filhos, era a que era a mais próxima a ele, assim. Que estava sempre com ele* [referindo-se à sua irmã].
- *Em alguns momentos, assim, porque às vezes buscavam o meu pai em casa. Então, algumas, muitas vezes, na verdade, o meu pai foi retirado em casa, assim. Aí teve todo o processo do velório dele. Eu* [me] *lembro do velório dele, eu me lembro do enterro dele. É difícil dizer, então, foi o que eu falei para você: naquele momento todo não conseguia sentir muita coisa,*
- *A minha história de vida, ela é bem turbulenta, assim, eu sempre achei. É uma coisa que eu fico pensando bastante, nessas reviravoltas, assim, da vida.*
- *Eu pensei de uma forma mais abrangente, mas é uma situação que ela acaba impactando toda a história de uma vida.*
- *Esse caminho que a gente acaba fazendo, indo para outros temas, outros assuntos, ele só ocorreu por conta de estar pensando por que isso aconteceu comigo e, o que isso me*

influenciou a tomar certas atitudes, certas ações, marca, né? Isso marca, é uma marca que você vai carregar sempre. E que a partir de tudo o que você vai vivendo, você sempre vai colocar esses óculos, esse binóculo que tem essa característica de enxergar as coisas a partir dessa experiência que você viveu. Acho que sempre que eu, tudo o que eu vivo, que eu acabo vivendo, eu sempre vou pensar: "Ah, mas, eu sou assim, eu acho isso, vou enfrentar de tal maneira isso, porque eu passei por isso no passado. Porque eu tive um pai que cometeu suicídio e que por conta disso me fez agir de tal maneira, com mais determinação, com mais força", você entendeu?

- *Estava falando essa questão da tristeza, que eu falei para você. Agora que eu lembrei. Que é triste, sempre é triste [...] Essa questão da tristeza parte disso, de que a gente estava vivendo, a gente estava buscando a tranquilidade, buscando uma harmonia. Então o que tivesse que acontecer ali, a gente iria acabar tendo que aceitar. Não sei.*
- *Iria acontecer o suicídio, aí a morte dele, ela trouxe essa mudança; foi uma transformação, foi uma mudança na família. Foi uma transformação. Uma transformação que teve ganho e teve perdas. Teve ganho e teve perda. E a perda que é a vida dele e a figura do pai. E o ganho foi esse conforto em relação à doença dele. Porque em muitos momentos ele tinha uma postura agressiva, ele era violento, então, aí vivia essa vida de desarmonia.*
- P – Quando você falava que foi um ato... que ele era agressivo com você? C – *Ele era agressivo particularmente com a minha mãe. Mas houve um momento em que ele me agrediu, mas, ali, eu, naquele dia, eu percebi que ele estava emocionalmente perturbado.*
- *Se ela* [referindo-se à irmã] *tivesse vivido a perda do pai mais velha, eu acho que teria sido mais impactante ainda essa questão de ter perdido o filho agora.*

8.1 Referências

- *Eu não sei se às vezes, em alguns momentos, eu acho que eu fui. Hoje, acho que menos, mas acho que em alguns momentos eu já fui* [referindo ao fato de se perceber como referência para outros].
- *É um livro que marca. Mas não é o principal hoje. Ele não precisa ser relido todas as vezes.*
- *Então acho que a minha grande questão sempre foi essa: da autoafirmação mesmo [...] Via isso como uma habilidade, mas eu não tinha outras habilidades, entendeu? Eu não conseguia me enxergar com outras habilidades; eu sempre me enxerguei como um sujeito que tinha uma experiência de vida, uma maneira de enxergar a vida, de buscar... sei lá. De, através dessa vivência, mostrar a maneira de enxergar melhor o mundo, de viver melhor, de viver bem [...] eu fiquei sempre nessa busca, nessa coisa de eterno estudante, sabe?*
- *Eu fui referência nessa questão da minha experiência, da minha trajetória de vida. E busquei as referências para tentar construir outra história. Que na verdade não* [é] *outra história, mas construir a minha história profissional, eu diria.*
- *Talvez seja essa construção. Se, de repente, você me fala da referência da vida acadêmica, o professor vira uma referência [...] Na verdade as minhas referências sempre foram os meus amigos. Eu nunca tive referências distantes. O cara* [professor] *é uma sumidade em tal assunto, mas como é a história de vida dele? [...] Então eu sempre olhei com desconfiança para essas admirações que eu observava dentro da universidade. Aí minhas referências sempre foram os meus amigos que eu conheço a história de vida deles.*

- *Eu tenho a minha mãe até hoje, então eu acho que isso, eu acho que é uma referência, eu acho que isso se reflete nessa nossa história de vida.*
- *É difícil, é muito complicado, porque a gente quer sempre acompanhar, acompanhando o crescimento deles, o desenvolvimento deles e vivendo aqueles momentos e explicando. [...]* [referindo ao fato de seus filhos estarem morando distante com a mãe].

8.2 O legado: uma mensagem

- *É como se ele tivesse deixando um legado ali, naquele momento, e me preparando para alguma coisa. Eu sei que ficou, isso ficou muito forte para mim. Logo depois que ele faleceu, ficou muito forte para mim essa sensação de que aquela conversa tinha sido o legado, a herança dele para mim [...] Houve uma cena com ele, uma semana antes dele cometer suicídio. Que ele me chamou para conversar. Porque a gente não conversava muito, assim, uma das coisas que eu guardo bastante é assim: ele já percebia que eu gostava de ler. Mas aí, naquele momento, eu senti que ele estava, que ele tinha, ele falou com mais sentimento ali. Com mais carinho. É que foi, para mim, foi muito bom ter conversado com ele aquele dia. Foi bom* [C4 fala sorrindo].

9. As lembranças

- *Só que ao mesmo tempo também ele tinha momentos, bons momentos. A gente viveu bons momentos com ele também.*
- *Mas ele tentava de alguma maneira, transmitir para mim que ele meio que sabia o que eu estava fazendo [...] Quando eu tinha dez anos, ele comprou uma enciclopédia. Tem coisas que a gente grava. Então ele teve essa sensibilidade. Uma semana antes de ele falecer, a gente, ele me chamou para conversar, foi meio que uma despedida mesmo. Foi muito curioso porque aí ele fez uma retrospectiva da vida dele. Contou um pouco de como ele conheceu a minha mãe, aí falou, ah! falou algumas coisas assim. Eu não* [me] *lembro muito bem, me lembro* [de] *que foi uma retrospectiva que ele fez.*
- *Você só lembra de vez em quando, quando você está na sua casa, no aconchego do seu lar; aí você tem uma lembrança, aí você trabalha aquilo só para você.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Nove temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de seu pai ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Estresse anterior ao suicídio; (2) O Alívio após o suicídio: perdas e ganhos e resiliência; a tensão e o relaxamento; A identificação com pessoas resilientes; (3) Entre o calar e o falar; (4) A falta de referências: antes e depois da morte; (5) As situações inacabadas: poderia ser diferente...; (6) A escolha da profissão como manejo do processo de luto; (7) A preocupação e admiração pela mãe; (8) O impacto do suicídio: as referências e o legado; (9) As lembranças.

- *comecei a chorar a ausência dele [...] é meio autolimpante.*
- *É uma estrada pavimentada, mas que num pedaço dela ficou... o mato cresceu...*
- *É. Hoje eu tirei esse livro e bati a poeira bem dele* [referindo-se à entrevista].
- *aquele livro que está na biblioteca sem empréstimo há mais de vinte anos* [comparando o fato de falar pouco sobre o suicídio de seu pai].

Suas lindas metáforas versam a história de uma existência cuja resiliência se revelou como ponto fundamental para superar a experiência do suicídio de seu pai, marca que permanece em sua vida.

Vida tensa e intensa que busca relaxamento. Vida resiliente *como um elástico* e que o ensina a lidar com outros e consigo. Qual seria o significado de resiliência para ele?

Se o pai vivo foi ausente, de qual pai ele sente falta? A superação da falta do pai parece ter sido uma lida difícil e, mais do que difícil, parece ter sido contraditória, pois **o pai vivo foi ausente e o pai morto se tornou presente.**

Verbaliza que *a multidão é a solidão.* A solidão surge quando percebe a falta de referências para se constituir como um ser humano cuja vida é e **foi** uma constante aprendizagem. Faltaram-lhe modelos quando mais precisava e, talvez, por esse motivo, faz referência à solidão, pois menciona que sentia que perdia seu pai em vida. Afirma que suas referências sempre foram seus amigos e que percebe, com certa desconfiança, as referências de professores, pois questiona *sobre a história de vida que pode ser incongruente ao saber*.

Sua mãe, *uma dignidade extraordinária*, é exemplo. É valorizada por toda sua trajetória e história, pois se tornou um modelo de luta. Embora sua mãe fosse um modelo, a busca de referências se fez constantemente presente. Quem foi a referência para quem?

E, nesse sentido, a busca de referências, tornou-se oferta no sentido de que ele se faz presente e oferece para seus filhos o que não teve. Oferece, considerando seu instinto maternal (e não paternal), os cuidados – que aprendera com sua mãe – a seus filhos e à esposa, em relação às necessidades deles.

Já se concebeu como referência e, atualmente, percebe-se menos por não falar tanto. Mas falar o que? Qual seria a medida para o falar? Quando e quanto falar?

Distante de seus filhos e da esposa, seus 39 anos estão sendo vivenciados como *uma pausa para pensar* [em] *tudo o que aconteceu até hoje, até agora*. Seria a introspecção uma maneira de cuidar de si?

Sua estratégia parece ser o de se fechar em momentos em que não compreende a situação. Conta que nos anos subsequentes ao suicídio de seu pai, a família falava e compartilhava mais e que, ao passar dos anos, o falar tornou-se restrito. Em contrapartida, parece que falar tem a função de auxiliar na compreensão de suas vivências.

Atualmente percebe que *sua grande dificuldade foi a dificuldade em traçar uma trajetória intelectual.* O que significa a trajetória intelectual? Pode-se compreender sua trajetória como um *coping* intelectual, ou seja, uma maneira de lidar com seu luto?

Sua esposa faz doutorado e prestou um concurso no ministério e, por esse motivo, mora fora de São Paulo desde 2009. Embora sinta a falta de todos, a distância da família parece permitir que ele faça uma pausa para reflexões sobre as interrupções de suas vidas e que foram evidenciadas

pelas duas interrupções durante a entrevista. Como um livro que se apresenta em capítulos que demarcam os assuntos, a entrevista aconteceu em três fases.

- Na primeira fase, compartilhou alguns fatos de sua infância e adolescência: De criança sem referências quanto ao suicídio de seu pai; a busca de compreensão das histórias tanto de seu pai quanto sua.
- A segunda parte foi retomada quando mencionou o fato de nos primeiros anos todos falarem muito sobre o suicídio do pai, e que, conforme foram ficando mais velhos, as conversas diminuíram. Compartilha também sobre a esquizofrenia de seu pai, sobre o debate entre ciência e religião, pois seu pai era espírita e médium. O rótulo "esquizofrenia" parece explicar o ato do suicídio. Além disso, ao finalizar essa segunda parte, salientou a agressividade de seu pai dizendo: Eu consegui compreender, ali, aquela situação.
- Já a terceira parte da entrevista parece exprimir a resiliência e o fato de se sentir especial pela superação. Cita a identificação com pessoas resilientes e de ter se tornado referências para outras pessoas. A palavra resiliência apareceu várias vezes em seu depoimento e parece que, por ser resiliente, aprendeu com seu sofrimento.

Sintetizando. Podem-se, assim, compreender as três etapas da entrevista.

- A primeira foi assinalada pelo contar sobre tudo o que lhe aconteceu.
- A segunda parece retratar a fase de compreensão da história ou uma fase que iniciou a compreensão de que poderia fazer algo por si e mobilizar energias para fazer algo com aquilo que aconteceu com ele.
- A terceira expressou aquilo que efetiva e concretamente pôde fazer com base em sua vivência, transformando-se em um ser que escolhe e que se constrói a cada escolha.

Tornou-se aquele que percebe seus próprios limites, conseguindo discriminar o que não consegue, como *marcar coisas com várias pessoas no mesmo dia e não dá para cumprir.* Parece revelar que descobriu que não precisa mais se responsabilizar por tudo. Homem responsável e que não deseja fazer o mesmo que o pai fez. Portanto, conversa com os filhos e tenta protegê-los. A conversa pode ser compreendida como uma maneira de evitar futuras ausências e lacunas nas histórias de seus filhos, pois *conversa com os filhos o tempo todo e desde pequenos.*

Ú*nico filho homem* e, por *não ter essa presença masculina, ficou sozinho com três mulheres...*

Filho que se fez homem, sem referências e com uma lacuna em sua estrada. Uma estrada interrompida na qual o mato oculta a história, revelando um pedaço que não dá para ver e uma fase interrompida e confusa.

Homem que apreendeu seu próprio ritmo e que se autorregulou, lidando com as situações a seu modo ou a fazendo *as coisas meio que de improviso,* pois não teve *alguém que me segurasse se eu tivesse mais acelerado ou que me empurrasse se eu tivesse mais devagar.*

Homem que chora e que aprendeu que chorar é *meio autolimpante*. Assinala que somente seis meses após a morte de seu pai pôde chorar e como um processo de limpeza chorou as lágrimas do choque, da constante presença da ausência.

O legado parece ter sido a história, a retrospectiva compartilhada na conversa que teve uma semana antes de seu pai se matar e desse momento com o pai. De quatorze aos trinta e oito anos várias coisas se passaram pela minha cabeça e parece que a marca o tem acompanhado e permitido diversas ressignificações ao longo dos anos. A busca de sentido parece também acompanhá-lo.

Queria que seu pai se curasse, queria que fosse diferente. Queria conversar e receber as honras de ser um filho que recebe as referências, queria receber orientação em sua adolescência. *Sair daquela situação de angústia para ir para uma situação melhor*. Dessa maneira, o sentimento de perda parece ter acompanhado a família, pois conviver com a doença psiquiátrica proporcionou a aprendizagem para lidar com as adversidades, ausência presente do pai e o *esgotamento de todos*.

A alternância entre perdas e ganhos parece ser um incentivo para buscar harmonia, pois viveu muito estressado pela doença e o alívio se fez presente. *Quando ele faleceu teve esse momento de alívio, esse fardo tinha cessado ali.* Desse modo, pode-se compreender que o estresse começara antes do suicídio de seu pai e que a disfuncionalidade na dinâmica familiar já acontecia mesmo antes do suicídio.

Religião ou doença psiquiátrica? Esquizofrenia ou mediunidade? Talvez as duas explicações, ou talvez nenhuma – o mistério prevalecerá.

É *apaixonado por história.* Tornou-se historiador para, talvez, aproximar-se daquilo que faz seu coração pulsar, para tentar revisitar, encontrar explicações, contextualizar a falta de sentido que foi intensamente vivenciada e pouco confirmada. *Fica como uma necessidade, de viver uma história*. Em contrapartida, o significado de história reflete sua paixão, pois parece confirmar sua existência.

Parece ter obtido parcialmente a confirmação, pois compreende que a *história de vida da infância e da adolescência dele* [do pai]*, que eu conheço pouco, mas foi o suficiente para entender*. Entendeu o desequilíbrio familiar, justificava-se pela personalidade dele, mas o desamparo perseverou. E graças à sua resiliência e, embora tenha vivido *muito essa necessidade de buscar referências*, tornou-se referência tanto para sua mulher quanto para seus filhos. Fala, conversa e orienta.

Curioso é considerar o significado de Pedagogia, curso em que frequenta o terceiro ano. Parece precisar *de um tempo* para refletir e para aprender paulatinamente sobre como falar, transmitir e comunicar sua história de vida. *Como se tudo o que o meu pai não pôde falar para mim, eu tivesse dever, ali, de estabelecer esse elo de comunicação, sempre.* Dessa maneira, há de se considerar que a dificuldade não se encontra na compreensão da história, mas, sim, na fala e

"*na trajetória intelectual*". Falar pode significar dar direção e expor tecnicamente o que foi compreendido, e tais significados parecem estar correlacionados ao aspecto que aponta ser sua outra dificuldade: a autoestima. Parece não confiar que, além de ser uma referência, pode ressignificar seu papel e sair da tarefa emblemática de ser um *eterno estudante*.

O suicídio mudou, transformou, foi a marca que possibilitou as transformações. Porém, receia que sua concepção de ser especial seja vista como arrogância: *mas no sentido de trazer uma contribuição de fazer o outro parar para refletir também e sair um pouco daquela posição de perfeição, de normalidade*. É preciso dar ao humano o que é do humano, e o entrevistado mostra sua humanidade quando se preocupa com a jactância e soberba. Parece confirmar-se pela história e pelos fatos reais. É uma história que marca. Mas, ao mesmo tempo, continuar no papel de estudante o autoriza a ficar na posição de receber a orientação e não ser momentaneamente a referência.

Há de se considerar sua identificação com histórias de pessoas resilientes, pois assim o é – resiliente, humano, solidário... Como sua família também parece ser: *Todos constituíram família, todo mundo teve filho, dois. Conseguiu tocar sua vida.*

C4 parece ainda não ter assimilado que o fato de ser filho de uma pessoa que cometeu o suicídio o impulsionou para *agir de tal maneira, com mais determinação, com mais força* e que, como seu pai – que foi capaz de ter *essa sensibilidade*, reconhecendo do que ele gostava, ao comprar uma enciclopédia quando tinha dez anos – também é sensível e reconhece que pode ser provedor de si e de suas necessidades. Ao contrário do que fala: *Mas é, vai ficar sempre, fica como uma necessidade. Ah, sei lá, de viver uma história, é* possível pensar que **já vive** uma história que pôde transformá-lo em *uma pessoa melhor e capaz até de ajudar o outro* e capaz de se ajudar em sua própria maneira de ser-no-mundo.

Feedback da análise 4 (Enviada por C4 em 25 de setembro de 2012):

Karina, obrigado por compartilhar sua análise. Apreciei com muita emoção, sua interpretação. Sim, me senti compreendido. Obrigado. Desejo-lhe todo êxito na finalização de sua tese. Atenciosamente.

SOBREVIVENTE 5: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 5
C5: 27 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade quando o suicídio aconteceu: 15 anos (04/09/1999)
Pessoa que cometeu o suicídio: mãe (avó)
Método do suicídio: ingestão de medicamentos
Local da entrevista: universidade onde cursa Psicologia
Tempo total de entrevista: 01 hora 26 minutos 05 segundos
Análise enviada em: 20 de novembro de 2012
***Feedback* da colaboradora:** sem retorno até a data do depósito da dissertação

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

Conheci C5 quando fui sua professora de Psicologia em 2008 e, desde então, mantenho contato com ela. Aceitou o convite para participar da entrevista justificando que *além de ter empatia* pela pesquisadora, *admira-a como profissional e gosta da sua área de atuação*.

Foi criada pelos avós e, por esse motivo, sente que sua avó é sua mãe. Após a morte (assassinato) de seu pai biológico, quando tinha 11 anos, relata que era constantemente advertida pela avó que o suicídio aconteceria, pois soube desde seus 11 (onze) anos que, ao completar 15 anos, ela se mataria. Dessa maneira, o suicídio de sua mãe-avó parece ter tido "hora marcada", pois como alertado inúmeras vezes, depois de uma semana que completou 15 anos, sua mãe-avó cometeu o suicídio ingerindo vários medicamentos.

1. Como percebe o suicídio

- *Mas eu acho que quando as pessoas querem se matar, eu acho mesmo que elas têm que se matar. Mas isto é totalmente ligado à minha vivência, mas eu não sou contra o suicídio, eu não acho que é um pecado, eu não acho que é gente covarde, não necessariamente; também é muito mais do que simples covardia. Eu acho que há um julgamento muito grande em relação ao porquê de as pessoas se suicidarem. Existem várias questões; eu acho que é totalmente válido o fato de você não querer mais existir. Eu não quero mais, para mim.*
- *O suicídio é uma morte não avisada, que não foi o meu caso.*
- *O meu pai morreu sofrido, alguém matou o meu pai; para mim era muito louco a hipótese de alguém tirar a própria vida.*

2. A superproteção: excesso, falta e busca de referências

- *Meio de proteger demais, meio casulo. Qualquer passo em falso, ah! era um escândalo* [referindo-se à superproteção da mãe-avó].
- *Eu acho que tem um resquício meio de revolta: nossa! Como é que você pode fazer isso com alguém? Criar que nem um bebê e mimar dessa forma e me tratar que nem uma imbecil, porque era assim que eu me sentia. É isso, eu dormia com ela, fazia o que ela queria [...].*

- *O que para mim era péssimo, porque eu estava viva e estava ali do lado dela. Então, sua vida não vale de nada; eu estou aqui com você, você cuida de mim e simplesmente, problema, você que se vira agora com 12 anos de idade, porque eu quero morrer. Eu achava extremamente, ainda acho, extremamente egoísta.*
- *Depois disso eu meio que me tratei, porque senão eu ia surtar. [...] Eu não aguentava mais alguém dizendo para mim que ia se matar. Mata então, faz o que você quer fazer.*
- *Preocupada também porque é isso, ela morreu e eu fiquei sozinha, porque é assim que eu me senti depois que ela morreu. É que as coisas, elas são feitas meio que no plano da cabeça mesmo, da mente, da psique. Ela fazia com que eu me sentisse que ela era a minha única referência de ser humano da face da terra. E depois que ela morreu, eu perdi isso. Ou seja, não existe, desde então, outra referência. Porque aquela era única e forte. Não tem, eu não consigo ter outra referência. Eu tenho referências que são meus professores, que são as pessoas que eu admiro e que eu levo bastante dessas pessoas que eu admiro, mas essa referência mesmo de guia, de tomar conta, que eu acho importante, sumiu, entendeu?*
- *Porque durante muito tempo era isso. Eu não tinha uma identificação de ficar pirando: "Gente, mas os meus avós eram os meus avós, não eram os meus pais e os meus pais eu não convivi muito, então eu não tenho uma identificação de pais com ninguém".*
- *Na verdade ela* [avó] *me criou, o meu pai faleceu eu tinha 11 anos.*
- *[...] essa figura meio que sumiu assim...* [referindo-se à figura de materna].
- *Casou, digamos que foram morar juntos e ela me teve e aí existe uma discordância de por que eu fui criada pelos meus avós. Eu acho que na verdade eles não tinham grana ou trabalhavam o dia inteiro. Minha mãe trabalhava no* [nome da empresa]*; meu pai era delegado, então. E tinha uma babá que ficava só com a minha irmã, que ficava só com uma criança e tinha os meus avós. Meus avós, a minha avó, ela tinha um posicionamento muito de cuidar; ela era uma pessoa, ela tendia um pouco para paranoia e para obsessão em relação às coisas. Então eu acho. Eu fui a primeira neta dela e como existia essa questão mesmo de economia, de: "o que vamos fazer?" Ela falou: "Olha deixa que eu crio, vocês vêm aqui visitam" [...] e eu fui ficando com os meus avós. Minha mãe e meu pai vinham visitar, especialmente meu pai. A figura da minha mãe, mãe mesmo é uma coisa desconhecida até hoje. Falo com ela, me dou bem com ela, mas não existe uma empatia que pode ser explicada por outras coisas.*
- *Tinha a figura dos meus pais, mas eram visitas [...] eles foram casados até os meus nove anos de idade, os meus pais. Por várias vezes eles tentaram fazer essa transição e eu não quis. É o que me contam, tipo: versões sobre a sua história* [referindo-se ao fato dos pais biológicos quererem que ela morasse com eles].
- *A minha mãe ficou bastante do meu lado nessa época, porque minha avó surtou. Ela ficava à base de medicamento* [referindo-se ao assassinato do pai].
- *Minha avó me tratava que nem criança. Eu chupei chupeta até os meus nove anos de idade. Eu mamei na mamadeira até oito anos de idade. E eu dormi com ela até ela morrer, na mesma cama.*
- *Eu acho que eu não aprendi. Eu acho que a minha referência de mãe, hoje, é uma coisa extremamente negativa, porque ela não me fez mal. Podia ser pior? Podia. Podiam ter abusado de mim...*

- *É que, acho que, na verdade, essa coisa da minha mãe é uma coisa muito obscura ainda para mim, mas que eu me dou bem com ela. [...] É isso, minha avó é minha mãe, então a minha história é com a minha avó, é a minha mãe; é essa.*
- *Eu acho que é inteiramente quem cuida, não adianta. Eu acho que é a primeira identificação mesmo, com quem você se identifica. E é isso, eu levo coisas dos meus avós até hoje, eu não levo* [as coisas] *dos meus pais.*
- *Eu demorei algum tempo para descobrir que quem cuida de mim é o meu pai e a minha mãe. É uma questão de nome, eu absorvi características dos meus avós e não dos meus pais. Os meus pais eram o meu "playground", eles me levavam para festas, passava o final de semana.*
- *A minha relação de avô, são com os meus pais, eu não sei dizer a nomenclatura e a função, eu não sei! A minha vivência não me permite falar sobre isso [...] Eu me identifico com os meus avós, mas, de certa forma, fica uma lacuna em mim dos meus pais. Na verdade é tudo uma questão mesmo de ideologia, de uma coisa que é isso: os seus pais são as primeiras pessoas que você se apega, que você tem uma relação e isso se chama "pais". Eu não tive pais, eu tive avós.*
- *Porque eu achava que os meus avós estavam cumprindo função de avós,* [mas] *não estavam. Era função de pais [...] Mas hoje eu sei que os meus avós são os meus, as minhas figuras paternas. Se fosse há um tempo, ia ficar confuso, porque pai, mãe, avô "arh!!!". Por causa de um simples nome.*
- *Eu tenho desejo de adotar uma criança, várias crianças, quantas eu puder. Eu não tenho necessariamente a coisa da concepção [...] Eu sei que eu quero adotar, eu sei que eu quero ter uma relação de mãe e filho, mãe e filha.*
- *Pode ser que um dia eu queira conceber uma criança. Hoje eu não tenho a real necessidade de ficar grávida, parir, ficar barriguda e, sim, de cuidar de alguém, porque eu acho que tem muita gente que não tem cuidado e eu acho que, se eu posso dar e ser retribuída também, acho que é importante. Tem muita criança sem pai nem mãe, eu acho que a mesma função que os meus avós cumpriram comigo, eu gostaria de cumprir com pessoas.*
- *O pai que não é pai, o avô que não é avô, a mãe que acho que não dá bola e que é omissa, que não. Mas não é mãe, não tem empatia, então a avó que tomava remédio, que se matou, que me falou, então, às vezes, fica bem nebuloso. Mas, muito menos do que já foi algum dia, então, eu acho que é isso.*

3. O estresse anterior e posterior ao suicídio

3.1 O estresse anterior ao suicídio

- *Desde os meus 12 anos até os meus 15, a minha avó dizia que iria se matar. Ela dizia isso claramente; ela não superou a morte do meu pai. [...] E ela dava umas ameaçadas e ela me dizia que, quando eu fizesse 15 anos, ela iria esperar que eu fizesse 15 anos para ela poder se matar.*
- *Ninguém sabia que ela tinha se matado, até então, eu já sabia. [...] Ela fez realmente aquilo que ela estava falando que iria fazer durante esses quatro anos.*
- *Meu pai foi assassinado; meu pai era delegado, então isso para ela. Acho que era o filho favorito dela; ela tinha uma ligação muito forte com o meu pai. [...] A minha avó sempre teve um histórico meio de doenças mentais, mas de nervoso, ela era ansiosa.*

- *Ela tomava vários remédios psiquiátricos mesmo; para sossega-leões, assim, para ela ficar calma. [...] mas eu já meio que esperava.*
- *Uma semana depois, como ela tinha dito* [referindo-se ao suicídio de sua mãe-avó uma semana depois do seu aniversário de 15 anos].
- *Era uma pessoa um tanto quanto difícil de conviver, apesar de eu amá-la. Porque ela era uma pessoa totalmente, meio paranóica e que colocava bastante energia nas coisas; eu não sei nem como descrever. Eu, de certa forma, eu tinha tudo o que eu queria, mas, ao mesmo tempo, não podia fazer nada. A minha avó não me deixava brincar com ninguém, não me deixava fazer não sei o que lá.*
- *Eu só podia fazer aquilo que ela determinava e sempre que eu queria fazer uma arte ou outra, que é natural, eu era bastante boicotada. E apanhava. [...] E ela teve vários problemas de saúde, de ansiedade, de não conseguir dormir, de ser uma pessoa agitada. Sinceramente não se sabe o diagnóstico da minha avó, mas se sabe que ela tinha questões psiquiátricas porque ela tomava ansiolítico. Depois ela tomou* [nome da medicação]*, ela tinha uma coisa meio depressão com ansiedade. Era isso, uma ansiedade com depressão. Ela ficava horas; não era bipolaridade, mas ela tinha essa ciclotimia que me afetava, mas era minha realidade; eu gostava de conviver com ela. De certa forma, eu convivia.*
- *Não sei: o filho perdido? E como você é a sementinha do meu filho eu quero ficar perto de você. Ela me tratava que nem um bebê até os meus 15 anos; não me deixava fazer nada. [...]*
- *Eu acho que eram questões dela, que ela acabava, sem querer, trazendo para mim, porque a gente convivia simbioticamente. A minha avó ficava, às vezes, superchapada mesmo, de dormir durante horas, durante um "tempaço". Ela era muito nervosa.*
- *Ela me chantageava a partir daí para ter o comportamento que ela desejava, através disso: "Eu vou me matar, eu vou me matar". E por muito tempo, muitos anos, eu achei que ela estava blefando. "Óbvio, ela está blefando, ela está me ameaçando para conseguir coisas de mim". [...] ela chorava pelo meu pai todo dia, ela rezava loucamente. E esses quatro anos foram muito difíceis para o meu crescimento, porque eu vivia à sombra de uma pessoa totalmente que falava que ia se matar e que a vida dela não tinha sentido sem o meu pai.*
- *E ela se lamentava da existência dela, comigo de noite [...] na hora de eu dormir. [...] De um tempo que eu não sei a cronologia, acho que era perto de eu completar 15 anos, ela falou que ia se matar uma semana depois de eu fazer 15 anos.*
- *Para mim era o limite, e ela de fato fez, então teve altos e baixos [...] canguru total e ela era uma pessoa um tanto quanto paranóica. De querer controlar você, assim.*
- *A forma como eu, há um tempo, me comunicava com as pessoas, me referia como eu me relacionava, era o mesmo funcionamento e outras coisas mais. De ou ser possessiva ou achar [...] O que me veio é que: "Cara, eu sou uma pessoa sozinha, ninguém nunca, não vou conseguir ter, nunca, uma conectividade com ninguém e assim vai ser". Eu não consigo, eu não conseguia criar laços fortes com as pessoas. Eu não sei se isso era da minha avó, da minha mãe, de onde vem isso.*
- *Eu acho que não tinha um alinhamento, não tinha um clima único. Óbvio que tem variações, mas é que variava demais.*
- *É mas ela fez o que ela pôde com a loucura dela com a vivência dela [...].*

- *No dia* [em] *que ela morreu, eu lembro que acordei e ela estava no sofá da sala gritando, berrando. E aí eu levantei, olhei e voltei a dormir. Estavam o meu avô, o meu padrinho, todo mundo. Eu tenho um tio que é médico, vendo o coração, o que aconteceu e tal. Eu olhei a cena* [e] *voltei a dormir. Eu não sei por que eu fiz isso. E aí eu acordei uma hora depois, ela ainda estava passando mal.*
- *E ela ficava gritando o meu nome, querendo que eu fosse até lá. Eu não fui. Eu acho que ela queria falar alguma coisa, se despedir, eu não sei. Eu não fui, eu continuei deitada. Eu não aguentava mais, entendeu? Eu estava de saco cheio! E aí o meu avô foi, eu fiquei sozinha em casa. Eu não sei, eu acho que eu não sentia nada! Era estranho. E aí, depois de duas horas, o meu avô chegou e falou: "Sua avó morreu".*
- *Ela fazia com que eu ficasse preocupada. Eu tinha preocupação dela se matar, de eu ferir os sentimentos dela, de eu sair de perto dela, de eu não cumprir com as minhas funções de neta, filha.*
- *Era uma coisa meio de misericórdia, ela não quer mais viver.*

3.2 O estresse posterior ao suicídio

- *Tristeza, eu fiquei extremamente triste, desolada, eu fiquei muito triste. Imagina. Eu acho que inclusive eu fiquei superdeprimida, porque logo que ela faleceu, duas semanas depois, eu tive herpes labial, imunidade baixa de ter de ir para o hospital; eu fiquei um tempo doente mesmo do corpo. Mas eu fiquei triste, eu fiquei devastada, na verdade. Eu fiquei dormente também. Coisas que acontecem e você fala: "Nossa!" Acho a ficha demorou muito tempo para ir caindo.*
- *E aí eu* [me] *lembro de não chorar. Meu avô mal, querendo chorar, meu avô meio forte também. Minha família tem uma coisa meio: "Nós não choramos". Eu choro que nem um bebê, mas tem coisas que eu sou mais racional. E aí eu subi para o segundo andar e fiquei horas lá em cima* [estalando os dedos]. *Eu me senti mal, assim, na verdade, eu me senti sem chão. "O que eu faço agora?" Eu não sabia como iria ser...*
- *Eu acho que eu nem pensei; eu acho que eu simplesmente reagi.*

4. O alívio

- *Para mim foi meio ambíguo porque... Eu fiquei triste, porque ela era a minha referência de mãe e, segundo, na verdade, eu fiquei aliviada, porque ela queria tanto morrer e eu acho que ela buscou tanta coragem que na verdade quando ela morreu, eu, internamente, me senti aliviada.*
- *Obviamente que eu não admitia isso na época, mas foi de grande alívio aquilo para mim, porque você conviver quatro anos com alguém falando que vai se matar? E quando a pessoa se mata, tem a coragem de fazer isso é "aliviante".*
- *Mas essa questão do alívio não me sai, assim, da cabeça. Porque eu não aguentava mais alguém querer morrer e a pessoa não morrer.*
- *Mas é isso, eu senti alívio porque ela queria morrer [...] É um alívio porque ela queria se matar e depois de muito tempo eu percebi que eu pude ser "eu mesma", eu não era "eu mesma" até eu completar 15 anos. Eu era uma massa esculpida por alguma pessoa.*
- *Então foi um alívio, porque eu já senti muita culpa de falar: "Nossa! Que bom que ela morreu!". Mas não; foi bom para mim, eu pude ser eu.*

- *Ainda mais que eu tenho muito esse jogo de: podia ser pior. Eu não sei se isso é um alívio mental que eu uso para mim.*
- *Então foi libertador, além de triste.*
- *Eu não sei se eu estava de fato de saco cheio e eu queria viver a minha vida e fui extremamente egoísta e falei: "Cara, eu não posso fazer nada por isso", é isso!*

5. Culpa

- *Quando eu falo isso, é muito louco, mas eu acho que eu tenho um sistema de culpa.*
- *Eu não estou culpando a ela e dizendo nada, mas eu sei que isso é reflexo.*
- *Culpa, é a culpa básica que lhe é ensinada; a clássica, de você não poder falar coisas que, na verdade, você se sente "culpabilizada" por elas, mesmo. É uma coisa meio, um tabu mental. Se eu culpo alguém por isso, na verdade eu me sinto mal. É que isso não é uma questão moral, mas acho que isso é meio que introjetado dentro de mim quando eu era criança mesmo. Como assim, a minha provedora é alguém que me faz mal? Eu não posso falar mal de alguém que cuida de mim e que me ama.*
- *"Mas ela cuidou de você com tanto carinho, como é que você pode culpar [...] sentir que a morte dela* [a] *libertou. Você tem que sentir ficar triste, mal, porque ela era sua avó, sua mãe. Você não pode se sentir contente por causa disso."*
- *Eu já me senti superculpada, de chorar, de não conseguir lidar com a situação. Eu acho que é difícil até hoje. Mas eu acho que é isso, eu não vou ficar me culpando, atribuindo para mim culpas que não são minhas e, mesmo que fossem, sinceramente, isso para mim... Eu acho que eu fiz uma coisa errada, de certa forma.*
- *E eu já lidei bastante tempo com essa culpa, com essa dor instalada.*
- *Não sei, eu me sinto culpada de reproduzir a forma como ela me criou, porque talvez eu não concorde com ela e tenha já sofrido demais com essa forma.*
- *Então foi um alívio, porque eu já senti muita culpa de falar: "Nossa! Que bom que ela morreu". Mas, não; foi bom para mim, eu pude ser eu.*
- *Eu não podia salvá-la, entendeu? É isso, é isso que eu penso hoje. Eu não podia salvá-la do próprio destino dela, da própria escolha dela.*
- *É óbvio que eu sabia* [o] *que ela tinha feito. Eu não fiz nada para impedir.*

6. Não ser a salvadora

- *E hoje em dia eu acho que eu fiz o que eu fiz, assim. Acho que naquele momento me serviu; eu não podia salvar a minha avó; de fato, eu não posso salvar ninguém. Inclusive nem eu mesma, entendeu? É, eu acho que a gente fica meio à deriva, eu me salvo na verdade, eu faço as coisas por mim, mas eu não posso salvar outra pessoa, eu não posso pegar alguém pela mão e falar: "Vem viver comigo"; eu acho que as pessoas têm que ter força para fazer isso, assim como eu tenho.*
- *É, na verdade, a minha namorada, ela era bipolar; na verdade, foi uma coisa simples, de uma questão psiquiátrica mesmo, ainda fui escolher alguém com uma questão psiquiátrica.*
- *Eu tive ansiedade com depressão há dois anos. E eu falei: "Nossa, eu vou virar a minha avó". Você sabe que, às vezes, me ocorre de pensar: "Cara, eu vou virar a minha avó, eu vou ficar louca igual a ela", e a* [nome de mulher] *fala: "Pelo amor de Deus, para*

com isso". Então é isso; na verdade o espelho que eu tenho é de achar que eu vou ficar igual a ela. Sei lá, de querer me matar, de achar que a vida não tem mais sentido e de não conseguir me conectar. [...] Então acho que a minha primeira relação com alguém foi muito louca, foi muito estranha.

- *Eu acho que era isso: você vive desse jeito aí; você tem a liberdade de viver de outro jeito, eu vou viver daquele jeito. É isso! Variação sobre a mesma temática entendeu? A gente fica prisioneiro.*
- *Aí eu vi que não me fazia bem e aí eu falei: "De fato eu não posso salvar o outro, para de achar isso!", desde então nunca mais eu faço isso.*
- *Mas é isso, eu sempre me estrepo porque eu não sou salvadora de almas perdidas, elas não são nem perdidas, inclusive. Mas é isso, eu acho que eu tenho a obrigação de salvar as pessoas; na verdade eu acho que eu estou querendo é me salvar, entendeu? Querer isso de mim mesma.*
- *Não poderia ser um homem. É uma mulher, uma mulher e isso tem uma lógica. Não é à toa. É isso, eu acho que não é uma doença nem nada, mas são histórias que se repetem, entendeu? Que a gente não consegue meio que: "Nossa eu quero sair fora". E aí, depois dela, eu falei: "Gente, eu nunca mais me relaciono com pessoa louca, porque isso me faz mal, eu estou ficando... É isso, parece que eu quero ficar pirada de novo. E foi o meu primeiro"* [referindo-se à homossexualidade e ao seu ex-relacionamento].
- *E aí, depois que você percebe algumas coisas, percebe tudo, você fala: "Nossa! Eu caí na mesma cilada". É isso, a gente repete as coisas na nossa vida. E quando a gente não sabe, a gente continua repetindo* [referindo-se ao fato de se relacionar com pessoas complicadas].
- *Mas eu acho que a gente não deve trazer tudo o que as pessoas jogam para você para sua vida.*
- *Que a gente é realmente uma esponja; a gente vai absorvendo, é nossa primeira relação. [...] eu absorvi coisas que, na verdade, por não escolha ou por escolha, eu não sei, são dolorosas.*
- *Criança é um ser muito estranho, muito sensitivo. [...] as crianças, elas foram me conquistando e derrubando esta barreira imbecil que eu tinha de não gostar de criança. Porque eu achava que eu não tinha paciência. "Ah, eu não tenho paciência com este, esta coisa, não sei o que!" Não odiava: "Eu não quero saber de criança", mas não tinha afeição* [referindo-se à diferença em sua percepção sobre crianças].
- *Eu vou ser uma pessoa um tanto quanto diferente daqui a um ano, mas...*

7. A morte interdita e o silêncio: entre o calar e o falar

- *No dia em que ela estava no sofá, chorando e tal, tem que levar para o médico, eu falei: "Meu, ela tomou remédio" e voltei a dormir. É uma coisa que eu, sinceramente, não consigo explicar. A forma como eu reagi a isso, quer dizer, ao mesmo tempo* [em] *que eu falei: "Gente, a pessoa nunca vai se matar", para mim era inconcebível que alguém se matasse.*
- *Eu não falava nada; eu não tinha reação, eu não sabia o que fazer. Eu só acatava e me rebelava. Confrontar os adultos: "Não! Eu vou fazer o que eu quiser". [...] Xingava palavras horrorosas, mas era isso a minha forma de embate.*
- *Como é que eu vou falar isso para alguém, gente? Era isso. Eu fiquei numa estática, numa*

inércia existencial durante muitos anos, de todo esse apelo psicológico para cima de mim. Porque eu não sabia o que fazer, não sabia.

- *Meu avô falou: "Ela morreu do coração". E aí eu fui lá para cima e falei: "Meu, eu tenho que falar isso para o meu avô, as pessoas precisam saber". E aí eu falei para o meu avô. Ficou aquele não dito. É isso, as pessoas têm muita dificuldade de lidar com o suicídio. Realmente, é difícil, mas nesse caso ela queria tanto morrer, que pelo lado, pelo meu lado humano também, eu acho que eu me identificava com aquela pessoa querendo morrer.*
- *Eu simplesmente lavei as minhas mãos. Eu fui conivente com o suicídio dela, de certa forma.*
- *Porque eu tenho uma dificuldade muito grande de falar sobre mim mesma com os outros.*
- *As pessoas se fingiram de loucas. A família da minha avó. Porque, era isso, é a desculpa: "Ah, mas ela estava transtornada! Então ela não sabia o que ela estava fazendo".*
- *E eu tenho uma tia-avó que era a melhor amiga da minha avó que até hoje não acredita. [...] De tempos em tempos, ela traz a história, e eu falo: "Tia, aconteceu", e eu sempre falo para ela: "Tia ela estava infeliz; a morte do meu pai foi muito difícil; ela está bem agora, ela não quis mais viver".*
- *Além de ter essa coisa de não trazer para se discutir, as pessoas ficavam em silêncio, ficou-se muito tempo sem* [se] *falar da minha avó. O suicídio nunca era tocado, em momento algum.*
- *E aí ela veio e eu falei: "Tia, ela se matou e você sabe disso; está na hora de enfrentar, tipo, a dona da verdade". E eu disse isso para ela, depois, marcando que a minha avó tinha morrido, e as pessoas precisam falar disso.*
- *E eles não falavam nada; era uma coisa interdita na minha família. Não tratamos esse tema, que eu acho que é natural. Aquelas coisas de você estar na mesa, ninguém fala.*
- *E hoje eu percebo que é importante compartilhar. De você compartilhar até as coisas tristes. Eu não compartilhava antes, porque eu achava que as pessoas iriam ter dó de mim.*

8. O amadurecimento advindo da experiência, a descoberta de outra maneira de perceber sua história e o enfrentamento

- *Eu fiz 15 anos, eles me deram uma festa de aniversário, ela se matou sete dias depois* [referindo-se ao fato de ter sido avisada do suicídio de sua mãe quando fizesse 15 anos].
- *É a minha, é o que me foi dado, foi o que foi construído; não tem para onde eu fugir, eu não posso nascer de novo e criar outra* [o próprio nome].
- *Eu acho que estou ficando mais madura, revisando antigos preconceitos que estão caindo por terra.*
- *É que eu sou meio: "Como eu sou forte". Eu acho que tenho esse posicionamento como pessoa, mas não sei, já estou em outra etapa do processo. É difícil sempre. Eu acho que vou estar com 70 anos, ou não, vai ver as coisas vão [...] Eu não sei dizer. Eu procuro, eu sou uma pessoa que eu vivo bastante, dizem que é da minha geração.*
- *O meu futuro, eu espero, que eu só transcenda como ser humano; então eu não procuro ficar prevendo o que vou achar, como vou achar, o que quero fazer, como vou estar pensando. Mas acho que as coisas mudam; eu mudei desde então, desde que eu sou uma criancinha; então é*

isso que eu procuro. Então dói hoje e acho que sempre vai doer de alguma forma, em algum ponto, de acordo com [o] *momento da minha vida* [que] *me encontro, em que momento. Toda essa história faz sentido dentro de mim. Porque eu tenho várias sombras disso.*

- *A transformação, ela é positiva no final das contas. Eu, ao invés de me degradar na história, eu fiz disso uma experiência, um incentivo.*
- *As pessoas podem até sentir dó, hoje; só que não posso fazer nada a respeito. [...] Mas eu sentia muito que, se eu falar, as pessoas vão ficar com pena de mim, que porcaria de história.*
- *Eu apaguei a data da minha memória, não sei dizer* [referindo-se ao esquecimento da data do suicídio de sua mãe].

8.1 Diferenças

- *Meu processo de luto não sei se é um pouco diferente.*
- *Eu sempre fui uma pessoa um tanto quanto precoce; eu sempre quis fazer coisas diferentes.*
- *Mas o que é bom, eu acho,* [é] *que hoje estou preparada para enxergar as coisas de uma forma diferente. Eu acho que se eu resolvesse fazer Psicologia, com 18 anos, se eu soubesse como seria minha trajetória, do que eu realmente quero, eu acho que eu iria ser um ser humano completamente diferente.*

8.2 O enfrentamento: entre o otimismo e o pessimismo

- *Eu vou ficar o tempo inteiro estacionada nos mesmos problemas de quando eu era criança e eu não quero isso. Eu tenho 26 anos, sou adulta; é isso, eu preciso esquecer as coisas e eu esqueço as coisas.*
- *Isso teve consequências muito sérias na minha vida. Que eu, na verdade, eu busco trabalhar. Mesmo porque eu acho que tento ter uma visão otimista da vida.*
- *Eu aprendi [...] a ver o mundo meio triste, às vezes, eu acho que por muito tempo eu funcionei pelo mecanismo de pessimismo [...].*
- *Ser filha para mim é penoso e é sentir dor. Ter benefícios tem, mas é isso. Eu acho que em relação a isso tenho uma visão meio pessimista mesmo, porque para mim foi muito mais penoso que "recompensante". Acho que me deixou mais esperta em relação às coisas que eu – quando for mãe – não quero repetir, do que coisas legais. Na verdade, quando eu for mãe, eu vou ter que reinventar o que acho que é bom para esse outro.*
- *Fui criando um caminho que, hoje, tenho muito mais certeza, porque certeza eu não vou ter jamais, mas muito mais garantia das coisas que eu quero; demorei muito tempo para entender isso. Tanto é que eu tenho 26 e estou no terceiro ano de Psicologia.*
- *Aconteceu, é a minha história, então eu vou superar as coisas que não foram legais para mim..*
- *Eu pude fazer uma construção de uma pessoa.*
- *Essa história me fez ficar perdida durante muito tempo, não só isso, não é só isso. Mas, depois dos 15 anos, eu tive autonomia completa. Porque aí era isso, eu passei de não autonomia, de uma coisa meio prisioneira, para uma autonomia completa. [...] Eu passei de uma não autonomia para uma autonomia total. Depois que ela morreu, é isso. Você se vira.*

- *E isso vem hoje muito para mim, as coisas precisam ser muito da minha maneira. Muito, assim. Se eu não conseguir daqui a uma semana, "Ah! meu Deus"* [simulando gritos]. *Eu acho que é o fim do mundo. E eu, e ela fazia exatamente isso. Isso é uma coisa que eu tento mudar; eu estou muito melhor. Porque, hoje em dia, tenho consciência de que faço a mesma velha história, a mesma coisa. Porque tenho essa autonomia mesmo de experimentar, de me entender como ser humano. Sem ficar remetendo a isso, sabe? Ficar fazendo a mesma coisa que para mim não era bacana. Eu quero fazer a minha história e acabou. Não vou ficar louca, apesar de às vezes eu achar, nem ficar preocupada. Ao mesmo tempo em que ela tinha essa coisa mais de prender, de tomar conta, de vigília, o meu avô tinha da autonomia.*
- *"Eu preciso voltar para o Brasil e fazer aquilo que eu quero fazer". Eu preciso ter uma luz, um relâmpago na minha cabeça. E aí eu voltei para o Brasil, e as coisas começaram a se esclarecer. Eu tinha 23 anos. Começaram a se esclarecer.*
- *Eu realmente precisei de toda essa confusão mental, que na época, vivenciando, não era nem confusão; era gostoso, eu vivi bastante coisa agradável.*
- *Porque é isso, eu tento sempre ver que podia ser pior. Mas eu nunca tento falar: "Nossa, isto não tem jeito". Eu acho que é isso, quando eu acho que o meu problema é muito grande, eu não saio dele.*
- *Eu tenho 26 anos; eu sou adulta; é isso, eu preciso esquecer as coisas e eu esqueço as coisas. Não falar: "É isso, não vou falar mais sobre isso", mas de ressignificar mesmo toda esta bagunça que foi para mim, a minha vida até os meus 15 anos, quer dizer, a minha vida até bastante tempo, até três anos atrás, que foi quando eu consegui de fato ter perspectivas mais...*
- *"Meu Deus do céu, o que é que eu faço agora, sozinha no mundo" Mas eu acho que* [é] *principalmente libertador.*
- *A vida é muito bela para eu simplesmente tirar ela de mim; eu acho que não tenho o direito de fazer isso comigo nem com outra pessoa, porque eu gosto muito de existir e da minha existência.*
- *Eu acho que, talvez, seja exatamente pelo oposto de alguém, a coisa mais óbvia, alguém fala para você: "Eu quero morrer, eu quero morrer, eu quero morrer" e eu acho que na verdade eu queria viver, eu queria viver, eu queria viver.*
- *Eu acho que o fato de sempre, depois da morte da minha avó,* [ter] *que cuidar de mim mesma. Então, eu não tenho tempo para não querer viver.*
- *Porque eu dependo de mim mesma, se eu não me alimentar, se eu não beber água e se eu não fizer as coisas por mim, tem gente que vai fazer, vai, com certeza, mas a base sou eu.*
- *Mas o fato de ele* [pai] *morrer, mesmo de uma forma cruel, não exclui o fato de eu estar viva. Eu estou viva! O meu pai está morto, o que é que eu vou fazer? É isso! Ele está morto, eu estou viva.*
- *Foi mais dolorosa de entender que essa pessoa não iria existir mais comigo* [referindo-se à morte da avó-mãe].
- *As minhas dores, eu enfrento elas todos os dias. Todos os minutos e segundos, entendeu?*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Oito temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de sua mãe ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Como percebe o suicídio; (2) A superproteção: excesso, falta e

busca de referências; (3) O estresse anterior e posterior ao suicídio; (4) O alívio; (5) Culpa; (6) Não ser a salvadora; (7) A morte interdita e o silêncio: entre o calar e o falar; (8) O amadurecimento advindo da experiência, a descoberta de outra maneira de perceber sua história e o enfrentamento.

A entrevista com C5 auxiliou na reflexão sobre os critérios da escolha dos participantes, ou seja, por causa dessa entrevista foi possível ampliar o interesse em compreender não somente o processo de luto dos filhos cujos pais se suicidaram, mas também se pôde refletir sobre o processo de luto do filho que perdeu as referências das funções materna ou paterna. Mãe e pai são somente os pais biológicos ou são aqueles que exercem os cuidados da criança?

Parkes (1998, p. 29) acredita que "outras pessoas podem ser substitutas satisfatórias para a mãe natural, desde que possam garantir cuidados consistentes ao bebê

Nascida no Rio de Janeiro, C5 é filha de um casal que permaneceu junto durante nove anos. Primeira neta da família do pai, foi criada pelos avós a quem considera como pais e que a *avó é minha mãe, então a minha história é com minha avó, é a minha mãe; é essa*. Chama seus pais biológicos de mãe e pai e seus avós por avó e avô e, embora, acrescente que *tudo é uma questão de denominação e de nomenclatura,* afirma que, *de certa forma, fica uma lacuna em mim, a dos meus pais*.

Não sabe ao certo o motivo pelo qual morou e foi criada pelos avós paternos, mas acredita que porque seus pais trabalhavam muito: a mãe trabalhava em um banco e o pai era delegado e *por uma questão mesmo de economia*, ela foi acolhida pelos avós paternos. Morou com os avós paternos e seus pais biológicos a visitavam nos finais de semana, *os meus pais eram coadjuvantes* e *visitantes.*

Com uma irmã mais velha, filha de um relacionamento anterior da mãe, C5 também não desfrutou da convivência fraterna. Durante a semana não via sua mãe, tampouco sua irmã. No entanto, seu pai a visitava de 3 a 4 vezes por semana.

Embora seus pais tenham tentado várias vezes levá-la para a casa deles, ela nunca aceitou, principalmente por morar em um apartamento grande onde *tinha dois apartamentos para brincar, para ficar para lá e para cá*. Quando seus pais se separaram, o pai foi morar com seus avós e a irmã ficou com a mãe.

Considera-se mimada tanto pelos avós quanto por seu pai, *pelo lado da culpa do meu pai de tentar compensar e pelos meus avós como uma coisa natural.* Mas, ao mesmo tempo, sentia-se impossibilitada de fazer algo diferente daquilo que sua mãe-avó determinava: *eu tinha tudo o que eu queria, mas, ao mesmo tempo,* não podia fazer nada.

Refere-se à sua mãe-avó que *tinha essa coisa mais de prender e de tomar conta, de vigília* e que o avô *tinha a da autonomia.* As ordens eram dadas pelo avô, enquanto pedia dinheiro para o pai.

Percebe seu processo de luto como *diferente, ambíguo, triste por ser uma referência de mãe* e, simultaneamente, acrescenta que *sentiu alívio,* pois, além de não aguentar mais sua mãe falar

que queria morrer, conviveu com a ameaça da morte anunciada com data marcada por quatro anos e com o cumprimento daquilo que ouviu durante esse tempo. Portanto, parece que o não saber instalou-se em sua maneira de ser-no-mundo. Tentou encontrar explicações não somente para o suicídio de sua avó, mas também do lugar que ocupava em sua família. Ficou *devastada* e *doente do corpo*, sentiu-se *triste*, *desolada*, *sem chão* e *sem referências*.

Além de mencionar que não se lembra da data do suicídio, acrescenta que ao ver sua avó no sofá, *gritando e berrando*, levantou-se e *voltou a dormir*. Dormiu para não ver aquilo que já fora anunciado. Dormiu para não ver. No entanto, a data pode ser apagada, mas o fato infelizmente não.

Viveu duas mortes violentas, repentinas e sem aviso prévio em um período de quatro anos. A primeira foi a morte de seu pai: assassinado por traficantes, quando ela tinha 11 anos. O corpo de seu pai foi deixado em uma mala no porta-malas do carro *cheio de sangue*, na frente da casa dos avós. Foi nessa época que teve sua mãe biológica muito perto, pois sua avó *surtou* e afirma que *isso foi um divisor de águas.* Lembra-se de sua mãe biológica dizendo: "Vamos embora", enquanto seu avô limpava o sangue do carro, e sua mãe-avó fazia escândalo. Como explicar, justificar, perdoar e aceitar tais vivências trágicas? Contudo, entre a morte de seu pai e a de sua avó, percebe a morte de seu pai *mais dolorosa de entender*.

Após o assassinato de seu pai, dos 11 aos 15 anos, passou a ouvir que sua avó se mataria. Ao mesmo tempo em que a morte de sua avó a assombrava, parece ter descoberto a vida e que poderia se cuidar, principalmente depois da morte da avó.

Talvez pelo amor à vida e por não acreditar que sua avó efetivamente se mataria, não conseguia entender o suicídio. E apesar de compreender o fato de alguém querer tirar sua própria vida e enfatizar a validação do suicídio no sentido de *quando as pessoas querem se matar, eu acho mesmo que elas têm de se matar,* também o define como *egoísmo, ainda acho extremamente egoísta* e como *chantagem.* Em contrapartida, por ter experienciado o assassinato de seu pai, afirma que, anteriormente, para ela *era muito louco a hipótese de alguém tirar a própria vida* e, por esse motivo, apesar de considerar óbvio*,* pois *sabia que ela tinha feito,* acredita ter sido conivente com o suicídio de sua avó. No entanto, há de se pensar que a pouca autonomia que sentia e os sentimentos confusos, provocados pelo *sistema de culpa,* talvez a tenham impedido de exercer alguma influência sobre a decisão de morte de sua avó. Como uma criança poderia salvar ou fazer algo por alguém que há quatro anos enamorava a morte? O que uma menina sem conhecer seus direitos poderia falar para convencer àquela que queria as coisas *à sua maneira:* sua avó? Além disso, tinha preocupação que ela se matasse e, por isso, não podia sair de perto, mas, mesmo assim e apesar de não sair de perto, ela se matou.

Parece perdoar sua avó por ter cuidado dela e denomina de *sistema de culpa,* algo *introjetado quando era criança* e que parece envolver tanto a punição alheia quanto a autopunição, pois conforme foi crescendo, compreendeu e discriminou verdades e mentiras sobre sua história, percebendo, inclusive, que suas primas não a rejeitavam.

Percebe-se como a *sementinha de seu pai* e acredita que, por ser fruto do filho de sua avó, ela se tornou representante *do filho perdido* e, por isso, sente que era tratada como um bebê e igual *a uma imbecil*, salientando que chupou chupeta até os nove anos de idade, tomou mamadeira até oito anos e dormiu na cama da avó até a morte dela, apesar do lindo quarto que seu avô fez para ela. Pode-se inferir que a avó manteve a neta como criança também como um mecanismo de adiar a morte.

Relata que se sentia, quando pequena, impossibilitada de mudar, pois era impedida inclusive de brincar: *Eu só podia fazer aquilo que ela* [avó-mãe] *determinava e sempre que eu queria fazer uma arte ou outra, que é natural, eu era bastante boicotada. E apanhava* e apesar de toda a instabilidade e estresse considera que *gostava de conviver com ela*.

Além de perceber que fuma como sua avó e que age *por aquele mesmo velho conteúdo da minha avó, destaca* a confluência entre ambas pelo fato de sentir que *era uma massa esculpida por alguma pessoa.* Pode-se pensar que a confluência da relação entre C5 e avó ofereceu várias modalidades de relacionamentos, principalmente quando se reflete sobre o fato de ter acreditado que *nunca teria uma conectividade com ninguém*, pois parece preferir a solidão a se conectar com alguém para depois perder ou quando menciona sua primeira relação *com alguém muito louca* – podendo inferir que tenha reproduzido sua maneira de ser cuidada por alguém com ideações suicidas e também instáveis.

A proteção que ameaça, o cuidado que sufoca, a acusação e o perdão – no sentido de considerar o suicídio uma *chantagem* e também um *blefe* – são ambivalências denotadas ao mencionar sua relação com sua mãe-avó *de canguru total*, ao se referir à superproteção e ao cuidado e ao relatar a dificuldade de fazer diferente e seguir sua vida. Parece ter acolhido sua criança interna, pois argumenta que não queria *saber de criança e que* não tinha afeição pelas crianças, mas, atualmente, percebe-se *mais madura, revisando antigos preconceitos que estão caindo por terra* e expressa o desejo de adotar uma criança, tal como foi adotada pelos avós e, talvez, por não ter tido mãe queira ser mãe para oferecer a um terceiro aquilo que não teve.

Menina-moça-mulher que se descobriu autônoma e a aprendeu a conviver com a ansiedade de sua única referência.

Menina-adolescente que viveu na sombra do suicídio e que recebeu como presente de 15 anos, o suicídio de sua avó-mãe.

Menina que aprendeu a amar a vida por não ter mais tempo para desperdiçá-la. Ama a vida por ter se descoberto na diferença.

No passado foi uma menina sem cor, pois deveria responder aos “deverias” e às expectativas da figura que representou a maternagem: referência vigilante, amorosa, cuidadora, mas que, ao mesmo tempo, chantageava, sufocava e a impedia de ter as próprias ideias e escolhas. Menina que não teve a chance de se experimentar, brincando sozinha em seu apartamento grande. Com muitos adultos ao seu redor e com uma única referência...

Menina que sentia tudo nebuloso, pois nada parecia claro: *O pai que não é pai, o avô que não é avô, a mãe que acho que não dá bola e que é omissa, que não. Mas não é mãe, não tem empatia, então a avó que tomava remédio, que se matou, que me falou, então, às vezes fica bem nebuloso*.

Menina-moça que foi descobrindo sua cor, tom e ritmo próprios...

Menina-moça que vivenciou a morte cruel de seu progenitor e acompanhou o processo de um lento anúncio e anunciada morte de sua avó por quatro anos de sua vida.

Menina-moça que, apesar do sofrimento, enalteceu o paradoxo entre a vida e a morte, *mas o fato de ele* [seu pai] *morrer, mesmo de uma forma cruel, não exclui o fato de eu estar viva. Eu estou viva*.

Mulher que se autorizou a escolher, a retornar ao seu país. Mulher que cursa, por escolha, o curso de Psicologia.

Mulher que descobriu e entendeu que faz as coisas por si e que *não pode salvar outra pessoa,* a não ser a si mesma.

Mulher que quando for mãe, terá de reinventar o que acha *o que é bom para esse outro*.

Mulher que *queria viver a minha vida*, mas há de se considerar a dificuldade de se viver a própria vida, principalmente depois de um suicídio.

Mulher cuja força permitiu que trilhasse seu caminho, justamente por caminhar nele, e foi *criando um caminho que hoje eu tenho muito mais certeza, porque certeza eu não vou ter jamais, mas muito mais garantia das coisas que eu quero.*

Trilha o caminho da Psicologia e busca compreensões...

Compreende que sua mãe-avó *fez o que ela pôde com a loucura dela*.

Compreende a superação daquilo que lhe aconteceu. *Aconteceu, é a minha história, então eu vou superar as coisas que não foram legais para mim, que não são legais para mim*.

O tabu do assunto que não é discutido, a frequente negação de sua tia-avó e o silêncio se fizeram presentes nesse processo. E, em alguns momentos, o silêncio permaneceu, parte *porque não fala com qualquer um*, parte porque tinha receio de que as *pessoas sentissem dó*. Mas parece que, atualmente, percebe que não pode ser responsável também pelo o que as pessoas sentem e, sim, pode assumir somente o que ela mesma sente.

Compreende suas preocupações, *ela fazia com que eu ficasse preocupada. Eu tinha preocupação de ela se matar, de eu ferir os sentimentos dela, de eu sair de perto dela, de eu não cumprir com as minhas funções de neta, filha.* Parece ter uma vivência de se ocupar previamente para que as coisas possam acontecer conforme idealiza. E, ainda que perceba sua tendência à repetição, parece estar consciente de que não deseja fazer *a mesma coisa que para mim não era bacana,* lembrando que a morte de sua avó foi constantemente anunciada.

A morte de sua mãe foi vista com ambiguidade, pois, sentiu alívio e, simultaneamente, culpou-se. Afinal de contas, como sentir alívio pela morte de alguém que cuidou dela? Como sentir alívio pela morte de uma mãe?

Destaca-se a discriminação de dois fenômenos diferentes: sentir alívio pela finalização de seu sofrimento e também culpa pela perda da mãe, que provavelmente emergiu quando se deu conta do jeito que reagiu no momento em que sua avó *gritava e berrava*. Foi *dormir* e, segundo ela, não fez *nada para impedir*.

Outros paradoxos se desvelaram, tais como os seguintes.

- *Fazer sentido e/ou estar nas sombras (Toda esta história faz sentido dentro de mim. Porque eu tenho várias sombras disso).*
- *Atacar e/ou se rebelar (Eu só acatava e me rebelava – referindo-se à relação com sua avó).*
- *Deixar morrer, porque a pessoa quer morrer e/ou interferir para impedir o ato suicida.*
- *Ter certeza e/ou incerteza (eu fui criando um caminho que hoje eu tenho muito mais certeza, porque certeza eu não vou ter jamais).*
- *Liberdade e/ou prisão (de uma coisa meio prisioneira, para uma autonomia completa).*
- *Sentir-se sozinha e/ou livre (O que é que eu faço agora sozinha no mundo? Mas eu acho que principalmente libertador).*
- *O pai morto e ela, viva (Ele está morto, eu estou viva).*

Para os outros, a avó morreu do coração, e o calar surge quando o falar seria tão importante. Fala-se sobre a morte, mas não se fala sobre o suicídio. Compartilhar talvez seja uma forma de enfrentamento e outra maneira é o fato de cuidar de si, pois *não tem tempo para não querer viver*.

A morte de sua avó-mãe provocou o ressurgimento da descoberta de sua vida autônoma e autorreferenciada, saindo da *inércia existencial* que vivera *durante muitos anos*. Difícil talvez tenha sido o fato de se sentir tolhida e impedida para exercitar e experimentar todo seu potencial: *Eu era uma pessoa, uma criança com um puta potencial, porque eu queria fazer coisas novas, eu queria poder escolher certas coisas, porque eu já tinha como fazer isso. E eu não podia, não podia não dormir com ela, porque ela ficava extremamente magoada*. Assim, o alívio se refere ao fato de ter uma chance para se descobrir como pessoa, como ser individual e singular, como mulher que pode escolher e que tem autonomia para ser.

Após a morte de sua avó, aos 15 anos, passou *de não autonomia, de uma coisa meio prisioneira, para uma autonomia completa*. Foi longe em busca dela, pois morou fora do país, aos 18 anos, *quando eu acho que o meu problema é muito grande, eu não saio dele*. Cabe a indagação: o que foi grande para que a fizesse sair do seu país? A falta de referências? A necessidade de procurar referências em outros lugares diferentes? A solidão? A perspectiva de se tornar a autorreferência?

Menciona que sua homossexualidade tem relação com a repetição, *não poderia ser um homem. É uma mulher, uma mulher e isso tem uma lógica. Não é à toa.* Qual seria a lógica?

Decidiu retornar ao Brasil: sua terra natal, seu país. Iniciou psicoterapia por incentivo de amigos que cursavam Psicologia. Amigos, professores e a psicologia parecem ser suas referências atuais.

Versões sobre a história parecem configurar a compreensão de sua vida. Uma história de excessiva confluência, mas que, atualmente, parece apresentar muita diversidade e ampliação de possibilidades e de acolhimento das diferenças. Se, para a Gestalt-terapia, contato significa a apreciação das diferenças, C5 tornou-se consciente de suas necessidades e tem ido ao encontro da satisfação dessas necessidades, tem ampliado seu contato.

Apesar de ter uma referência de mãe que sempre falava da morte como extinção do sofrimento, aprendeu a extrair amor pela vida, por achar que, *talvez, seja exatamente pelo oposto de alguém, a coisa mais óbvia, alguém fala para você: "eu quero morrer, eu quero morrer, eu quero morrer" e eu acho que, na verdade, queria viver, eu queria viver, eu queria viver.*

Parece acreditar que o amadurecimento acontece em etapas. Aprendeu a querer viver e parece ter descoberto que, depois da morte da avó, teve de cuidar de si. Passou do heterossuporte (suporte externo) para o autossuporte (discriminou suas necessidades e se tornou responsável pela satisfação delas).

E a mensagem que desejo transmitir para agradecer pelo fato de compartilhar sua história é: ***Viva a sua vida menina-moça-mulher com toda a potência que nela encontrar!***

SOBREVIVENTE 6: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 6
C6: 29 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade quando o suicídio aconteceu: 7 anos e 6 meses (23 ou 24 de junho de 1990)
Pessoa que cometeu o suicídio: mãe
Método do suicídio: jogou-se do edifício.
Local da entrevista: seu consultório de psicologia
Tempo total de entrevista: 02 horas 51 minutos 07 segundos
Análise enviada em: 8 de janeiro de 2013
***Feedback* da colaboradora:** 13 de fevereiro de 2013

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

No ano de 2005, conheci a colaboradora 6, em um contexto no qual fui sua professora do curso de psicologia. Meu contato com ela durante sua formação foi agradável: sempre se revelou interessada, curiosa e questionadora. Sinaliza que aceitou participar da entrevista porque gostaria de verificar como se sentiria revisitando sua história, salientando que acredita que a história de todos, e não somente do filho da pessoa que cometeu suicídio, deve ser revista. Ficou feliz quando soube que acompanharia a pesquisa. Recebeu-me em seu consultório confortável. Ser recebida em seu consultório, anos depois de sua formatura foi um grande presente, pois segundo o ensinamento de uma amiga que fora minha professora na especialização de Gestalt-terapia: "Quando o discípulo cresce, o mestre desaparece"[5]. Essa foi a exata sensação que tive ao entrevistá-la – moça e menina que me surpreendeu quando, ao receber o convite da minha pesquisa, por intermédio de sua amiga, disponibilizou-se prontamente para participar da pesquisa de maneira intensa, profunda e encantadora. Mulher que se refez e que recebe minha reverência. Despeço-me da condição de sua ex-professora e dou as boas-vindas, com muito orgulho, para a colega de profissão.

1. A falta de referências e as referências. Com quem contou?A rede de apoio

- *Sempre contei muito com minhas amigas, porque desde pequena eu sempre tive, eu sou superfã das amizades. Minha avó, minha avó – mãe do meu pai –, a família do meu pai, sempre foi para mim tipo um oásis, entendeu?*
- *Então sempre meu pai foi meu porto seguro, assim, sabe?* [referindo-se ao pai].
- *E eu acho que as pessoas não crescem graças às proteções [...] ficou atrasada em um monte de coisas por ter sido sempre protegida* [referindo-se à irmã].
- *pude contar com minha avó, mãe do meu pai.*
- *Meu pai não queria, também, depois, ficar com a gente. Eu acho que ele não se sentia*

[5] Mensagem de e-mail enviada por Cecília Souto no dia 11 de outubro de 2012.

capaz de cuidar das meninas, duas meninas. Ele ficou deprimido, mais culpado. Mas ele nunca ficou longe. Sempre pagou todas as coisas, a gente nunca deixou de vê-lo.

- *Meus amigos. Os amigos, tipo, eu tinha amigas que a mãe era assim ou assado. Como eu era muito bem-educada, inteligente, então as mães das minhas amigas me adoravam. E como eu não tinha mãe, eu adorava elas também.*
- *Famílias emprestadas, assim? E com 16 anos eu fiz intercâmbio, também. E eu fui irmã de uma menina que era adotiva. Então, eu fui para uma família que a mãe era branca, o pai era negro, em um país que tem o maior preconceito. Você sabe como é intercâmbio. Eu tinha 16 anos. E essa menina tinha nove anos e tinha enurese noturna, dormia de fraldas. Era adotada e sabia que era adotada, então não podia ter irmãos. E eles me escolheram para ser irmã dela por seis meses. Só que foi tão perfeito que eu não queria voltar porque minhas avós é gente velhinha e não tem a mesma estrutura.*
- *Eu sei que eu mudei de casa, mudei de telefone e perdi o contato, sabe? [...] Quando essa minha tia morreu, minha avó, minha vida começou a degringolar. [...] mas eu perdi o contato com eles e aí faz 12 anos que eu estive lá. E aí eu encontrei minha mãe por* [nome do programa de comunicação virtual]. *[...] eu tive uma família muito fofinha lá. Sabe? Não que minha família não seja fofa, mas é que era bem longe do que se diz que é uma família.*
- *Então meu pai* [pai do intercâmbio] *treinava comigo para eu ficar boa para eu passar na peneira. Meu pai de lá. Eu aprendi a jogar soft bowl, ele treinava comigo no quintal de casa.*
- *Eu acho que a falta maior foi de não ter ninguém para conversar comigo sobre isso. [...] Por isso que amigos sempre me ajudaram.*
- *Então, ficou provado, não dá mais para fingir que não tenha alguma coisa de errado acontecendo, entendeu? Não dá mais para fingir."Essas meninas precisam de ajuda." Então teve todo um suporte, meu tio, minha tia, meu pai, até demais. Alguns não foram tão suporte assim. Mas meus avós... cada um do seu jeito tentou contribuir e o principal: "Gente, existe uma coisa, elas precisam falar deste emocional", sabe? Então, acho que se criou um espaço para se falar das emoções que antes não tinha.*
- *Minha irmã sempre comprou as brigas, não teve medo de comprar as brigas. Eu tive medo de comprar briga. Agora a gente já não tem mais isso, eu compro briga no nome dela, ela compra briga no meu nome.*
- *Que eu penso: não, a mamãe salvou a gente, porque primeiro, ela saiu de cena que ela estava fazendo muito mal. E, segundo, a gente teve todo um suporte que não sei se a gente teria. [...] Eu com certeza estou me sentindo ajudada já. Porque acho que foi incrível as coisas que eu percebi, falando e tal. É, porque existiu alguém que queria saber e que tinha interesse.* [referindo-se à sua percepção sobre a pesquisa e a pesquisadora].

2. Mãe, avó, mãe do intercâmbio: a função materna e a influência sobre a feminilidade

- *Assim que minha mãe morreu, minha avó pegou a gente para criar...*
- *Minha avó já estava com diagnóstico de Alzheimer. E ela era a única mulher, assim, na verdade ela era a única pessoa da família da minha mãe com quem eu poderia retomar a história. [...] Porque eu fui morar com minha avó e minha avó passou a ser... tipo minha mãe, digamos assim.*

- *Minha mãe era uma menina, assim, muito carente que foi criada para ser casada, para ser uma princesa, para casar com um homem rico, para ser mãe, para ter filho, sabe? [...] minha mãe teve acesso a coisas da alta sociedade, sabe?*
- *E minha avó colocou que seria a razão da vida dela para ela ficar conosco. Com as filhas da filha dela.*
- *Mas eu tinha uma dificuldade em ser mulher por causa da minha mãe. [...] Ela era decoradora, ela era mulher, depois eu fiquei com uma velha. Que é minha avó. Tipo: fui criada por senhoras que eram rígidas, militares. E minha mãe cozinhava muito bem, ela sabia. Essas coisas de ser mulher entendeu? Porque ela foi criada para isso. Então, eu virei uma menina meio assim, que não tinha como expressar minha feminilidade, sabe?*
- *Minha mãe, dentro do que ela podia fazer, ela sempre se preocupou de deixar a gente sempre bonitinha, arrumadinha, não* [me] *lembro de maus-tratos, assim. Sabe? De ter ficado sem comer, porque ela estava doida. [...] Ela era uma pessoa, uma mãe que, dentro da loucura dela, ela gostava da gente.*
- *Que eu tenho ela até* [avó] *hoje. Tá com 98, mas ela está lúcida, um amorzinho.*
- *Então minha avó, eu acho que ela sempre teve uma noção, da doença da minha mãe e ela sempre cuidou da gente. Ao contrário do que eu me lembro das brigas da minha mãe com a mãe dela. Então, por isso que eu não queria, eu tinha medo da minha mãe, da minha avó materna, eu não queria morar com ela.*
- *Enquanto minhas amigas se revoltavam, eu ficava: como? Você tem mãe, eu já achava que era uma coisa incrível. Você tem mãe, você não pode ficar brava com a sua mãe, sabe? Você tem que levantar a mão para o céu. Coitada de mim.*
- *Pai e mãe* [os pais do intercâmbio]*, sabe? Que vão torcer por você nos jogos. E ela escolhia vestido de formatura.*
- *Então era isso que eu sabia. E eu tinha, assim, colo. Mãe não faltou, porque mãe, qualquer um pode exercer essa função. E minha mãe eu não sentia muito mãe. Eu sentia que era uma pessoa que me tinha como rival, que brigava comigo, que brigava com meu pai, com minha babá, com todo mundo, entendeu? Então, falta de mãe eu acho que eu não tive. Até porque eu me irritava que eu tinha até mãe demais. Todo mundo queria ser minha mãe, entendeu? E nem sempre eu queria que aquela pessoa fosse minha mãe. Eu tinha minhas mães escolhidas.*
- *Como eu era muito intuitiva, não sei se realmente minha mãe tinha umas atitudes que realmente eu poderia ter me acontecido alguma coisa, você concorda? Eu poderia ter caído. É, eu poderia ter me jogado, porque eu poderia ter falado: meu, vou fugir daqui e vou fugir pela janela. Sabe, assim? Não sei. Eu poderia ter sido sequestrada quando eu fiquei lá na porta da casa do meu pai, não quis tocar a campainha.*
- *Porque minha tia me obrigava. Não podia lavar a cabeça quando eu queria. Eu não podia botar o dedo na boca que eu levava, ela punha pimenta. Ela falava: "eu vou colocar vocês na linha". Então ela era muito rígida e depois que ela morreu minha avó começou a se permitir deixar a gente dormir fora, na casa de amiga que a gente queria tanto. Então, eu ganhei uma vida também, depois que minha tia morreu. Depois que minha mãe morreu, também ganhei uma vida, a vida inteira foi assim. Eu não acho morte uma coisa ruim.*
- *Acho que o que me ajuda muito com minha mãe é assim: ah, eu desejava a morte dela? Não. Primeiro, em primeiro lugar eu desejava que minha mãe fosse minha mãe. Só que*

ela não estava conseguindo, entendeu? Então, você quer que uma pessoa fique viva, para quê? Sabe? Para que mesmo? [...] Porque, ao falar, me escutar [na entrevista]*, eu vi que está bem diferente, que eu estou com um novo desafio que é o de se desvincular das culpas. Pegar o exemplo da minha mãe, só para viver, não para morrer.*

3. Saber e não saber. Incertezas, lacunas e as histórias contadas

- *Eu não sei te falar, eu acho que foi minha avó* [referindo-se à internação da mãe]. *Você vê, para eu retomar essa história, tem várias lacunas.*
- *São muitas coisas que não sei se daria para confiar, assim, se fosse verídico. Que fosse mais próximo do que aconteceu mesmo* [referindo-se aos vários comentários de outros sobre a morte de sua mãe].
- *Minha avó estava com a chave do carro da minha mãe. Não sei por que, acho que minha avó estava tentando controlar ou pressentindo alguma coisa, sabe? E aí minha avó deu a chave para ela, porque ela sabia. Isso eu sei porque, assim, eu acho que já ouvi essa história, entendeu? [...] Aí minha mãe falou que iria descansar um pouco no carro. E aí ela saiu e nunca mais voltou.*
- *Na história que minha irmã conta é com muito mais lacunas que a minha e ela fala umas coisas, que ela viu o diabo, sabe? Umas coisas assim... é, meio religiosas, não sei explicar* [referindo-se ao fato de sua irmã acreditar que o suicídio de sua mãe foi coisa do diabo].
- *Que é o que eu estava falando antes?* [após falar sobre a culpa do pai, pois sua mãe se matou na data do casamento deles]. *[...] Ela nasceu para ser bonita, sabe?* [referindo-se à mãe].
- *Ele era um menino, muito menino, sabe?* [referindo-se ao pai].
- *Eu acho que minha mãe, na realidade, foi internada depois que meu pai saiu de casa.*
- *É... mas é meio difícil, porque tem histórias divergentes. Das pessoas [...] Ele era primo-irmão da minha mãe. Ele conta: "Sua mãe era uma mulher incrível, ela era para cima, alto astral, animada". Mas, ele falou assim: que minha mãe já planejava isso faz tempo.*
- *Porque eu a via lendo muita a Bíblia tinha umas fitas de ouvir, assim, de autoajuda, sabe? [...] Meu tio falou assim: que no aniversário de alguém, ela tinha acabado de completar 33 anos, que é a idade de Cristo, e aí, e aí, ele falou asism: "Pô* [nome da mãe]*, 33, né? Continua bonita". Alguma coisa assim. E aí ela virou e falou que ela já estava há muito tempo na terra, que já tinha passado do tempo que ela poderia estar aqui. [...] Acho que ela se comparava com Cristo, sei lá. [...] ela foi construindo todo um porque ela tinha que deixar a terra. E aí ela se suicidou com 36 anos, superjovem.*
- *Porque meu pai, ele me contou essa história algumas vezes, mas eu acho que ele mesmo conta de uma maneira tão complicada que eu tirei minha conclusão, sabe? Não entendi porque pela janela da cozinha. Você tem que subir no fogão, passar por um negócio pequeno, era uma janela pequena.*
- *Tudo o que tinha a ver com minha mãe, minha irmã queria saber, ver e tal; eu evitava. Por quê? Mas não é verdade. Isso não é verdade. É que pelas coisas que eu ouvi, eu fiquei meio traumatizada. [...] Sei lá, não dá para saber o que leva uma pessoa a fazer isso, a fragilidade dela, talvez. Muito complicado.*
- *Porque meus amigos sabiam e eu não. [...] Aí eu, tinha vergonha de dizer: não sei. [...] Todo mundo saber da minha vida e eu não, né? Porque meu prédio era perto da escola,*

isso daí para mim foi ruim, assim. [...] Fui para escola, só que sem saber o que estava acontecendo.

- *Eu comecei a ficar na dúvida. Das coisas que eu sentia. E, como eu sentia muita raiva da minha mãe e ela efetivamente desapareceu, como eu desejava tantas vezes que ela sumisse. [...] Então, acho que a pior coisa foi eu achar que tudo o que eu fazia era errado. [...]. Minha percepção. Eu ter dúvida do que eu penso. Eu nunca poder confiar no que eu penso, porque eu sempre achava que era errado. Porque se eu gostava da minha mãe e ela dizia que não, que eu só gostava do meu pai, então, pensava: tá, então eu não gosto. Ou eu gosto? Então, eu devo confiar no que minha mãe está falando para mim? Ou no que eu sinto? O que é sentir, sabe? [...] Eu não conseguia ser assertiva nas coisas que eu falava, entendeu? Por isso que eu, eu falava e depois eu ficava na dúvida do que eu falei* [falava]. *Então as pessoas achavam que eu era falsa. É... achavam, falavam para me magoar, não sei, eu era muito frágil, assim, sabe? Do tipo... eu me sentia sempre a pior e tal.*
- *Porque acho que o pior, também, foi ficar três meses sem saber. Acho que isso foi terrível, porque não tinha um adulto capaz de... Meu, sabe?*
- *E daí, antes dela se suicidar, bem antes dela realmente se jogar lá de cima, parece que ela ligou para meu pai e ele estava num sítio de um amigo.*
- *O carro da minha mãe não estava no posto, [...] os caras devem ter assustado ela, falando: "Ah, ela estava transtornada, saiu andando por ali", sei lá.*
- *E aí, só que ela* [avó] *não chorou, não derrubou uma lágrima [...] uma coisa superestranha. Acho que ela não entendeu, demorou para "cair a ficha" dela.*
- *Porque foi um rompimento total. Porque minha mãe desapareceu da noite para o dia. Eu fui morar com minha avó, fiquei um tempo sem ver meu pai, não voltei mais no meu apartamento.*
- *Ela* [tia] *explica o que aconteceu com minha mãe e ela diz que ela localiza como se fosse quando ela engravidou da* [nome da irmã]. *Eu já conversei com ela. Então ela conta. Eles não queriam que minha mãe engravidasse, porque ela já não estava bem. E tomando vários remédios, quando ela engravidou da* [nome da irmã], *minha avó, acho que insinuou ou falou sobre aborto. [...] Quando minha irmã nasceu, realmente minha mãe estava muito mal.*
- *Para mim o pior foi a loucura. [...] Eu acho que uma pessoa que se suicida, ela deixa um estrago.*

4. A busca da compreensão e a construção de um sentido

- *Inclusive eu estou sempre numa investigação desses dados. Porque é minha vida é minha história que eu tenho que recuperar. [...] Tudo que eu vou construindo.*
- *Eu acho que ela* [mãe] *era tratada como centro das atenções mesmo. E quando ela efetivamente se apaixonou e se viu frustrada em algumas situações, eu acho que ela não aguentou. Mais ou menos essa a ideia que eu tenho.*
- *Então eu nunca mais entrei no meu apartamento. Todas as minhas coisas foram vindo em malinhas, para casa da minha avó.*
- *Eu me lembro que eu encontrei a certidão de óbito da minha mãe. E eu li. E eu não entendi nada. Obviamente, porque são aquelas coisas técnicas. Sei lá, hemorragia interna, não sei o quê. Que eu acho que é isso que dá quando a pessoa cai. Hemorragia interna. Aí*

eu comecei a pesquisar, não me lembro como, não existia internet, eu não tinha acesso. Então, eu acho que eu perguntei: as pessoas morrem de hemorragia interna para alguém, sabe? Quando que as pessoas morrem de hemorragia interna? "Ah, quando tem uma batida, alguma coisa". Então eu inventei a história que minha mãe tinha morrido de um acidente de carro.

- *Eu sei que eu odiava Dia das Mães, eu tinha que fazer o bendito presente na escola, e eu tinha que dar ou para meu pai ou para minha avó... ou queria levar no cemitério, mas também não fazia muito sentido para mim. Então eu detestava, sabe?*
- *Foi tipo uma excursão, assim. E o cemitério dá medo, porque tem um monte de gente louca que fica andando no cemitério. Daí eu fui um dia com ela* [amiga] *e a gente ficou com medo e saiu correndo. Mas eu vi lá. O túmulo da minha mãe está com o rosto dos familiares. Com as outras irmãs da minha mãe, da minha avó e tal.*
- *Então todo mundo me tratando de um jeito que eu não entendia o por quê. Porque era uma escola meio pequena.*
- *O processo de luto de um filho de suicida. Eu acho que quando você é criança, você ainda tem muita vida pela frente. Ainda, não sei, parece que é mais fácil quando você é criança do que quando você é adulto. Não sei se é porque eu era criança, não dá porque eu não tenho duas histórias. Mas eu tendo a pensar que o fato de eu ter sido criança, me deu, na época me ajudou. Porque daí, é de ter tido o suporte que eu tive. Porque minha mãe não tinha muita condição, mas eu estava numa família que se mobilizou com isso, resolveu cuidar.*
- *Eu entendo que eu fico grata também quando alguém me conta alguma coisa... a gente gosta de escutar as pessoas. Porque acho que é essa busca: de saber as soluções que as pessoas vão dando para as fatalidades que acontecem que vão traumatizando. Que é o insondável da vida: por que aconteceu comigo? Será que sou uma má pessoa, será que eu mereço? A gente vai construindo as respostas. Então, é isso: eu estou grata, porque eu acho que, pô "meu", que maravilha que tem pessoas que querem saber da nossa história* [referindo-se à pesquisa].
- *Eu tive que buscar forças no fundo do poço; porque eu tive. Mas, com certeza, eu não teria feito isso se eu não precisasse, sei lá. Questão de necessidade. Não de tipo: ser superior, uma questão de sobrevivência mesmo. Como outro desdobramento do fato. Porque esse "sintominha" da arrogância. Porque, por um lado, você se sente a pior das piores e, por outro lado, o outro lado da moeda é que você se sente a melhor das melhores, entendeu? Então, você não é a melhor das melhores, mas você tem uma história difícil, conseguiu dar uma solução*
- *Minha versão é que minha mãe quis escandalizar. Lógico que ela não fez nada de propósito. Que ela estava bem perturbada mesmo. Eu não acho que teve uma coisa. Ela estava com uma desordem muito grave mesmo. Eu não acho que uma pessoa que se suicida, eu não sei, até depois eu quero saber. Mas que ela queira se suicidar, assim tipo, sobriamente queira. Acho que a Virginia Woolf queria mesmo. Não sei, é um querer e ao mesmo tempo não é. Eu acho que a pessoa queria ferir os outros, minha mãe. Mais do que acabar com a vida dela, sabe? Por isso que foi na véspera ou no dia do casamento do aniversário com meu pai. Ela queria falar para as pessoas, assim: que ela não aguentava mais o que ela conheceu do mundo. Como era a vida dela, ela não queria para ninguém.*
- *Por isso que eu falo que foi um ato de coragem ou de covardia. Eu tenho dúvidas. Por um lado foi de covardia, porque ela não quis, tipo: ela não quis conviver com as frustrações*

que a vida foi dando. Com meu pai não querer ficar do lado dela, ou sei lá o quê. Com ela não ser mais a princesa. E, por outro lado, foi de coragem porque foi uma coisa assim: ah, quer saber? Chega dessa parafernália, assim, sabe? Tipo: vamos, tudo bem, não puderam olhar para o que realmente importava na vida, para mim, então agora eu vou fazer isso e pelo menos vão poder cuidar das minhas filhas, sabe? Esses dois lados que eu vejo.

- *Naquela reportagem falava isso, que os filhos de suicida sofriam mais, estatisticamente, do que aqueles que perdem os pais por acidente. E eu acho que assim: se eu fosse dar uma resposta para isso a partir da minha vida, é* [pelo] *perfil psicológico de uma pessoa que, de fato, se, venha a morrer dessa maneira. Através do suicídio e todos os ataques que ela faz antes de morrer. Porque acho que isso é pior do que a pessoa morrer, entendeu?*
- *A maneira como a pessoa morre, às vezes, é mais traumático do que a pessoa morrer em si. Então é isso. Minha mãe não adoeceu, ela desapareceu da noite para o dia, mas, ela adoeceu psiquicamente. [...] Ela não estava em condições, ok. Mas eu acho que a vida de um, repercute na vida de outros. E acho que é isso que me limitou durante muito tempo: muitas vezes, eu tinha essa compreensão clara que a vida minha afetava a vida dos outros.*

5. O medo de ser igual à sua mãe – a genética do suicídio?

- *Sei lá, porque a gente pensa que se sua mãe fez isso, o seu destino vai ser, sei lá. A criança, ela se espelha muito no adulto. Então, você olhar para os adultos à sua volta e logo aquele que é sua mãe, ter feito isso, você pensa: "Ixi", eu vou ter o mesmo fim. Por muitos momentos eu tive medo de ter o mesmo fim. Então, se eu ficava triste, eu ficava muito assustada, porque eu pensava que essa tristeza poderia tomar conta de mim e eu poderia querer deixar a vida. [...] Então eu ficava brava comigo por eu ficar triste. [...]. Eu sou muito emotiva, eu sempre choro bastante. É, só que não associo isso com uma depressão, não tenho medo de ficar louca. Não tenho essa dúvida de que eu corra risco de me suicidar. Que meu pai sempre teve esse medo e eu também.*
- *Porque meu pai tinha muito medo que a gente enlouquecesse. Então ele que quis colocar a gente na terapia. Porque ele achava que era genético, entendeu? E ele sempre teve medo, porque ele achava que a* [nome da irmã] *corria mais riscos do que eu. Então sempre foi difícil para meu pai continuar pagando minha terapia. [...] Porque eu sabia que meu pai tinha medo de a gente ficar louca. Eu sabia que as pessoas tinham medo de falar isso e ficarem loucas ou brigarem. [...] E meu pai achava que era genético e nunca eu soube a respeito disso de verdade, tive que fazer faculdade de psicologia e não sei quantos mil anos de terapia para descobrir [...] Até onde que eu tenho que eu estou correndo um risco de ficar louca. Até onde que isso me afetou, conversar, sabe? Basicamente conversar. Ter diversos pontos de vista sobre a situação.*
- *Então a gente está a salvo, passou a época de risco, assim. Porque a gente já teve um grande amor, já perdeu. Eu já tive um namorado que eu achei que ia casar, não casei. A* [nome da irmã] *também. E a gente sobreviveu a isso. Eu acho que isso daí... era um medo, porque foi o que aconteceu com minha mãe.*

6. Não lembrar e lembrar

- *Ela começou a ter uma falas estranhas e que ele* [pai] *se lembrava de um dia que ela virou para ele e falou assim: porque ela começou buscar uma salvação. Não é que ela não lutou. Eu acho que minha mãe deve ter convivido com essa idéia durante muito tempo na realidade.*

- *Só que eles* [seus pais] *se amavam, assim, pelo que eu me lembro.*
- *Porque eu não me lembro dela* [mãe] *ter tentado antes, não* [suicídio]. *[...] Minha mãe não estava nada bem e ela saiu... essa é a única coisa que eu me recordo. Que ela falou que ela estava com muita dor de cabeça e ela queria ir para o carro.*
- *Minha avó parou num posto. E perguntou, porque ela viu o carro da minha mãe nesse posto, e minha mãe não estava no carro. Aí perguntou: "Ah, você sabe da pessoa que estava dirigindo esse carro?". Isso eu* [me] *lembro de ter ouvido, de dentro do carro. [...] Acho que ela estava bêbada, não me lembro. [...] Eu acho que teve uma história dela ter tomado meia garrafa de vodka, para se encorajar. Não de se matar, porque acho que isso ela não precisava de coragem não. Mas de falar algumas coisas para meu pai, talvez.*
- *Eu não me lembro o dia exato, se foi dia 23 ou se foi dia 24, porque tem uma história sobre isso também.*
- *Pouco antes dela se suicidar, assim. Ela saiu da internação... eu não me recordo...*
- *Eu não queria ficar com minha avó, eu* [me] *lembro disso.*
- *Então eu* [me] *lembro de coisas. [...] eu lembro de uma vez só que ela foi, tipo mãe, sabe? Que você espera de uma mãe? Tipo que ela, que meu pai estava bravo comigo e eu acho que ele me bateu, não sei, aí ela foi no quarto, porque eu estava chorando e ela ficou lá, me fazendo dormir.[...] Aí nesse dia, eu lembro que ela se trancou no quarto com a* [nome da irmã] *e ficou lá. Me trancou para fora, sabe? Vi e ela ficava falando bem alto assim, para eu ouvir: "Ah* [nome da irmã] *eu só gosto de você...". [...] eu gravei isso, não sei, acho que eu não inventei da minha cabeça, não pode ser.*
- *Não me lembro de ter sido malcuidada, assim, nas necessidades básicas. Eu me lembro, então, eu acho, assim: minha mãe tinha sim, um carinho, uma preocupação, às vezes ela falava, quando ela se separou: "Pode faltar tudo para mim, mas, não para vocês".*
- *Que não* [me] *lembro de nada, eu* [me] *lembro do meu primeiro dia de aula, eu não morava mais no prédio que eu morava que era do lado da minha escola, minha casa era mais longe, eu lembro que eu tinha que ir, almoçar mais cedo, sabe, assim? E aí eu fui parar na escola, eu lembro dos meus coleguinhas falando: "Cadê sua mãe"? E eu contando a história da "carochinha" que me contaram, que ela estava no hospital passando mal.*
- *Lembro dos meus amiguinhos apontarem para o céu, assim. Eu me lembro disso, sabe? Cochicharem e apontarem para o céu.*
- *Eu* [me] *lembro de eu falar, já em terapia, eu lembro que eu tinha uma preocupação em provar para as pessoas, com meu comportamento, que a gente não era assim, que a* [nome da irmã] *não era assim, porque a gente não tinha mãe.*
- *E ela foi me levar no hospital para ver minha mãe. Minha irmãzinha que tinha nascido, né? E eu tinha dois anos e meio. E aí ela falou que minha mãe olhou para mim e falou assim: ela já me contou esta história depois de eu crescida. É... olhou para mim e falou: "Nossa! Mas ela está toda suja! Que coisa horrível".*
- *Por isso que eu pude optar. Mas eu chorava muito, constantemente, eu não* [me] *lembrava das coisas que eu falava para minhas amigas. E elas falavam que eu era falsa. Que eu acho que eu tinha medo de magoar as pessoas.*
- *Se você for olhar mesmo, a situação, querer saber o que aconteceu, lembrar, não apagar da memória. É igual você assistir* [a] *um filme triste, entendeu? Embarcar, se entregar*

naquelas emoções. Se eu assisto[a] *um filme, eu choro, mesmo que não fale de suicídio, um filme emocionante.*

- *[...] De lembrar como ela* [mãe] *era triste, de lembrar que ela me magoou, essas coisas. Mas não é uma coisa que eu estou lembrando, porque eu estou falando com você* [pesquisadora]*, também. É uma coisa que é minha vida, não deixei ela guardada numa gaveta, entendeu?*

7. A emancipação: cuidando de outros e o perfeccionismo e o reconhecimento que pode ser diferente

- *Então meu pai, ele sempre me solicitou, porque ele tinha medo das atitudes da mamãe, ele sempre me solicitou para cuidar da* [nome da irmã]. *De verdade. E as pessoas sempre pediam para eu abrir mão das coisas, porque ela era muito atacada. [...] Então eu desenvolvi um sentimento materno.*
- *Sou a filha perfeita do meu pai e eu faço tudo certo. [...] Porque eu não tinha ficado tão prejudicada quanto à* [nome da irmã]. *[...] Porque eu não dava trabalho, entendeu? Eu era boazinha, eu ia bem na escola, e a* [nome da irmã] *botava tudo abaixo, entendeu? [...] Eu fui criada para ser uma pessoa que ia aliviar as pessoas dos problemas que elas estavam vivendo, entendeu? Então, por exemplo, então, meu pai estava muito triste. E aí ele falava... é daí eu não queria deixar ele mais triste ainda, entendeu? E eu tinha uma compreensão das coisas, era inteligente, tudo. [...] eu tentava proteger a* [nome da irmã] *e eu conseguia.*
- *Mas porque eu era uma criança boazinha sempre, que não chorei muito. [...] Ele* [pai] *depositou em mim toda essa coisa de tipo, uma pessoa que veio dos céus para salvar a gente, sabe assim? [...] ele sempre brinca e ele fala que eu sou um anjinho que veio para terra [...] para eu crescer e não pirar e nada. Porque eu achava isso. Que eu tinha que ajudar as pessoas, entendeu? [...] Eu gosto, de estudar, eu sou dedicada e tudo e eu mereço receber em troca. [...] eu era uma miniadulta. [...] Então eu queria ser, tipo, perfeita, para ninguém poder falar que era porque eu não tinha mãe.*
- *Eu fui, emancipada. Eu tinha que escolher um imóvel para gente comprar e tal. E aí, minha tia-avó, ai meu Deus! Já perdi tudo agora.*
- *E eu ganhei uma bolsa de estudos, para estudar, porque eu era muito boa aluna, assim.*
- *Eu dei uma degringolada, assim, na adolescência, acho que dei uma recaída, porque acho que eu não aguentei, sabe? Ser perfeita. [...] Se eu tivesse seguido o trilho da perfeição até o final, eu teria feito* [nome da universidade 1] *ou* [nome da universidade 2].
- *Eu falo: pai, eu não posso ficar fazendo as coisas para você.*
- *Porque é duro cuidar da vovó sozinha, a gente, nós três juntas, a gente se ajuda ainda em muita coisa e tudo o mais. [...] Porque elas acham que é por que eu quero pôr a vovó numa clínica. Que às vezes eu quero mesmo. Mas, assim, não é por causa da vovó. É que eu não aguento mais a* [nome da irmã]. *E você não se posiciona, fica em cima do muro, "meu", não faz um contraponto. Você fala mal da* [nome da irmã] *mas para mim, mas para ela, ela não sabe.*
- *Cuidar de alguém com Alzheimer. Eu vou falar: gente, vocês não precisam cuidar da vovó, vocês podem colocar ela numa clínica. Eu vou visitar, vou ajudar no que for possível, mas não vou... o que que está repercutindo para mim da morte da minha mãe e da forma como foi tudo hoje é nisso, entendeu? Porque é como se eu tivesse deixando minha irmã,*

eu tivesse causando um mal terrível para elas, porque eu vou ser a responsável por elas não suportarem, porque é duro cuidar da vovó e colocar a vovó numa clínica, ou seja, vou ser responsável pela minha irmã passar "maus bocados" e pela minha avó. Nossa, que legal! Porque hoje eu não estou sendo atacada. É só porque eu não tenho mesmo vontade de cuidar da minha avó, sabe? Eu acho que é difícil, eu trocar fralda de velho, é eu tenho um monte de coisa que eu quero estudar, fazer e toma tempo da gente. Então eu estou um pouquinho cansada, assim, dessa vida. Sabe? [...] De cuidar. É, eu quero cuidar no trabalho, não na minha vida. [...] E eu acho que a gente tem que cuidar por escolha. E não por fatalidades...

- *E, por exemplo, essa ideia de não querer não é só minha. Mas é complicado porque talvez eu precise sair para elas perceberem que também não querem cuidar da vovó, sabe? Que é uma coisa difícil de assumir. Que você não quer cuidar da sua vó. Puxa, ela te criou, tá. O querer não é uma coisa que a gente controla. A gente pode controlar o que a gente faz com o que a gente quer. Com a vontade que a gente sente. Por exemplo, eu quero fazer xixi, eu posso segurar um pouquinho. Até certo ponto dá para você controlar, mas até certo ponto você não pode impedir de sentir as coisas. Escolher, senão, escolher gostar de fulano e não de sicrano.*
- *Do meu limite, do que eu quero fazer, não estou me violentando, eu estou tentando me respeitar.*
- *Mas aí eu vou ajudando ele* [pai] *ao longo do tempo. Assim, falando, conversando com ele. Porque acho que é muito importante quebrar os tabus, é isso! Sabe? Tipo: mãe. Então eu tentava ter uma vida que afetasse positivamente a vida dos outros. Mas, às vezes, eu esquecia de mim. Então, a gente tem que achar um meio-termo, eu acho, assim. Em cuidar da nossa vida. Que seja boa para gente. É, o próprio mal-estar na civilização.*
- *Eu não tive minha mãe para me cuidar, eu tive outras pessoas para me cuidar. E eu não fiquei... ahn... lesada!*
- *Porque você tem medo dos seus pais. Você tem amor e medo. Então, eu fiz para agradar ela, sei lá para que que eu fiz. E, porque os filhos fazem as coisas que os pais pedem, em geral. E não fazia sentido nenhum para mim. Então eu tenho essa preocupação. De fazer alguma coisa, de não repetir isso na minha vida. Quando eu vou fazer alguma coisa, eu hesito muito. Eu penso muito antes, porque eu quero saber se eu quero fazer aquilo para mim. Por exemplo, essa entrevista. Eu queria contar a história. "Ai, ainda você quer contar?" Quero. Quero contar para uma pessoa diferente. Não ficar contando para outros ficarem com dó de mim. Mas qual, contar para alguém que vá fazer alguma coisa com isso, sabe? Produzir um conhecimento, ajudar outras pessoas.*
- *As pessoas têm escolhas sempre.*
- *Mas meu pai... às vezes, ele fala: "Se vocês tivessem passado o que eu passei". Aí eu falo: pai, a gente passou, só que a gente era mais nova. A gente passou por coisas diferentes, mas a gente sabe, assim, do que você está falando. É, e eu conto para ele. Imagina essas coisas que você ouviu: lembra da babá? Ele: "Lembro". Aí a gente conta as versões um para o outro, sabe? Aí ele fala: "É, depois vocês querem que eu seja normal", ele fala. Então, assim, meu pai é um pai sem mãe também, sabe? Bem sensível, assim. Bem apegado com os pais dele.*
- *As pessoas falam que me veem como heroína, tal, porque elas não sabem que é. Elas não viveram isso e elas não sabem que é o único jeito. Porque como é que você vai sair de uma dessa. Você tem que fazer uma... um sei lá. Alguma coisa. E é vital, assim, tipo, sei lá.*

Alguma coisa parecida com a que eu fiz, com a que minha irmã fez e tal. A [nome da irmã] *deu outra solução para o problema.*

- *Perdoei ela, assim: por ela ter me deixado. Porque eu acho que cada um tem a sua vida, tem que ter o direito e é isso que me permite hoje, poder, também, fazer minhas escolhas sem achar que eu estou causando um mal terrível para os outros.*
- *É, filho tem que querer ficar com a mãe? Não. Não tem! Eu sei que não tem, sabe? Filho não tem que querer ficar com a mãe. Eu não quis... acho que a gente tem que querer ficar onde é bom para gente, é isso.*
- *É como se, assim: minha mãe já morreu, entendeu? Eu não posso morrer também. Então, por um momento, eu acho que você sobrevive porque você não quer magoar aqueles que se magoaram com a morte de quem foi. Aí depois você começa a viver, porque você quer mesmo. Mas tem um período que eu acho que você quer viver porque você não quer magoar os outros. Do mesmo jeito que você foi magoada, sabe?*
- *Então eu acho que assim, a gente pode querer que a pessoa viva, mas ela também tem que querer viver; se ela não quiser, então, a gente também tem que aceitar. É que como é uma coisa, assim, deliberada.*

8. O alívio pela morte da mãe e os sentimentos ambivalentes

- *Sabe aquelas coisas assim? Então eu me livrei dela. E foi tipo um alívio. É fogo porque assim: isso que eu falo, o processo de luto... eu acho que eu... tipo... senti um alívio, sabe? Da minha mãe ter ido embora. Porque ela era uma pessoa difícil, sabe?*
- *Agora eu estou me livrando disso* [duvidar de suas percepções e emoções]*, mas... eu não confiava nas minhas percepções.*
- *Eu decidi que eu não vou mais me sentir mal por ficar triste com uma coisa que foi triste. [...] Eu parei de me criticar muito por isso assim. [...] Eu não parei no tempo. Eu fiz um monte de coisa, eu não vejo as coisas da mesma maneira. [...] Eu acho que a história é assim: você cria uma versão do que aconteceu com você e ela tem que estar sempre sendo revista.*
- *Primeiro, se tivesse sido criada com minha mãe naquele estado, eu acho que seria muito complicado. Porque seriam muito mais ataques, durante muito mais tempo. Então, como eu me senti grata de ela ter desaparecido... porque era muito pesado conviver com ela, depois que eu eliminei a culpa. Porque eu acho que você não tem que se sentir culpado por não querer estar perto de uma pessoa que te faz mal. Seja ela sua mãe, seja ela lá o que for.*
- *Que mãe tem que amar o filho, que filho tem que amar a mãe. Que família é algo indiscutível. E eu aprendi que é totalmente discutível, entendeu? Que mãe a gente pode escolher.*
- *Então, ela fez um quadrinho com uma foto do meu pai, eu e a* [nome da irmã] *no colo dele e escreveu: "Papai querido, estamos sentindo muito a sua falta". E a* [nome da irmã] *não sabia escrever, e eu sabia. Eu tive que assinar meu nome e o dela. E eu ia ver, e eu ia levar o quadrinho para meu pai. A gente ia ver ele: não estou sentindo a falta do meu pai, porque eu nunca deixei de ver ele. Então, era uma necessidade dela, entendeu? Que eu tinha que corresponder, sei lá.*
- *E mais, a questão de que senti como um alívio. Não ter mais minha mãe por perto. O que não foi alívio; foi tudo o que veio junto. Eu não saber da minha história, ter que morar com uma pessoa que eu não queria morar, a princípio. Eu achar que eu era uma má menina, porque era o que minha mãe falava para mim e não ter podido conversar com ela mais*

sobre isso, porque ela desapareceu. Acho que isso é ruim, porque... vamos supor. Se ela tivesse continuado louca, eu prefiro que ela tivesse morrido. Mas, se ela tivesse podido se tratar, se a gente tivesse podido conversar, aí, talvez, poderia ter atualizado com ela. Que é uma pessoa que gerou tudo isso para mim e é do mesmo jeito que eu pude atualizar com meu pai um monte de coisas que eu não achava que ele era culpado, que ele não precisava ter medo de mim, que ele não precisava desconfiar das filhas dele, que não sei o quê. Eu não pude atualizar com minha mãe.

- *Tem várias coisas na vida que não tem o certo e o errado. Isso que é complicado, mas por outro lado, foi minha salvação. Porque daí eu falei: a sentença é essa, sabe? Eu não sou culpada, minha mãe também não é culpada. A vida que ela conheceu, ela não quis viver e daí? Sei lá, sabe? Ela deixou duas filhas. Mas também quem falou que a mãe tem que criar os filhos, sabe? É a cultura que a gente vive. Porque eu fui muito bem-criada. Fui até mais bem-criada.*
- *Eu quero, é, eu quero sei lá, ir viajar; eu penso: puxa, mas não é o melhor momento. Por quê? É o melhor momento na minha vida, mas não é. Não quero viajar, mas eu estou pensando isso. De querer sair de casa. Porque minha vó ainda não morreu. Então você tem sempre que esperar as pessoas que precisam de você não precisarem para você poder sair.*
- *Acho que um perigo de quem é filho de suicida... que acho que é um perigo que eu passei, que eu fico preocupada. É você ficar um pouco arrogante, porque como você passou por uma coisa muito difícil, um tabu, ninguém fala sobre isso e tal. Você acaba achando que você é a única pessoa que conhece sofrimento no mundo. Acho que eu tive uma fase assim,de achar que de morte, de dor, entendo eu. E aí você vira uma pessoa meio mórbida e meio egoísta e arrogante. Acho que corre esse risco, porque acho que você precisa se enaltecer para você sobreviver ao baque e aí depois você tem que... meio que, tipo, calma, não é tanto assim. E as pessoas ao redor enaltecem também e elas falam: "Pô, você passou por cada coisa difícil" e admiram. E eu, durante muito tempo, me apoiei nessa admiração que as pessoas tinham por mim.*
- *Conseguir fazer essa virada que eu falei de sair de casa, e lançar bastante crítica sobre o que aconteceu, me autorizar a fazer valer mesmo as coisas que eu penso, que eu falei aqui hoje. Fazer valer, em mais âmbitos, talvez eu pare de chorar não porque eu gosto, não acho nada de mal chorar, acho legal, mas que eu não chore tanto assim, sabe? Primeiro, porque eu já acho que é diferente o choro, sai lágrima, mas é diferente e acho que deve mudar. As coisas sempre mudam. Deve mudar.*
- *Eu me preocupo de chorar, porque eu acho que o choro assusta e paralisa. É muito legal você ter dado esse feedback, porque você está presenciando toda a situação* [durante a entrevista]. *E você viu que eu choro, porque eu sinto. Mas eu não faço do meu sentimento, eu não paro por aí.*

9. Estresse antes e depois do suicídio

- *Eu me lembro da minha mãe ser uma pessoa perturbada, assim, mesmo como criança, eu tinha uma noção que tinha alguma coisa muito errada com minha mãe. [...] Ela tinha umas reações extremadas, assim, quando ela ficava chateada ou quando ela brigava com meu pai [...]. Então, eu tinha uma sensação, desde que eu me entendo por gente de estar sempre em perigo.*
- *Porque eles* [mãe e pai] *começaram a brigar muito e ele saiu de casa, que ele não aguentou, assim o baque das coisas. Que minha mãe já estava assim: falando coisas que não faziam muito sentido, já tinha passado por uma internação psiquiátrica.*

- *As famílias* [dos pais] *já estavam brigadas, também, em função das brigas deles, que tomavam proporções muito grandes.*
- *Ela* [mãe] *ficava em função de chantagear emocionalmente para ele* [pai] *voltar, ou me usava um pouco, eu acho, para ele voltar para casa. Do tipo: ela pedia para eu falar coisas para ele, sabe? Que ela achava que poderia tocar ele, enfim. Então eu acho que isso, mais do que ter perdido minha mãe, na verdade, toda essa vida com ela me magoou bastante.*
- *Ele* [pai] *se encantou com minha mãe e eles tiveram esse relacionamento louco. E aí viveram um grande amor, mas foi meio destruidor.*
- *Na verdade, a depressão dela evoluiu de uma depressão pós-parto que ela teve, depois que a* [nome da irmã] *nasceu. Ela não melhorou mais. [...] minha mãe, assim: ela tomava muito remédio para emagrecer, tinha hipotireoidismo, começou a tomar algumas medicações e aí acho que deu um "crepe", assim, tipo: juntou todos estes fatores.*
- *Era difícil para ela* [mãe] *ter que criar a gente, assim, eu acho, também. Porque a gente virou uma coisa secundária, sabe?*
- *Até hoje ele* [pai] *fica muito alterado, porque eu acho que ele aguentou muita coisa mesmo, sabe? Da minha mãe falar absurdos, assim. Porque ela, às vezes, ela achava que ele tinha um caso com minha babá, então ela falava que minha babá era a gatinha do meu pai. Aí ela brigava com minha babá. [...] E minha vida não era boa, entendeu? Aí, tipo, eu peguei meio que aversão das coisas que minha mãe tinha de bom, que eram muitas coisas. [...] A mamãe, ela tinha ciúmes até da sombra, né? E ela tinha ciúmes de mim, também, com meu pai. [...] Ele* [pai] *estava sofrendo com a doença da minha mãe, eu acho que ele contava comigo, entendeu? E aí eu acho que minha mãe ficava com ciúmes e ela me atacava muito.*
- *E ela estava querendo brigar comigo. E eu falei que eu gostava do meu pai, porque eu gostava. Só que ela falou que então eu não gostava dela. Aí eu falei, aí eu não entendi nada. Aí eu fiquei tentando falar que eu gostava dela, mas também eu já não sabia se eu gostava dela, porque ela era meio terrível comigo. Então, como você vai gostar de uma pessoa que te trata mal todos os dias?*
- *Coitada, isso me magoou, assim, tipo: coitada de mim, eu penso, sabe? Porque eu me senti uma otária* [referindo-se ao fato de todos os colegas de escola saberem sobre o suicídio e ela não].
- *Só que tinha medo de falar sobre isso* [suicídio] *e magoar ou de levar uma bronca.*
- *No caso da minha mãe foi uma perturbação mental. Um delírio que ela construiu e tudo o mais que levou ela a fazer isso.*
- *Era uma criança e ela confundiu bastante minha cabeça. Então, assim, o pior que eu acho, não foi falta de mãe. [...] Então eu acho que se ela não tivesse ficado perturbada o tanto que ela ficou e ido embora, como seria minha vida?*
- *Porque é uma família que tem muitas brigas, as pessoas não se falam mesmo. Quem ficou, quem era mais próximo, eram duas velhinhas que depois ou morreram ou perderam a lucidez, como minha avó. Hoje está com Alzheimer não sabe nem quem é ela nem nada.*
- *"Não, você tem que ficar comigo porque eu quero". Minha mãe era assim. "Você não pode gostar do seu pai porque ele não gosta de mim. Porque ele não quer vir para casa".*
- *Porque era um universo familiar muito complicado. É que tem uma pontinha que fala*

assim: ah, se ela tivesse se tratado e tal. Mas acho que não tem tratamento para melancolia profunda. Não sei. Se ela tivesse se tratado, daí eu teria tido mãe, ahn, não. Mas eu teria outras faltas, né? Essa é minha história.

10. Culpa e Raiva

10.1 Culpa

- *Então, por exemplo, minha mãe, minha avó culpava meu pai. E meu pai culpava a família da minha mãe. Está gravando?*
- *Meu pai, eu conversei bastante já com ele sobre isso. Que meu pai ficou muito abalado. Depois ele teve uma depressão, ele ficou de algum jeito, eu acho que ele se sentiu culpado, sim. Porque, por ele ter saído de casa.*
- *Minha mãe casou-se com meu pai, ou no dia 23 ou no dia 24. Então eu não sei se ela fez isso. Já para atacar ele... enfim, acho que por isso também tem alguns ganchos que permitem que meu pai tenha se sentido tão culpado.*
- *E ele* [primo-irmão]*, de certa forma, também via meu pai como culpado.*
- *Ele não conseguiu tirar a gente da minha avó, porque eu acho que ele estava se sentindo mesmo muito culpado.*
- *Aí minha mãe foi atrás da* [nome da irmã]*, percebendo o que ela fez e falava: "Olha o que você fez eu fazer com sua irmã", então eu era culpada de tudo, entendeu?*
- *O que eu soube depois de um pouco passado o tempo, é que minha avó demorou para nos contar porque ela esperava que meu pai fosse nos contar, porque ela achava que a culpa era dele.*
- *É. Eu falei que eu me senti culpada, mas por sentir um alívio. Porque eu estou pensando assim: no objetivo do processo de luto. E acho que eu me surpreendi, com algumas coisas que eu falei. Acho que eu perdoei, sim, minha mãe,*
- *Então, me culpava por, assim, eu achava que eu não tinha muito remédio, sabe? Eu pensava:* [nome da colaboradora]*, deixa passar, eu sei lá. Sete anos, dez anos, e você ainda chora, sabe? Tipo, quando que isso vai acabar?*
- *Eu atualizei, eu mesma. Fui me atualizando, parar de me culpar, entendeu?*
- *Eu cheguei* [referindo-se ao fato de ter se culpado pela morte de sua mãe]. *Porque como eu sentia muita raiva e eu desejava que ela desaparecesse, eu queria ficar com meu pai, não queria ficar com ela. Com minha avó e tudo. Acho que na fantasia infantil, onipotente, eu me senti responsável de alguma maneira. [...] É, eu acho que eu me senti culpada, sim. Porque lembrei o que eu ia falar. Porque como meu pai, ele contava muito comigo. E eu fui acreditando que eu tinha mesmo maturidade para encarar aquela situação, para cuidar da minha irmã, para isso, para aquilo. Eu fico pensando: por que que eu não ajudei minha mãe? Às vezes, eu fico pensando: mas dava? Não. Não dava, por quê? Ah porque eu não poderia. Eu não poderia andar sozinha na rua atrás dela. Eu sabia que tinha alguma coisa de muito errada acontecendo? Sabia. Mas, "pô", se tinha adultos por perto que não conseguiram fazer nada, como que uma criança iria conseguir?*
- *Então eu acho que se você* [irmã] *continuar assim, você vai acabar sozinha porque ou a pessoa vai ficar ligada à você por culpa. Por achar que realmente você tem razão do que você tá falando por se sentir culpada, porque você vive culpando as pessoas*

de tudo que te acontece ou elas vão te abandonar, vão sair andando, porque ninguém aguenta isso. [...] Se você [irmã] *for começar a me culpar, eu também vou te culpar e aí a gente vai entrar numa coisa eu acho que não é isso, entendeu? [...] Ela* [irmã] *sabe muito bem como controlar as pessoas com culpa, e tudo, a gente tem que escolher não querer fazer isso.*

- *Ter coragem de falar da história, porque realmente minha mãe era poderosa, porque ela deixou todo mundo muito culpado mesmo. Porque senão minha avó não tinha posto a culpa no meu pai, meu pai não tinha posto na minha avó, minha avó não tinha obrigado meu pai a deixar a gente com ela.*
- *Eles poderiam ter culpado a gente. Não culparam nós – crianças. Ninguém falou que a culpa era da* [nome da irmã] *que deixou a depressão pós-parto nela, então... imagina, talvez teria sido mais avassalador.*
- *Estou tentando entender meu pai quando ele fala que ele não tem como ser normal. Eu acho que é porque ele era adulto, eu acho que ele deve se sentir responsável mesmo, por ela ter pedido para voltar, para ele voltar e ele não ter querido.*
- *Os ataques que ela fez às pessoas, as culpas que ela depositou nos outros. Então, acho que o problema do suicida para os familiares, para as pessoas mais próximas é que o processo de adoecimento dele envolve a culpa. Envolve a culpabilização daqueles que estão ao redor dele. Então, acho que é por isso que as pessoas ficam mais deprimidas, porque a depressão tem a ver com culpa. Com se sentir o pior dos piores seres humanos. Então eu acho que tem a ver* [com] *depressão. Em mim, quando eu fico triste, tem a ver com isso. De eu achar que de repente eu sou responsável pelo problema. Que é impotente para ajudar, para fazer alguma coisa.*
- *Também isento, porque eu considero que era uma doença* [referindo-se ao fato que isenta a responsabilidade de sua mãe].

10.2 Raiva

- *Eu acho que eu tinha raiva dela. Parece que ela queria atacar a gente. [...] Porque eu me senti atacada. Muitas vezes. Então eu tinha raiva disso. [...] Eu senti como um ataque. Eu não senti tanto assim como um abandono, sabe? Eu senti mais os ataques que ela fez enquanto ela era viva.*
- *Eu contava que sempre eu tive muita raiva da minha mãe. Eu demorei para perdoar ela, assim, sabe? Entender que, enfim, ela tinha a vida dela.*

11. O calar enquanto o falar seria importante

- *Demorei para saber que era suicídio.*
- *Mas eu demorei um tempo para saber, porque como ela já tinha ficado afastada de nós, internada, e eles falavam que ela estava num spa. Tinha muitos segredos, porque minha mãe estava gordinha, então a gente foi inclusive visitar ela num lugar que realmente parecia um spa, não parecia um sanatório, nada assim.*
- *Sempre foi difícil de perguntar.*
- *Meu pai é difícil de conversar com ele. Eu sei que sou a única que tento falar sobre isso, minha irmã, não.*
- *São muitas brigas, mas assim: ela* [irmã] *já fez terapia um tempo... eu fiz muito mais*

tempo, enfim, e a gente conversa sobre isso, a gente fala sobre isso. Muitas vezes quanto ela está bêbada, mas a gente conversa bastante.

- *Quem me contou que foi da janela da cozinha foi meu pai.*
- *Porque isso é muito cheio de não, de segredos, de nuvens, a história.*
- *Proteção, de esconder a verdade. Eu sempre quis saber. Então, como que eu descobri que minha mãe tinha morrido, do que que ela tinha morrido? Primeiro: durante mais ou menos três meses, ninguém contava nada para gente. "A mamãe está internada, passando mal." Eu ia para escola.*
- *Naquele momento minha avó foi comunicada do que houve, minha avó entrou no carro, não falou mais nada. Parou, não perguntou, não explicou para gente onde estava a mamãe, não perguntou nada. Não, nada.*
- *Então eu não fui no enterro, não soube de nada. Tudo acontecia, fora, e minha avó voltava para casa como se nada fosse.*
- *E eu me sentia uma otária. Foi aí que eu comecei a investigar as coisas, sabe?* [Referindo-se ao fato de seus colegas da escola saberem do suicídio de sua mãe e ela não.]
- *Eu lembro que durante muito tempo era essa a história que eu contava, se alguém me perguntasse ou se eu ficasse com vergonha de dizer* [que a mãe morrera por acidente de carro].
- *E ele* [pai] *demorou para contar para gente, porque ele achava que ela* [avó] *que estava com a gente que tinha que contar. Então ninguém contou, sabe?*
- *Já era a "milionésima" vez que a gente perguntava isso. Então a gente estava no escuro e minha avó falou assim: "Ela está no céu". Aí a gente não perguntou mais nada. E dormiu. Aí a partir daí eu já sabia, minha mãe está no céu, não volta mais. Porque quem vai para o céu não volta mais. Eu tinha essa compreensão, mas eu, até então, não sabia, pô, que ela foi para o céu, eu não sabia, eu demorei. E eu não sei te falar quando que eu descobri que foi suicídio. Eu acho que foi minha tia, que me contou.*
- *O fato de eu não saber sobre minha história me incomodava. Tanto é que eu inventava uma história para fingir que eu sabia.*
- *Por que as pessoas não falavam sobre isso? Só podia ser horrível. Minha avó não podia ouvir o nome da minha mãe que chorava. O apartamento ficou sem alugar muito tempo, sem ninguém ir lá tirar as coisas, então... eu sabia... acho que a falta maior foi a de não ter podido conversar, por quê?*
- *Parar com esse tabu, sabe? As pessoas precisam falar sobre isso. [...] Porque eu acho justamente isso: as pessoas precisam parar de guardar segredo dessas coisas, sabe? Elas precisam falar. [...] é justamente para eu não sofrer disso que eu acho que eu preciso falar destas coisas. Porque acho que é isso, assim: minha mãe também não tinha com quem conversar,*
- *É que na família da minha mãe, eu não vejo tanto isso tendo podido circular* [referindo-se ao fato de falarem sobre as emoções].
- *Mas na família do meu pai, eu vejo que, assim, a gente fala sobre isso. Entre eu e minha irmã, a gente conversa bastante. [...] A gente fala [referindo-se ao fato de ela conversar com seu pai]. Eu que procuro mais falar.*

- *Eu não sei se minha mãe não tivesse se matado, eu seria uma suicida. Porque eu acho que a doença vai vindo, sabe? Esse não poder falar, essas coisas, vai vindo de um jeito que eu não sei.*
- *A gente meio que se obriga a não chorar mais pelo leite derramado, entendeu?*
- *Então, o fato de ter uma pessoa* [pesquisadora] *que quer saber dessa história, que acha que tem dificuldades aí nessa história. Que tem coisas específicas de quem viveu isso. Que meio que valoriza, também. O fato de você ter passado por isso, eu acho. Porque querer ouvir, vamos supor: você poderia ter escolhido ouvir pessoas que sei lá. Aí, que caíram de uma montanha russa, sei lá, caíram de uma altura qualquer e quebraram a perna. Quebraram a perna, tal. Acho que. Não é banal isso. A pessoa quando quebrou a perna, sentiu uma marca, ficou uma marca. E ela, ter alguém para conversar. Que eu acho que isso foi o grande problema que eu tive, naquela época, depois eu fui desesperadamente atrás. Mas, você contar para aquela pessoa que quebrou a perna que achava que aquilo, que ninguém nunca deu ouvidos. O, "meu", você só quebrou uma perna, sabe? Sei lá. Você ir lá e valorizar a experiência dela, a marca que ficou para ela dela ter quebrado uma perna, que seja, sabe? Dá a possibilidade de a pessoa pensar: nossa o que aconteceu comigo não foi brincadeira... tipo: não é pouca coisa... eu poderia estar muito ferrada.*
- *Eu estava ansiosa para hoje* [para a entrevista] *e eu estou contente com isso também. [...] Igual fazer uma colcha de retalhos. Você vai fazer, vai unir os depoimentos das pessoas que passaram por isso. Elas vão saber que elas não estão sozinhas, então, elas não são as únicas, então elas vão saber que o que elas passaram não é pouca coisa e que elas poderiam ou morrer de fome ou se alimentar. E que tem vários jeitos. As pessoas encontram as maneiras mais malucas, tipo, minha irmã, eu acho que ela se alimentou, do que aconteceu. Mas a maneira que ela encontrou é totalmente diversa da minha. E é uma maneira mais romantizada, e ela foi para o caminho da arte.*
- *Então, isso também foi legal, porque você foi minha professora e você não sabia isso da minha vida e eu não sabia isso da sua. Então eu achei legal, é porque foi mais uma pessoa que eu pude revelar um segredo. Um segredo que quando eu era criança nem eu sabia dele. Então, meus amigos perguntavam o que tinha acontecido com minha mãe, e eu não podia contar. Então acho que esse é meu interesse em colaborar, porque agora que eu sei, tenho vontade de contar, sabe? Você sabe alguma coisa sobre mim que você não sabia. E lógico, você não sai contando para todo mundo, mas parece que é mais uma que quebrou mais uma coisa, assim, sabe? Do tipo... E eu não sei. Deve ter alguma coisa a ver com o fato de você, por exemplo, a pessoa que está contando, o filho do suicida ela é chamada de colaboradora.*
- *Porque é generoso. Quem vai se meter a contar uma história que dói? E aí, isso também eu acho que é uma valorização. Da pessoa estar viva. Sabe? Para dar entrevista, porque eu acho que a gente tem vontade de morrer junto.*

12. Ser psicóloga e o resgate em psicoterapia

- *Depois eu fui resgatando isso em terapia. Hoje em dia eu não faço mais terapia com mulher, eu faço com homem.*
- *Hoje em dia, com a terapia, me libertei um pouco. Porque também é uma carga grande. Me libertei, preciso me libertar mais. Mas, assim, minha prática clínica como psicóloga, não está baseada em ajudar as pessoas?*

- *Depois de certo tempo de terapia, eu ficava muito triste de perceber que eu ainda sentia... ahn... dores por tudo o que aconteceu. [...] Porque na minha terapia, hoje, não é um assunto. Por um tempo foi assim: será que foi um ato de coragem? Ou um ato de covardia? Também passou por aí. [...] Mas eu falo bastante da minha mãe, ainda, na terapia, porque eu acho que essas coisas marcaram. Mas eu não falo mais tanto assim do porque ela se suicidou. Porque isso é um problema dela. Foi o que ela fez com vida dela...*
- *Mas também eu acho que é realista, porque eu acho que eu sempre trabalhei muito isso, durante muitos anos e eu escolhi uma profissão que sei lá, acho que intensifica essa investigação, essa pesquisa sobre tudo isso.*
- *Agora o que eu faço com o fato da minha mãe ter se suicidado , mais ainda, das coisas que ela falou para mim. Acho que isso que é o que eu falo na terapia ainda. Quando surge alguma coisa do tipo: ah, eu odeio que as pessoas me peçam as coisas, porque minha mãe me pedia coisas que eu não queria fazer.*
- *E meu tio fazia isso também. Antes de ele morrer, ele morava no primeiro andar, era até meio ridículo, mas ele falava que ele ia se jogar se o filho dele não ficasse em casa ou coisas do tipo. Então eu acho que é um universo familiar, baseado nisso, sabe? Tipo... eu vou, eu te dou, se você me der, sabe? Muito assim. Então, acho que só minha filha vai estar imune; os filhos que eu for ter, não vão pegar tanto, porque acho que começou a matar esse vírus quando minha mãe se matou.*
- *E como eu também tive a oportunidade de fazer psicologia, que acho que isso influenciou – fazer terapia e tudo. E, sempre quis falar sobre os problemas.*
- *Eu faço um curso de psicanálise da criança. Ah, e a gente tenta falar: qual é a diferença de você atender a uma criança e um adulto, se a gente está interrogando o sujeito do inconsciente? São os recursos de cada um. Eu acho que o cronológico é muito importante, porque para meu pai, para minha avó, não tinham tantas possibilidades em aberto. Eu acho que eu falaria isso também.*
- *Como profissão: ela* [irmã] *fez jornalismo, mas gosta mais de coisas de rádio e TV, de produção, de estética e tal. Então é... porque ela romantizou a história, porque você tem que ver de algum jeito. E eu fico curiosa de saber como as pessoas resolveram não morrer, porque as mães delas morreram e deixa, e quiseram deixar elas culpadas, sabe? Eu fico curiosa de saber.*
- *Eu acho que as pessoas que passarem por uma situação como essa ou semelhante, elas podem ficar com medo de chorar. De ainda chorar. Passaram por isso há 20 anos e a pessoa ainda chora. E quererem não falar sobre o assunto. Só que eu acho que elas perdem com isso, por quê? Se elas acham que a emoção pode levar elas a parar ou a cair, então elas não vão, elas vão ficar com medo de viver a vida, vão ficar limitadas em muitas coisas. E se elas chorarem, mas tiver alguém que não se assusta. Porque eu acho isso muito importante – você poder chorar. Isso que eu acho o mais legal de você ir numa psicóloga, é de você chorar e a pessoa não querer que você pare de chorar.*
- *Porque é muito perigoso, por exemplo, eu achei legal do meu pai, ele ter colocado a gente numa terapia. Porque ele não conseguia conversar com a gente sobre isso, não sabia, também, muito como, por nós sermos crianças, então ele colocou alguém que pudesse deixar a gente falar.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Doze temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de sua mãe ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) A falta de referências e as referências. Com quem contou? A rede de

apoio; (2) Mãe, avó, mãe do intercâmbio: a função materna e a influência sobre a feminilidade; (3) Saber e não saber. Incertezas, lacunas e as histórias contadas; (4) A busca da compreensão e a construção de um sentido; (5) O medo de ser igual à sua mãe – a genética do suicídio?; (6) Não lembrar e lembrar; (7) A emancipação: cuidando de outros e o perfeccionismo e o reconhecimento que pode ser diferente; (8) O alívio pela morte da mãe e os sentimentos ambivalentes; (9) Estresse antes e depois do suicídio; (10) Culpa e raiva; (11) O calar enquanto o falar seria importante; (12) Ser psicóloga e o resgate em psicoterapia.

Escolheu participar da entrevista *para contar para alguém que vá fazer alguma coisa com isso, para produzir um conhecimento e para ajudar outras pessoas.* Percebe que *a pessoa que está contando, o filho do suicida, é chamada de colaboradora e* valoriza o fato de os sobreviventes estarem vivos para *dar entrevistas.* O que afetou ser uma orfã por suicídio?

Percebe o suicídio como um trauma, *muito complicado*, relacionado à fragilidade, loucura, não intencional, perturbação, doença psicológica, um desaparecimento, um ato que instiga curiosidade e que deixa um estrago por um longo tempo. Para tanto, buscou seu resgate recuperando sua história para lidar com a incerteza de seus sentimentos.

Entre muitas brigas e poucas falas, uma criança demora a entender o suicídio de sua mãe e tudo se torna difícil: perguntar, contar e cuidar. Como o suicídio pôde ser contado? Como foi falado que sua mãe morreu? Sua mãe estava doente ou desesperada? Estava em um spa ou em um sanatório?

Desejou que sua mãe sumisse inúmeras vezes e, quando efetivamente sumiu, colocou em dúvida sua potência de aniquilar uma pessoa.

Sua maneira ímpar de se colocar profundamente emocionada, colaborou para que, durante a entrevista, percebesse que, talvez, não necessite *esperar as pessoas que precisam dela não precisarem para poder sair* dos lugares e das situações que não deseja mais estar. Mencionou que a entrevista *foi legal,* porque estabeleceu, entre outras, a compreensão de que sua irmã apresenta um comportamento dominante sobre ela. Nesse sentido, denominou-se *histérica, porque sempre dá poder para os outros e para sua irmã também.* Percebeu também que, enquanto sua irmã manda, ela obedece. Sendo assim, compreende também que quando a irmã fala que ela as abandonará (irmã e avó), há o sentimento de que estaria se comportando da mesma maneira que sua mãe.

Uma mistura entre alívio e culpa foi vivenciada, e um círculo ambivalente se iniciou: o alívio sentido pela morte, o sofrimento provocado pela culpa por sentir alívio e o alívio que desaparecia quando o sofrimento emergia novamente. Não teve a possibilidade de atualizar suas culpas e medos com sua mãe. Mas atualizar significaria parar de sentir culpa? No suicídio, de quem é a culpa? A culpa é do suicídio, do suicida, ou a culpa é pelo alívio do sobrevivente?

Sente que não pode viver a vida enquanto sua avó precisar dela. As possibilidades de sair da casa da avó ou de interná-la despontam como oportunidades para não se recriminar mais, simplesmente por sua irmã e ela terem pontos de vista diferentes. *Qualidade é diferente de*

quantidade. E isso pode indicar que não ficar tanto tempo com sua vovó, não signifique que não esteja fazendo o que pode.

Compreendeu seus limites, bem como mostra compreender os limites de sua mãe quando afirma que a perdoou, pois imagina que ela não estava feliz e que *queria ir embora*. Considera que sua mãe *não estava em sã consciência* e, assim como sua irmã, que isenta a mãe pela responsabilidade, alegando *ser coisa do diabo*, também a isenta, porque alega *que era uma doença*. Outro limite percebido é o fato de saber que a mãe, dentro do que ela podia fazer, *sempre se preocupou de deixá-la bonitinha, arrumadinha* (grifo meu). Há de se enfatizar a palavra ***deixá-la*** bonitinha e arrumadinha – infere-se que o problema não se encontra no cuidado ou na falta dele, mas, sim, no sentimento de ser ***deixada***.

Há de se enfatizar igualmente o momento no qual a pesquisadora pôde acompanhar outra ampliação da *awareness* quando disse: *Então, se eu não estou feliz naquela casa, não tem por que ficar. Eu posso querer ir embora também, só que eu tenho que pensar que eu não estou causando nenhum transtorno para ninguém*. Nesse exato momento, parece ter compreendido que era diferente de sua mãe e que, se ela lhe causara transtornos, não estava fazendo o mesmo, porque escolher não significa atacar alguém.

Parece que pôde se reconhecer, conhecer novamente, de um jeito muito mais profundo e de maneira própria. Sendo assim, o estresse que viveu com sua mãe se revela bem pior do que o ato suicida. O que passou não foi fácil. Sua vivência de ser filha de alguém que se matou não é pouca coisa e ela poderia *ou morrer de fome ou se alimentar.* Sua vivência representa uma marca. Versões e histórias em constante mudança. Ficou mal pelo que aconteceu e, em contrapartida, imagina que, se tivesse sido criada por sua mãe, no estado perturbado que se encontrava, seria muito complicado.

Sobreviveu à doença de sua mãe, após o nascimento de sua irmã, bem como, sobreviveu à agressividade direcionada para ela. É intuitiva e, talvez, pela necessidade de sobrevivência, aprendeu a ser *muito ligada em tudo, porque estava sempre me sentindo em risco*.

O maior acontecimento talvez tenha sido que uma vida, a sua, aconteceu depois de uma morte – a da sua mãe. Experienciou sua primeira perda e, apesar das saudades, acredita que toda perda tenha um lado bom.

- Com a morte de sua mãe, parou *de presenciar tantas brigas.*
- A morte de sua tia-avó considera *que foi muito bom* para ela, porque começou a *poder virar gente.*
- Com a morte do tio, percebia que ele *não conseguia sentir prazer comendo as coisas*, *o câncer já tava bem avançado, tinha muita dor*; ele estava tomando morfina.

Odiava o Dia das Mães. Pudera! Algumas vezes direcionou seu presente para seu pai ou para sua avó ou foi levada ao cemitério. Ainda que todo o mundo quisesse ser sua mãe e, por isso,

tinha até mãe demais, nada lhe fazia sentido, pois talvez quisesse apenas sentir a mulher que a pariu como sua mãe.

Quem foi sua mãe? O dia em que a mãe se matou foi uma escolha, por se tratar do mesmo dia do casamento dos pais? Sua mãe teve depressão pós-parto e, após o nascimento de sua irmã, perdeu seu lugar e sua mãe.

Reconhece o carinho e o amor de sua mãe louca. Mãe que não sentia ser sua mãe. Aprendeu, com base no que sua mãe falava, a confiar nas palavras daquela que, por ser mãe, ganhara sua credibilidade. A fala de sua mãe significou, durante algum tempo de sua vida, a realidade. No entanto, cresceu e aprendeu a discriminar o que era seu e o que era de sua mãe. Sobreviveu, inclusive, aos introjetos de sua infância e aos medos de ser como mãe. Menciona que sua filha matará o vírus do suicídio. Seria o suicídio contagioso? É possível que um suicídio previna os próximos suicídios? O suicídio da mãe a salvou, uma vez que, ao se matar, saiu de cena e, nas condições em que estava, mal e fazendo mal à família, tiveram, sua irmã e ela, o suporte necessário dos amigos e da família que se mobilizou para cuidar das crianças.

Lacunas, lacunas e lacunas que foram preenchidas, em partes, graças à sua capacidade de indagar, questionar e de ser curiosa. Demorou para saber sobre o suicídio por causa da culpa que a avó depositara em seu pai: segundo a avó, ele havia sido o responsável pela morte – assim, o pai foi afastado dela. Pai culpado e pai perdoado.

O pai deixou para a avó a incumbência de contar sobre o suicídio – a pessoa com quem moravam. De um lado para o outro, a verdade não foi dita, e a lacuna de não saber o que acontecera com sua mãe parece ter motivado sua necessidade para construir sua história. Assim como *todas as minhas coisas foram vindo em malinhas, para casa da minha avó,* a compreensão do que aconteceu com sua mãe também foi fragmentada. Somente depois da *milionésima vez,* perguntou para sua avó onde estava sua mãe e a resposta que recebeu foi: *Ela está no céu.* A resposta deve ter elucidado, em parte, que sua mãe havia mesmo morrido, pois para ela, *quem ia para o céu não retornava mais*. Sua irmã e ela foram dormir. No entanto, outra dúvida se fez presente: não sabia a maneira como sua mãe fora para o céu. Salienta-se a frase, *a gente estava no escuro* e acredita-se que foi dessa maneira que viveu durante certa fase de sua vida – na escuridão, com muitas questões e buscando um sentido para tudo o que vivenciou.

Restou-lhe apenas lidar com elucubrações acerca do que poderia ter vivido, como se sua mãe pudesse se tratar, elas, mãe e filha, poderiam conversar, *aí, talvez, poderia ter atualizado com ela*. Gostaria de ter feito o mesmo que fez com seu pai, como afirmou: *Eu não achava que ele era culpado, que ele não precisava ter medo de mim, ele não precisava desconfiar das filhas dele*.

Revela que o pior não foi a morte de sua mãe, mas o segredo que todos sabiam, menos ela. O segredo parece ter provocado certa confusão e desconfirmação quando criança.

Quando pequena, ao ser questionada sobre o paradeiro de sua mãe, respondia: '*Não tenho mais, morreu* (grifo meu). Interessante é compreender que teve mãe e que o fato de ela ter morrido

não significa que não a teve. Contudo, parece que sua vivência ofereceu a sensação de que não teve sua mãe, principalmente porque se trata de um rompimento abrupto e sem aviso prévio, *porque minha mãe desapareceu da noite para o dia*. Foi morar com a avó materna e ficou um tempo sem ver seu pai. Sua avó *a pegou para criar* e, embora, com Alzheimer, tornou-se um tipo de mãe com quem *poderia retomar a história*. De uma mãe feminina e decoradora para uma avó rígida e militar – tudo o que era seu mudou bruscamente e, infelizmente, sem a devida compreensão. Cabe salientar que o saber também mudou, pois seus pais não escondiam nada delas sobre a relação entre eles e, após o suicídio, a fase de não saber sobre muitas coisas se iniciou.

Após o suicídio, nunca mais retornou ao prédio em que morava, onde sua mãe se matou. Mudança de lugar que representava seu território, sua morada. Mudança da morada que conhecia, indo morar *um pouco mais longe* e, por isso, *deveria fazer tudo com mais antecedência*. Permaneceu no mesmo colégio onde estudava, no entanto, todos sabiam sobre do suicídio de sua mãe, menos ela. E, provavelmente, o impacto do suicídio não aconteceu somente pelo ato em si, mas pelo segredo e também porque todos sabiam menos ela. Seus amiguinhos apontavam para o céu e cochichavam que sua mãe havia se matado. Sentiu-se diferente porque sua mãe estava morta.

Graças à sua curiosidade, aos poucos, descobriu que na certidão de óbito de sua mãe estava escrito *hemorragia interna.* E quando indagavam onde sua mãe estava, ela respondia que sua mãe sofrera um acidente de carro, resposta que, por muito tempo, a poupou da vergonha.

Lembra-se da sensação *de sentir-se uma otária* por não saber com precisão o que acontecera com sua mãe. A sensação de todos saberem, menos ela, a incomodava, *[...] eu inventava uma história para fingir que eu sabia.* Nesse sentido, a proteção parece ter sido confundida com esconder a verdade. Utilizou o fingimento como recurso para lidar com a vergonha quando alguém perguntava do que sua mãe morrera, bem como, para lidar com algo que a incomodava: não saber sobre parte de sua história. Afirma que sempre quis saber sobre a morte de sua mãe e, apesar de todos evitarem a verdade e o falar, ela insistentemente se direcionava ao encontro do que efetivamente acontecera.

O pior se mostra antes do suicídio. Sobreviveu também ao alívio que sentiu quando sua mãe morreu. Alívio coerente para uma criança que viveu o estresse mesmo antes do suicídio acontecer. Não desejou o fim da situação estressante por meio da morte de sua mãe, mas, sim, desejou o fim de uma situação estressante, mas com uma mãe ainda em vida. Queria que sua mãe melhorasse e *como ela não queria melhorar, ou ela não conseguia, então eu queria me livrar dela, porque ela me fazia mal. E, e eu acho que a gente tem que querer se livrar das coisas que fazem mal para gente.* Seria muito bom se pudesse atualizar suas vivências com sua mãe, porque foi ela a pessoa que a gerou e que *gerou* seus sentimentos e pensamentos confusos. Sofreu mais com a mãe do que sem ela e não pôde conversar com sua mãe, uma vez que da noite para o dia, *ela desapareceu*. Ficou com várias incertezas, inclusive a de que se sua mãe *tivesse continuado louca*, ela preferiria *que ela tivesse morrido*.

Enquanto sua irmã gostava de rever as fotos, ela as evitava; parece que se não as visse, não se recordaria do que a traumatizou. Em contrapartida, lembra-se de alguns episódios.

- Embora seus pais se amassem, eles se separaram um ano antes da morte da mãe, pois brigavam muito.
- Após oito anos de união, sua mãe foi internada e se lembra que a visitou em um lugar que falaram que seria um spa (era um sanatório).
- Aos dois anos e meio, sua irmã nasceu – motivo de preocupação para toda a família: todos haviam percebido que sua mãe já estava doente. Remete ao momento quando foi visitar sua irmã e mãe no hospital e, ao chegar, sua mãe disse: "Está toda suja", e avó paterna não retrucou, fingindo que a mãe tinha razão.
- Quando sua mãe a trancou no quarto e que ouviu: *Ah* [nome da irmã]*, eu só gosto de você...*

Sobreviveu aos ataques de sua mãe direcionados a ela por causa do ciúme em relação a ela e seu pai. E, além dos incontáveis comportamentos sem sentido de sua mãe, acrescenta que precisou lidar com a chantagem emocional de sua mãe numa tentativa de fazer com que seu pai voltasse. Cabe salientar a diferença entre se suicidar – porque se quer morrer – e suicidar-se para ferir outra pessoa, como é o caso, pois acredita que sua mãe desejava atingir o pai matando-se.

Visitou o túmulo de sua mãe, aos 15 anos, quando por incentivo de sua amiga, viu, pela primeira vez, o lugar onde o corpo morto de sua mãe estava. Sua mãe habita em algum lugar nela? A pergunta se faz necessária porque, ainda que mãe a quisesse como princesa, parece que ela foi uma menina que se fez mulher, mas sem referências de como ser feminina. Mulher que prefere um terapeuta homem para compartilhar sua dor, talvez por somente uma única vez, ter recebido o cuidado materno, quando o pai brigara com ela e sua mãe foi ao seu quarto para fazê-la dormir. Utiliza a metáfora oásis. Oásis provavelmente que era preenchido de desamparo e falta de referências, principalmente, pelo fato de todo mundo saber da vida dela e ela não. No entanto, há de se considerar que oásis remete a alguma uma coisa boa e se é preenchido de desamparo e falta de referências, como poderia ser uma coisa positiva?

O não saber a acompanhou após o suicídio, e a única pessoa que explicava o que acontecia era sua avó paterna. Em contraposição, precisou aprender a gostar avó materna, apesar do medo que aumentava, até porque *foi a única saída que tinha após a morte* de sua mãe, pois além de sua avó não querer o contato com o pai, o mesmo demonstrou certa dificuldade para cuidar delas, talvez *pela culpa ou pelo fato de não saber cuidar de duas meninas*.

Transformou desamparo em cuidado; dúvidas e incertezas em acolhimento pelo saber... Parece também ter transformado a morte em vida. É uma sobrevivente e tornou-se uma *miniadulta*, lembrando-se de sua preocupação em provar para os outros que, embora sua mãe tenha se matado, isso não comprometeria seu comportamento. Não poderia ser criança, porque não tinha mãe. Salienta que, desde pequena, pensara em psicoterapia, *então eu queria ser perfeita, para*

ninguém poder falar que era porque eu não tinha mãe e também provavelmente, como uma forma de manter o segredo.

Sobreviveu e tornou-se a filha perfeita, a que não deu trabalho e a que tirava boas notas. Aliviava os outros não dando trabalho. Relata que sempre foi uma excelente aluna e filha. Também por causa de seu destaque estudantil, recebeu bolsa de estudos quando realizou intercâmbio nos Estados Unidos e tornou-se psicóloga.

Há de se pensar que a formação em psicologia seja uma maneira de elaboração do luto. Uma de suas frases que merecem destaque é: "*E acho que a gente tem que cuidar por escolha. E não por fatalidades",* sendo assim, o cuidar está a serviço de auxiliar na profissão e não como vida, pois a psicologia está a serviço de colaborar com missão de ajudar e cuidar, uma vez que *está baseada em ajudar as pessoas.*

O fato de sua mãe ter se matado e o fato de ser psicóloga não são motivações que a obrigam a ter de superar seus problemas, mas, sim, porque crê que deve superar os problemas: não quer *ficar chorando a vida inteira. Com medo de ter um amor e não suportar perder, com medo de engravidar e ter uma depressão pós-parto e enlouquecer*. Boas razões para querer superar seus problemas, justificativas pertinentes para quem sobreviveu aos infortúnios que a vida apresentou e conseguiu, de seu jeito curioso e pela necessidade de saber, utilizar seus melhores potenciais.

Conviveu com uma família emprestada quando, aos 16 anos, fez um intercâmbio para os Estados Unidos e encontrou lá, seu lugar de pertencimento. Seus pais do intercâmbio ofereciam a noção de *uma família fofinha*, pois entre tantas vivências positivas, destacou que torciam por ela nos jogos e que sua mãe escolhia seu vestido de formatura etc. Foi escolhida pela família para ser a irmã de uma criança adotada por uma *mãe branca* e um *pai negro*, que tinha enurese noturna e durante seis meses, *tudo foi tão perfeito que não queria voltar*. Mais uma vez, a vida a convida a entrar em contato com o sofrimento e com a perda das referências, uma vez que perdeu todos os contatos com a família ao ter de voltar para o Brasil. Sua tia-avó morrera e precisou retornar ao país para escolher um imóvel que deveriam comprar e porque sua avó iniciou um processo de demência.

Foi emancipada, mas deve-se refletir sobre a impressão de que já havia recebido sua emancipação emocional há muito tempo. Felizmente, conseguiu retornar contato com a família e, portanto, reencontrou suas referências. Por meio de uma rede de comunicação virtual localizou sua família e, ao falar com sua mãe, afirma que todos ficaram contentes e que pensa em voltar aos EUA para participar do casamento de sua irmã que agora tem 20 anos.

Quem passa pelo suicídio sabe o que significa sofrer, pois se trata de uma vivência ímpar, que permite à pessoa ser a dona do sofrimento. Não percebe sua resiliência *como um heroísmo nem nada*, mas, sim, *como uma questão de sobrevivência*. Nesse sentido, destaca que ser filha de uma pessoa que cometeu suicídio, pode ser prejudicial, alertando sobre a possibilidade de os filhos se tornarem arrogantes. Acrescenta que, por se tratar de uma marca de sofrimento, a

tendência é que seja percebida com admiração por ser sobrevivente. Ao mesmo tempo, tem consciência de que não é a única *que entende de dor* e, às vezes, o sofrimento pode levar à arrogância de ser uma pessoa especial e percebe sua preocupação – é o que nomeia *sintominha de arrogância*, que pode ser compreendido como uma defesa ou uma maneira de se ajustar criativamente, em resposta ao sofrimento advindo da falta de resposta.

Por ter se apoiado na admiração que as pessoas tinham por ela, enfatizou sua posição de *anja que veio dos céus* para, depois, transformar-se *numa pessoa mais "reles mortal"*.

Como era considerada um "anjo que veio para a terra", parece ter sido esse um dos recursos usados para que *não pirasse,* ou seja, ser anjo talvez tenha sido a luz que para se reorganizar. Cresceu e aprendeu a ajudar os outros, como uma espécie de missão – pôde ajudar para se ajudar.

A perda de referências, a demência de sua avó, a restrição financeira, o fato de as avós serem *gente velhinha,* parece ter abalado sua estrutura na adolescência. Fumou maconha, bebeu muito e deu *uma degringolada na adolescência. Acho que dei uma recaída, porque acho que eu não aguentei, sabe? Ser perfeita.* Em Gestalt-terapia, acredita-se que temos dois lados que, quando polarizados, entram em conflito. Dessa maneira, o objetivo maior da abordagem é o de integração dos paradoxos existenciais através da ampliação de *awareness.* Apesar de parecer que essa fase tenha sido uma época a ser esquecida, talvez represente um momento de profunda mudança para que pudesse se conceber de uma maneira mais integrada, diferente e menos perfeita.

O fato de não conversar e trocar as diferentes percepções pode ter provocado um sentimento de desamparo e que *poderia ficar louca como sua mãe*. O medo de ser igual à sua mãe parece ter acompanhado suas fantasias, bem como as de seu pai. O suicídio pode ser genético? Para a resposta, há de considerar a afirmação contundente de que se sente estar a salvo, pois sobreviveu à perda de um grande amor. Assim como a mãe, que teve problemas amorosos, sua irmã e ela tiveram também problemas amorosos, no entanto, as filhas sobreviveram.

Curiosamente, acredita que, se sua mãe *não tivesse se matado, seria uma suicida*, e explica *que a doença vai vindo*. Embora em outros momentos da entrevista também afirme que não se matará como a mãe, acha que somente sua filha estará imune, *os filhos que eu for ter, não vão pegar tanto, porque acho que começou a matar esse vírus quando minha mãe se matou.* Além disso, não pode morrer – não quer que outros sofram como sofreu.

Não é a emoção que é destrutiva, mas aquilo que se faz com ela. Considera-se *muito intensa* e se emociona com frequência. E inevitavelmente ao tocar, acessar e revisitar sua história sentiu a emoção emergindo. Digo isso porque chama a atenção o fato de que ficou triste por se sentir triste ou por chorar por muito tempo quando tocava sobre o assunto em terapia. Parece ter se desconfirmado, tal como foi desconfirmada por toda a infância, uma vez que sentir tristeza não significa que ficaria louca. Culpava-se e se cobrava para não chorar, principalmente quando,

antes do intercâmbio, sofreu por depressão e recusou a tomar remédios. No entanto, decidiu que não iria se *sentir mal por ficar triste com uma coisa que foi triste.* É realmente triste:

- sentir-se desconfirmada;
- ser colocada entre uma relação pai e mãe, ouvindo que se gostasse do pai não gostava da mãe;
- ouvir que sua mãe gostava mais de sua irmã do que dela;
- todos saberem mais dela do que ela mesmo;
- todos saberem mais sobre a morte da própria mãe do que ela;
- que o suicídio tenha acontecido quando era criança;
- sentir falta da mãe para conversar.

É importante ressaltar a legitimidade do choro. O choro que expressa o sofrimento existe e se modifica. Apesar de sua tristeza, decidiu, felizmente, que não iria se criticar muito porque percebeu que não parou *no tempo*. Considera que a *história tem que estar sempre sendo revista.* Tanto é que, em sua terapia, o suicídio de sua mãe não é mais o único foco; atualmente, revela buscar sentido em outros assuntos que a incomodam e se tornaram importantes em sua vida.

Parece ter construído sua história e dado importância para o que é precioso em sua vida e existência. Afastar-se daquilo que lhe faz mal talvez tenha sido outro auxílio para a apropriação, pois deixou de se culpar quando descobriu que é aceitável e possível não querer ficar perto da mãe nas condições em que ela estava. Sendo assim, a aceitação, permissão e autorização de seus sentimentos podem ter sido os melhores recursos para seu crescimento.

Sua reflexão sobre o processo de luto das pessoas que vivenciam um suicídio é uma contribuição: *acho que o problema do suicida para os familiares, para as pessoas mais próximas* é que o processo de adoecimento dele envolve a culpa. *Envolve a culpabilização daqueles que estão ao redor dele.* Se ver como culpada é diferente de ser a culpada. Ao abarcar o tema da culpa, revelou um curioso e peculiar interesse em saber se estava sendo gravada. Tudo foi tão complicado que, às vezes, talvez tenha de aprender sobre o que faz mais sentido e sempre haverá a ideia de que se poderia fazer mais alguma coisa.

Faz sentido, por exemplo, quando percebe que o suicídio de sua mãe diz respeito a um problema dela [mãe], pois foi a direção tomada sobre a vida dela. Essa discriminação parece ter sido crucial para que seguisse o próprio caminho. Atualmente, reflete sobre o que faz, o que aceita e se aquilo que o outro lhe pede está compatível com suas necessidades: aparentemente começou a discriminar o que é seu e o que é do outros e a cuidar das próprias necessidades em vez de cuidar das dos outros. Zela pelos outros desde seus sete anos e percebe que está cansada de cuidar: admite que o cuidado deve acontecer por escolha. Assinala seu desejo de cuidar da avó, mas considera muito difícil assumir esse fardo, por causa disso, a culpam quando ela propõe interná-la.

Permitiu-se sentir alívio não somente por não ter sua mãe por perto, mas *por tudo o que veio junto:* desconhecimento de sua história, ter de morar com uma pessoa que eu não queria morar, acreditar que era uma má menina, porque era o que sua mãe falava.

Apesar do convívio com a família de sua mãe – em que todos *foram criados de uma maneira a não aceitar o limite. A não ter que entrar em contato com as perdas –,* considera seus limites e acha que se libertou, mas que *precisa se libertar mais*. Sua mãe lhe deu um exemplo: *Acho que ela foi em busca de uma libertação, sabe? Eu quero ir em busca da minha libertação só que na terra.* No entanto, cabe a questão: Será essa libertação possível?

Espero que continue sua busca: menina e mulher! Você conquistou leveza com todo o peso que precisou carregar!

Feedback da análise 6 (Enviada por C6 em 13 de fevereiro de 2013):

Karina, querida,

Foi hoje, no dia em que eu soube do falecimento da sua mãe, pelo facebook, que eu resolvi ler a análise da entrevista que eu te dei. Não sei muito bem o que de uma coisa levou a outra, mas fiz essa relação.

Bom, queria dizer que fiquei muito contente ao ler sua análise e me senti mesmo presenteada. Muito obrigada pelo belo presente.

E também quero dizer que achei lindo o seu depoimento sobre a mulher que foi sua mãe e seu pedido de orações para que ela encontre seu caminho de luz. Talvez, o que tenha me levado a ler justo hoje a análise da entrevista que dei sobre o meu processo de luto com a morte da minha mãe tenha sido:

Deparar-me com seu depoimento que resume o que uma pessoa tão significativa na nossa vida de seres humanos - a mãe - deixa para a filha ao ir embora: mais presença do que ausência, um legado de sua vida, uma história, memórias que serão para sempre lembradas, porque é isso o que fica daquilo que não se apresenta mais. Como no filme "Amores Brutos" é dito: "porque também somos aquilo que perdemos".

Você com a sua pesquisa me deu bons motivos [para] *relembrar minhas memórias de vida e de mãe, me lembrar do que eu sou, e te agradeço por isso.*

Se for possível, gostaria de ir assistir a conclusão do trabalho.

Boa sorte na defesa pública, bom final de trabalho para você! Beijos.

SOBREVIVENTE 7: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaborador 7
C7: 63 anos (2012)
Sexo: masculino
Idade quando o suicídio aconteceu: 12 ou 13 anos
Pessoa que cometeu o suicídio: mãe
Método do suicídio: enforcamento
Local da entrevista: universidade onde estuda Psicologia
Tempo total de entrevista: 01 hora 43 minutos 48 segundos
Análise enviada em: 11 de janeiro de 2013
***Feedback* do colaborador:** 22 de janeiro de 2013

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

C7 disponibilizou-se para a entrevista, mostrando solicitude para encontrar com a pesquisadora na universidade onde cursa Psicologia. Na primeira mensagem de contato, enviou um e-mail dizendo: "OLÁ KARINA!!! AOS 12 ANOS PERDI MINHA MÃE, ELA SE SUICIDOU DURANTE UM TRÁGICO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE 'NEUROSE DE PARTO' DEFLAGRADA NO NASCIMENTO DA MINHA IRMÃ MAIS NOVA". Terceiro dos quatro filhos, sua mãe teve o primeiro filho que morreu, por embolia cerebral, após três anos de vida vegetativa. Depois veio o irmão, ele e sua irmã. Sua mãe se matou, e ele foi o primeiro a encontrar o corpo ao abrir o banheiro de sua casa.

1. O impacto do suicídio e a busca de compreensão

- *Só sobre o processo de luto. Quer dizer, não devo falar do momento, do impacto? Bom, realmente é importante para mim começar a falar sobre isso pelo episódio. Porque minha mãe teve um primeiro filho, ela perdeu o primeiro filho – isso é um entendimento que foi se construindo ao longo destes anos isso que eu vou falar agora – ela perdeu o primeiro filho. [...] Porque realmente ocorreu, mas eu fiquei sabendo um pouco quando aconteceu o suicídio dela e, depois, a coisa foi se construindo de uma forma mais clara do processo que ela passou, que me ajudou a cumprir com o meu luto ou a realizar meu processo de luto. [...] Então, quando eu peguei esse raio X eu tive um entendimento, o primeiro entendimento importante do que essa mulher passou, tudo bem? Do que essa mulher passou.*
- *Aí eu comecei, como eu ficava muito em casa, muito caseiro e também aprontava muito. Então, eu vivia por todos os cantos da casa, então eu acabava flagrando coisas da dinâmica da família. Por exemplo, num quarto minha mãe gritando de dor após o parto, bastante tempo após o parto, não sei quanto, e pessoas saindo com toalhas sujas de sangue, indo para o banheiro correndo. Não sei se ela teve, soltou algum ponto, eu não entendi o que é que foi.*
- *Era bastante difícil para eu entender isso. [...] Doze anos. Segundo o meu irmão, 14. Então, de 12 a 14 anos, dos 12 a 13. Então, eu estava entendendo o que estava acontecendo, mas um entendimento possível para aquele garoto, naquele momento.*

- *Até que um dia, eu estou tomando banho, no chuveiro, a casa era grande, eu estou tomando banho em um dos chuveiros, eu vou ensaboar o rosto, olho para cima, vejo o cano, que era um cano de acabamento mais requintado, assim, um cano fininho, mas todo cromado e tal. Ele entortado, totalmente entortado e depois posto no lugar novamente. Ele ficou embarrigado, ele ficou com uma cintura, o cano. Eu olhei aquilo e falei: "Minha mãe está tentando se matar".*
- *Até que um dia, minha avó vem correndo e me conta, acho que no portão, na rua, próximo do portão, eu me recordo, minha casa tinha um quintal grande, um corredor assim, grande, ela veio correndo no portão e falou assim: "Olha, sua mãe sumiu, e o banheiro das empregadas está trancado". Aí eu* [me] *lembrei do chuveiro e falei: "Ela se matou enforcada". [...] Na hora eu pensei isso: "Ela está enforcada no banheiro das empregadas". Eu fui lá correndo, olhei pelo respiro, porque tinha um respirozinho na porta, embaixo eu vi o pé da minha mãe no chão. Falei: "Ai, nossa! Ainda bem, ela está com o pé para baixo". Eu chamei: "Mãe, mãe, mãe, mãe", ela não respondia. Eu peguei, enfiei uma chave – eu sabia abrir a porta por fora; era uma porta de trinco, mas que tinha uma possibilidade de você enfiar uma chave de fenda e virar o trinco; foi isto que eu fiz. Eu enfiei alguma coisa, assim, possivelmente uma chave, a chave dava para fazer isso e virei e a porta abriu. Quando a porta abriu, minha mãe estava enrolada em um fio de ferro de passar roupa, enforcada, morta. Ela só, ela desceu para o chão por causa da extensão do corpo.*
- *Eu abri e olhei para ela, olhei para ela com o rosto sereno, olhos fechados, com as costas encostadas na parede, os dois pés totalmente apoiados no chão e ela um pouco inclinada, inclusive como se estivesse se apoiando na parede para descansar, digamos. Estava assim, bastante serena, mas eu olhei e vi minha mãe morta por enforcamento.*
- *[...] e após isso* [quando começou a escrever]*, eu comecei a ter, a falar para as pessoas queridas, para as pessoas mais íntimas, ter outro tipo de discurso, ter outro tipo de explicação, outro tipo de... contar outra história. Não outra história diferente, mas uma história de entendimento bem harmonizado, aprofundado do que houve comigo.*
- *Simplesmente um entendimento possível naquele momento e que, embrionário, um entendimento mais amplo e mais assertivo ou mais... hoje, para mim, mais compreensível, mais humano.*
- *Hoje eu não entendo que eu poderia pular essa etapa. Eu entendo que não, que não poderia pular etapa, eu teria, tinha realmente que passar por isso, entendo, eu acho que a maioria deve passar por isso. Impacto, sente culpa, também.*
- *Não, mas é por causa do lixo. Eu achei muito legal a sua pergunta porque a sua pergunta me remeteu primeiramente para dizer que é uma questão de energia, de uma coisa de eu usar aquela energia que está sendo mobilizada, usá-la para uma compreensão* [referindo-se à pergunta que fiz anteriormente, Quando você fala: "Eu fiz a minha limpeza", qual que foi a sujeira que você fez? E isso em decorrência do suicídio?].
- *Lógico, nós ficamos morando lá. E o banheiro, trancado, esqueci essa; foi bom você ter perguntado isso. Porque o banheiro ficou trancado. Ele virou um sarcófago, aquele negócio. Virou sei lá o quê. Ficou trancado um tempão, um tempão.*
- *A morte da minha mãe foi um presente fortíssimo, eu devo merecer, no bom sentido [...] Abençoado, abençoado – outra coisa que eu escrevo bastante nas minhas poesias é gratidão, tenho vários poemas escritos sobre gratidão.*

- *Espero que você não perca isso, quero dizer para deixar registrado que: esta intervenção está muito boa para mim. Intervenção não, esta oportunidade [...]. Agora, está aí, vem sempre leve. Quando vem assim: compreendi alguma coisa a mais; eu não tinha feito esta relação, nossa agora é sempre gostoso, leve. Falei: "Olha, é uma oportunidade...", não lembro como eu falei exatamente, mas meu sentimento naquele momento era de uma oportunidade de falar mais uma vez sobre o assunto, elaborar, ajuda a elaborar mais ainda, porque isso não tem fim, a questão que não se fecha.* [referindo-se à entrevista].
- *O fato de minha mãe ter feito o que ela fez, hoje, isso, especificamente isso, não me interessa. Isso é uma coisa meramente, um acontecimento, um acontecimento como um acontecimento policial ou médico, médico-legista, absolutamente não me interessa. A morte mesmo em si, como morte, como possibilidade de desencarnar como dizem os espíritas, também não tem interesse. Meu olhar é para... é o olhar para esse desafio de existir.*

2. Minha mãe: existe uma parte dela em mim ou parte de mim nela?

- *Outro dia achei uma chapa de raio X que sou eu na barriga da minha mãe. Ela estava desgastada, mas dá para ver o neném.*
- *Minha mãe era brincalhona, alegre, uma pessoa muito inteligente, uma pessoa de família que tinha muitas condições; que de certa maneira ela aproveitou essas condições, estudou em colégio ótimo e tinha, assim, e até uma boa formação, assim como, uma educação formal, ela tinha boa educação formal e tinha também um espírito de gozação, assim, de olhar a vida com irreverência, meio garotona – ela se matar, para mim, foi um contrassenso. Por que aquela mulher alegre, que brincava? [...] Eu tenho lembrança dela, assim, como uma pessoa divertida.*
- *Julguei. Julguei que ela* [mãe] *tivesse nos abandonado. [...] No processo inicial de luto, uma espécie de uma covardia. A mãe – tipo, a mãe desnaturada. Tipo, covardia, nos abandonou, fugiu, ela vivia fugindo, fugiu de uma vez.*
- *Porque como ela estava com o olhar diferente ela não era ela. Ela era outra pessoa.*
- *O que pode representar para uma mulher o parto, cinco partos. Era uma mulher que enfrentou partos naturais, cesariana, parto da temporã, depois de dez anos, gravidez de risco, então eu já vejo por outro lado, eu vejo como mulher heroína. Não consigo ver mais minha mãe, entender mais minha mãe como fugiu, não fugiu de nada. Ela era uma guerreira, eu vejo como guerreira* [referindo-se ao segundo momento do processo de luto].
- *Dois filhos homens. Ter visto, assistido a duas mulheres darem* [à] *luz nossos filhos e uma cesariana e outra parto normal, duas mulheres diferentes, eu tenho dois filhos com duas mulheres diferentes. Então, tudo isso ajudou também a compreensão de quem era aquela mulher, como é que era um parto para uma fêmea, uma mulher.*
- *Para poucas pessoas eu posso dizer que eu agradeço de ter o pai, a mãe e mesmo a mãe, minha mãe suicida, que eu tive.*
- *Me vem aquela mulher, as mulheres. Então, quando aquela mulher estava no parto, ela era o parto, ela era a mulher, ela era a fêmea, ela era a minha mãe dando* [à] *luz a mim. Não tinha absolutamente nenhuma separação. Uma coisa iluminada mesmo, experiência iluminada.*

3. Histórias contadas e o falar que fere

- *O que eu ouvi falar, ainda não confirmei essa história, é uma história bastante dramática, que o médico é um médico de confiança do meu avô, colega dele de confiança, mas ele era*

viciado em droga e ele não estava alterado na hora do parto, então ele cometeu um erro. [...] Isso tudo que eu escutei, dos parentes, do meu irmão e tal. Ela engravidou, então eu já tinha, estava sentindo um clima tenso na minha casa, minha mãe já tinha quase 40 anos e gravidez de risco; eu percebi que ela ficou toda a gestação tensa, nervosa e depois ela teve a neném, a neném nasceu saudável, ela parecia saudável também. [...] Escutei falar que era neurose de parto, já naquele período eu já escutei isso.

- *Ele* [amigo de infância do irmão] *falou não sei o que da minha mãe, que talvez por isso que sua mãe morreu; eu falei alguma coisa da minha família ou falei alguma coisa com relação aos seres humanos e ele falou assim: "Mas então sua mãe não morreu, sua mãe não se suicidou?".*
- *Me contaram, agora que me ocorreu, que me ativou a lembrança e me falaram, porque na hora eu não lembro – quer dizer, na época eu vi minha mãe* [referindo-se ao fato de sua mãe ter se matado utilizando um fio de ferro].
- *Porque eu cheguei a escutar que eu era um moleque tão levado que a minha mãe, talvez, tenha se matado, também, por minha causa.*
- *Porque meu pai, acho que meu pai era bissexual, que acho que a minha mãe pegou meu pai com um amante, olha, isso, boatos vários, que para mim não significavam nada. Nem em tempos passados nem agora. Se meu pai era bissexual, ele devia ser muito feliz. Se ele tinha um amante, e eu sei que ele tinha também uma mulher, depois que a minha mãe morreu; ele teve uma mulher* [com] *quem ele viveu muitos anos; acabou casando com ela, no leito de morte ele casou com uma mulher, eu acho ótimo.*
- *Eu imagino que não, ela* [irmã] *era bem pequenininha. Ela pode ter o registro emocional. A pressão dos adultos, aí um dia ela pegou uma correria, um grito, pode ser. Mas, agora, eu acho que depois ela foi ouvir história como eu escutei, ela deve ter escutado cada uma.*
- *Algo difícil para mim que eu já compartilhei com o meu filho várias vezes. Falei para ele: "Olha, eu vou falar para você porque eu não quero que você fique: 'será que é isso que eu estou entendendo?'. Não! É isso que está acontecendo; senta aí e eu vou te falar é isso, isso, isso. Aconteceu isso, você não foi planejado, você nasceu eu fiquei maravilhado, porque você é uma benção para mim." Ele sempre foi, eu declamo as poesias para ele e fica emocionado, poesias que eu escrevo de forma geral e as que eu escrevi para ele. E ele fica muito feliz, mas ele sabe* [que, em] *dado momento, está me incomodando.*
- *Eu* [me] *esqueci de falar uma coisa importante. A mãe do meu segundo filho [...] foi internada e diagnosticada com bipolaridade. Transtorno bipolar, mas também atacou, pegou o segundo filho, chacoalhou. Fiquei sabendo, eu não vi isso aí. Não sei se ela estava tentando matar o moleque. [...] A irmã dela se suicidou; na família tem vários casos de transtorno mental entre mulheres; ela teve transtorno mental, está em tratamento até hoje. O pai dela faleceu outro dia, ela surtou. Está sendo tratada com um psiquiatra aí, está tomando remédios fortes; meu filho mora com ela.*

4. Lembranças do que vivi e o não lembrar

- *Eu lembro que eu saí correndo atrás do táxi, montei no estribo e falei para o moço: "Para pelo amor de Deus, minha mãe está com problemas, minha mãe está fugindo". E ela falou uma coisa para ele e ele falou: "Sai daí moleque", como se fosse moleque de rua. "Saí daí moleque, sai daí moleque", meio que me empurrou e verbalizou coisas que eu acabei desistindo e pulando do estribo, o carro em movimento.*

- *Ela* [vizinha] *quis ajudar, mas hoje eu lembro perfeitamente, ela atrapalhou. Porque seria necessário naquela época falar: "Olha é isso mesmo, você está dizendo que é isso, é isso. Então vamos..." Me dá o colo, me fala alguma coisa, me protege e tal. Eu fiquei no muro esperando e lá no muro, tinha uma mureta assim, fiquei na mureta do vizinho olhando para a minha casa, encostou o IML. E eu conhecia, sabia o que é que era um camburão do IML.*
- *Depois teve algumas coisas que não são tão importantes para eu relatar agora, que é meu irmão chegando e ele recebendo a notícia, minha irmã não me lembro. Lembro meu irmão descendo a rua, assim, e recebendo a notícia.*
- *E aí eu não tenho recordações muito claras a partir disso. Eu lembro que ficou com um estigma assim [...] Eu, muitas vezes podia ser da minha parte, eu achando que era isso. Mas eu lembro que muitas das vezes eram olhares mesmo claros e evidentes e até cochichos e coisas que eu percebia* [referindo-se ao estigma].
- *Então, isso é tão importante para mim – são os frutos doces de um árduo* [trabalho]*, que vem de uma terra difícil de arar, terra seca que eu consegui (me lembro até de Israel que eles fazem, que eles plantam no deserto), então, depois, agora eu estou colhendo os frutos.*
- *Quando eu estava no velório da minha mãe, eu não queria ir. Eu me lembro que não tinha uma disposição a ir, mas era, eu fui levado. Eu fui levado "Você vai", acho que eu não soube dizer; não, me recordo disso aí. Mas, eu lembro que não deu vontade de ir não. E eu fui; falaram: "Dá um beijo na sua mãe". Aí eu não achei um negócio muito bom aquilo lá; "Dá um beijo na sua mãe", beijar um cadáver? Eu fui beijá-la, ela estava com um véu por cima do rosto dela; eu beijei a testa dela gelada como um mármore. Então, eu coloco isso no poema, que eu, que eu fui lá beijei, beijei a pessoa fria, mas aí eu faço uma analogia com o calor com a vibração de uma mulher alegre – minha mãe era uma mulher muito alegre. [...] Brincava comigo, ela brincava. Às vezes eram umas brincadeiras que eu não gostava muito, mais uns beliscões nas bochechas, um negócio que eu achava que era meio provocativo, assim, não sei – eu era um moleque meio invocado, eu era meio marrento –, mas eu lembro que ela me batia, eu lembro que ela... aliás, com o próprio fio do ferro que ela se matou, chegou a me bater. [...] E eu lembro que eu apanhei como o fio do ferro, não sei se é o mesmo, mas eu apanhei com o fio do ferro. Falava: "Sobe e abaixa a calça e fica me esperando", uma coisa até um pouco sádica. Falava: "Filho, sobe e fica de calça arriada me esperando, fecha a porta do quarto lá, ou fica no quarto que eu já estou indo", para me bater e uma das vezes foi com o fio do ferro – mas, isso não me marcou assim de falar: "Ai minha mãe é muito agressiva, olha o que ela fez comigo". [...] Eu só lembro perfeitamente que eu apanhei de fio do ferro e que ela se enforcou com o fio do ferro.*
- *Minha mãe eu vi ela claramente, o semblante dela, o pescoço bem marcado pelo fio assim e tal, depois eu fiquei sabendo que era um fio – mas, assim, associar o fio com as surras – surras não, eu acho que o que eu me lembro é uma surra só. Eu, às vezes, eu, ela, dava umas lambadinhas na perna e tal, lembro dessa surra que eu fiquei um negócio de "Sobre e fica de calça arriada", acho que me marcou. Eu lembro que ela deu umas "fiozadas" de ferro na minha coxa que ficou um vergão, assim.*
- *Fugia de casa, fugiu de casa, pelo que eu me lembro, no mínimo três vezes. E era muito dramático, lembrando mais uma vez as fugas dela.*
- *Porque eu lembro que nos primeiros momentos, assim, vamos pôr assim, dividindo em dois. Primeira fase de luto, [...] foi com uns 25 anos, um pouco mais de 25 anos, vamos arredondar para 30 anos. Então, nos primeiros dez, 15 anos, foi um processo com certeza,*

de muita, de certa confusão, achando que era meio covardia, mas era doença, não era alegre, mas então foi, ela se matou porque era doente, não é?

- *Então, aí eu* [me] *lembrei do susto que eu dei na minha mãe, aí* [me] *lembrei dos aprontos que eu fazia ali na rua, coisa de moleque, subia no telhado, quebrava telha da vizinha, aprontava.*
- *Eu não lembro a idade que eu tinha. Me falaram assim: "O problema"... se foi esse o motivo dela – apesar de que eu estava amparado por aquela testemunha, pelo fato, daquela oportunidade de ter testemunhado todo o processo. Porque foi longo o processo. Pelo menos emocionalmente bem longo. Não lembro quanto tempo foi, porque teve anos. Precisaria fazer um cálculo para ver quando a minha mãe morreu, que idade tinha minha irmã, que era a minha irmã mais nova. Então eu não lembro, mas sei lá, um ano, dois anos. Demorou o negócio.*
- *Então, eu lembro que, como eu ficava às vezes, caseiro, moleque, pulando o muro, fazendo, aprontando, mas eu não saía dali de perto. Era na rua, ia para a outra rua de cima, voltava. Enquanto que os meus irmãos, eu não me lembro se minha irmã saía. Eu lembro que eu era uma figurinha que estava sempre ali em casa.*
- *Pode ser alguém, por exemplo, se meu irmão também um dia fez isso* [segurar a barra]*, eu não me lembro. Eu não me lembro, não. Eu não sei.*
- *Eu me lembro que no começo eu passava nem olhava na porta* [do banheiro]. *Aí foi indo, foi indo, foi indo, passou-se tempo, também não vou saber precisar, mas chutando vai, uns dez anos, mais ou menos. Eu um dia falei: "Que é isso de não entrar nesse banheiro, pô!". Abri a porta e entrei lá dentro. Olhei o cano, olhei o banheiro, lembrei do banheiro perfeitamente porque eu já tinha usado aquele banheiro várias vezes. Porque às vezes eu procurava olhar as empregadas tomando banho lá. E então o que eu lembro para mim era assim, bem conhecido, até encostei na parede para ver a última imagem que a minha mãe viu.*
- *Eu* [me] *lembrei de James Dean. James Dean saiu de cena. De repente, James Dean é sempre aquele cara bonito com aquele topete. Ele próprio falava isso, não sei se você sabe, ele mesmo falava, James Dean falava: "Morra cedo, morra com... seja um cadáver jovem e bonito" [...] Não sei se ele se matou, mas ele pegou um carro, pôs o carro em velocidade absurdamente alta e bateu, bateu em um desastre de automóvel.*
- *Eu* [me] *lembro de coisas de pequeninho, sempre assim. Sempre assim. Só que eu não sabia aquilo que Deus ou a divina providência ou a vida ou o universo ia me presentear com tanta riqueza, com tanta experiência forte na minha vida.*
- *Eu lembro que desde pequeno eu olhando para o céu, olhando as estrelas, os bichos, sempre gostei de animais, cachorro, sempre foi assim, sempre tinha esse olhar de alegria; eu lembro que meu pai falava para mim: "Você", vivia perguntado, ironizava e brincando e piadista, falava: "Você acha que a vida é um mar de rosas", eu falo: "Eu não acho pai, eu tenho certeza".*

5. Eu segurava a barra e a compreensão de sua vida e existência

- *Minha mãe está passando dificuldades com esse parto. Passado um pouco de tempo, minha mãe começou a avançar no berço e começou a ter assim, surtos. Ela mudava o olhar, não me reconhecia, não, possivelmente não se reconhecia e fugia de casa. Eu segurava a maior parte dessas barras.*

- *Aí comecei a ver minha avó, que morava conosco, muito preocupada; excessivamente – para mim, me parecia – excessivamente preocupada com a minha mãe. Bom, com as fugas da minha mãe, que eram uma coisa dramática; que para você ter uma ideia, minha mãe fugiu uma vez, ela muito bem vestida, ela pôs uma roupa, a melhor roupa dela, parecia que ia para uma festa e saiu pela rua; eu saí correndo atrás, ela tomou um táxi, um táxi daqueles antigos que tinha o estribo.*
- *Até que eu fiz terapia – eu tinha uns 36 anos 37 anos. Eu resolvi, durante um período, assim, parar de trabalhar, que eu tinha um dinheiro, eu falei: "Eu vou ficar curtindo a vida até acabar o dinheiro". Fiquei dois anos, durante esses dois anos que eu fiquei fazendo macrobiótica, fazendo terapia, linha comportamental, usava bastantes elementos de bioenergética, eram terapeutas corporais da linha do "Osho", que é um guru – falecido em 1991 – que é um guru indiano e a gente fez bastante trabalho, e eu fiz, participei de grupos de trabalho corporal que é renascimento da linha em grupo, várias ações, fui até o curso que a gente recebia e aplicava, até que esse curso, esse minicurso dava direito a um atendimento individual com o terapeuta, de renascimento, e ele aplicou o renascimento e eu chorei bastante, chorei bastante e fui depois tomar um café na padaria com o terapeuta, talvez tinham até mais algumas pessoas – e disse para ele, atravessando a rua: "Não, eu chorei o último choro sentido que estava entalado na garganta, porque provavelmente minha vizinha não deixou eu chorar direito".*
- *Me veio a poesia. A expressão poética, a possibilidade que me surgiu através da inspiração. E me expressar poeticamente, curiosamente eu demorei para escrever sobre a minha mãe; eu escrevo muitas poesias, quer dizer, começo, é, críticas sociais, bastantes poesias inspiradas em um poeta, que é um poeta nosso nordestino que é bastante crítico, ele é poeta de esquerda, pensamento bastante comprometido com as injustiças sociais...*
- *Aí comecei a escrever por aí, e depois foi, a minha poesia foi mudando até que eu comecei a escrever sobre pessoas, sobre a minha pessoa, sobre os relacionamentos, sobre sentimento humanos e sobre minha mãe. Sobre minha mãe mesmo tem poucas, tem umas três, assim, que eu me lembro, eu acho, mais ou menos duas ou três poesias que são sobre ela mesma. Sobre morte, têm várias. A morte como um fechamento de um ciclo, a morte como uma consagração, como se fosse um alpinista que chegou no Everest – então, tenho procurado me expressar através dessa linguagem.*
- *Autoajuda, críticos da autoajuda, para mim funcionou. Eu fui, eu passei na universidade de autoajuda. É lógico que quando eu fui fazer terapia eu já era um discípulo de Osho, como sou até hoje. Eu era um discípulo, como o Osho chamava, um iniciado, um buscador – então, evidentemente quando eu fiz terapia, aquilo, como eu já contei, fechou, deu uma amarrada, principalmente o renascimento.*
- *Eu segurando a barra da minha mãe porque eu ficava em casa, então em muitos momentos – não sei se eu deixei claro, foi bom você ter tocado, eu não sei se na hora eu falei, eu expliquei direitinho – segurando a barra, que eu lembro, é especificamente com a minha mãe. A minha mãe, por quê? – eu era um moleque grandão, apesar da idade, 12 anos, 13 anos, mas eu era bem grande, eu lembro que era bem grande, inclusive eu estava começando a lutar boxe, eu tinha mais de 70 quilos, eu tinha meu peso de hoje, quando era moleque.*
- *Eu acabava sempre estando perto, estando em momentos, assim, né? De segurar a minha mãe, de quando ela fugia, ir atrás. Eu não me recordo de, por exemplo, quando ela fugiu, eu ter a minha irmã do lado e falar: "Olha, vamos atrás, vamos lá?". Não tinha ninguém,*

era eu. Por isso eu falei daquele jeito. Segurava a barra porque estava sozinho. Minha avó também não saía de casa. Eu, minha avó segurando a barra da minha mãe. Eu me lembro, era isso.

- *Um ou outro podia estar presente? Acredito que sim, não prestava atenção. Não procurava – eu gostava de brincar, sempre muito alegre, saía brincando na rua, era superalegre, lembro dessa fase, brincalhão, então ficava ali – mas eu estava curioso porque que eu, moleque, tinha que segurar uma mulher em surto, daquele tamanho. Então hoje eu me expresso desta maneira: "Eu que segurava aquela barra".*

- *Eu e meu filho dentro da minha casa – não acreditei. A incumbência da vida foi forte comigo naquele momento. E agora, segura, segura aí. Está há 12 anos comigo, um rapaz lindo, médico veterinário. [...] Segurei a onda. Porque foi muito forte para mim segurar aquilo lá. Para mim foi um choque. Eu não queria que ele viesse para minha casa. Não queria morar com meu filho. [...] É o mesmo termo que eu uso: é segurei a onda. Porque na verdade eu não queria, eu não queria que minha mãe fizesse aquilo que estava fazendo. Eu queria ser eu. Também não foi uma opção minha ser aquela pessoa, que é tipo de um guardião da minha mãe, que não sabia nem o que estava acontecendo. A mesma coisa com meu filho. Não exatamente igual, porque são assuntos diferentes, um pouco diferentes, humanos, mas têm suas distinções. No caso do meu filho – eu não queria que ele viesse para casa; então, quando ele veio para casa, foi a tal responsabilidade, o compromisso, mas não compromisso legal, compromisso de amor, porque eu vi que eu naquele momento tinha que dar guarida para ele. O desdobramento disso que pode não ter sido muito bom. Porque em muitos momentos acabávamos brigando, meu nível de tolerância oscilou e oscila ainda. Porque eu me sinto: "Pô, mas ele está comigo, então a mãe fica pagando a faculdade dele". [...] Eu procuro ilustrar isso que eu falei de segurar a barra – Então quer dizer, para mim, ainda é certo peso eu ter essa tremenda responsabilidade que realmente, que foi dividido com ela. Porque ela ficou com ele até os 11 e eu fiquei com ele* [filho] *dos 12 aos 22.*

- *Certas coisas eu consigo, que eu sinto, assim, de segurar a onda. Como na faculdade, por exemplo. Comecei a fazer o curso de Psicologia e chegou uma hora que eu falei: "Meu Deus do céu, onde eu vim parar? Por que tem que segurar essas barras? Genética, sei lá o quê. Segurar professor que não sabe dar aula", então eu uso este termo: "Segura peão", segura essa onda agora; você está aí e vai segurar e eu seguro bem. Porque tem também o saborzinho de aventura, tem minha capacidade posta à prova. E eu gosto, eu sou, sou atleta, campeão brasileiro, então tem aquela coisa, tem autoestima: "Eu vou, eu faço, eu consigo, eu sou capaz, tenho saúde, eu tenho inteligência", mas eu sinto em alguns momentos da minha vida, isso aí de falar: "Pô, eu estou segurando a onda, segurando a barra".*

- *A questão é que através disso, dá para se ver a beleza, o mistério. Dá para se respeitar o mistério. Dá para se ter sempre, nunca um entendimento fechado. Sempre uma abertura, não se fecha, não se amarra, não se completa. É isso que é o alimento do poeta. É aí que está. Então, a morte mesmo, ela em si, isso não me interessa, o ato da morte mesmo talvez interesse mais* [a] *um espírita, sei lá, desencarnar e tal. Me interessa mais é esta questão do vazio, [...] Porque a minha vida, o meu olhar é poético. Tem a ver com a poiesis, tem a ver com o olhar fenomenológico. [...] Eu vivo fenomenologicamente. Eu vivo esse desafio do ser. Eu vivo e eu estudo também [...] a partir daquela experiência fortíssima de não só olhar a morte representada pela mãe, suicida ainda, aquela morte dramática e trágica, escolheu morrer. Ah, mas estava doente! Escolheu morrer.*

- *Quando eu consegui ver minha mãe como uma mulher – como uma notícia de um jornal, um suicídio, pode ter sido, não sei se foi* [referindo-se à ampliação de sua compreensão].
- *Uma vida depois de uma morte, não. Sempre uma vida plena, uma vida sem emendas. Que vai acolhendo, que vai agradecendo, ampliando os entendimentos, cada vez mais feliz, cada vez mais grato – que a felicidade não é o que se vende, a felicidade não é o que se compra. A felicidade é o que se entende. A felicidade pode ser o choro, a felicidade pode ser uma angústia, então a angústia não é uma ferramenta metodológica da Daseinanalyse, do entendimento do Heidegger? A angústia é viver, viver é angustiante. E angústia pode ser felicidade, por que não? Onde está a felicidade?A angústia rompe, ela corta a felicidade, ela interrompe a felicidade, parte, ela separa alguma coisa? Não. Ela não fraciona nada. A angústia é esse sentimento que é um sentimento difícil de se descrever, não tem um contorno, porque a vida não tem um contorno.*
- *Olha, outra coisa que eu não tinha percebido, percebi agora* [na entrevista]. *O meu filho está vivendo semelhante, está vivendo situação semelhante à minha. Ele falou para mim, encontrei com ele na rua e ele falou, falou: "Olha, eu tenho que ir para casa, não vou poder estudar esta semana..." – foi lá no cursinho dele falar que ele vai ficar afastado, que naquele momento ele ia ficar afastado uma semana, para ficar com a mãe. A vida continua* [referindo-se ao fato de seu filho também cuidar da mãe dele].
- *Eu tenho um olhar de aceitação, não como eu falei* [de] *imprudência e irresponsabilidade, não de um conformismo, mas um olhar de aceitação. Não é a aceitação de que: "Danese", não. Aceitação de ver a riqueza de tudo isso e de ver que isso é a condição humana.*

6. Estresse anterior e posterior ao suicídio

- *Então, conto isso para mostrar, tentar passar um pouco do que foi, do drama que foi para mim acompanhando e essa coisa evoluindo, evoluindo, minha mãe... em outro momento, eu a segurei em um momento de violência dela contra o berço da criança, da minha irmã mais nova... Ela foi, pôs os dois pés na parede – minha mãe era uma mulher grande e forte, acredito até que ela fosse mais forte que eu na época – eu agarrei minha mãe, minha mãe saiu, aquela coisa louca, e bateu com os dois pés na parede como se fosse aquelas lutas que a gente vê em filme, um negócio doido, uma senhora, de repente – na época era senhora, hoje não é uma senhora mais, próximo dos 40 anos – bateu o pé na parede, assim e tal e eu fui segurando aquela barra.*
- *Aí os anos se passaram... no momento, voltando um pouquinho nesse pós, aí a família se desestruturou naquele momento [...] Então, nesse sentido, a casa continuou, assim, com a família, digamos fisicamente estruturada que era; só a minha mãe que faltou. Desestruturada, evidentemente, emocionalmente.*
- *Então eu fiquei acompanhando aquilo, então sabia que não tinha. Não tinha nada. Eu nunca ouvi ela* [mãe] *falar nada: "Você". Quando ela surtava, ela podia falar: "Porque você é uma peste, você é uma praga!", nunca falou nada, nunca fez referência nenhuma ao meu pai, não fez referência nenhuma a mim, nada. Era o berço, ela queria atacar o berço. O negócio dela era matar a criança – então como é que eu posso acreditar, né? "Olha, foi você, não sei o que", agora, mesmo assim quando eu ouvi, na minha cabecinha bateu assim, olha: "Problema dela". Isso aí é um problema, eu acho que é questão de pai e mãe, problema dela.*
- *Meu pai trabalhava muito, meu pai trabalhou 35 anos, de manhã, de tarde e de noite. Meu pai era um cara que tem essa justificativa. Mas eu considero meu pai um omisso. Quer dizer, isso é: meu pai era uma presença na família muito, muito, parecia até técnica. Então*

eu vou passar em casa e vou jantar hoje mesmo que eu fique um pouco, isso eu que estou contando a historinha dessa maneira. E eu não sei, ele era uma pessoa que preocupado com a educação. Meu pai era educador. Ele era preocupado com a educação, exemplo, então ele dava exemplo e falava muito bem e tal. Mas, agora de calor mesmo, de vibração de pai, assim... até uma surra que eu levei dele, meu pai nunca brigou com ninguém na vida, desde que nasceu até quando morreu, só uma pessoa ele agrediu: eu. [...] De tanto que eu enchi, que eu passei o limite dele. Que era um limite que eu lembro perfeitamente, eu não sei, ele não gostava que eu falava, quando eu brigava com o meu irmão eu falava para o meu irmão: "Vou te matar, vou te matar". "Não, não fala assim nem brincando", então, um dia eu repeti: "Vou te matar, vou te matar" e ele me encheu de tapas. Ele mesmo falou depois: "Nossa! Mas o que eu fiz, o que eu fiz, porque eu não sou um homem agressivo, nunca briguei com ninguém". Mas, então, meu pai teve uma presença, assim, que eu considero como mais técnica de pai, parece que leu um livro "como ser pai", do que propriamente de afeto. Tinha afeto? Tinha. Mas era uma coisa muito pequena. Então, considero ele, assim, omisso. Distante. E ele estava lá. Estava lá como pai, não presença física; nem lembro do meu pai. Nesse episódio todo eu não sei contar nada do meu pai. Não sei onde ele estava.

- *Mãe da minha mãe. Que brigava que nem cão e gato com o meu pai. Era um inferno para ele. Para ela, acredito, que também. Era mais para ele porque ele que era, ele ficava na dele e ela ficava atazanando.*

7. Dúvidas, desconfirmação e o não falar

- *Aí eu saí correndo, gritando que nem um doido e fui para a vizinha. Chego na vizinha, a vizinha falou assim: "Não, tua mãe está viva", e eu estava em tamanho choque que um pouco que acreditei. Eu falei: "Será que eu estou, assim, sendo, eu estou enganado?". Mas eu não. Estou enganado, não estou enganado. "Não querido, espera um pouquinho, calma", sabe?*
- *Eu precisaria olhar a data, porque durante muito tempo eu não punha data em poema porque eu achava que eles não precisavam de data, não precisavam dessa referência, então não sei se em algum deles eu coloquei a data. Mas eu acredito que foi mais ou menos por volta dos meus 40 anos. Mais ou menos 20 anos atrás. Eu devo ter escrito o primeiro poema com relação à minha mãe.*
- *Não é que eu não me lembro porque não houve conversa a respeito disso. Meus irmãos não falam sobre isso. [...] Não falam. Se falar é muito superficialmente.*
- *Muito estranho. Eu acho muito estranho, eu acho muito esquisito* [referindo-se ao fato de não falarem a respeito do suicídio]. *Eu não sei por que eles fazem isso. E uma coisa que também me chama a atenção é como eu fui o único que vi, quer dizer, o único eu não sei se eu fui o único. De repente, meu irmão também foi lá dar uma olhadinha depois; eu nem estou sabendo. Que quem tirou ela de lá, acho que foram os profissionais.*

8. O estigma

- *Eu mesmo acho que fiquei me sentindo estigmatizado e também, de certa maneira, fiquei alimentando isso porque era o filho de uma suicida, coitado, acho que, às vezes, as pessoas me olhavam com certo cuidado, com certo, assim, certa pena, digamos, ou realmente elas olhavam e eu achava que olhavam. Mas, às vezes, aconteciam coisas que eram verbalizadas, como se a família que fosse uma louca, que se matou. Então eu passei momentos difíceis com relação a essa questão das relações sociais de ser uma pessoa meio*

assim, tipo de uma vítima. E de um drama desse, uma coisa meio policial. Então isso aí foi uma coisa pesada para mim.

- *Eu, muitas vezes, podia ser da minha parte, eu achando que era isso. Mas eu lembro que muitas das vezes eram olhares mesmo claros e evidentes e até cochichos e coisas que eu percebia. A pessoa fica sensível, muito mais crítica para esse tipo de coisa. E algumas outras vezes, declarado mesmo, explícito – e me fazendo perguntas idiotas.*
- *Teve um dia que eu briguei [...] ele* [amigo de infância do irmão] *falou não sei o que da minha mãe, que talvez por isso que sua mãe morreu; eu falei alguma coisa da minha família ou falei alguma coisa com relação aos seres humanos e ele falou assim: "Mas então sua mãe não morreu, sua mãe não se suicidou?", uma coisa assim do tipo, mas eu achei que ele foi desrespeitoso, então, nos "se engalfinhamos" na sala de musculação.*

9. Quem era, quem é e as relações

- *Então, desde então, eu me sinto bastante feliz e grato por ter passado por todo esse processo, inclusive pela própria morte da minha mãe que – não agradeço ela ter morrido, ela ter se suicidado –, mas agradeço o fato de... tive um contato tão próximo com a morte, um impacto tão grande com relação à finitude e a nossa pequena temporalidade que nos cabe, de tal forma que me proporcionou um desenvolvimento, assim, espiritual, uma felicidade, uma humanidade, desenvolvi minha capacidade, meu humanismo, minha capacidade de me relacionar, de entender, de ser mais tolerante e de escrever poesias e de produzir arte, através de poemas. Então, isso é tão importante para mim: são os frutos doces de um árduo* [trabalho]*, que vem de uma terra difícil de arar, terra seca que eu consegui (me lembro até de Israel que eles fazem, que eles plantam no deserto), então, depois, agora, eu estou colhendo os frutos.*
- *Então eu tenho uma sensação, um sentimento, hoje, de gratidão.*
- *Era um moleque muito sem-vergonha, aprontava demais, era muito safado e brigava e, então, não tinha muito problema com essa coisa de um vergãozinho na perna; não doeu, sabe? Aquele moleque marrento.*
- *E enquanto relação, a questão de eu ser levado, curiosamente o seguinte: como eu sempre gostei de ser levado – até hoje eu gosto de ser um "molecão", meio transgressor e tal, em certo sentido. Apesar* [de] *que, hoje, eu me sinto um homem maduro, mas eu tenho aquela coisa de ser corajoso e pegar e fazer uma faculdade com 62 anos e coisas assim; estou muito mais refinado.*
- *Acabei morando naquela casa, a casa completamente abandonada. Eu fui morar no quarto da empregada que era na frente do banheiro. Morei lá bastante tempo, meio que acampei porque eu não tinha nada na época, nada. Eu tinha um fogão de duas bocas um caixote e não tinha nada, geladeira, televisão, não tinha nada. Tinha um caixote com um fogão de duas bocas que eu me lembro. Eu vivi lá bastante tempo até que foi feita a partilha, e a casa ficou para a minha irmã e eu tive que sair. Minha irmã acabou comprando a casa junto com outra pessoa e tal.*
- *Cada uma delas* [ex-mulheres] *deu a sua contribuição porque acabavam de certa maneira, muitas delas, sabendo da história [...]. Cada uma contribuiu. As que eu tive relacionamento mais aprofundado como, por exemplo, a mãe do meu primeiro filho, que eu morei com ela dez anos. Aí foi ótimo, porque a gente conversava muito sobre isso, mas muitas dessas mulheres me diziam isso: "Olha, você nunca vai ficar com ninguém". Acho que acertaram,*

porque eu estou sem ninguém. Tenho só amigas e tal; não estou namorando ninguém. Não tenho relacionamento estável no momento.

- *Eu nunca quis ser pai [...] Eu me sinto um pouco invadido pelos filhos; de repente, meus filhos vêm, eu sou muito individualista, eu me sinto um pouco invadido. Ao mesmo tempo* [em] *que eu fiquei encantado quando ela disse que estava grávida e disse: "Eu estou grávida e vou ter", como que com medo que eu falasse para tirar. [...] Então, foi uma maravilha, eu nasci, o pai foi revelado. E aí eu fui um paizão, segundo a mãe do primeiro filho: "Você é um pai exemplar" e eu fui por amor. Porque, na verdade, um dia ela falou para mim: "Você não esqueça que você tem compromisso!"; eu não tenho compromisso nenhum, não tenho obrigação nenhuma com meu filho. Ela ficou meio assim, chocada. Eu falei: "Eu tenho é amor". Porque se for por obrigação, pelo compromisso, eu fujo, eu faço alguma coisa, ninguém vai me segurar. Porque, se eu achar que eu não devo fazer, que não vou fazer, que não vou dar dinheiro e tal, então eu vou até para a cadeia. Agora, como eu tenho amor, eu amo meu filho – e amo ela também, ela sabe que eu amo ela até hoje, não é assim um amor tipo, de vontade de estar com ela, não.*

- *Eu não sou aquele pai ou aqueles pais que são mártires: "Eu faço tudo pelos meus filhos", não. Eu não faço tudo pelos meus filhos, não. Eu faço para mim e para os meus filhos também; não faço tudo pelos meus filhos, não. Quero crescer junto, quero ir junto, se vier pisar no meu calo, se vier me invadir, eu fico bravo, então, ser pai, para mim, tem essa coisa, hoje, eu não consigo nem me ver não sendo pai. Acho que graças à providência divina, à divina providência que é porque eu, por decisão, eu não seria pai, agora. Eu estava querendo evitar, ainda bem que eu não fui muito competente nisso. E eu, hoje, sou pai de dois filhos, muito grato, muito bom.*

- *Eu gosto de me sentir livre. [...] quando eu pensava em filhos, eu pensava que ia ficar amarrado e não fico amarrado. Eu não sabia, eu achava que ficava, não fica. Mas quando meu filho, por exemplo, veio morar comigo, a meu contragosto, quando ele tinha 11 anos, hoje tem 23, ainda está comigo, o meu primeiro filho. O outro ainda está com a mãe. Ele veio porque a mãe casou e resolveu fazer não sei o quê, uma empreitada não sei para onde que não tinha escola lá. Então: "Você pode ficar com ele?", um pedido quase uma ordem. Se eu amo meu filho, meu filho precisa estudar, "está bom".*

- *Mas me considero um vencedor, porque eu, na coisa, na questão da minha mãe, que é nosso foco aqui, por falar em vencedor, várias vezes eu tive um insight assim: "Que beleza que é isso, que história linda que eu tenho na minha vida". Esse drama que eu... quão humano é isso. Quão forte é. A perda, as conquistas, os ganhos. A perda da minha da minha mãe, o ganho do meu filho. Que "Spartacus", assim, de repente, o cara! "Indiana Jones", eu acho maravilhoso, eu vejo com uma riqueza impressionante.*

- *A minha vida inteira, eu agradeci a morte da minha mãe como foi, porque, aqui, eu ter o contato que eu tive com a morte da minha mãe, aquilo foi de um aprendizado, de uma riqueza que talvez eu possa conversar isso, compartilhar com outra pessoa ou com outras pessoas que passaram pelo que eu passei.*

- *Minha vida, eu sinto ela como um todo, ela não tem interrupção. É um todo. Eu tive insight do meu nascimento [...] Então, esse insight, eu já tive vários desse tipo da vida como um todo, nascimento, vida e morte. Não tem uma morte, já senti uns friozinhos, assim, na barriga. Porque 60 e poucos anos, eu costumo dizer que eu estou no terceiro terço da minha vida, 30 mais 30 e mais 30, vou viver até 90, tá legal. Então eu estou no terceiro terço. Eu tenho o entendimento de que esta temporalidade é muito relativa; eu posso viver*

dois anos ou cinco anos ou dez numa intensidade, com esta minha maturidade, com a vontade minha de viver hoje, que não tem comparação com relógio, com calendário ou com data para fazer essa mensuração através da matemática, então, sempre foi assim.

10. Ser psicólogo como manejo do processo de luto e o resgate em terapia

- *Então eu sinto isso muito importante, então, esse processo todo para mim é realmente maravilhoso – provavelmente o que me trouxe à faculdade de Psicologia.*
- *O que me faz trabalhar com fobia, que eu trabalho com hidrofobia, fobia de água, há muitos anos já, há 22 anos, então, eu trabalho com prevenção, eu trabalho com a questão do afogamento ou as pessoas que passaram por experiência de afogamento, toda a – esse processo foi bastante rico para mim.*
- *Eu tenho assim uma curiosidade para entender um pouco mais esse processo do suicídio. Sei que tem autores bons aí que falam sobre o suicídio, um deles, não sei se vou pronunciar direito, Durkheim, tem um livro sobre suicídio e tem, e eu já dei umas folheadas e tal. Mas não profundo.*
- *O processo do luto como – ajudado pela terapia, acho que o que me ajudou muito foi o Osho. Interessante, porque, tá certo que eu fiz terapia com, porque esse mestre indiano ele tem, ainda hoje tem, centros de psicoterapia, então não é uma coisa só de ir lá e ficar fazendo não sei o quê, coisa mística, não. Basicamente o trabalho do Osho era e ainda é o trabalho de psicoterapia na linha corporal, mas trabalha com outras técnicas também.*
- *Espiritualidade, filosofia nem tanto, é mais psicoespiritualidade, mais na linha de budismo, budismo tibetano do instituto; eu fui me enveredando por esse lado, macrobiótica, então eu fui purificando o meu corpo, fui sacudindo lá nas meditações do Osho, que são corporais, muitas delas fortes, corporais, entra em catarse, limpezas através do processo catártico e fui elaborando. Elaborando, então, meu entendimento, hoje, é amplo.*
- *A outra irmã, a mais velha. E então eu, depois ficou muito gostoso tudo isso. Eu ficava andando naquela casa, aquela casa vazia, começou, algumas coisas começaram a falhar. Não tinha mais luz em um lugar, no outro e tal. Eu, olha, eu vou falar. Aquilo foi uma, mais do que uma terapia. Porque eu vi a casa, a casa era muito movimentada, e eu morei na casa vazia, morei na casa abandonada.*
- *Então nesse período, exatamente nesse momento, eu fui fazer uma terapia com os estagiários. E eles foram muito bons; eu fiz seis meses, depois mais seis meses e foi ótimo e tal. Não vou dizer que resolveu completamente, que resolveu aquilo, mas dentro de um trabalho que eu vinha fazendo comigo, com ajuda de muitas mulheres, inclusive, aquilo foi ótimo.*
- *E esse é o material para ser trabalhado por um futuro psicólogo. Assim, me sinto bastante capaz de ser um psicólogo, porque tanta vivência, tanta coisa, realmente...*
- *O cara* [Heidegger] *fala de ser. Isso é algo que você não consegue... onde está esse ser? Opa, essa linguagem eu entendo. Temporalidade, o ser lançado no nada; eu sei exatamente do que ele está falando. [...] Mas Heidegger, aquele nazista. Falei: "Opa!". Não gosto muito daquele nazista, agora eu tenho que estudar, Ser e tempo lá; Dartigués, Ser para a morte, temporalidade. [...] A questão é que esse entendimento não é um entendimento da morte ou da temporalidade, da nossa finitude, do nascer, viver e morrer.*
- *Livros, e depois o Osho e a terapia. Foi um processo todo muito complexo, muitos anos já, são 50 anos, menina! Menina 50 anos! Um meio século! Essa historinha já tem meio século.*

- *Eu ficar do outro lado, porque eu vou ter que trabalhar, principalmente neste final deste ano, neste ano inteiro com entrevista e também porque é uma maneira de colaborar. Essa história, minha história, de repente vai virar um livro, pode até virar um dia, eu não sei.*

11. Culpa

- *Então, a culpa é quando chegou em mim esse boato – não sei nem se é verdade. Como eu lembro que uma vez eu dei um susto na minha mãe violentíssimo. Eu fiz uma coisa que eu vou ver se agora, com minha maturidade, eu procuro entender um pouco mais as crianças – porque eu era bem criança. Eu simulei que tinha um ladrão em casa, não era bem um ladrão, eu simulei que tinha um barulho em casa que podia ser de um ladrão ou de alguma coisa misteriosa, em cima da casa, no quarto lá em cima. Eu subi e pus um casaco de pele da minha mãe imitando os pés de um bicho, de urso ou de um ser de outro mundo, sei lá o que eu quis fazer, quis dar um susto. E pelo que eu estou me recordando, quem subiu foi a minha mãe. Eu dei um tremendo susto, eu devo ter apanhado, não me lembro se eu apanhei ou não. Eu devo ter tomado uns petelecos.*
- *Depois eu fui crescendo e comecei a aprontar umas coisas mais fortes. Eu aprontei umas coisas bem fortinhas e... – então, quando me falaram: "Olha, sua mãe se matou porque você era um moleque muito levado". [...] Se eu era um moleque levado e ela, de repente, não aguentou a barra – que eu sabia que não era, eu sabia; acompanhei todo o processo de neurose de parto dela, que também eu já estudei um pouquinho a respeito, então eu tinha aquele entendimento da doença dela, da evolução da doença dela, que eu acompanhei; depois eu ouvi e de estudar, de ler a respeito... mesmo assim, essa coisa vinha – digo: "Olha, pode ser que não seja só isso. De repente tem coisa aí também que você era levado".*
- *A minha irmã, na verdade, eu não sei muito bem como é que ela elaborou isso. Minha irmã, eu acho que é a que mais sofre, sofreu e a que mais sofre. Eu considero que, de todos os irmãos, é ela que mais sofre. Por quê? Porque ela deve ter ouvido cada história... se eu ouvi essas histórias e eu estava lá, você imagina ela que não estava lá. Estava, e não estava, era muito pequenininha.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Onze temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de sua mãe ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) O impacto do suicídio e a busca de compreensão; (2) Minha mãe: existe uma parte dela em mim ou parte de mim nela?; (3) Histórias contadas e o falar que fere; (4) Lembranças do que vivi e o não lembrar; (5) Eu segurava a barra e a compreensão de sua vida e existência; (6) Estresse anterior e posterior ao suicídio; (7) Dúvidas, desconfirmação e o não falar; (8) O estigma; (9) Quem era, quem é e as relações; (10) Ser psicólogo como manejo do processo de luto e o resgate em terapia; (11) Culpa.

Sua mãe estava tentando se matar – constatação que era sinalizada pelo cano do chuveiro envergado e torto. O corpo de sua mãe parecia *descansar*, no entanto estava apoiado na parede. Como é o impacto para quem descobre o corpo? O desespero parece se fazer presente e, apesar de não falar com seus familiares sobre o suicídio, ele viu e parece que precisa compartilhar o que viu. Que desespero pensar que viu sua mãe morta! Que foi o primeiro a ver o corpo de sua mãe e ouvir que estava enganado quando ouviu de sua vizinha que sua mãe morta estava viva.

Faz 50 anos que chama de *historinha de meio século*. Menino grande e pequeno que sempre acudiu sua mãe e que sempre *segurou sua barra*. Moleque esperto e curioso. É *fruto doce de uma terra difícil. Moleque marrento* que pensava como um homem maduro e que antecipava que sua mãe não poderia sair sozinha em uma metrópole, pois ela iria *sumir,* dizendo: *Eu vou perder minha mãe, pode acontecer alguma coisa com ela.*

Sua mãe fugiu, *abandonou, fugiu, ela vivia fugindo, fugiu de uma vez* e a morte dela traz vários significados:

- doença;
- benção e gratidão;
- fuga e covardia;
- abandono;
- coragem e heroísmo.

O que um adolescente consegue compreender sobre o suicídio? Menino-guardião, que pareceu buscar sentidos e construir uma história com base no suicídio de sua mãe. Tudo ficou confuso, após o suicídio de sua mãe.

O filho da pessoa que cometeu o suicídio é estigmatizado? O colaborador parece apontar que suas recordações evidenciam o estigma, pois se lembra dos cochichos e dos olhares de outros.

É atleta e como o atleta, com sua força, aguentou segurar a barra? O sentimento de perda parece ter acompanhado esse moleque-menino. Angústia sentida e vívida. Vive *fenomenologicamente,* vive *esse desafio do ser: Eu vivo e eu estudo também.* Vive à flor da pele e vive cada momento de sua vida. Sentiu a entrevista como uma *intervenção* e *oportunidade* e considera que algumas perguntas da pesquisadora foram *bastante interessantes,* pois o ajudaram *a entender* suas *questões.* Há de se considerar que é um menino-homem, que encontrou, desde sua infância, maneiras para acolher sua curiosidade, como por exemplo, quando assistiu a várias autópsias, pois mentiu *dizendo que era filho de um médico legista.*

Não vê e nem se lembra de datas, pois alega que até os 40 anos, suas produções *não precisavam dessa referência.* Em contrapartida, ao escrever pela primeira vez um poema sobre sua mãe menciona que começou a colocar a data. Infere-se que a perda da mãe significa a perda da referência e que, ao escrever o poema, concretizou as vivências de que mãe *fez uma viagem e não deu tempo de arrumar as malas.* Datas são precisas e relembram o momento e a situação *de per si*. As referências foram embora. Para que anunciar e demarcar a data de um momento tão trágico, momento que o faz lembrar que sua mãe fora embora, *sem arrumar as malas,* e sem se despedir?

Foi levado ao velório. Não beijou sua mãe, mas, sim, naquele momento um corpo frio, que não era sua mãe, pelo menos a mãe que julgava conhecer: uma pessoa bem-humorada, alegre, com

boa formação. Sendo ela uma pessoa dotada de todas essas atribuições, como pôde cometer o suicídio? – pergunta que o acompanhou por vários anos.

Sua mãe se matou no banheiro, o mesmo banheiro que permaneceu fechado durante muito tempo e, por isso, o chama de *sarcófago*. Recorda-se que colocou em dúvida se sua mãe batera nele com a mesma arma que se matou: um fio de ferro, ou seja, o mesmo fio que apanhava foi o fio do suicídio de sua mãe.

O lugar do suicídio se tornou um sarcófago – o banheiro –, o mesmo lugar onde retornou anos depois e, segundo ele, *não dava nem para olhar*. Olhou, *fez uma dessensibilização* e, aos poucos, *foi compreendendo*. A angústia parece ter tornado o suicídio difícil de entender. Morou no quarto da empregada, próximo ao banheiro – local do suicídio de sua mãe. Qual o significado de morar próximo à cena do suicídio?

Atrela suas relações *com as mulheres que* amou e menciona: *as minhas relações amorosas até entraram na dança da morte da minha mãe. "Tipo assim": "Ah, sua mãe morreu dessa maneira, então você criou uma mãe perfeita"* [...]. *Ficava nervoso com as mulheres quando tinha relação sexual e normalmente brochava, não tinha ereção.* Sem ereção para penetrar. Ficar sem a ereção para penetrar poderia estar relacionado à impotência que sentira com sua mãe?

Relaciona o fato de ter sido mulherengo como *uma busca de autoafirmação como macho. E quando eu não falhava eu era um amante maravilhoso para mim e para a mulher.* Qual seria a falha a que se refere?

Divide seu processo de luto em dois momentos: O primeiro no qual vivenciou *certa confusão,* pois relata que foi um momento de busca de explicação para o suicídio de sua mãe, no qual se indagava: o suicídio foi um ato de *covardia ou doença?* Seria o suicídio por doença, mais fácil de aceitar? É o suicídio uma escolha ou uma doença? Cabe salientar que essa diferença é muito importante, pois a maneira como se concebe o suicídio também colabora para a elaboração do luto.

Utiliza uma metáfora na qual apresenta seu luto como *uma coisa travada, um bloco cinza, um paralelepípedo, em vez do coração*. Já no segundo momento, destacou sua percepção de que percebia o suicídio *como uma maneira muito mais ampla*, associando o ato de se matar a *uma questão feminina* em que *as mulheres, heroínas, enfrentam.*

Em entrevista percebeu que sua mãe ficava *fugindo, fugindo e de repente fugiu de uma vez*. As fugas de sua mãe foram os surtos. Fugiu de uma vez por todas. Fugiu também a alegria e as brincadeiras de beliscões que se lembra. E passou *de um entendimento possível naquele momento e embrionário, para um entendimento mais amplo e mais assertivo ou mais compreensível, mais humano*. Sendo assim, acrescenta que sua percepção a respeito da mãe mudou: daquela que fugiu e era covarde para a heroína. Além disso, também percebe, na entrevista, o quanto seu segundo filho vivencia o mesmo que ele, *não tinha dado conta que tem uma semelhança bem grande nessa história*, pois a mãe de seu segundo filho sofre pelo transtorno bipolar e seu filho também precisa *segurar a barra da mãe*.

Dedica o mérito da sua superação e transcendência à terapia, pela qual pôde ampliar a compreensão acerca do luto. Pontua que ser discípulo do Osho e que *principalmente depois do renascimento,* modificou sua maneira de compreender o suicídio. Buscou *a espiritualidade e, na psicoespiritualidade, mais na linha de budismo, budismo tibetano, macrobiótica*, e sentiu que foi *purificando o corpo* [...] *limpezas através do processo catártico e foi elaborando*.

Outro fato que cita ter ajudado em sua elaboração do luto, foi ter *assistido a duas mulheres darem à luz.* Tem dois filhos com duas mulheres diferentes e relata sua emoção ao cortar o cordão umbilical do seu primeiro filho, *eu cortando o cordão umbilical – eu não sabia que era tão grosso, tão difícil de cortar e eu separando*. Cordão umbilical é grosso e representa a ligação entre mãe e filho. O cordão é tão difícil de cortar, assim como a ligação com a mãe.

A mãe de seu segundo filho tem o diagnóstico de transtorno bipolar e foi internada por algumas vezes. A irmã dela cometeu suicídio. Alega que nunca quis ser pai, por considerar que é *muito individualista* e que se sente *um pouco invadido*. No entanto, ficou encantado e acompanhou as gestações e deu o primeiro banho em seus filhos. Da mesma maneira que *segurou a barra de sua mãe*, *segurou a barra de seu primeiro filho*, quando a ex-esposa pediu para que ficasse com ele para que ele pudesse se formar. Dos 12 aos 22 anos, percebe que seu filho cresceu – tem dois metros e cinco e se tornou um homem. Já com o filho mais novo, com quem troca torpedos afetuosos, *tem um relacionamento ainda distante, mas que se constrói positivamente de um ano para cá, fato que muito o tem alegrado*.

Homem-molecão que alega gostar de ser um molecão meio transgressor. O ser molecão pode ser compreendido como uma maneira de não manter seu lado guardião. Explico. Um *moleque* não tem condições, *a priori*, de cuidar de outro *molecão*. Não tem compromissos com seus filhos, mas, sim, é comprometido com o amor. Amor que o leva a *ser um paizão.* Não se considera um pai mártir, mas percebe que se ajuda, assim como ajuda seus filhos e prefere acompanhá-los preservando sua individualidade. Além disso, não queria o compromisso do amor, situação que também não teve escolha na relação com sua mãe: *Também não foi uma opção minha ser aquela pessoa, que é tipo de um guardião da minha mãe, que não sabia nem o que estava acontecendo.*

No que se refere à relação entre ele e seu pai, percebe seu pai como um *cara muito sofrido, veio da roça, passou fome,* foi um *educador*, *omisso, distante* cuja presença foi vista *como mais técnica, parece que leu um livro "como ser pai", do que propriamente de afeto.* Conta que não se lembra onde seu pai estava no momento da morte de sua mãe e que o único momento em que viu seu pai passar dos limites aconteceu quando ele insistia em falar para seu irmão que o mataria e o pai *o encheu de tapas*, surpreendendo-se dizendo que não era um homem agressivo. No entanto, seu pai estava presente tecnicamente, mas ausente emocionalmente e brigou com ele quando atravessou os limites.

Inspira-se em um *poeta de esquerda, pensamento bastante comprometido com as injustiças sociais.* Há de se perguntar: estigmatizar é também uma injustiça social? Foi vítima do estigma

e dos apontamentos de que ele e sua família pertenciam à família da pessoa que se matou. Foi vítima e, ao mesmo tempo, segurou a barra de sua mãe, de seu primeiro filho, de sua escolha em fazer Psicologia e *de professor que não sabe dar aula.* Relaciona o segurar a barra *com um saborzinho de aventura, tem minha capacidade posta à prova.* Segurar a barra parece lhe oferecer a sensação de que pode transcender, *Eu vou, eu faço, eu consigo, eu sou capaz, tenho saúde, eu tenho inteligência.*

Não é possível pular etapas e a culpa se instalou desde o início ao ato consumado. Interessante é pontuar o momento em que se perdeu na entrevista e *deu um branco.* Após contar que ouviu que seu jeito levado poderia ter influenciado no suicídio de sua mãe, *era um moleque tão levado que minha mãe, talvez, tenha se matado, também, por minha causa.* E sua lembrança foi reativada quando recordou sobre minha pergunta sobre a limpeza do corpo *versus* lixo: *Lembrei agora, você falou do lixo, mas é por causa do lixo. Eu achei muito legal sua pergunta porque sua pergunta me remeteu primeiramente para dizer que é uma questão de energia, de uma coisa de eu usar aquela energia que está sendo mobilizada, usá-la para uma compreensão.* No entanto, sente-se perdido mais uma vez e menciona: *Estou procurando contar outra coisa a respeito como você falou e de novo eu me perdi.* Lembrei que o assunto era a culpa, ao que afirmou: *Então, a culpa é quando chegou em mim esse boato – não sei nem se é verdade,* referindo-se à possibilidade de sua mãe ter se matado, por causa de ser levado, apesar de a acusação não ter feito sentido para ele. A dúvida ou a possibilidade de ter sido ele uma das motivações parece ter permanecido, pois afirma que ouviu que *o problema foi* o fato de ele ser levado.

Talvez a maior violência sofrida tenha acontecido quando ouviu palavras inapropriadas de pessoas, sem o devido cuidado, que fizeram com que ele tomasse a parte pelo todo.

No que se refere a esse termo *"ter sido levado"* pode-se brincar com a frase, oferecendo outro sentido, o de ter sido conduzido pelo que lhe aconteceu e por todo o estresse que vivenciou. Cabe enfatizar que, quando iniciou a entrevista, repetiu várias vezes: *E eu segurando a barra, e eu segurando a barra*. *Moleque grandão apesar da idade, 12 anos, 13 anos, mas era bem grande,* foi levado a segurar a barra.

Foi levado a segurar a barra da mãe...

Foi levado a acompanhar os surtos de sua mãe...

Foi levado a sustentar um pai omisso, distante, embora presente no sentido mais técnico do que afetivo...

Foi levado a não falar em família do que aconteceu, *pois ninguém fala sobre o suicídio*.

Foi levado a beijar sua mãe morta e fria no velório...

Foi levado a segurar a barra, *porque estava sozinho*.

Sobretudo, foi levado a tomar posse daquilo que lhe fazia sentido quando direcionou sua energia para reconciliar-se. Sendo assim, *não foi mais levado*, mas sim, *levou* sua vida da

melhor maneira que pôde e tem consciência *de que sua elaboração não tem fim,* é *questão que não se fecha.*

Poeta que olha para o vazio. Pessoa que olhou para seu sofrimento e para sua história.

Sua história o levou à faculdade de Psicologia e sua experiência o ajuda como psicólogo na compreensão do sofrimento humano. Aos 62 anos resolve fazer uma faculdade de Psicologia. Cogita se a psicologia faz parte de seu processo de luto. Trabalha com fobias, mais especificamente com hidrofobia e com afogamentos.

Percebe a morte de sua mãe como *um presente* e sente que deve *merecer, no bom sentido.* Sua mãe é percebida como uma guerreira, *uma mulher que enfrentou partos naturais, cesariana, parto da temporã, depois de dez anos, gravidez de risco [...] como mulher heroína.* Sente gratidão por ter descoberto que pôde lidar com a morte de sua mãe e que transcendeu. Para ele, *a felicidade é o que se entende. A felicidade pode ser o choro, a felicidade pode ser uma angústia.* Compartilhar a riqueza de sua história parece promover a maturidade. Além disso, encontrou na escrita sua maneira mais peculiar para elaborar o luto. Sendo assim, a poesia ajuda a elaborar. Tornou-se mais sensível e agradece pela proximidade com a morte, pois percebe seu desenvolvimento pessoal. Da molequice restou-lhe a coragem.

Louva sua história, pois é um sobrevivente. Aceita o que a vida propicia vendo *a riqueza de tudo isso e de ver que isso é a condição humana.* Menciona que a entrevista foi uma oportunidade, pois pela entrevista pôde ter *um olhar mais claro ainda, atualizado, novinho, agora, de que tudo, todo o mar é um*. Dessa maneira, é necessário ponderar o quanto as entrevistas ajudam na elaboração do processo de luto. No entanto, sou eu quem agradece pelo fato de dividir tão inteiramente e compartilhar todo *seu mar*.

Feedback da análise 7 (Enviada por C7 em 22 de janeiro de 2013):

Olá Karina !!! Gostei muito da sua análise, emocionante!!! Uma pequena correção: meu filho de 2,05 metros de altura, filho da mãe com transtorno bipolar, não é o mesmo que troca torpedos afetuosos comigo. Com o meu filho mais novo, aqui inicialmente citado, tenho um relacionamento ainda distante, mas que se constrói positivamente de um ano para cá, fato que muito tem me alegrado. Desejo-lhe uma excelente finalização de trabalho, esperando ter sido um colaborador a altura do seu profissionalismo. Abraço!!!

Resposta da pesquisadora:

Querido [C7], pois assim você se tornou: querido! Arrumarei e enviarei a versão corrigida ok! Abraço e sempre obrigada pelo apoio! Karina

SOBREVIVENTE 8: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 8
C8: 30 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade quando o suicídio aconteceu: 15 dias (13/01/1982)
Pessoa que cometeu o suicídio: pai
Método do suicídio: tiro na cabeça
Local da entrevista: lavanderia da qual é proprietária
Tempo total de entrevista: 01 hora 10 minutos 26 segundos
Análise enviada em: 7 de janeiro de 2013
***Feedback* da colaboradora:** sem retorno até a data do depósito da dissertação

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

C8 disponibilizou-se para a entrevista, mostrando solicitude para encontrar com a pesquisadora na empresa da qual é dona. Na primeira mensagem de contato, enviou um *e-mail* dizendo: "Olá Karina! Fiquei sabendo do seu projeto e gostaria de participar e compartilhar minha experiência. Tenho terça pela manhã e quarta o dia todo livres. Os outros dias, apenas depois das 18h. Obrigada". C8 tinha 15 dias quando seu pai cometeu suicídio atirando na cabeça.

1. A perda de alguém que nunca teve: Quem foi meu pai? As histórias contadas sobre ele e as dúvidas

- *Na verdade,tenho que resgatar algumas coisas. Então, tudo o que eu sei é pela minha mãe.*
- *Então o luto não senti, não tive isso, acho que eu não tive isso. Eu sempre falo que eu perdi uma pessoa que eu nunca tive.*
- *O que eu sei é que foi uma gravidez da minha mãe, foi uma gravidez muito difícil [...] Difícil por ele beber, chegar em casa, as histórias que eu sei que minha mãe conta que ele chegou uma vez – ele tinha, ele caçava, gostava de caçar, até meu avô, até hoje, ele caça, pesca, estas coisas.*
- *E o que eu sei é que aconteceu isso, cresci, não sentia muita falta dele em si. Então, foi mais isso que minha mãe que fala.*
- *Então eles tinham armas em casa, essas coisas – e teve uma vez que, minha mãe conta, que, eu acho que eu não era nascida ou minha mãe estava grávida, ele chegou bêbado e dizendo que ia matar minha mãe, minha irmã e depois ia se matar. E minha mãe, ela fala que foi Deus que iluminou ela, ela pegou aquela arma e escondeu no cesto de roupa suja. Diz que ele revirou a casa inteirinha para procurar a arma e não encontrou. Só não procurou no cesto de roupa suja que foi onde minha mãe deixou. Mas aí de lá ele saiu muito nervoso. Então, minha mãe teve, como ele bebia foi muito difícil para minha mãe. Minha mãe ficou viúva com 26 anos.*
- *São histórias que eu sei, que a gente tenta resgatar o porquê. Mas, às vezes, a gente não sabe o porquê exatamente. Dizem, eu não sei, minha avó separou uma vez do meu avô. [...] E minha avó tinha fama de ser meio mulher da zona ali, sei lá como eles falavam na época. E segundo histórias que eu escuto, ouvi, desde pequena, que meu pai pegou a mãe dele*

com outro na cama. E de lá para cá ele ficou, não sei, meio revoltado, rebelde, cresceu assim e tal.

- *O que minha mãe fala, o jeito do meu pai, tudo o que eu sei do meu pai é referente à minha mãe. [...] Então, assim, o que eu sei é que ele tinha depressão, era uma pessoa deprimida e alcoólatra e vários processos, questão profissional que acabaram não dando certo; a gente acredita que tenha sido por isso, por este motivo também. E ele, quando ocorreu, eu nasci dia 28 de dezembro e ele faleceu no dia 13 de janeiro do outro ano. [...] Tudo o que eu sei do meu pai é isso.*
- *Minha mãe fala que ele* [pai] *era um filho excepcional, muito bom, minha avó, sogra dele no caso, a mãe da minha mãe tinha ele como filho. E aí eu acho que o relacionamento dele com a mãe dele, que era minha avó, às vezes não, acho que isso na adolescência.*
- *Aí ele trabalhava neste depósito com meu avô, saía cedo, pegava areia não sei onde, aí no interior, não sei. Pegava areia, levava, tinha que acordar de madrugada, pegava areia com o caminhão, levava para o depósito, todo o trabalho assim ele fazia. E aí parece que surgiu também uma oportunidade, ele casou com minha mãe e eles foram para outra cidade, que é onde os primos do meu pai moram lá. E eles tiveram uma oportunidade de montar uma fábrica que existe até hoje lá. E, assim, só que meu pai sempre teve a fama na família de ser um beberrão, que bebia, o cara que bebe, não faz nada, ele só bebe, só atrapalha. [...] Acho que meu pai entrou com a grana, um pouco de grana, eles compraram o maquinário e essas coisas. Só que como meu pai gostava de beber; começaram a achar que estava atrapalhando e falou: "Não, então o* [nome do pai] *sai, não dá, assim deste jeito não dá". E aí eu acho que meu pai sentiu muito isso; ele voltou para* [nome da cidade]*, voltou para trabalhar no depósito desse meu, do pai dele, do meu avô. E segundo o que eu sei que falam que meu avô falou: "Não, você já teve oportunidade; você não decidiu ir embora? Agora eu vou dar oportunidade para o seu irmão", que era o mais novo. E aí parece nisso ele se revoltou; que o pai dele deu as costas para ele; não deixou mais ele voltar no depósito. E de lá para cá só foi piorando, na bebida em tudo e aconteceu isso.*
- *E ele* [pai] *é um cara bem extrovertido, brincalhão, isto todo mundo fala, meus tios falam. E eles* [tios paternos] *falam: "Seu pai era gente boa; não tinha tempo ruim para ele", mas ele tinha essa depressão, sabe Deus o porquê. Eu não sei o que fez ele chegar a este ponto. E o casamento da minha mãe... minha mãe disse que o que ela precisasse: "Eu preciso comprar isso",* [ele] *deixava o dinheiro com ela; então não era uma pessoa, não maltratava ela, só quando bebia mesmo, só quando ele bebia que ele ficava assim.*
- *Mas a história que eu sei é que ele saiu e um belo dia, foi – eu não sei exatamente para onde ele foi –, para o interior, depois ficou, deu entrada em uma... como é que fala? Uma pensão; tinha outro rapaz, ele tinha acho que 20, minha mãe tinha 26, 32 acho; 31 para 32. [...] Acho que 32, porque ele faz aniversário em janeiro também, morreu em janeiro. Faleceu dia 13 e ele faz aniversário dia 19. [...] 13 de janeiro foi a data do falecimento. De janeiro de* [19]*82. É, porque eu nasci em 81. Então, ele deu entrada nessa pensão com outro rapaz e como ele tinha essas armas de caçar e tudo. [...] Caçador, ele junto com o pai dele, meu avô, eles tinham esse hábito de caçar. Gostavam de caçar. E aí saiu neste dia, deu entrada na pensão, tinha outro rapaz, ele esperou o rapaz sair e foi, parece que foi no segundo ou no terceiro tiro. Que depois a perícia fez, a arma estava enferrujada. Não estava, não foi no primeiro não. Deu na cabeça mesmo, deu o óbito traumatismo craniano. Acho que ele não morreu na hora porque chegou a ficar na UTI. A conversa que eu sei é que também minha bisavó, que seria a avó dele, estava internada na mesma época. Aí a*

moça da pensão viu, foi aquela coisa e aí acho que comunicaram a polícia, minha mãe, alguma coisa assim, não sei depois de detalhes, alguma coisa que aconteceu. Meus tios, irmãos da minha mãe que foram lá. E minha mãe, que eu sei, ela não foi no velório, não teve condições de ir e tal.

- *Mas a figura do meu pai, figura masculina em casa, na verdade, eu não tive muito. Quer dizer, de ver alguém pelado, um homem pelado, depois de grande, não tinha isso. Em casa era porta aberta; só mulher, então não tinha, não sabia. Tanto é que, mesmo amizade, eu não sabia muito me relacionar com meninos; sempre meio assim. Tive mais meu tio presente mesmo. Meu tio, assim, se a gente estava na escola, dia dos pais – engraçado eu não pensava no meu pai direto. Fazia o presente para meu tio, "vamos comprar para o tio" – e eu cresci com uma amiguinha – eu sempre morei em prédio – e eu morava no quarto andar e ela morava no quinto. Ela também perdeu o pai dela, só que o dela sim foi acidente, ela tinha uns quatro aninhos, alguma coisa, e ela estava no carro, se machucou, foi para o hospital, e o pai dela infelizmente faleceu. E todo dia dos pais, na época a gente tinha uns sete ou oito anos, ela chorava, ela chorava e eu não sentia vontade de chorar, não tinha essa, não sentia essa perda.*
- *Às vezes eu me questiono: será que ele não pensou nas duas filhas? Porque minha mãe teve uma época da vida dela, não por causa disso, que ela ficou muito depressiva também; deprimida e ela falava assim: "Ah, eu só não fiz besteira por você", e eu falava: "Então quer dizer que ele não pensou na gente. Não pensou em nada ou vai saber o que passou na cabeça".*
- *Essas histórias de falar que o pai dele* [meu avô] *não aceitou ele de novo no depósito, se viu meio perdido; eu não sei, não dá para entender. Uma pessoa teve estudo, teve uma boa educação, não sei por que, não sei o que levou ele à bebida, porque fumava, bebia, não sei. Minha mãe não bebia, não fumava, não sei exatamente o que levou, amizade, não sei, não sei. Aí eu tenho meus dois tios, que são irmãos dele – um mais novo, o do meio faleceu, acho que tem uns quatro anos, foi do nada. Minha avó sente muita falta do meu pai; ela perdeu dois filhos. Do nada, assim também, morava na praia.*
- *Então ainda ela* [avó] *falou assim: "Ah, seu pai vai estar lá com você no casamento" e a gente, por ser evangélico, fala: "Não, Deus me livre, não quero. Não quero alma, não quero fantasma", não fala, mas pensa: "Ah não, Deus me livre, não quero ninguém, nenhum morto". E sonhava com ele quando criança. [...] Às vezes eu sonhava, às vezes eu tinha a sensação de que não tinha morrido, de que ele iria aparecer a qualquer momento, que alguma coisa, não sei, imaginação de criança. E imaginava que não, porque, acho que, pelo fato de eu não ter visto. Que, às vezes, a gente precisa ver, igual quando alguém precisa enterrar aquele corpo, aquela pessoa para saber: não, agora eu sei que está ali. Por eu não ter visto nada, às vezes, eu achava que ele iria aparecer, iria surgir de algum lugar, alguma coisa.*
- *Eu acho que já faz uns cinco ou seis anos, eu fui tentando cutucar minha avó para questionar algumas coisas e eu falei: "Avó, você não achava mesmo que eu era filha do pai", e ela foi só confirmando, só confirmando. E que realmente era isso que ela* [achava]*: "Não, você era muito ruim quando você era pequena", que eu acho que* [era] *cara fechada, não era uma criança de dar risada nem nada. E "você era ruim, você era muito moreninha e não sei o quê. Acho que a sua mãe andou pulando a cerca", alguma coisa assim. E aí eu caí na besteira de falar, comentar na época com meu noivo, meu marido e ele falou: "Você nunca mais vai ver sua avó. Sua avó fala que você não é filha do seu pai? Ela que ligue*

aqui e eu vou falar um monte para ela", então ela não tem como. E ela fala: "Imagina, falar que você não é filha do seu pai; você é a cara do seu pai"; e minha mãe, imagina, sem condições, não tem nem... língua grande mesmo para falar que eu era filha do meu pai. Eu também acho que minha irmã parece com minha mãe, mas eu não, alguns traços eu tenho do meu pai. [...] a altura, alguma coisa assim, magra, ser magra, ele era muito magro. Minha irmã já é gordinha, o lado da minha mãe, magrela. O que mais? Nariz, assim, sobrancelha, umas coisas assim.

- *Minha irmã é casada, tem dois meninos. Ah, e meus dois sobrinhos, minha mãe fala, a cara do meu pai. Meus dois sobrinhos são loirinhos, tudo a cara do meu pai. Engraçado, a gente fala: "E ele queria tanto um menino, né?" E vieram dois meninos aí, dois meninos.*
- *Ah, eu sinto, sinto sim* [referindo-se ao fato de ela sentir que o suicídio de seu pai foi um abandono]. *Por isso eu, às vezes, eu questiono: será que ele não pensou na gente, não? Nos abandonou, nos abandonou. Às vezes eu penso assim: será que se um dia eu encontrar e falar... ou eu vou... ainda... como é que foi outra conversa que eu tive recente com meu marido? Ainda eu falei assim: ah, se um dia eu* [o] *encontrasse, alguma coisa eu ia falar... eu ia, uma crítica, alguma coisa assim. E ele falou assim: "Você não pode falar assim, você tem que pensar que ele é doente", que ele tinha uma depressão, que ele era doente e eu falei: "Ah, mas não pensou", eu acho que eu sinto isso sim. Como abandono, abandonou e nem pensou, não deu valor, não deu valor não, eu sinto isso.*
- *Ah, em relação ao meu pai, assim. Pouca coisa que eu lembro. [...] Ter 15 dias e ter um pai que cometeu suicídio significa abandono. Abandonou; eu nem sei se ele me viu na vida dele. Nem sei, nem sei isso. E engraçado, minha mãe fala, porque ele tinha amizade boa com médicos, doutores e tal. Ele tinha um doutor amigo dele com quem minha mãe ia fazer o parto da minha irmã com esse doutor. E desde sempre o médico falava: "Olha, ela vai ter que fazer cesárea, porque sua esposa não tem passagem, vai ter que fazer". E ele falava: "Não; vai ser normal". E a gente fala: "Poxa, um cara estudado falar isso", e ele falava:"Não". Porque minha mãe tinha um quadril largo. "Não; tem um quadril largo, vai passar", estudou e a cabeça não entende isso. E aí o que aconteceu? Estava marcado já de minha mãe fazer o parto com esse médico que era amigo dele, só que no fim ele não aceitou, porque ele achava que o médico estava falando demais, e minha mãe foi no hospital e tentaram fazer* [parto] *normal, mas não viram; tanto que viu que não ia mesmo e fez fórceps. Minha mãe sofreu muito; minha mãe e aí minha mãe ficou muito nervosa, falou: "Por que não é você, por que o médico está falando, por que foi insistir?". E o outro médico acabou fazendo, nem foi esse. E quando eu fiquei grávida, eu fiquei grávida __ oh! quando minha mãe ficou grávida de mim, diz que ele voltou* [a] *nesse amigo, nesse médico e falou: "Não; agora você vai fazer nela, faz certinho, já opera", e minha mãe fez a operação e ele pagou. Tanto é que eu nasci em uma clínica particular, tudo. Então, assim: teve essa preocupação, essa preocupação, não negou dinheiro. Eu acho que um parto, tanto hoje quanto no passado, acho que era caro. Ainda mais antigamente, não sei, pagou toda, eu não nasci no hospital eu nasci em uma clínica, mas toda particular, fez a cirurgia da cesárea, fez depois para, como é que fala? Para não ter mais filho, operar, então eu acho que tudo isso ele pagou ali.*
- *Não tenho essa saudade de: "Ah, meu pai! O que eu tinha mesmo é de: como será que era? Como seria? Eu imagino que seria diferente, meus avós também, eu acredito que não estariam morando onde estão hoje. Seria bem diferente. Então, é só isso que eu falo, saudade, falar: "Ah, eu sinto saudade!", isso ou aquilo, ou: "Ah, meu filho não vai ter o avô!". Não tenho isso, não.*

2. Quem fui? Quem sou? – a busca da identidade, a responsabilidade e a preocupação com outras pessoas.

- *Eu fui uma criança, assim, eu não conversava com as pessoas [...] Até eles brincavam que minha intérprete era minha irmã. Minha irmã sim, cuidou bastante de mim. E eu ficava bem quietinha e não podia falar e ela falava assim: "Você, a sua mãe, teve uma gravidez que você achava assim: 'O que eu estou fazendo aqui nesta hora, neste momento; eu estou atrapalhando. Então eu tenho que ficar quietinha; olha só o que está acontecendo, tudo isso e eu vou ficar quietinha para não atrapalhar'". Tanto é que minha mãe fala que, quando eu nasci, eu só acordava no banho, jogando água, porque eu dormia, dormia, dormia sem parar, para comer, às vezes, ela tinha que acordar porque eu engasgava; então eu fui muito tranquila, não dei trabalho, cresci muito quietinha, tímida, não falava com ninguém. Foi assim; isso que eu sinto que talvez essa gravidez, eu acredito que falam que mesmo estando na barriga, no ventre, a criança sente. E talvez essa agitação que aconteceu eu possa ter, ali, pensado: "Não quero vir para atrapalhar, não vim para atrapalhar ninguém" e sempre muito quietinha, não falava; ficava na minha, com medo de alguma coisa. [...] 15 dias, minha mãe estava de dieta ainda. [...] E assim, minha infância foi essa, eu fiquei sabendo que meu pai fez, ele se suicidou eu tinha, eu acho, que uns quatro ou cinco anos.*
- *Às vezes eu e minha irmã, a gente fala assim: "A gente é filha de pai e mãe louco de pedra".*
- *O que eu sentia, depois eu fui crescendo, adolescente, eu ficava pensando como seria se ele estivesse aqui, se ele fosse vivo. Às vezes eu falo para minha irmã: "Minha vida, eu acho que seria completamente diferente". Nossa vida, a da minha irmã, minha também. Mesmo por ele ter condições melhores financeiramente, talvez a gente estivesse melhor ou não. A gente não sabe o que... eu sei que ele tinha faculdade, tinha intenção de abrir um* [ramo de negócio] *porque ele sempre gostava muito de bicho e essas coisas, por isso que ele gostava de caçar. E é isso, não sei.*
- *Eu tinha dez ou 12 anos quando eu conheci a igreja evangélica. [...] minha irmã, ela começou a namorar com 13 anos, e a mãe do marido dela, eles são evangélicos. E eles levaram, nessa época, minha irmã tinha 13 e eu tinha dez; eles levaram a gente para a igreja; a gente gostou e, de lá para cá, a gente ficou. Então eu tinha uns dez anos, já há bastante tempo já.*
- *Eu falava: eu sou uma mulher independente, uma mulher poderosa [...] Eu sempre fui tímida, eu era muito tímida, mas ali* [no primeiro trabalho] *foi onde eu aprendi a falar no telefone, atender, andar de ônibus sozinha, de metrô, [...] então eu me desenvolvi bastante ali. Mas também sempre muito fechada.*
- *Eu não tenho mais aquela coisa: "Ah, se ele* [marido] *me abandonar eu vou, sabe? Eu vou morrer. Eu já consigo me ver sozinha. Consigo, vou sobreviver, não vai ser fácil, lógico, mas como eu pensava nos anos anteriores, não. E é uma coisa que a gente não quer, a gente está ali, a gente está bem firme. [...] Não vou dizer que tem, às vezes, diálogo; às vezes eu até sinto falta disso, depois eu até ia pedir para você, eu queria voltar a fazer alguma terapia, alguma coisa, depois se você puder me orientar, alguém, alguma coisa. Porque, assim, eu não sinto que eu posso dialogar com ele* [marido]. *Ele é uma pessoa assim, por mais que ele negue que não, é uma pessoa que... ele não pode ser contrariado. E ele, às vezes, eu me sinto sufocada, porque eu não posso falar. Então, tudo o que ele fala eu aceito. Às vezes, ele fala: "Não sei se você está aceitando ou o*

que e eu falo." [Eu respondo]*: "Não, estou", porque não adianta, eu vou falar e ele vai falar que não, que não é por este caminho, que é por outro e aí a gente acaba, eu acabo deixando. Tem coisas que eu acho que ele não me entende, então eu fico quieta. O fato de ele ter uma filha, às vezes, desde o inicio para mim foi difícil. [...] Não mora, mas, assim, deu sexta-feira ela* [a filha do marido] *já está em casa. Hoje, ela já entrou, às vezes, isso me irrita. Gosto muito dela, a gente tem uma relação boa, uma consideração, um carinho, tenho um carinho muito grande por ela, mas às vezes me incomoda o fato de ela estar todo final de semana. Acho que talvez se fosse um sim e um não ou às vezes me irrita mesmo. Tem dia que eu estou irritada. Tem dia que eu estou irritada mesmo, às vezes se ela vier conversar comigo, ótimo, mas também, se não vem, eu também não vou atrás. Mas, às vezes, eu falo: "Não, eu tenho que ir até lá, eu quem tenho que ir". E às vezes eu percebo que se eu não falo com ela, ela está na dela, ela está na casa do pai dela e isso me irrita e eu falo: "Não é a casa do pai dela, aqui é minha casa e ela não está nem aí".*

- *Penso* [em ter filhos]*, mas assim: agora não. [...] "Como a gente vai ter uma criança aqui? Não tem nem nosso quarto". [...] Não agora, eu quero ter o quartinho do meu filho, ter meu quarto. Hoje eu não tenho meu guarda-roupa.*

2.1 Eu certinha, a responsabilidade e a preocupação com outras pessoas

- *Minha irmã é um pouco mais rebelde; eu já fui mais a certinha. Minha irmã não, já é mais rebelde mesmo.*
- *Porque nosso pai fez isso? Minha mãe tem horas que dá uns surtos, e a gente fala: "Nossa! O que é isso?". E a gente fala que se a gente não tivesse uma boa cabeça, a gente estaria, sei lá, tinham acontecido mais coisas.*
- *Acredito que sim, foi isso* [referindo-se ao fato de não ter pai] *que fez eu correr atrás, a falar: eu não tenho ninguém, eu tenho que correr. Minha mãe dava o que ela podia, então se eu quisesse mais eu vou ter que correr atrás. Estudos, tanto é que eu trabalhava, pagava meus estudos, escola particular e tudo. Depois consegui a faculdade. E minha mãe sempre falava: "Você é igual seu pai. Você gosta de estudar, gosta de estudar", e algumas coisas que minha mãe falava, às vezes eu ficava feliz de saber que eu era parecida com ele. E, às vezes, eu falava assim: nossa! Não é convivência, tem coisa que não é convivência e sim genética. Não é: "Ah, fulano faz isso porque vê o pai fazendo", não é. Puxou, herdou mesmo. Mas fisicamente, poucas pessoas falam que eu pareço com a família do meu pai; sempre do lado da minha irmã. Apesar* [de] *que meu marido fala: "São tudo louco; você é que parece com o seu pai; sua irmã é a cara da sua mãe". Minha avó teve uma rejeição, acho que de mim. Minha irmã loira, cabelo enrolado. Eu, morena, quando eu era mais novinha, bem moreninha.*
- *Então é bem diferente* [referindo-a ao comportamento dela e da filha de seu marido]. *Não, em casa: "Mãe, posso fazer isso?", eu sempre fui assim: "Mãe posso fazer? Posso...". Minha mãe: "Está lá menina, é para você comer. Você precisa perguntar se precisa comer"; "Mãe posso abrir uma bolacha, posso abrir um Danone?", então era assim. É. Ela vai. E, às vezes, isso me incomoda. Quando eu vou ver já está mexendo nas minhas coisas e eu falo: "Não mexe nas minhas coisas".*
- *Eu já tentei ir atrás, mas não tive muito sucesso nessas universidades para fazer a terapia. Eu queria conseguir para minha sogra; até meu marido, eu queria muito que ele fizesse. Porque ele já é de uma família com problema. Eu sei que ele tem também. [...] E minha*

sogra tem esse problema também, o filho dela, meu marido, então eu queria muito ajudá-la, apesar de ela falar que não precisa. Outro dia eu ainda falei: "Eu vou procurar para a senhora", e ela: "Não, não, não vou". [...] ela faz acompanhamento e ela passa na geriatra e ainda, até ontem eu falei para ela: "Eu vou fazer terapia, vou voltar a fazer. A senhora quer fazer?"; ela fala para mim: "Não, a geriatra falou que eu não preciso", e a gente vê que ela precisa, é uma pessoa que sofre muito, muito. E às vezes sabe o que eu me vejo? Às vezes eu me vejo nela. Futuramente. [...]

- *Na época eu queria que minha mãe fizesse. Falei para minha mãe, minha mãe: "Eu não vou aceitar, não vou tomar remédio", nunca aceitou também. Minha irmã, também, nunca aceitou. Mas era uma fase muito boa, às vezes eu me encontrava muito, saía de lá do consultório muito, saía leve, me encontrava.*

3. Entre o calar e o falar: o suicídio e se fosse diferente...

- *Não sei, não lembro o que é que era, mas eu só lembro que minha mãe falou: "Você sabe do que o seu pai morreu?", para minha irmã. E eu meio sonolenta. E minha irmã falou assim: "Sei, ele se matou", e até aí eu não sabia, porque as histórias que sempre* [ouvia] *quando eu estava com minha mãe e ela falava: "Ah, seu marido morreu do que?"; "Acidente". Então para mim, até aquele dia, era acidente. Acidente de carro, minha mãe falava: "Acidente de carro". E eu estava sonolenta e eu despertei um pouco, o coração acelerou um pouquinho, falei: "Nossa, eu não sabia". Mas aí eu voltei a dormir...*

- *Já presenciei várias vezes minha mãe, as pessoas perguntando* [simulando um diálogo].

— *"Ah, o seu marido morreu? O que é que foi?"*

— *"Acidente."*

- *Eu cresci aprendendo a dizer:*

— *"Seu pai morreu? Foi o quê?"*

— *"Acidente." Tanto que hoje eu também falo: "Morreu? Ah, foi acidente."*

— *"Do que?"*

— *"De carro. Ah, não sei bebia, foi acidente." Não dou muitos detalhes. Lógico que tem pessoas, a família sabe, lógico. Mas amigas, eu tenho amigas de sei lá quantos anos que eu não comento.*

- *Acho que foi minha mãe que falava, falava tanto. Eu vim acabar questionando sobre isso, porque eu não falava nesses dias agora. Falando até para o pastor, eu falei: "Meu marido abriu a boca, eu não gosto de falar", e ele falou: "Mas não, é claro que você não vai ficar falando para ninguém, mas não tem"... E eu fiquei muito brava com meu marido; eu falei: "Você não tem que falar, eu não quero que você fale. É minha vida, porque é que você foi falar?". [...] Porque que eu não falo. Aí meu marido falou assim: "Você não tem que ter vergonha, não tem que ter, não sei porque você não fala". Ainda ele* [marido] *falou assim: "Vergonha tinha que ter eu" – porque a mãe dele tem síndrome bipolar – e ele fala isso para qualquer um. E eu falo: "Não, eu não gosto de falar, eu não gosto de falar, eu não gosto de falar".*

- *Agora* [na entrevista] *que eu estou parando para pensar o porquê eu não falar. Há tantos anos, nunca me questionei porque não falar. E engraçado; as pessoas* [com] *que eu fiz amizade que, por impulso eu acabei falando, eu me arrependi, eu não sei se é porque justamente essas pessoas – essas não, acho que teve uma ou duas pessoas que eu acabei perdendo a amizade – eu falei: "Está vendo, eu não devia ter falado", soube demais da*

minha intimidade. Então hoje eu falo: se essa amizade não der certo, porque eu vou ficar já falando? Então tem que esperar um bom tempo para eu conseguir me abrir com a pessoa. E agora por causa do casamento me questionaram: "Você entrou sozinha, não sei o quê, e seu pai?". E eu tive até um casal padrinhos que estavam nessa viagem da semana passada e ainda eu comentei:

— *"Ah, ficou legal eu entrando sozinha?"*

— *"Ah, ficou; você não quis entrar, não sei o quê?"; e ela: "Ah, e seu pai?".*

E eu falei:

— *"Ah, ele faleceu e tal; 15 dias eu tinha."*

— *"Nossa! 15 dias. Do quê? Morreu do quê?"*

- *E eu falei: "Ai, meu Deus!", falei: "Acidente, foi acidente"; falei. Eu não quis falar mais nada, não sei, nunca parei para questionar isso, porque eu não falo mesmo.*
- *Ah, difícil! Nunca falamos* [referindo-se ao fato de ela, sua irmã e sua mãe nunca falarem sobre o suicídio]*; assim, não.*
- *A gente tinha se distanciado um pouco; minha irmã me deixou um pouco magoada e foi bem legal porque ela falou assim: "Não, você é minha irmãzinha"; minha irmã cuidou muito de mim, também. Ela deu esse, às vezes... foi mãezona, minha irmã foi bem mãezona mesmo. [...] Tinha porque, assim: eu passeava muito com meu tio – esse que eu falo que foi meu pai – e minha irmã que cuidava de mim. Então, se tivesse que: "Vai lá, vamos comer", colocar comida no prato, minha irmã que punha para mim; "Quer isso?", e eu só falava com minha irmã e com esse meu tio. Com a mulher desse meu tio eu não falava. Então, se alguém quisesse, se ela quisesse falar, tinha que perguntar para minha irmã, para eu falar. E tinha; e eu ficava quieta, desde pequenininha, e a mãe da minha mãe sempre falava, todo mundo falava: "Tem que levar essa menina no psicólogo, tem que levar essa menina no psicólogo", e minha avó falava: "Não! Tem que levar nada, tem que levar nada". E eu acho que, talvez, se desde pequena tivessem levado... eu fui muito retraída, muito tímida, dificuldade para fazer amizade, tudo. Mas também sempre encarei, assim, se tivesse que apresentar o trabalho na escola, mesmo com toda timidez, eu ia, me superava. É, sempre, trabalhar, tivesse alguma coisa para falar, necessidade, e eu ia lá e fazia, eu conseguia superar bem esses obstáculos. Isso foi bom.*

3.1 Compreendendo o suicídio: coragem ou covardia?

- *Ah, para uma pessoa chegar... uma vez eu era criança, também, minha mãe falou assim: "Nossa o seu pai teve..." não sei por que a gente começou esse assunto. "Seu pai teve...* [para] *uma pessoa fazer isso teve coragem." Eu falei assim: "Não, eu acho que foi covarde". Eu acho que é uma covardia, não sei se é covardia o nome, mas é uma pessoa que está, ela quer sumir dos problemas, das coisas que estão acontecendo e, no mundo, a gente tem aflição. É como Deus fala: "No mundo têm as aflições, mas tem o bom ânimo". A gente tem que ter. Vários motivos a gente tem para querer... não sei se justifica. Não justifica. Como Deus fala: "Ninguém tem o direito de tirar a própria vida". Eu e todo mundo erra, mas a gente está aí para viver, a gente não tem este direito. [...] A gente não sabe por questões de trabalho. Às vezes meu marido fala: "Nossa, tem horas que dá vontade de fazer igual o seu pai fez", mas, assim, numa loucura, falando de trabalho, quer sumir, aconteceu isso e aquilo. Então, às vezes, a gente tenta procurar entender um pouco.*

4. Minha mãe

- *E minha mãe sempre, minha mãe foi uma mulher muito guerreira, batalhadora, nunca faltou nada para a gente, foi maravilhosa. E ela conversava muito com minha irmã, por ela ser mais velha, "Olha"... minha mãe sempre deu muita responsabilidade para a gente. Minha mãe saía trabalhar a gente ficava sozinha, então minha mãe passava tudo isso e minha irmã repassava para mim. E eu não sei por que elas estavam, a gente, eu sempre dormia com minha mãe na cama de casal; minha irmã tinha o quartinho dela e eu dormia com minha mãe, por ser a mais nova – e antes de dormir, às vezes, a gente se reunia ali na cama, todo mundo conversando e eu acho que já era tarde, por causa da idade eu estava meio sonolenta, começando a dormir e as duas conversando.*
- *Minha mãe não casou, mas ela teve uns relacionamentos e nunca colocou ninguém dentro de casa para morar nem nada, mas quando eu tinha, acho que, uns cinco ou seis anos ela começou a ter um relacionamento, e ele ia de vez em quando em casa e eu sentia que minha irmã nunca aceitou. Minha mãe está com esse cara até hoje, já há mais de 20 anos, e a gente não aceita muito, não. Não aceita, não.*
- *Eu acho que não tinha condições mesmo, ela* [mãe] *estava ali e tinha que me proteger. Não tinha. E mesmo ela falou que estava com pontos ainda, foi uma cesárea, não tinha condições. Apesar de muitas pessoas terem criticado. Não tinha condições e naquela época... Hoje todo mundo tem carro; antigamente nem todo mundo tinha carro para levar, aquela coisa e tal. E ela se apoiou muito na mãe dela, que foi minha avó. Minha avó, até uns quatro anos, ela cuidou de mim e da minha irmã; só que depois ela veio a falecer também. Então, assim, minha mãe depois sofreu muito com a doença. A doença da minha avó ficou um ano, vai para o hospital, interna, volta. [...] Vírus de carne de porco. No cérebro, na cabeça. Antigamente acho que o pessoal, a alimentação, alguma coisa e deu isso.*
- *Foi um ano, minha mãe correndo em hospital, eu lembro até como minha mãe tem quatro irmãos, mas minha avó morava com a gente e* [por ser] *a única mulher, quem cuidava era minha mãe. Então, eu tenho, eu lembro muitas cenas assim: ligavam do hospital* [dizendo] *"Olha, corre aqui agora", e minha mãe tinha um fusquinha, saía, às vezes, virava a cidade, atravessava a cidade e como a gente não tinha com quem ficar, minha mãe deixava a gente com os guardas, "Olha, fica aqui na portaria", na sala, no sofá, lá do hospital, então a gente ficava e minha mãe subia, daqui a pouco isso e aquilo, e corre para lá e corre para cá e foi assim. Minha mãe cresceu, por isso que eu falo: foi uma batalhadora. A gente, eu tinha quatro anos nessa época e aí a gente morava numa casa, que era a casa da minha avó, e foi quando minha mãe decidiu: "Não, vamos mudar; não vou aguentar ficar aqui" já tinha perdido o marido e a mãe*
- *Minha mãe, ela é muito... eu não podia chegar tarde em casa, mesmo com mais de 21 anos. E, assim, minha mãe se soubesse que eu tinha tido relação, alguma coisa, era: "Nossa! Jamais!", então, então. Apesar de ela fingir que não sabia, porque tem coisas que não tem como esconder. E minha mãe não gostava de jeito nenhum e, às vezes, a forma, minha mãe é muito arisca também. Às vezes, ela fala e não que ela quer ser agressiva, mas ela está sendo agressiva; quem escuta sente a agressividade.*

5. Ser evangélica e fazer psicoterapia como manejos para auxiliar no processo de luto*: O Senhor é meu pai*

- *Às vezes, eu sempre falo assim: "Ah!", aí eu me apeguei com Jesus e lá eles falam muito de Jesus, e eu falo: "Ah, o Senhor é meu pai!", me apeguei a isso, é meu pai, às vezes eu senti falta, assim, na adolescência, eu acho. Não, na adolescência para a fase adulta. Mais*

assim, era um vazio, alguma coisa que eu me apeguei a Deus e eu falei: "O Senhor vai me consolar como diz na sua palavra que consola os órfãos e tal" e me apeguei muito a isso. Isso foi o que eu mais me apeguei sentindo essa falta. [...] Eu acho que por causa da igreja e tudo, aí fui fazendo outro círculo de amizades, então as amizades que eu tinha. Aí eu me isolei um pouco, não tive mais amizade e aí foi onde eu quis trabalhar e aí surgiu a oportunidade, com 13 anos, de trabalhar no escritório de advocacia e atender telefone e aquilo foi muito bom.

- *Ah, não sei como explicar, de querer me entregar para meu marido! Eu tive essa decisão, acho que foi isso e tanto na terapia, também, a psicóloga falou: "Às vezes eu vejo", eu via ele como meu pai. Tinha um pouco dessa relação. Essa terapia foi boa. Eu queria até voltar a fazer; às vezes eu acho que, eu acho não, eu tenho certeza* [de] *que eu preciso. [...] Eu fiz* [terapia], *acho que um pouco mais de um ano, um pouco mais de um ano. [...] estava trabalhando no banco, já estou aqui há quatro, cinco, seis, uns seis anos mais ou menos. Faz tempo. Eu trabalhava no banco ali, fazia na hora do almoço, foi muito bom, assim. Foi uma época do relacionamento que me ajudou algumas coisas assim. E queria voltar porque eu acho que assim: hoje eu não consigo ter um diálogo, não tenho amizade, não gosto muito de falar muitas coisas para as pessoas, não, eu acho que é um lugar onde a gente acaba se encontrando, colocando o assunto em ordem.*

6. Marido ou pai?

- *Porque a gente também tem um relacionamento* [que], *às vezes deixa minha cabeça meio confusa, alguma coisa. E ele, às vezes, eu sinto e ela falava: "Às vezes você é o seu pai. Ele que é o pai ali". [...] A gente vai fazer nove anos agora em abril. Mas oito anos, a gente ficou, acho que depois de cinco anos ficamos noivos, mas ele foi meu primeiro namorado sério, que deu certo, o primeiro homem, tudo. Então, teve isso. E ele parece ser muito mais velho. Nós somos cinco anos de diferença de idade. Eu tenho 29 e ele tem, ele fez 34 em fevereiro. Mas ele parece que tem 40. Então tem isso. E, às vezes, eu acabo vendo que pode ser, ter um pouco isso. [...] Nós trabalhávamos juntos no banco. A gente trabalhava num banco, juntos, e ele, e eu sabia da história dele porque ele já tinha sido casado, tinha uma filha. Eu jamais olhei para ele pensando isso: que um dia iria acontecer uma coisa entre a gente. Pelo contrário, olhava para ele e falava: não me atrai em nada fisicamente nem nada, nem nada, jamais. E eu acho que pelo fato de ele mostrar que realmente ele gostava, eu acho que foi me conquistando e foi indo. E a psicóloga, às vezes, falava disso, eu acho que, às vezes, você vê ele como seu pai. A menininha, porque ele me chamava muito de menininha. Menina, minha menininha, ele às vezes me ligava assim: "Oi menina, menina", e eu odiava que ele falava isso. Hoje quando ele fala: "Ah, menina!" e eu não falo nada, ele fala: "Nossa, demorou para você não se irritar eu te chamar de menina, viu?". [...] E eu não gostava, eu falava: "Eu não sou menina! Eu sou, eu tenho minhas responsabilidades", eu falava para ele. Porque, às vezes, ele falava: "Ah, você é mimada"; eu falei: "Eu não sou, eu não gosto que me chame de mimada, eu não sou mimada, eu não cresci, eu não fui mimada pela minha mãe". E apesar de eu ser a queridinha da minha mãe. Eu fui a queridinha; sou até hoje. E ele fala: "Não, sua mãe mimou você", e eu falo: "Não mimou"; poxa, eu comecei a trabalhar com 13 anos e desde cedo eu queria já trazer dinheiro para casa, ajudar minha mãe. E logo com dez, 11, 12, 13 anos que a gente ficava nesse processo, que a gente foi para a igreja, eu me afastei um pouco das amizades.*

- *Tanto que no começo eu falava: você* [marido] *vive em um mundo e eu vivo em outro mundo, bem diferente. E eu não queria, eu não queria, mas também eu não conseguia*

me ver sem ele; então isso era uma coisa que me deixava completamente dependente, e o fato... e, muitas vezes, ele me abandonava e eu: Nossa! Como é que eu vou viver agora? Tinha aquela coisa, também, de primeiro namorado e não sei o que. P – E qual era o maior medo que você tinha na relação com ele? C – *De ficar sem, de não arrumar outro. De não arrumar outro namorado. De não arrumar outro. Hoje eu penso completamente diferente; mudou muito. Apesar de nossa relação também ter amadurecido de uns anos para cá, mas eu sentia isso, eu sentia isso nessa época da terapia, eu sentia que: nossa! Minha vida acabava.*

- *Assim, ele sempre fala que queria terminar por causa das brigas com minha mãe, como ele já tinha um relacionamento que terminou por brigas na família, então ele tinha este medo de: "Não, de novo eu vou brigar com minha sogra; eu não quero isso", então ele já tentava se afastar. Mas teve uma vez que ele falou: "Não, não, não" eu insisti, forcei, chorei, implorei – a gente estava até no shopping e ele me deixou em casa e também saí do carro dele e falei: "Pronto, agora acabou", eu vi assim: eu imaginava uma linha do trem que acabou; não tem mais aonde ir. [...]. Aí, por coincidência, no trabalho onde eu estava, outro rapaz se aproximou de mim e aquilo foi fazendo eu: está vendo só, eu não vou ficar sozinha. Mas aí eu acho que ele* [marido] *percebeu que eu estava me recuperando bem dessa separação e ele começou a se aproximar e foi onde a gente engatou, a gente voltou.*
- *É, eu sentia um nada* [referindo-se ao momento em que terminou o namoro com seu marido]. *Que eu não represento nada. E eu queria falar: eu estou aqui, eu estou aqui. Acho que foi isso sim. [...], eu insistia muito. Eu ligava, insistia: "deixa eu te ver, eu sei que acabou, mas deixa eu te ver e não sei o que e tal", insistia muito e ele sempre. Ele sempre falava: "Eu nunca deixei de te amar, eu sempre te amei, mas o fato de sua mãe ser complicada, eu não..."; ele falava que se afastava.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Seis temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de seu pai ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) A perda de alguém que nunca teve: quem foi meu pai? As histórias contadas sobre ele e as dúvidas; (2) Quem fui? Quem sou? – a busca da identidade, a responsabilidade e a preocupação com outras pessoas; (3) Entre o calar e o falar: o suicídio e se fosse diferente...; (4) Minha mãe; (5) Ser evangélica e fazer psicoterapia como manejos para auxiliar no processo de luto*: O Senhor é meu pai*; (6) Marido ou pai?

A morte por suicídio é um fato trágico e que provoca agitação. Nesse contexto agitado e terrível no qual os sobreviventes tentam se reorganizar, uma menina nasceu. Bebê que aos 15 dias de vida vivenciou a primeira morte – a de seu pai e que no meio do tumulto do evento trágico parece ter assumido a tarefa de que não poderia dar trabalho e, por isso, provavelmente, cresceu *muito quietinha, tímida, não falava com ninguém.* Uma menina que, desde pequena, não queria incomodar e que fala sobre a perda de alguém que nunca teve. Qual seria o registro que tem dessa época?

Na última vez em que foi visitar sua avó, recebeu a confirmação de que ela sempre questionou sua paternidade, ao dizer: *Você era muito ruim quando você era pequena; você era ruim, você era muito moreninha e não sei o quê. Acho que a sua mãe andou pulando a cerca.*

Seu pai queria ter filhos homens e, ironicamente, sua irmã tem dois filhos que são muito parecidos com seu pai. Loiros e *a cara de seu pai.* Apesar de ser morena e sua irmã loira, a ironia se encontra no fato de a irmã se parecer com a mãe e ela de ter traços de seu pai: *a altura, ser magra, ele era muito magro. Minha irmã já é gordinha, o lado da minha mãe, magrela. Nariz, sobrancelha.* O registro parece estar no corpo, em sinais de que é filha do pai. No entanto, é fisicamente parecida com ele e ser parecida com o pai significa castigo ou ameaça?

O registro está naquilo que é parecida com seu pai, mas não está nas lembranças das vivências com ele. Lembranças são registros de vivências, mas o que foi possível vivenciar enquanto bebê? Para responder à questão, cabe considerar uma afirmação de Fox e Roldan (2009, p. 201, tradução nossa), quando mencionam algumas de suas ideias a respeito de filhos que eram bebê, quando os pais se mataram: "Eles [filhos-bebê cujos pais se mataram] podem não ter considerado fazer parte de tais grupos de sobreviventes pelo suicídio, acreditando que eram muito pequenos por ocasião do evento e que seriam considerados, fora do contexto (estrangeiros). Podem também, erroneamente, acreditar que eram muito pequenos para lembrar algo significante e se sentiriam então um "peixe fora d'água".

Sua história parece ter flutuado entre o calar e o falar. Enquanto ela foi *a certinha*, sua irmã se rebelou e foi a *mãezona,* sua segunda mãe. Foi sua intérprete durante muito tempo, pois as únicas pessoas com quem falava eram sua irmã e seu tio. Já com a esposa do seu tio e as demais pessoas, não falava e permanecia *quietinha*.

Compreende o suicídio como covardia e acredita que a pessoa *não tem o direito de sumir*. No entanto, tenta compreender as motivações da pessoa que comete o suicídio, afirmando que *uma pessoa para fazer isso, tem que estar totalmente perturbada, eu acho. Perturbada, não ver saída, não ver nada.* No entanto, percebe o suicídio de seu pai como um *abandono* e questiona: *será que ele não pensou na gente não? Nos abandonou, nos abandonou [...] abandonou e nem pensou, não deu valor, não deu valor não.*

Embora seu marido insista muito em ter filhos, considera que ainda não é o momento. Sua decisão de não ter ainda filhos é amparada pela explicação de que ainda não assegurou seu espaço. Como oferecer e cuidar do espaço do outro sem ao menos sentir que tem o próprio?

Sua mãe e irmã e ela não foram ao velório. Tudo o que sabe sobre seu pai é por meio de histórias contadas. Seu pai não fez falta, uma vez que não o conheceu e, portanto, não tem saudades dele, porque não lembra, mas carrega as marcas. Como sentir saudades de quem não teve vivências, de quem não representou uma figura masculina próxima? Talvez não desejasse ser filha de seu pai. Como seria sua vida se seu pai estivesse vivo? Ao escutar as histórias contadas sobre seu pai, parece resgatar uma possível explicação para o suicídio. Escutou que seu pai bebia, caçava, era visto como aquele que só atrapalhava e que não fazia nada. Uma contradição se revela: ao mesmo tempo em que seus tios paternos relatam que ele *não tinha tempo ruim*, em

seguida, aponta que ele tinha depressão. O suicídio de seu pai foi um abandono ou foi sequela da depressão?

Soube do suicídio de seu pai aos quatro anos de idade, e a primeira vez que ouviu sobre o suicídio, estava sonolenta. Sua irmã disse para a mãe que ele havia se matado, informação nova amortecida pela sonolência, pois, até então, só ouvira que a morte acontecera por acidente de carro. Para sua mãe, a explicação possível para todos que indagam a respeito da morte de seu marido é que ele morrera de acidente.

Pai que por não ter visto nada, *às vezes achava que ele iria aparecer, iria surgir de algum lugar.* Além disso, sonha várias vezes que seu pai retorna.

Seu tio da praia foi o representante da figura paterna, tanto para sua irmã quanto para ela. Conta que, quando sua irmã se casou, o tio a levou para o altar. Ela entrou sozinha na igreja e titubeou em sua decisão quando pensou em seu sogro ou em seu tio para entrar com ela, mas assumiu seu desejo de entrar sozinha, porque se percebia *uma mulher independente, uma mulher poderosa,* provavelmente, uma maneira de assegurar sua força e identidade.

Desde seu nascimento, sua mãe esteve *ali e tinha de protegê-la.* Proteção, também é uma das funções paternas, assumida pela mãe que também cuidou de sua avó que sofreu da doença do *vírus de porco*. Percebe sua mãe como *guerreira* e *batalhadora*. Tornou-se viúva jovem e sofria agressões de seu pai. Relata que a mãe também pensou em suicídio, porém, as filhas a seguraram e foram fatores de proteção para a autoaniquilação.

A religião foi seu amparo quando, a partir dos dez anos, sua irmã começou a namorar (a irmã então com 13 anos), e o marido da irmã era evangélico – foi assim que conheceu a igreja evangélica. Desde então tem Jesus como o pai *[...] o Senhor é meu pai [...] o Senhor vai me consolar como diz na sua palavra que consola os órfãos.* Desse modo, é órfã de pai, mas não do pai espiritual, uma vez que parece sentir que a igreja evangélica é o seu lugar de pertencimento.

Além do Senhor, menciona que percebeu em psicoterapia que a figura do pai foi assumida pelo marido, pois ele ofereceu *proteção, tanto material, quanto emocional também.*

Menciona que gostaria que sua mãe e irmã também fizessem psicoterapia, e, durante a entrevista, pediu indicação de psicoterapia para ela, para a sogra e para seu marido. O pedido de psicoterapia para sua sogra e seu marido justifica-se pelo fato *de o problema de seu marido ser o de muita ansiedade.* Sua sogra e cunhado sofrem *pelo transtorno bipolar.*

Seu marido com quem se relaciona há dez anos, *primeiro namorado sério e o primeiro homem,* a conquistou pelo *fato de ele mostrar que realmente gostava* dela. Os dois têm cinco anos de diferença de idade – ela, com 30 anos e ele, com 35. Menciona que ele *parece que tem 40,* contudo ela talvez o veja como mais velho, de maneira congruente à idade de um pai. É vista pelo marido como a menininha e criança no sentido emocional. Por mais de um ano fez psicoterapia (na época em que trabalhava no banco), ficou com muito medo *de não arrumar*

outro namorado e não conseguia se ver sem seu marido. Brigavam *demais*, principalmente porque sua mãe não aprovava seu relacionamento. Após uma briga que tiveram no shopping, determinou que o relacionamento entre eles havia acabado e quando uma pessoa do seu trabalho se aproximou dela, seu marido se reaproximou.

O marido acha que ela deve falar sobre o suicídio de seu pai da mesma maneira que ele dá sua mãe como exemplo, quando fala para *qualquer um* que a mãe sofre de transtorno bipolar. No entanto, expressa sua dificuldade para falar. Não quer falar, provavelmente pela vergonha e porque relata que perdeu amizades por *saberem demais da intimidade*.

Pode-se pensar que o sentimento de abandono pôde ser ressignificado, pois, apesar de se sentir abandonada nas duas vezes -- a primeira quando seu pai cometeu o suicídio e a segunda, quando terminou com seu namorado (atual marido) --, comportou-se de maneiras diferentes. Explico.

Primeira situação de abandono: era um bebê. Bebês, principalmente os de 15 dias de vida, dependem do heterossuporte, não verbalizam e não expressam suas necessidades.

Segunda situação de abandono: era uma mulher que tinha medo de não encontrar outro namorado. Em contrapartida, *já trabalhava, fazia faculdade* e, embora não acreditasse, percebeu que poderia conquistar outro homem, quando da aproximação de um colega do trabalho. Atualmente, percebe seu relacionamento como *uma relação bem madura, bem diferente do que foi no início.* E afirma: *Eu já consigo me ver sozinha.* Sendo assim, parece revelar seu autossuporte quando pôde reivindicar e pôde falar: *eu estou aqui.*

Compartilha sua dificuldade em dialogar com seu marido. Foi um bebê quietinho que aceitava o que acontecia. Seu marido a chamava de *menina, menininha e mimada* – alcunha de que não gostava e com a qual não concordava, uma vez que se percebia *responsável,* por ter começado *a trabalhar com 13 anos e, desde cedo, queria já trazer dinheiro para casa, ajudar minha mãe e fazer faculdade.* **Ela cresceu e amadureceu!** – será que não seria isso de que gostaria de gritar para o mundo?

A filha de seu marido apresenta comportamentos contrários ao que ela tinha quando era pequena. A filha de seu marido não é *quietinha,* não se preocupa em incomodar e faz tudo o que ela não fez e ainda parece não fazer. A filha de seu marido apropria-se daquilo que não pertence a ela e será que não seria essa a luta e sua situação inacabada: tornar próprio o que ela conquistou sozinha, ser proprietária daquilo que é dela? Não se aquietar mais e impor, compartilhando suas necessidades? Para ela é importante ser vista, respeitada e não se calar mais...

Apesar de se perceber *muito tímida*, quando começou a trabalhar aprendeu sobre sua autonomia, independência e responsabilidade. Menciona que ela e sua irmã falam: *"A gente é filha de pai e mãe louco de pedra".* E, apesar dos pesares, tornou-se responsável e *certinha.*

Quietinha para não atrapalhar e para não dar trabalho. Parece buscar sua identidade e quando compartilha sua percepção com a irmã a respeito de seus pais *loucos de pedra*, parece questionar

se filhos de pais loucos serão loucos também. Ao mesmo tempo em que se percebe poderosa e independente, considera-se também tímida e fechada. Pede licença, mas os outros não pedem licença para ela. Tenta ajudar a todos: sogra, mãe, marido e não consegue, provavelmente porque tenta ajudar pessoas que não aceitam ajuda.

É sozinha na lida de sua existência, é independente e autodidata em ser responsável e guerreira. No entanto, apesar de ainda ser difícil pedir ajuda, precisa do outro para apaziguar sua solidão, para que seja vista, ouvida e aceita.

SOBREVIVENTE 9: ANÁLISE DA ENTREVISTA

Colaboradora 9
C9: 23 anos (2012)
Sexo: feminino
Idade quando o suicídio aconteceu: Três anos e seis meses (1994)
Pessoa que cometeu o suicídio: mãe
Método do suicídio: jogou-se do edifício (10° andar)
Local da entrevista: universidade onde estuda arquitetura
Tempo total de entrevista: 01 hora 10 minutos e 29 segundos
Análise enviada em: 6 de dezembro de 2012
***Feedback* da colaboradora**: sem retorno até a data do depósito da dissertação

TEMAS E DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DO DEPOIMENTO

A nona colaboradora tem 23 anos de idade, é brasileira, estudante de arquitetura, solteira, sem filhos. Sua mãe cometeu suicídio quando tinha três anos de idade. O local da entrevista foi na universidade onde estuda arquitetura. Filha única de pais que se separaram quando ela tinha seis meses, mora com os avós maternos, pois, após a separação, ela e sua mãe foram morar com os avós. Depois de três anos, ela se matou jogando-se do décimo andar do prédio onde viviam e, seis meses depois do suicídio, mudaram de prédio.

Procurou-me, mandando um e-mail, dizendo que tinha disponibilidade para ser minha colaboradora, muito sucinta na maneira como trocávamos os e-mails, com respostas breves, agendamos um encontro na faculdade.

1. Luto e a falta de compreensão

- *É meio curioso porque eu tive quase dois processos de luto. Teve um processo quando era pequena que foi saber que a minha mãe morreu e foi o processo de luto quando eu descobri que ela tinha se matado. Foi em 2006, eu tinha dezessete anos e foi meio forçado eu ter descoberto.*
- *Porque ela morreu eu tinha uns três anos. Foi muito da minha cabeça, porque nunca me explicaram o porquê.*
- *Não sei, saber da minha mãe foi muito um tapa na cara. [...] Um tapa na cara. Não sei, um pouco mais difícil de explicar.*
- *No começo foi mais difícil, na verdade, abrir as torneiras, mas agora está fluindo mais, eu acho. É difícil focar em uma coisa só.*
- *O processo de luto é o processo de aceitação que a pessoa morre. Mas, eu acho que eu ainda estou neste processo. Talvez não de aceitar que ela morreu, mas aceitar que ela viveu. Então, eu ainda tenho que procurar as coisas, as referências dela aqui, para depois passar pelo: "tá, agora é isso".*
- *Acho que eu realmente tenho problemas com inícios, assim, querendo ou não eu sou um pouco fechada mesmo. Então, no começo é sempre mais difícil.*

- *Eu sinto como dois processos. Porque ela morreu eu tinha uns três anos. Foi muito da minha cabeça, porque nunca me explicaram o porquê. Quando eu era pequena falaram para mim que ela caiu e foi isso. Só que eu não memorizei isso. Então, não gravei, simplesmente, do que ela tinha morrido. Então, passou seis mil coisas na cabeça durante a minha infância e adolescência. Desde que talvez ela tivesse se matado mesmo, não sei por que, por que eu não sabia que ela era esquizofrênica também, até que no fundo ela não morreu, ela fugiu. Foram processos bem interessantes, até. A não aceitação de que na verdade ela tivesse morrido, mas isso é por conta da falta de informação que eu sempre tive em casa.*
- *Quando eu era pequena, eu cheguei a imaginar que ela não tinha morrido, que ela tinha fugido. Então eu andava na rua, eu ficava procurando. Eu tinha visto foto dela na casa do meu pai, então eu ficava sempre procurando alguém igual a ela. Ela era esquizofrênica, ela podia estar em surto, então não existe racionalidade em um surto destes.*
- *Desespero. Desespero.*

2. Lembranças e esquecimentos

- *Só que eu não memorizei isso. Então, não gravei, simplesmente, do que ela tinha morrido.*
- *Lembro. Eu lembro muita pouca coisa.*
- *Ela se matou mais para o final, eu não sei exatamente a data.*
- *Eu lembro pouca coisa do apartamento velho, mas eu lembro algumas.*
- *Eu* [me] *lembro da sala. Só da sala, de onde ficava a mesa e a porta da varanda.*
- *Na época falaram que ela caiu do prédio. Só que eu não lembrava. E o curioso porque eu lembro que no começo da minha infância eu falava para as pessoas que ela tinha morrido de alguma doença que sangrava muito. Era o que eu tinha, o que eu tenho de memória. Eu* [me] *lembro de falar para as pessoas que ela tinha uma doença que sangrava muito, mas não. E isso foi passando, foi passando por diversas fases, até eu falava que eu não sabia, mas que eu achava que era câncer, que também é uma doença. E, enfim. Mas, a parte do cair, não gravou na minha cabeça.*
- *Eu não tenho memória. Acho que o maior problema para mim é não ter memória. Porque ainda se eu não tivesse memória, mas tivesse informação, você constrói a imagem dela. Mas eu não tenho como.*
- *Eu quero muito conversar com essa minha tia, porque eu lembro muito quando eu era pequena, que ela tinha uma pasta cheia de coisas da minha mãe. Eu lembro que tinha foto, eu lembro que tinha um trevo de quatro folhas. E eu queria saber se ela ainda tem essa pasta e eu queria ver. E como ela era a irmã mais próxima dela, talvez ver o que ela tem de memória. Saber, sei lá, qual era a cor preferida dela. Alguma coisa assim.*
- *Eu já conversei com alguns primos mais velhos meus, da parte do meu pai, da parte da minha mãe eu sou a mais velha e eles me contavam algumas coisas que eles lembravam. Mas é muito pouco.*
- *São poucas coisas que eu tenho de referência. Minha tia também já falou que a minha mãe gostava de pintar.*
- *Meus amigos ajudam muito nisso, de conversar de me dar muito apoio e de racionalizar a parte de que eu não preciso tanto saber dela para conseguir levar a minha vida. O terapeuta ajudou bastante com isso também.*

- *Eu me irritava muito com o tipo da terapia que eu tinha. Ela não falava comigo direito, eu me sentia muito, é, eu não queria estar ali para começar e não parecia que ela fazia algum esforço. Eu prefiro conversar a só ficar falando e não ter reação nenhuma da pessoa que está comigo. Foi muito bom para amenizar a relação que eu tinha com a minha avó.* [referindo-se a análise].
- *Isso foi até meio cruel, uma época, porque, quando eu era pequena, eu* [me] *lembro de um dia que ele* [avô] *me chamou de filha, sem querer, e eu fiquei brava com ele. Me dá até uma dorzinha, porque eu sei que ele ficou muito chateado. Até hoje, se ele confunde e me chama de filha, ele pede desculpa e fica meio assim. [...] E até hoje ele fica meio, ele pisa em ovos se ele faz isso.*
- *Porque eu não tenho memória dela viva. Não sei o que tem naquela pasta, eu não lembro. Eu lembro que tinha foto e eu* [me] *lembro do trevo.*
- *Ele* [psicoterapeuta atual] *conversa comigo e aí já é alguma coisa. Eu já estava a fim de procurar um homem mesmo. Não sei, eu sempre conversei melhor com homem do que com mulher.* [referindo-se ao fato de escolher um homem como seu terapeuta].
- *Porque eu vi que se eu continuasse na terapia, tendo pelo menos esta válvula de escape, eu sei que eu consigo manter um pouco melhor.*
- *Dá para perceber que eles* [família] *olham para mim e* [se] *lembram dela.*

3. As referências e a falta de referências

- *Para escolher como amigo próximo eu considero muitas* [pessoas]*, mas eu gosto muito de todos eles e eu confio muito em todos eles, então.*
- *Meu namorado ajudou muito. Muito. [...] Ele foi muito paciente comigo, com as variações de humor que me deram.*
- *Tirando as pessoas que estudaram comigo no colégio, todos os meus amigos são mais velhos. Pelo menos uns três ou quatro anos.*
- *Então eu ainda tenho que procurar as coisas, as referências dela aqui, para depois passar pelo: "tá, agora é isso". E eu não tenho referência dela viva, eu tenho pouquíssimas referências. Eu só tenho os desenhos da casa da minha avó, e as fotos da casa do meu pai e duas ou três fotos que eu achei em casa, mas eu tenho pouca coisa que foi dela, que evidenciam que ela fez alguma coisa no mundo.*
- *Mas tem coisas que eu quero descobrir ainda. Enfim, saber qualquer coisa, para mim já é alguma coisa. Tão pouca informação, uma ou outra já é uma porcentagem absurda.*

4. O medo dela e dos outros de ser igual a minha mãe: A necessidade de construção da imagem de quem era sua mãe para saber quem é.

4.1 O medo dos outros e o dela

- *Eu tinha um pouco de medo. Sempre foi muito assim. Eu percebi depois de saber dela, o quanto eles* [família] *têm medo que eu seja igual a ela. Não cheguei a ouvir, mas a primeira vez que eu fui ao psiquiatra, a minha mãe quis, a minha avó quis ir antes para conversar com ela. E aí quando eu cheguei na psiquiatra* [ao consultório]*, a psiquiatra me falou: "ela precisou conversar comigo, porque ela acha isso e isso e isso, porque ela tem medo de que talvez você tenha a possibilidade de ter a mesma doença ou alguma coisa". É meio complicado, porque, assim, é lógico que eu tenho medo. Assim que eu descobri sobre a*

doença dela, eu pesquisei em mil lugares sobre esquizofrenia, enfim. E sabendo que existe a probabilidade de quinze por cento de um filho de esquizofrênico ter esquizofrenia, também eu ficava com um pouco de medo. Mas eu tomo precauções em relação a isso. Não precauções, mas eu sei que eu não tenho sintomas e eu não faço nada para que algum deles apareça. Drogas, nem pensar. Tenho um medo gigante de experimentar por causa disso.

- *Minha mãe, minha avó. Foi uma situação meio estranha, foi em um almoço de família, assim: "ah, você não quer creme de batata (nome da mãe)", daí todo mundo ficou quieto. Ela me chamou de (nome da mãe) e todo mundo, acho que não ouve, olha meio assustado, depois olhar para a própria comida e continua comendo com se nada tivesse acontecido. Eu fiquei meio assim, ficava olhando para todo mundo, pensei: "ninguém vai fazer nada, ninguém vai falar nada?", mas inclusive ela: "ah, não, desculpa", foi isso.*
- *Eu tinha, eu também tinha medo antes, antes de prestar o vestibular, tinha medo de ter que depender de alguma coisa que dependesse da minha criatividade. Tinha muito medo.*
- *Não vou dizer que eu nunca tive vontade de experimentar droga, sempre tive, porque sempre parece muito divertido, mas esse medo de que talvez despertasse, ali, alguma coisa me fez não querer, não sei. Acho que foi o primeiro bichinho da responsabilidade que bateu.*
- *Eu queria sair e ela* [avó] *não me deixava, talvez por causa desses medos que ela tinha que eu tivesse a doença da minha mãe, mas ela fazia, ela dava mil motivos para eu não sair.*
- *Mas, meu medo maior é ficar dependente mesmo dos remédios. É não conseguir viver sem eles* [Referindo-se ao momento em que recebeu o diagnóstico de depressão e teve a indicação de tomar remédios].

4.2 A necessidade de construção da imagem de quem era sua mãe para saber quem é

- *Com um pouco de coisas que eu tenho. Eu achei umas fotos um dia, eu peguei para mim porque eu sabia que, mexia... O meu pai tem mais fotos dela, pelo menos o meu pai tem todas as fotos dela.*
- *Mas você vai construindo com um pouco de coisas que eu sei. Eu sei que ela fez falta, eu sei que ela fez... Eu sei... Eu sei muito pouca coisa, muito pouca coisa. Tem, eu sei que ela desenhava, porque tem um, na casa da minha bisavó tem um desenho dela, pendurado. Eu sei que ela fazia arquitetura, que ela conheceu o meu pai aqui. Você vai imaginando coisas.*
- *Mas eu vim com um amigo meu, muito próximo e ele me deu a ideia de a gente ver se tinha o currículo dela aí. Então a gente foi lá ver e eu consegui. O moço deixou eu dar uma olhada e, assim, foi uma coisa muito louca de ver, porque a gente realmente é parecida em algumas coisas. Que as notas mais altas delas eram as mesmas que as minhas. As mais baixas também. História, um zero à esquerda. [...] Parte mais prática eu era melhor. Mas, foi mais uma informação que eu tinha para construir a imagem que eu tenho dela.*
- *De vez em quando ela ia trabalhar na minha avó. A família inteira já trabalhou lá* [floricultura da avó] *na verdade, até eu.*
- *Eu procuro mais de outra forma. Eu não vou procurar o rosto dela na multidão, agora eu sei que não está lá, mas eu tenho procurar coisas sobre ela e enfim.*
- *Ela tinha 22 para 23, então. Ou 23 e pouco. [...], porque é a idade que eu tenho agora. [...] talvez explique o gás que eu ganhei. O meu aniversário foi há pouco tempo e a semana do aniversário foi uma coisa meio tensa. Como assim? Eu estou com 23 e eu estou no começo do segundo ano de faculdade, cheia da* [DP], *praticamente no primeiro, aí não sei, bateu*

o bichinho da responsabilidade. Me mordeu. [...] voltei a ter gosto para estudar, a querer sentar e ir atrás das coisas. [referindo-se a se dar conta de que está com a mesma idade quando sua mãe morreu].

- *Eu sempre gostei muito de biologia, mas eu não queria fazer arquitetura porque eu não queria que tivesse alguma pressão em cima de mim, porque todo mundo sempre falava que eu era parecida, já chegaram a trocar nome.*
- *Eu ainda tenho muita dificuldade de saber o que é meu e o que é dela. Eu sei o que eu tenho de similar com o meu avô, eu sei o que eu tenho de similar com a minha avó, com o meu pai, com as minhas tias, mas faltou aquele resto que eu não sei o quanto que é, sou eu, e quanto que eu também puxei dela. E a doença é uma delas que eu tinha medo.*
- *Eu acho que ela* [mãe] *não estava no papel de mãe quando ela se matou. Definitivamente não. Ela estava em um surto, ela estava sozinha, enfim. Eu não sei nem qual o tipo de esquizofrenia que ela tinha. Não sei se ela via coisas ou se ouvia ou se só era paranoica, não faço a menor ideia. Mas com certeza ela tem que estar em um surto. Ninguém se mata pensando muito. Eu não consigo, pelo menos, imaginar um suicídio que não seja um pouco possível. Porque se você para, sei lá, uma hora para pensar, você já descobre uma ou duas coisas que valem a pena.*
- *Mas, querendo ou não, tem que ter alguma coisa dela em mim. [...] Tirando os olhinhos puxados, assim, em tudo eu sou um pouco parecida. Porque eu sei que tem mais coisas que eu sou parecida com ela e eles não me falam. [...] interesse por desenho. [...] Pela própria arquitetura. A parte física mesmo. É; eu ainda estou procurando as coisas que eles associam tanto assim. Mas eu sei que também eu sou muito fechada e ela, talvez por causa da doença ou enfim, por outros motivos, também era. Eu sei que ela chorava muito e eu, quando estava deprimida, chorava demais. Que ela* [mãe] *não gostava de tirar foto com a orelha aparecendo. Eu nunca gostei. [...] Tirando essa coisa do remédio ou tirando a parte da orelha, acho que eles nem sabem que eu não gosto que a minha orelha apareça, existem outras coisas, com certeza. Eu quero saber que cor ela* [mãe] *gostava, que flores que ela gostava, que tipo de música que ela gostava.*

5. A morte interdita e o silêncio: entre o calar e o falar

- *Mas não são coisas que se falam muito em casa. Então, é meio complicado. Porque eu não tenho informação nenhuma. Qualquer informação que eu preciso, eu tenho que ficar empurrando muito e as pessoas sofrem muito com isso, em casa* [referindo-se ao fato de ter de forçar as pessoas a falarem sobre as informações sobre o suicídio de sua mãe].
- *Quando eu era pequena falaram para mim que ela* [mãe] *caiu e foi isso. A não aceitação de que na verdade ela* [mãe] *tivesse morrido, mas isso é por conta da falta de informação que eu sempre tive em casa. [...] Eu pensei que ela tivesse fugido. Eu pensei: "ah, já que no fundo ninguém fala sobre isso, pode ser até que ela não tenha morrido".*
- *A gente parou para conversar e eu comecei a fazer umas perguntas para ela* [tia], *porque ninguém mais, nenhum outro parente respondia nada sobre ela. O meu pai não fala sobre ela. E meu pai nem mora comigo.*
- *Se eu falava o nome dela* [mãe], *se questionava, se achava uma foto dela, todo mundo fingia que não viu, que não ouviu. Assim, vamos forçar a não existência dela.*
- *A minha avó, que hoje em dia eu chamo de mãe, ela muito raramente fala alguma coisa. Muito raramente.*

- *Às vezes eles* [tios] *contam da infância dos quatro, porque são quatro irmãos, a minha mãe e mais três.*
- *Eu comecei a perguntar para ela* [tia] *algumas coisas da infância deles juntos, e aí chegou um ponto em que eu simplesmente parei e falei: "tá, do que ela morreu?". Aí ela tentou engambelar e fazer toda aquela coisa: "Ela tinha uma doença..." e eu falei: "Tá, que doença?". Não adianta só me falar que tem uma doença, porque doença tem milhões.*
- *Menos de seis horas depois não tinha vestígio nenhum, não tinha, não saiu no jornal, nada. [...] Na verdade, em seis horas já tinha o velório. Já estava acontecendo o velório. Foi muito rápido.*
- *Meu avô, com certeza, não ia querer que ficassem sabendo. Como até hoje ele não quer. Até um ano e meio depois que eu soube, ele* [avô] *não sabia que eu sabia.*
- *Não se fala. Não se fala nem entre eles* [família]. *A questão não é esconder de mim, a questão é não se fala. [...] Os irmãos não, todos fazem ou fizeram terapia em algum momento, então, eles se falam um pouco mais, mas meus avós não se falam. [...] É meio complicado porque é muito oneroso para eles. Assim, talvez até mais do que para mim. Porque eles cresceram com ela. É difícil abrir uma abertura, uma brecha, uma abertura.*
- *Assim, eu nunca falei para ela* [tia] *que era sobre isso, mas sempre acontece alguma coisa que impede.* [referindo-se ao convite que realizou para conversar com a tia].
- *Não pode. Mesmo porque foi ele* [avô] *que pegou ela depois que, depois que ela morreu. Foi ele quem viu. [...] eu não tenho coragem de perguntar para ele, porque ele ainda guarda as fotos dela até hoje.*
- *Os meus avós suspeitam que tenham alguma coisa a ver, mas ninguém sabe. Se alguém sabe é o meu pai, só que o meu pai tem mais dificuldade de falar do que a minha avó* [referindo-se a não saber se sua mãe utilizava drogas].
- *Eu tenho, eu queria muito saber do meu pai, assim, o que isso foi para ele, ou o que isso é para ele até hoje. Mas essa falta de diálogo incomoda muito. [...] Não, simplesmente ele não fala nada* [sobre a morte da mãe]. *Fala que eles se conheceram aqui.*
- *Eu sabia que na minha família não iria poder, então eu fui tentar aproveitar um pouco.* [referindo-se ao retorno para a psicoterapia].
- *Eu sei que ela chorava muito e eu quando estava deprimida, chorava demais. Só que eu tinha, eu sabia que eu tinha que esconder isso deles. Porque sempre foi um "auê" em casa quando eles me viam chorando. Sempre. Meu avô chegou a sair de casa, assim, a bater a porta saindo de casa, porque ele não aguenta. Não aguenta me ver mal. Foram diversas tentativas, assim, desde brigar comigo e falar: "não chora!", naquele tom autoritário que só piora, até sair de casa para não ver. Então, são essas pequenas coisas também.*

6. A compreensão de ser diferente

- *O mito foi desconstruído. [...] foi essa coisa de saber que nem todos os problemas são tão grandes assim e não tem porque você querer fugir. Dá para resolver. Tem coisa que não dá, mas os meus davam. Eu não sei explicar exatamente o que foi, acho que foi mais isso mesmo.*
- *É importante eu saber, é importante para mim, mas não é importante para eu continuar, porque sabendo ou não eu vou ter que acordar todos os dias de manhã, eu vou ter que levantar da cama.*

- *E eu só parei de ficar de castigo quando eu comecei a namorar ele, porque a minha mãe começou a confiar muito nele. Ele é um pouco mais velho do que eu, ele tem oito anos a mais do que eu e a minha mãe* [avó] *vê muito mais ele* [namorado] *como um aliado dela, por ser mais velho, do que como um amigo meu, assim, como alguém da minha faixa etária.*
- *Eu simplesmente resolvi que os meus tios eram meus irmãos, minha avó era a minha mãe. Mas isso desde pequenininha, desde os três. Eu acostumei a chamar ela de mãe. No começo era só mami, mas agora é mãe.*
- *Eu fui bastante deprimida durante a adolescência, eu cheguei a pensar nisso. Isso só descartou quando eu soube da minha mãe. Eu entendi, para começar, que os meus problemas não eram tão grandes e eu entendi o quanto uma pessoa pode fazer falta no mundo. Na época que eu pensava nisso, eu pensava muito na minha prima menor. Porque ela sempre foi dessas primas que idolatravam.*
- *Deu mais gás. Não sei, não sei se foi um processo mais inconsciente. Agora o perigo passou, sabe*? [Referindo-se ao momento em que se deu conta da mesma idade que sua mãe tinha quando cometeu o suicídio, sentindo-se mais energizada com essa ampliação de *awareness*].

7. A arquitetura como estratégia para o processo de luto

- *Então, ele* [pai] *não chegou a terminar, nem ela* [mãe]. *Porque ela engravidou, ela estava no meio do curso.*
- *Eu fiz um ano e meio de biologia antes. Eu tinha pensado em fazer arquitetura, mas eu resisti um pouco. Foi difícil aceitar que eu queria fazer arquitetura, já, mas foi mais difícil por saber que ela* [mãe] *tinha, estava aqui.*
- *Eu ter que aceitar que eu ia estar aqui* [faculdade de arquitetura] *todos os dias, e que eu ia ter que lidar com a imagem da minha mãe aqui, eu fui até um pouco mal em algumas matérias, não tinha muito ânimo para estudar, mas depois que eu voltei para a terapia deu um gás, assim. Eu estou bem mais dedicada, estou bem mais animada.*

ANÁLISE INTENCIONAL E COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Sete temas foram desvelados no processo de luto em decorrência de sua mãe ter cometido o suicídio. Foram eles: (1) Luto e a falta de compreensão; (2) Lembranças e esquecimentos; (3) As referências e a falta de referências; (4) O medo dela e dos outros de ser igual a minha mãe: A necessidade de construção da imagem de quem era sua mãe para saber quem é; (5) A morte interdita e o silêncio: entre o calar e o falar; (6) A compreensão de ser diferente; (7) A arquitetura como estratégia para o processo de luto.

Será arquiteta e finalizará aquilo que sua mãe não finalizou. O lugar representado pela faculdade de arquitetura parece ser a morada de seu sentido da vida. Seria uma busca para estar mais próxima daquela que quando estava com três anos se matou? Encontra a possibilidade de ressignificar alguns fatos de sua vida, principalmente, porque ela perdeu suas referências, inclusive as espaciais. Houve muita transformação por causa da morte de sua mãe:

1) mudança de apartamento, pelo fato de sua mãe ter se jogado do décimo andar;
2) a própria mudança, pois passou da condição de ser filha para se tornar sobrevivente;
3) mudança da dinâmica familiar e dos papéis, uma vez que todos deixaram de falar sobre a vida e precisaram lidar com a morte silenciosamente, tentando, às vezes, omitir os fatos
4) mudança, desde os três anos, na maneira como concebia seus familiares: *meus tios eram meus irmãos, minha avó era a minha mãe.* No entanto, explica que, como tem pai, chama seu avô de avô. Lembra-se de uma situação em que seu avô a chamou de filha e que ela deu bronca nele. Ainda hoje, quando a chama de filha, seu avô pede desculpas por chamá-la assim, *até hoje ele fica meio, ele pisa em ovos se ele faz isso.*

Define o processo de luto como *o processo de aceitação que a pessoa morre.* E acredita que ainda está nesse processo, pois *uma pessoa pode fazer falta no mundo*. Afirma que seu processo se direciona para *talvez não aceitar que ela* [mãe] *morreu, mas aceitar que ela viveu.*

Foi *bastante deprimida durante a adolescência; eu cheguei a pensar nisso. Isso só descartou quando eu soube da minha mãe* – essa frase provoca a reflexão sobre a possibilidade de considerar que o suicídio de sua mãe a afastou do suicídio.

A notícia do suicídio de sua mãe foi *um tapa na cara* e explica que sente que vivenciou dois processos de luto: aos três anos de idade, disseram que sua mãe *caiu do prédio* e gravou que sua mãe *simplesmente tinha morrido.* Por saber que sua mãe sofria pela esquizofrenia, aventou a ideia de que ela havia fugido, principalmente *por conta da falta de informação que eu sempre tive em casa*. O segundo momento se refere ao período que descobriu que a morte aconteceu por suicídio. Seriam a esquizofrenia e o surto uma explicação para o ato tão incompreensível de sua mãe? Seria a doença mais fácil de ser aceita do que o suicídio? Ao contrário do que os familiares lhe disseram – sua mãe não caiu, mas, sim, jogou-se do prédio onde moravam.

Ficou sem referências, sem saber, sem conhecer e, assim, a faculdade de arquitetura, indica um sentido para ela, por ser um lugar em que pode conhecer um pouco mais sobre a história, sobre suas dificuldades e saber sobre quem ela é. Procurou nos arquivos da faculdade, as notas e as matérias de que sua mãe gostava e não gostava. Manteve-se esperançosa, procurando pistas e ouvindo fragmentos das vivências versadas. Ela era muito pequena quando sua mãe cometeu o suicídio e, quem sabe por isso, suas lembranças estejam desfocadas. Sendo assim, procurou alguém que não se lembrava de vivências e que não tinha registros dessas vivências. Ou pode-se pensar que não se lembrar significa se proteger de possíveis situações que lhe provoquem dor? Lembra-se da *foto e do trevo de quatro folhas* que sua tia guardava em uma pasta cheia de coisas da mãe, pois a foto significa a memória concreta.

Tanto seu pai quanto sua mãe estudaram arquitetura, mas não finalizaram o curso, pois quando estavam no meio dele, a mãe engravidou dela. Sua origem interrompeu os estudos de seus pais

e que ela, agora, finaliza, no mesmo lugar em que eles se conheceram. Dessa maneira, tornou-se estudante de arquitetura tal como sua mãe. Estuda na mesma faculdade em que a mãe estudou e, diariamente, retorna ao lugar onde sua mãe esteve. Retorna para poder construir uma imagem de quem foi a mãe.

Ao morrer e, portanto, devido à sua ausência, a mãe aparentemente tornou-se mais presente em sua vida, uma vez que busca construir uma imagem daquela que poderia representar sua referência e, talvez, algumas perguntas podem ter acompanhado sua vida, tais como:

- Mãe, quem foi você?
- Quem sou eu sem minha mãe?
- Em que sou ou não semelhante à minha mãe?
- Qual foi a parte de minha mãe que ficou em mim?

No entanto, às vezes, é melhor não saber tudo e, como mencionou, seus amigos a ajudam a não *racionalizar a parte de que eu não preciso tanto saber dela para conseguir levar a minha vida.*

Além da falta de vivências e lembranças, precisou lidar com a falta do diálogo que a *incomoda muito.* Incomoda, provavelmente, porque o não compartilhar faz com que seu sofrimento seja um fardo no sentido de ter de assumi-lo sozinha. O suicídio se tornou tabu e por isso emocionou-se quando afirmou, *queria muito saber do meu pai, assim, o que isso foi para ele, ou o que isso é para ele até hoje*.

Outro aspecto importante é o fato de todos falarem pouco ou não falarem. Pode-se inferir, portanto, que não existe espaço para a dor, não existe espaço para compartilhar as dúvidas, pois falar talvez signifique trazer à tona tudo o que aconteceu com sua família ao ter de enfrentar o suicídio. É possível que tenha encontrado esse espaço de acolhimento e de compartilhamento com o namorado, com o terapeuta e com os amigos a quem considera como heterossuporte.

Seu namorado, com quem está desde o começo da crise da passagem do curso de biologia para arquitetura (2008), é biólogo e é também uma de suas referências.

A necessidade de construção da imagem de quem era sua mãe expressa sua necessidade de saber quem é. Não conhece o início de sua vida, pois tem poucas referências de quem foi sua mãe. E relaciona seus *problemas com inícios,* com o fato de ser *um pouco fechada*. A figura estar em processo de assimilar que viveu e que teve pelo menos três anos de vivências com sua mãe. Sua mãe, aparentemente, é uma ilustre desconhecida e como tem *tão pouca informação, uma ou outra já* são *uma porcentagem absurda.* Devagar, constrói a imagem que não tem ou que sua memória não permitiu registrar, pois tem ínfimas referências dela viva. Em contrapartida, acredita que, *querendo ou não, tem que ter alguma coisa dela* [mãe] *em mim.*

Quer *saber* [de] *que cor ela* [mãe] *gostava, que flores que ela gostava,* [de] *que tipo de música que ela gostava.* Talvez queira conhecer *os pertences dela* para que lhe pertençam também...

Quer ser semelhante, por desejar construir sua base, estrutura e seu berço, mas quer se descobrir ser diferente, para exercitar sua autonomia e sentir sua existência singular.

Percebe que tem muitas características parecidas com as da mãe e compreende o motivo pelo qual sua família tem tanto medo*: eles olham para mim e* [se] *lembram dela.* No entanto, observa que todos não se deram conta de que o fato de ter características e fazer coisas semelhantes a ela, em vida, não significa que repetirá o ato suicida, ou seja, o medo é de ser igual não na vida, mas, sim, no ato da morte. O medo é de repetir o suicídio e não a vida de sua mãe. Dessa maneira, salienta-se que buscar referências, não quer dizer ter de ser igual. Parece ser vítima do medo de outros de que seja igual à sua mãe. Observa-se semelhante a ela nos seguintes aspectos.

- Na aparência; ela também *não gostava de tirar foto com a orelha aparecendo.*
- O interesse por desenhos.
- Não querer tomar remédios, pois julga que seu *medo maior é ficar dependente dos remédios.* Sabe que sua mãe tomava remédios e que também não queria tomá-los.
- Em História tem notas baixas e em matérias práticas apresenta melhor desempenho. Gosta de disciplina mais práticas. – Pudera, precisou ser prática em sua vida e adquiriu a arte de ajustar-se criativamente.
- Trabalhou também todos os dias na floricultura de sua avó.
- É fechada, como sua mãe.

É perceptível que a folclórica frase "Filha de peixe, peixinho é" acompanhou sua história. Apesar de várias identificações com sua mãe, tem medo de ter esquizofrenia. No entanto, diferencia-se pela doença, pela não vontade de se matar e pela lida com o desespero. Ser parecida não significa ter o mesmo fim nem a mesma maneira de morrer. Explico. Não é igual à sua mãe porque não sofre por esquizofrenia, mas, sim, por depressão e sabe que *existem meios de diminuir e participar ativamente disso*, referindo-se a crença de que é possível balancear seu humor com esporte e alimentação.

Procura se cuidar e se responsabiliza por esse cuidado. Lidar com o desespero também é diferente e isso tem proporção desigual e sentida como injusta, na qual acha ter aprendido a contrabalançar punições, liberdade, cuidado e responsabilidade. Conta que a proporção de seus castigos era: um mês em que podia sair para três meses que ficava *de castigo; dessa maneira, em vez de seus amigos perguntarem se poderia sair*, *eles* perguntavam se estava de castigo. Somente quando começou a namorar parou de ficar de castigo, porque seu namorado é oito anos mais velho e sua avó o percebe como *um aliado dela*.

Outra diferença a ser destacada é que, apesar do medo, foi ao psiquiatra para buscar informações sobre a *probabilidade de 15% de um filho de esquizofrênico ter esquizofrenia*. Informou-se sobre a doença e se preocupa no sentido de não se aproximar das drogas por saber que o uso delas é um dos fatores de risco.

Trocou biologia por arquitetura e, embora não tenha ficado claro o significado do medo da criatividade, enfatiza-se esse aspecto para futuras reflexões, pois afirma que temia *ter que depender de alguma coisa que dependesse da minha criatividade.* Sua tia e sua madrinha são biólogas. Simbólico, uma vez que a condição de madrinha outorga a categoria de ser a segunda mãe. O significado que apresenta para a biologia é ser *um estudo da vida.* Não se via trabalhando e ganhando dinheiro com a biologia, pois já estava efetivamente trabalhando emocionalmente na lida de sua vida. O saber sobre sua história ajuda e oferece suporte para que sua vida continue: É importante eu saber, porque sabendo ou não eu vou ter que acordar todos os dias*, de manhã, eu vou ter que levantar da cama.*

Em sua sobrevivência de estar viva e de se diferenciar tentava se aproximar da mãe, procurando estudar a vida de sua mãe para saber quem era.

Fez um ano e meio de biologia mesmo pensado em fazer arquitetura e de ter resistido um pouco. Sua resistência recebe o nome de medo.

Posteriormente escolheu fazer arquitetura. Terminará esse curso, pois *voltou a ter gosto para estudar, a querer sentar e ir atrás das coisas.* Durante a entrevista percebeu que estava com a mesma idade de sua mãe quando a mesma interrompeu a faculdade. E que por estar com a mesma idade provavelmente tenha encontrado uma justificativa para o fato de *o bichinho da responsabilidade* ter mordido.

O medo tanto dos filhos de pessoas que cometeram o suicídio, quanto de seus familiares, é o da repetição do ato de se matar. Foi fascinante acompanhar a ampliação da *awareness* quando se deu conta da superação da idade de sua mãe e quando em seu semblante mostrou mais energia, ao afirmar: *Deu mais gás. Não sei se foi um processo mais inconsciente. Agora o perigo passou, sabe?* O *gás* se refere à energia que mostrou ao perceber que, apesar de ter a mesma idade que sua mãe tinha quando [a mãe] se matou, C9 foi além e não repetiu o ato de aniquilamento. Sua fisionomia denunciou quanto o mito de ser igual à sua mãe foi desconstruído; talvez tenha se libertado de um destino enfadonho de ser somente a repetição de sua mãe. Sendo assim, a fantasia de que haverá a repetição da situação pode ser contrariada, bem como os mitos da existência de uma herança, passando o suicídio de geração para geração.

Ser semelhante à sua mãe é um fato que lhe outorga somente seu lugar de filha e representa apenas uma parte e não, o todo, ou seja, apesar de ser parecida em muitas coisas **não é sua mãe**.

Ia para o curso de biologia somente para ficar próxima às pessoas, e isso dá indícios de que as pessoas eram mais importantes do que o estudo da vida. Será que a vida para ela faz sentido ao estar com pessoas? Sim.

Aquilo que acontece em psicoterapia expressa a maneira de se relacionar com outros – *Eu prefiro conversar a* só ficar falando e não ter reação nenhuma da pessoa que está comigo. Foi sábia, pois contou com a ajuda e companheirismo de outros em sua vida. Procurou um terapeuta homem, pois sempre conversou *melhor com homem do que com mulher.*

Aos poucos, percebeu a importância da psicoterapia e, *na transição de biologia para arquitetura,* buscou uma terapia na qual o terapeuta conversa com ela, e aí já é alguma coisa. Iniciou psicoterapia em 2006, muito a contragosto e por chantagem da família, pois ouvia: *você não vai viajar, se você não for à terapia.* Embora considere que o tempo que ficou em análise – seis meses e depois 1 ano e meio com a mesma analista – tenha sido *muito bom para amenizar a relação que tinha com a avó*, comenta que ficava irritada com o tipo de análise lacaniana na qual sentia que a analista não falava com ela direito e que *não fazia esforço*. Atualmente, valida a terapia, pois acredita que tem *pelo menos esta válvula de escape.*

É uma menina-moça valente...

Mulher que encanta por ser profunda no que fala. Encanta por ser verdadeira e para quem viveu tão sem memória, compartilhou verdadeiramente o que vive e sente.

DISCUSSÃO

Jornada difícil, mas profícua, este estudo – que teve como objetivo a compreensão do processo de luto do filho da pessoa que cometeu o suicídio – representou uma inspiração para minha vida, pois provocou inúmeras transformações na maneira como lido com meus próprios fragmentos e como percebo o fenômeno do suicídio.

Ouvi vários comentários, ao longo desse período, sobre o tema escolhido: ***O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio***. Desde: "É preciso ter sangue-frio para se trabalhar com esse tema", até "É preciso ter coragem para se aproximar desse tema". Minha resposta para todos os comentários é que não tenho sangue-frio, tampouco me sinto corajosa por me aproximar do tema. Não se trata de coragem ou de covardia, mas, sim, da crença de que meu sangue é muito quente, pois nele corre compaixão e amor. Sou generosa para com o ser humano e desenvolvi muita compaixão pelos meus colaboradores, pois o sofrimento deles reflete, em parte, meu sofrimento.

Inspirada no lindo minicurso sobre as contribuições de Ferenczi, na VIII Jornada Paulista de Gestalt-terapia[6], Sérgio Zlotnic ofereceu a possibilidade para que pudesse compreender um dos possíveis sentidos ao se vivenciar um sofrimento intenso – quando fez a seguinte pergunta:

"– O que é preciso fazer para que o mamão amadureça?"

"– É preciso <u>*riscar*</u> o mamão para que ele amadureça" (*grifo meu*).

Ao ouvir sua resposta, senti que tive uma das maiores ampliações de *awareness* em toda minha vida, pois um dos sentidos que talvez se possa encontrar ao enfrentar o sofrimento seja o amadurecimento.

Semanas depois, uma pessoa, a quem admiro muito, disse: "*Quero ter uma conversa seriíssima com seus pais para saber de que material você foi feita*", elogiando "*minha disponibilidade e capacidade de trabalho*". Eis minha resposta para ela.

Fui feita de carne e osso. Fui feita de amor e de muita dor. Fui feita dos inúmeros ***riscos*** em minha existência. Fui feita de presença ausente e de ausência presente e, sobretudo, fui feita ***na*** e ***da*** vida para dar significado à minha existência, pois sei que, ao deixá-la, minha missão estará cumprida.

Da mesma maneira é que percebo minha trajetória nesta pesquisa, pois ela também foi feita com muito amor e dor. A caminhada durante estes quatro anos de doutorado foi proveitosa, profunda, sobretudo porque facilitou meu amadurecimento como pessoa, pesquisadora e professora. Percebi os riscos que habitavam em mim, patenteados em minha escrita, quando, por inúmeras vezes, recebi a orientação de Maria Júlia que deveria colocar menos

[6] 21 e 22 de agosto de 2012, no Instituto Sedes Sapientiae.

as palavras dos autores, deixar o texto menos picotado e experimentar mais minha autoria. Sendo assim, meu texto picotado ou com várias citações de inúmeros autores serviu de alerta de que não estava bem em certos momentos desse caminho. Nesse aprofundamento sobre o processo de luto do filho da pessoa suicida, descobri meu próprio luto, pois deparei com a inusitada constatação de que, para evitar maiores sofrimentos, deixei que partes de minha mãe e de meu pai morressem dentro de mim. Dessa constatação, fui convocada a revisitar minha relação com eles e a torná-las novamente vivas em mim. Atualmente, sinto-me feliz e honrada por ter conquistado uma nova configuração das relações tanto com minha mãe quanto com meu pai.

Sobre meus colaboradores

> As consequências do suicídio farão parte de mim para o resto de minha vida, e está *okay*. Eu tenho assimilado em minhas características e na minha história. […], um suicídio parental que é como uma pedra atirada em um lago – há uma um efeito de ondulação que atinge todas as fronteiras do mundo que nos rodeia (FOX e ROLDAN, 2009, p. 266, tradução nossa).

Além de aprender sobre mim, aprendi com meus colaboradores as maneiras peculiares de sobreviverem ao suicídio de seus pais e tive o privilégio de ser acolhida carinhosa e cuidadosamente por cada uma dessas nove pessoas. Todos, sem exceção, foram solícitos e ofereceram seu apoio para que esta pesquisa fosse finalizada. É importante salientar que, ao iniciá-la, ainda na preparação do projeto, tive a fantasia de que seria muito difícil conseguir colaboradores e encontrar pessoas que pudessem colaborar. Mas, ao contrário que pensei, recebi a colaboração imediata dos entrevistados. Por se tratar de um tema difícil, acreditei que a recusa da participação na pesquisa seria elevada. No entanto, 15 pessoas se disponibilizaram para a pesquisa e, de acordo com os critérios de exclusão, entrei em contato com nove indivíduos, que compartilharam sua dor e que puderam expor como continuaram a vida deles, apesar do suicídio de seu pai ou de sua mãe, reconciliando passado e presente e reconstruindo (alguns, construindo) seu futuro.

A maioria dos colaboradores afirmou que a motivação para participar da pesquisa foi motivada pela expectativa de poder ajudar pessoas que tenham vivido experiência semelhante. Além disso, os entrevistados pareceram agradecidos pela oportunidade de dividir suas vivências. As entrevistas tiveram, no geral, a duração de duas a três horas e foram permeadas de vívidas experiências, plenas de significados e sentidos.

Os colaboradores relevaram, unanimemente, que a experiência da morte por suicídio traz marcas, sendo que algumas das vivências descritas apontaram para padrões disfuncionais preexistentes no contexto familiar e quadros psiquiátricos, tais como, transtorno bipolar e depressão.

Assim como a pesquisa de Cândido (2011, p. 137), "[...] a morte por suicídio é quase sempre sentida como inesperada e imprevisível. Apesar da existência de toda uma gama de sinais potencialmente preditivos do risco". O suicídio da mãe ou do pai foi cravada na pele penetrou nas entranhas de cada existência. Segue a descrição dos nove colaboradores.

Tabela 4 - Resumo dos dados dos colaboradores (Gênero, pessoa que cometeu o suicídio, idade quando o suicídio aconteceu e profissão atual)

	Gênero dos entrevistados	**Pai**	**Mãe**	**Idade quando o suicídio aconteceu**	**Profissão**
C1	Masculino	X		17 anos	Psicólogo
C2	Feminino		X	9 anos	Estudante de psicologia
C3	Feminino	X		24 anos	Administradora hospitalar
C4	Masculino	X		14 anos	Técnico em gestão e estudante de pedagogia
C5	Feminino		X	15 anos	Estudante de psicologia
C6	Feminino		X	7 anos	Psicóloga
C7	Masculino		X	12/13 anos	Estudante de psicologia
C8	Feminino	X		15 dias	Empresária
C9	Feminino		X	3 anos	Estudante de arquitetura
Total	03 masculinos 06 femininos	04 pais	05 mães		

Tabela 5 - Resumo quantitativo do método do suicídio e gênero parental.

Método do suicídio	*Número de pessoas que utilizaram este método*	*Gênero parental*
Choque elétrico	01	homem
Corte na jugular	01	mulher
Enforcamentos	03	homens
Arma de fogo	01	homem
Jogou-se do edifício	02	mulheres
Ingestão de medicamentos	01	mulher

Envolvimento entre a pesquisadora e entrevistados: a maneira como o primeiro contato foi realizado

Três (3) entrevistados foram meus alunos do curso de Psicologia e aceitaram o convite prontamente, ao saber sobre o tema da pesquisa; quatro (4) deles foram apresentados por alunos e ex-alunos que divulgaram meu convite para sua rede de conhecimento; duas (2) pessoas foram apresentadas por professoras colegas do ensino superior.

Morte violenta e impactante, o suicídio traz consequências diversas para o sobrevivente e, uma delas, é o choque que inaugura um mundo de incertezas, que, às vezes, torna-se pior do que a certeza da morte. ***Quem mata quem quando alguém a quem se ama comete o suicídio?***

A morte do pai ou da mãe torna-se persistente ausência na vida do filho e provoca um hiato, no qual a morte exige que o grupo familiar busque compreensão de como lidar com os acontecimentos e como seguir em frente. O caos pode se instalar após o suicídio e cada membro da família vivenciará o luto diferentemente.

Foram agrupados 14 unidades de sentido desveladas como os principais temas das análises dos nove depoimentos dos filhos da pessoa que cometeu suicídio. São eles.

1) *A ausência presente e a presença ausente*

2) *A morte interdita e o empecilho do estigma do suicídio*

3) *O enfrentamento da morte violenta e escancarada – entre a tensão e o relaxamento*

4) *Culpa e autoacusações*

5) *Não é o fato que traumatiza, mas o processo como um todo: o estresse antes e depois do suicídio*

6) *O ilustre desconhecido: quem foi você, mãe/pai? Existe uma parte sua em mim ou uma parte minha em você?*

7) *Se meu pai/mãe se matou, eu também me matarei? Medos e transmissão psíquica transgeracional*

8) *A intensidade dos sentimentos e o estranho alívio*

9) *As lembranças vividas, as histórias contadas e as vivências emprestadas*

10) *Poderia ser totalmente diferente: as especulações sobre a vida que não vivi*

11) *Os sobreviventes que se unem e o interesse pela história de sobreviventes*

12) *Manejos do processo de luto: ajudar outros, estudar, isolar-se, fazer psicoterapia, ser evangélica e escolher a profissão: psicólogo(a), historiador e arquiteta*

13) *O calar quando o falar seria importante*

14) *Algo mudou depois do suicídio: as transformações na vida*

A seguir, serão apresentados os temas, apontados os colaboradores que contribuíam com o tema e uma reflexão acerca do tópico em questão. São eles.

1) *A ausência presente e a presença ausente (C1, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9)*

> "Até hoje não sei por que minha mãe cortou a teia da própria vida"
> (FERREIRA, 2010, p. 44).

Afinal, o suicídio do genitor foi um ato de covardia, doença ou escolha? Seria o suicídio justificado por uma doença psiquiátrica mais fácil de aceitar? O genitor estava doente ou desesperado quando se matou? Estava em um *spa* ou em um sanatório? Queria a mãe de uma das colaboradoras, por meio de sua morte, ferir o pai? Estaria o genitor desgostoso e sem propósito na vida, como os pais de C2, C3, C4, C8? Queria o pai de C8 fugir dos olhares críticos de sua família?

Jamison (2010, p. 127) questiona: "O quê, para o suicida, determina o método da morte? Ele é pragmático? Simbólico? Ou imitativo? E escolhido por sua disponibilidade, sua falta de dor, ou significa também um reflexo final de estilo ou desespero?". Existiriam razões suficientemente explicáveis para que um filho pudesse compreender que seu genitor escolheu uma forma e não

de outra para se matar? Por que a mãe de C7 se enforcou com o mesmo fio de ferro que bateu nele? Ou, por que o pai de C1 escolheu se matar com choque elétrico em um momento em que ele cursava elétrica?

C1 acredita que o *modus operandi* do suicídio de seu pai foi uma mensagem. Já no bolso da calça da mãe de C2 havia um bilhete: uma confirmação de suicídio. Pela afirmação de Alvarez (1999, p. 261). "Ninguém é promíscuo com relação à sua maneira de morrer. Uma pessoa que decidiu se enforcar jamais pulará na frente de um trem". Daí pode-se inferir que a dúvida não aparece porque não há uma evidência que comprove a escolha; a dúvida aparecerá sempre. Em contrapartida, na ausência das evidências, a pessoa que se mata pode receber o privilégio da dúvida.

Como alguém, diante do suicídio, pode se reconciliar na desorganização das vivências, dos fragmentos de ideias, sentimentos confusos e pensamentos soltos? Como o filho pode articular uma narração linear? O não saber dá margem para várias elucubrações, como alguns dos entrevistados apontaram e assim, as *Gestalten* inacabadas se abrem.

- Por que ela (pessoa que cometeu o suicídio) fez isso?
- Por que meu pai/ minha mãe escolheu deixar o meu, o seu, o nosso mundo?
- Como ela (pessoa que cometeu o suicídio) foi capaz de fazer isso comigo?
- Qual foi a autorização que dei (sobrevivente) para que você (pai/mãe) provocasse um sentimento de insegurança?
- Por que você (pai/mãe) me abandonou?
- Por que você não pensou em mim?
- Por que não foi cuidadoso comigo?
- Qual foi o direito que lhe dei para que me desse a vida e me deixasse desamparado neste mundo?
- Por que isso aconteceu comigo (sobrevivente)?
- Por que não evitei (sobrevivente) que isso acontecesse?
- O que fiz (enlutado) para merecer isso?
- Para quem acontecem os suicídios?
- Para quem contar sobre o suicídio?

Apesar de as perguntas permanecerem, coube a cada sobrevivente delinear a maneira própria para lidar com a falta de respostas...

O suicídio pode retratar o desespero humano e, por isso, há de se refletir que o ato de se matar provoca uma chaga no sobrevivente, pois se trata de uma interrupção que demandará

tempo para ser elaborada. Ferida profunda, machucado a ser limpo, cuidado e generosamente acompanhado por quem deseja compartilhar sua cicatrização.

Enquanto aquele que cometeu o suicídio acreditava que a morte solucionaria seus problemas, a *Gestalt* se formou no sobrevivente. Os depoimentos auxiliam na compreensão de que, após a morte do genitor, iniciou-se, nos enlutados, um intenso mundo de incertezas e de busca de um sentido para o suicídio. Nessa direção, percebeu-se que o processo de luto dos colaboradores foi orientado para a busca de respostas e/ou de alguma explicação que amenizasse o sofrimento, a impotência e a confusão.

Identificou-se que o luto por suicídio apresenta especificidades e, portanto, difere do luto provocado por outras causas de morte, pois o suicídio assume o *status* de ser ato que manifesta a violência em meio a toda situação caótica que escancara o sofrimento, a angústia, a falta e o desespero existencial. Como *The QPR Institute* (2008) aponta na capacitação de profissionais[7], o problema não **é** o suicídio, mas **é** o que supostamente resolveria os problemas para quem se matou. As pessoas geralmente não compreendem e não sabem lidar com o suicídio, e, muitas vezes, são os enlutados que consolam os que deveriam consolar (família, amigos etc.). Grande parte por causa do estigma e do impacto da morte, o suicídio de uma pessoa amada pode ser um choque tanto para o sobrevivente quanto para as pessoas que desejam amparar o enlutado e, comumente, não sabe o que e como fazê-lo. O vídeo **Journey through the shadows** (2010, tradução nossa) sugere alguns cuidados para o sobrevivente.

1) Contar sua história.

2) Expressar suas emoções.

3) Criar sentido apesar do trauma.

4) Transitar da necessidade da presença física da pessoa para o estágio de ter lembranças com o amado que se matou.

Nesse vídeo, é salientado que o ato de se matar diz respeito a uma decisão e ao sofrimento da pessoa que cometeu o suicídio e não ao sobrevivente. Assim, cabe dizer que o homem que perdeu sua fé talvez tenha percebido o suicídio como uma alternativa e um caminho possível para não continuar sofrendo e é exatamente por esse motivo que o suicídio deve ser considerado como uma decisão pessoal. Embora, em alguns casos, o suicídio possa parecer uma maneira de punir aquele que fica, há de se considerar que a pessoa não se matou por causa de ninguém, mas, sim, por causa de seu sofrimento e do próprio alívio.

Martins e Leão (2010, p. 124) apontam outro caminho para lidar com a falta de senso quando "[...] a família tenta explicar o ato suicida como decorrente de algum problema (psicopatológico,

[7] QPR Suicide Prevention Gatekeeper Program

social etc.) que justifique seu ato" – os autores observam que o comportamento suicida provoca a falta de orientação, decorrente dos sentimentos de fracasso, impotência e culpa vividos pelo grupo no qual o sujeito está inserido.

> Uma explicação completa para qualquer acontecimento psicológico só seria possível se soubéssemos tudo o que o precedeu, o que nem sempre é possível. Nunca seremos capazes de entender em sua totalidade qualquer aspecto do comportamento humano, assim como não podemos esperar identificar os aspectos mais importantes da conduta resultante em todos os casos de luto (PARKES, 1998, p. 145).

Como discutido anteriormente, o suicídio é multifatorial; não há um único motivo que se possa indicar. Sendo assim, apresentar uma explicação e uma causa associada a um aspecto apenas pode ser um jeito que o enlutado encontra para não sentir a situação tão aberta e inacabada.

A lida do enlutamento por suicídio envolve momentos de instabilidade, pois, ora o sobrevivente acredita que poderia salvar a pessoa, ora sente a impotência de não ter antecipado a morte e, portanto, não ter conseguido evitar o mal maior: a morte de seu ente querido.

2) ***A morte interdita e o empecilho do estigma do suicídio (C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9)***

> "A verdade – o fundo restante das coisas – arde, fere, abre feridas"
> (FERREIRA, 2010, p. 51).

O suicídio parece ofender a concepção do que é normal e esperado pela sociedade e destoa das representações sociais preconizadas pelo mundo e pelos homens. Os colaboradores apontaram que o estigma foi, provavelmente, um dos maiores empecilhos encontrados na lida do suicídio de seu genitor. Lembram-se dos cochichos, olhares de outros e, sobretudo, do silêncio acerca do assunto. O suicídio não é uma situação normal e, quando se aborda a normalidade ou anormalidade do ato de se matar, não se pretende emitir julgamentos a respeito do suicídio, mas, sim, abarcar as concepções dos filhos que pareceram não desejar ocupar o lugar de serem *filhos diferentes* por serem órfãos de pais que se mataram. Alguns depoimentos evidenciam que ora normatizavam, dizendo que o que acontecera acontecia em todas as famílias (C2), ora se julgavam diferentes, a ponto de se preocuparem com a arrogância por conhecerem o sofrimento e sua capacidade de superação (C4, C5, C6).

O fato é que, para lidar com os estigmas e com as dificuldades advindas de se ter um pai/mãe que se matou, talvez o isolamento seja necessário – um ajustamento criativo ou uma expiação da culpa ou um jeito de se proteger daquilo que é ameaçador: o olhar do outro. O modo como se concebe o suicídio também colabora para a elaboração do luto. Pôde-se considerar, portanto, as diferentes maneiras de se ver o suicídio: suicídio para se livrar do sofrimento, suicídio como solução para não sentir mais desespero, ou um ato para

ferir o ex-cônjuge – essas são as diversas dúvidas que, quando não respondidas, parecem potencializar o estigma.

A pessoa que compartilha suas ideações suicidas pode estar expressando seu pedido de socorro. No capítulo 1, mencionei o fato de minha mãe deixar a chave para que pudéssemos abrir a porta, quando em suas tentativas de suicídio. Adiante, ofereci a indagação:

– Por que minha mãe sempre deixava uma chave para que pudesse socorrê-la? E a resposta que encontrei, depois de alguns anos, foi:

– Para que a porta fosse aberta (FUKUMITSU, 2005, p. 83).

Para Maria Helena Franco, por ocasião do exame de qualificação, afirmou que a chave na porta poderia significar um pedido: "Preciso que você cuide de mim para eu proteger você de mim mesma".

Parkes (1998, p. 213) assinala a importância de falar sobre o suicídio, quando um cliente compartilha seu desejo de morrer, afirmando: "Com frequência as pessoas têm medo de falar em suicídio como se, ao fazê-lo, pudessem provocá-lo. No entanto, uma simples pergunta como 'Tem sido tão difícil que você chegou a pensar em se matar?' pode ajudar a salvar uma vida".

Assim, com os sobreviventes do suicídio, percebeu-se a dificuldade no falar, e o grande problema a ser destacado é que o suicídio se tornou um tema proibido. Por que é tão difícil falar sobre o suicídio? – este tema sugeriu a ideia de que o estigma pode provocar o calar. Percebeu-se que os sobreviventes expressaram diversas situações nas quais a família se recusava a discutir sobre a morte e sobre o suicídio e que o tabu parece ter contaminado a todos a ponto de não falarem sobre o impacto do suicídio na vida deles nem quando existia muita proximidade entre os familiares. Fox e Roldan (2009, p. 138, tradução nossa) apresentaram algumas das más experiências dos filhos de pessoas que cometeram o suicídio.

- Sentiram-se evitados pelos amigos, conhecidos e familiares.
- Perceberam a mudança de assunto ou quando subitamente as pessoas saíam da conversa quando o sobrevivente trazia o assunto do suicídio.
- Sentiam que o suicídio era ignorado, como se nada tivesse acontecido ou quando as pessoas assumiam que o sobrevivente não desejava falar sobre o assunto.
- Nunca mencionavam o nome do pai ou da mãe que se matou, como se não existisse.
- Sentiram-se percebidos com torpor quando nada era falado por ninguém.
- Sentiam que a pessoa dava a entender que não queria estar lá para ouvir o sobrevivente.

O estigma e a visão negativa a respeito do suicídio reverberam nas concepções e na comunicação dos sobreviventes? Se a resposta for positiva, há de se indagar: Quem julga quem? Por que é preferível dizer que o pai ou a mãe morreram por acidente a dizer que os pais se mataram?

> Famílias com padrão de enfrentamento satisfatório são aquelas capazes de encorajar seus membros a falar sobre sua tristeza e seu pesar, respeitando as diferenças no estilo individual de luto de cada integrante.
> Em contraste, hoje sabemos que é comum que as famílias com padrões disfuncionais de interação sufoquem a expressão individual do luto ou alienem um ou vários de seus membros da livre comunicação com o resto do grupo (CÂNDIDO, 2011, p. 110).

A maioria dos entrevistados mencionou o tabu do suicídio. C3, C4, C5, C6, C7 e C9 ouviram que o suicídio não era assunto para ser falado; outros sentiram que o próprio contexto familiar não permitia que o tema fosse compartilhado. Por esse motivo, compreende-se o suicídio como a morte interdita, pois, como afirma Marqueti (2011, p. 181), "[...] mesmo que a cena suicida não tenha sido visualmente pública, foi conhecida por todos, vindo a tornar-se pública. Neste caso, novamente, a privacidade é rompida".

Do mesmo modo que a morte deve ser tratada como tal – um fim que estrutura e choca –, urge tratar o suicídio como suicídio, não como tabu e estigma, mas, sim, como uma morte que causa impacto em todos que a vivenciam. E por isso é necessário que o sobrevivente possa escutar das pessoas que desejam acolhê-lo: "Eu quero ouvi-lo quando quiser ser ouvido".

É preciso escutar a dor, o silêncio que provoca um atordoante barulho interno. Caso contrário, se o suicídio for tratado como tabu, os sobreviventes podem – além de sofrer sozinhos – acreditar que são os responsáveis pela morte e que não devem sentir o que sentem? A partir da desconfirmação, a consequência é o isolamento e a alienação de um dos manejos possíveis para o processo de luto: a busca do sentido, utilizando a condição humana como a maior rede de apoio, ou seja, o apoio externo.

Fox e Roldan (2009, p. 6) apontam que a frase da filha de uma pessoa que se matou – "E permaneci com raiva e ressentida por um longo tempo no silêncio de meu mundo" – parece indicar que, na lida com a morte escancarada, faz-se necessária a disponibilidade para que se compartilhe os momentos de silêncio e de barulhos existenciais.

Ao dar um curso sobre processo de luto por suicídio (2012), a mãe cujo filho de 15 anos cometera suicídio compartilhou que sua manicure fez o infeliz comentário sobre a morte de seu filho: "E você não tinha percebido que ele já estava mal antes?". Depois que ouvi essa pessoa compartilhar sua experiência com sua manicure, compreendi o motivo pelo qual o sobrevivente prefira se calar: para não sentir vergonha, embaraço ou culpa e, principalmente, para não enfrentar o julgamento dos outros – talvez a parte mais cruel da história. O suicídio e a morte de quem se ama provoca um vazio enorme que se presentifica na saudade, na falta e no nunca mais. É preciso assegurar espaço para o aprofundamento nas questões do luto do filho indivíduo suicida e, além disso, perceber a urgência e a emergência da abertura de espaços para o falar, o compartilhar como função organizadora do caos. A comunicação e o falar devem acontecer, a fim de que a dor possa ser minimamente acolhida pelo barulho de fora e o silêncio não machuque tanto a existência de quem ficou.

3) *O enfrentamento da morte violenta e escancarada – entre a tensão e o relaxamento (C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9)*

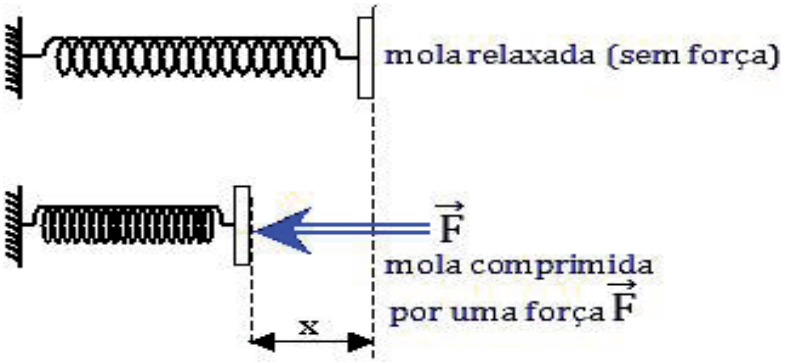

Figura 5 - Ilustração que representa a tensão e relaxamento no enfrentamento da morte por suicídio.

Qual seria a melhor idade para se elaborar o suicídio?

Ainda em entrevista de seleção para o doutorado, uma das professoras questionou, se no projeto, o critério de idade dos filhos seria utilizado, e a resposta foi negativa. Em contrapartida, em diversos momentos deste estudo, perceberam-se diferenças no que se refere ao enlutamento do filho que era criança, adolescente ou adulto, quando seu genitor se matou.

Embora algumas das crianças desta pesquisa tenham sido absolvidas da culpa (C2, C6), há de se considerar que, se um adulto demora a entender o suicídio de sua mãe, o que diria uma criança ou um adolescente? As crianças acreditaram que foram responsáveis pela morte do pai/ sua mãe, principalmente porque não compreendiam a morte como um fato irreversível e se encontravam em um momento egocêntrico, no qual acreditam que se odiavam ou sentiam raiva ou quando desejavam que seus pais sumissem, ou porque foram crianças levadas, como C7 foi denominado, sofreu a acusação de que provocou a morte de sua mãe. Contudo, deve-se lembrar de que "Existe somente uma pessoa responsável e essa pessoa é o pai ou a mãe que se matou" (FOX e ROLDAN, 2009, p. 70*,* tradução nossa).

Referindo-se aos adultos enlutados pela morte de um dos pais, Parkes (1998, p. 150) afirma que "[...] a perda lhes deu a oportunidade de descobrir que não eram tão fracos e desamparados como temiam, e muitos deles, por fim, se deram bem".

Por esse motivo, independentemente da idade em que o filho se encontrava quando do suicídio de seu pai/mãe, tudo parece ser muito difícil antes e depois do suicídio: compreender, suportar, perguntar, contar e cuidar.

O suicídio é um fenômeno multifatorial e envolve uma gama diversificada, individual e coletiva, pois, no luto, são evocadas lembranças e fantasias que provocam, no sobrevivente, comportamentos de afastamento ou aproximação. A maneira como cada um vivencia seu luto

depende de sua capacidade singular de enfrentamento, predisposições pessoais e da natureza da situação (PARKES, 1998).

A linda metáfora de C4 – ***entre a tensão e o relaxamento*** – versa os paradoxos vivenciados nas histórias de enfrentamento e superação dos filhos de pais que cometeram suicídio.

Figura 6 - Foto compartilhada pelo facebook por Kátia Eiko Fukumitsu Pizzoti em 2 de agosto de 2012 para representar que os filhos pareceram revelar sua capacidade de autorregulação não obstante a morte trágica.

Ainda nas palavras de Parkes (1998, p. 59) "[...] somos o único animal que se preocupa e agoniza" e, por esse motivo, sabemos nos defender e nos proteger e, apesar das adversidades, transcendemos. A figura acima mostra que a árvore cresce apesar do buraco no muro e, mesmo que de um jeito torto e lidando com seu caminho atípico, apresenta-se robusta e frondosa. É de modo semelhante que os filhos são percebidos nesta pesquisa: malabaristas e verdadeiros artistas que buscam seu equilíbrio sem eixo, transcendendo do caos. Em seu enfrentamento, parecem ir além, pois experimentam o sabor amargo da própria vulnerabilidade.

Franco (2002, p. 27) propõe que o processo de luto seja considerado como reconciliação: "Não significa passar pelo luto, significa crescer por meio dele. Reconciliação é mais expressiva daquilo que ocorre, à medida que o enlutado integra essa nova realidade de se mover ao longo da vida sem a presença física da pessoa que morreu" – os filhos parecem necessitar da reconciliação de seus fragmentos entre o dia em que o suicídio aconteceu e os dias subsequentes.

Os entrevistados resgataram, por meio de seus ajustamentos criativos, as possibilidades de se organizar, representar e reordenar seus afetos e sua energia. A prematuridade da morte de seu pai/mãe parece ter provocado a sensação de se sentirem sem chão e, por isso, uma necessidade abrupta emergiu. A prematuridade da morte do pai/mãe pôde ser compreendida como um dos gatilhos para que o filho tenha se tornado responsável também prematuramente, pois forçosamente precisou assumir tarefas como cozinhar, cuidar de seus irmãos, arrumar e

limpar a casa, acompanhar os estudos dos irmãos etc. Por vezes, os entrevistados disseram que assumiram os papéis da pessoa que se matou e é o que Parkes (1998, p. 126) aponta como as quatro consequências possíveis da família enlutada:

> 1. os papéis e funções realizados previamente pelo membro perdido podem ficar sem ser realizados;
> 2. um substituto para o membro perdido pode ser obtido fora do sistema familiar;
> 3. os papéis do membro perdido podem ser assumidos por outros membros da família; e
> 4. o sistema social pode ir à falência.

Os sobreviventes revelaram a arte de seus ajustamentos criativos e, assim sendo, o foco não é olhar para aquilo que fizeram com a pessoa, mas, sim, olhar para o que o indivíduo faz com aquilo que o outro fez dele, pois, apesar do sofrimento causado pelo suicídio, muitos dos entrevistados relataram que transformaram sua dor em lição para o próprio amadurecimento. E, se amadurecer significa "assumir responsabilidade pela própria vida, de ser por si só" (PERLS, 1977, p. 67), aprenderam a habilidade de responder a uma das mais dolorosas facticidades – a morte de seu pai ou de sua mãe. Fizeram-se e se tornaram responsáveis, provedores e cuidadores; desenvolveram fortes valores a respeito do valor da família e acreditam que seus amigos foram suas referências, assim como C9. Tanto C1 quanto C5 e C6 perceberam que não são mais os salvadores e que não desejam mais assumir a responsabilidade pelas disfuncionalidades da existência de seus parceiros.

A frase "Em outras palavras, o argumento final contra o suicídio é a própria vida" (ALVAREZ, 1999, p. 135) provoca a seguinte reflexão: os filhos entrevistados parecem responder aos acontecimentos de sua vida, utilizando a apoderação da vida deles.

4) *Culpa e autoacusações (C1, C2, C3, C5, C6, C7)*

> "É difícil para qualquer adulto, bem como para uma criança, compreender que, às vezes, a vida de uma pessoa sai do controle, e pode não haver nada que se possa fazer para se prevenir uma tragédia" (FOX e ROLDAN, 2009, p. 103, tradução nossa).

Seria possível salvar quem não poderia ser salvo? Os colaboradores revelaram o mágico pensamento onipotente de salvar quem não podia ser salvo. A impossibilidade não diz respeito à incapacidade de se ajudar, mas à impossibilidade de ser o salvador de qualquer pessoa, como C1 e C5, que mencionaram várias vezes que perceberam que não assumem mais a responsabilidade pelos problemas de seus parceiros. A culpa e as autoacusações apareceram na maioria dos depoimentos, pois se acredita que o suicídio desafie a potência tanto da família quanto do profissional que trabalha com pessoas que cometeram o suicídio e, segundo Barrero (2006, p. 177), "De fato, a causa de morte que provoca maior culpabilidade, hostilidade e estigmatização é o suicídio". Culpa e autoacusações foram temas desvelados no processo de luto do filho de uma pessoa que se matou.

Todas as vezes em que se é falado: *Se, se, se...,* ou, no discurso, o verbo aparecer no futuro do pretérito, e.g., *deveria, poderia, faria*, a culpa e a autoacusação são denunciadas.

Na disciplina *Violência, cidade e desenvolvimento humano: sujeito, política e psicanálise*[8], Paulo Endo menciona: "O trabalho de luto não deixa de ser uma condição prévia da ética dos seres humanos. Ou é luto ou é melancolia". Nesse sentido, a ética do processo de luto parece necessitar que se considerem as ambivalências em relação à pessoa que se matou, nas quais, talvez, o sobrevivente possa se responsabilizar em parte pela morte por suicídio, mas, como dito anteriormente, não é o único responsável pelo fato de a pessoa querer se matar.

> Mesmo que se apague, não se pode dizer que uma tocha não teve sentido no seu esplendor, enquanto iluminou; em compensação, o que não tem sentido nenhum é tomar uma tocha apagada e desatar a correr com ela, mesmo que a corrida nunca acabe. (FRANKL, 2003, p 113).

Com o suicídio de um ente querido, uma parte do sobrevivente pode morrer. O sobrevivente pode ter recebido uma inspiração, mas o suicídio tem a ver com a pessoa que o comete e representa apenas uma parte da história do sobrevivente, ou seja, os enlutados não são a morte, mas são aqueles que sofrem pela morte de seu pai/mãe.

Para o existencialismo, culpa e angústia determinam ontologicamente o homem como ser-no-mundo, pois culpabilidade existencial significa um ficar-a-dever. Sendo assim, o fenômeno que significa a impossibilidade de se viverem todas as situações origina-se da angústia e acontece pela liberdade existencial não exercitada em sua possibilidade plena, a "culpa assinala a falta e o que deveria ter sido feito e não foi concretizado. É a dívida expressa daquilo que não se escolheu. E trata do "aprisionamento do existente aos acontecimentos passados" (FEIJOO, 2000, p. 122). E ficar a dever estaria relacionado a não ter conseguido salvar?

Desse modo, a culpa é associada ao repassar as lembranças de acontecimentos que levaram à situação, no caso, ao suicídio. E, ao repassar as lembranças, o sobrevivente depara, possivelmente com a ideia de que, se a pessoa que cometeu o suicídio "[...] pudesse ser encontrada, a perda poderia ser evitada ou desfeita" (PARKES, 1998, p. 106). Mas seria realmente possível "salvar" qualquer pessoa? Acredita-se que não, pois se destaca o caso de C1, lembrando que, mesmo se sentindo com essa incumbência, C1 parece estar em processo de se salvar para ocupar um lugar no mundo, bem como parece tornar-se *aware* de sua condição de não ser mais o responsável pela vida, doença e pelas escolhas de outrem, percebendo-se responsável por sua existência.

Outro aspecto a ser considerado é a necessidade de compreender a ausência abrupta e violenta. No entanto, os sentimentos ambíguos e confusos que o enlutado experiencia ao deparar com o suicídio podem gerar dificuldades de compreensão e elaboração e, consequentemente, podem direcionar o sobrevivente ao caminho da culpabilidade.

Culpa e autoacusações também podem ser consideradas como respostas aos atos de violência, pois questões sem a devida compreensão dificultam a simbolização do indivíduo, e a busca

[8] Aula do dia 22 de outubro de 2010.

por novos significados para os impactos violentos da morte por suicídio se instalam. Sendo assim, se somos limitados por não conseguir viver todas as possibilidades, a impossibilidade de se retirar a culpa também é compreensível. A culpa é uma criação para que a pessoa tente se reorganizar na situação desconfortável, ambivalente e aberta, ou seja, se a situação não faz sentido, é a culpa uma explicação cuja energia é direcionada para o próprio indivíduo.

Perls (1979, p. 215) define a culpa como "um fenômeno social", e o ressentimento como organísmico. Se, assim, a culpa e o ressentimento forem compreendidos, a culpa remete a um sentimento externo, enquanto o ressentimento, um sentimento interno – quiçá o mais difícil de enfrentar – torna-se presente e corrosivo, impondo ao enlutado que:

- deveria ser diferente;
- poderia ter sido feito algo que não fez;
- seria possível reverter a tragédia;
- o curso dos acontecimentos poderia ser modificado.

Os entrevistados apresentaram jeitos diferentes na lida com a culpa e com as autoacusações, tais como: utilizar a culpa como controle, como uma maneira de se sentirem paralisados ou depositando a responsabilidade da morte em quem ficou.

5) Não é o fato que traumatiza, mas o processo como um todo: o estresse antes e depois do suicídio (C1, C3, C4, C5, C6, C7)

Talvez, pior que o suicídio seja sentir o abandono antes do ato do pai/ mãe se matar. O suicídio comunica a disfuncionalidade da formação de vínculos familiares. Dessa forma, não é porque a pessoa morreu que o problema se iniciou, mas, sim, em muitos casos, já havia o problema. Há de se destacar que duas pessoas identificaram que não se surpreenderam com a notícia da morte (C1 e C5), o que pode ser compreendido pela constante ameaça que vivenciaram pelas inúmeras tentativas de suicídio anteriores e pelo estresse provocado tanto pela doença quanto pela disfuncionalidade na dinâmica familiar.

Perls; Hefferline e Goodman (1997, p. 46) alertam: "Não tem sentido, por conseguinte, tentar lidar com qualquer comportamento psicológico fora de seu contexto sociocultural, biológico e físico". Ressalta-se, portanto, a reflexão sobre o solipsismo de se pensar que somente o suicídio é o que provoca estresse no sobrevivente. Percebeu-se que não é só o ato suicida que traumatiza, mas, sim, o processo como um todo, pois muitos dos depoentes compartilharam que já viviam em constante estresse, em decorrência dos conflitos familiares, das doenças psiquiátricas, das tentativas prévias e do estado instável do pai/ mãe, anteriormente ao ato.

Elucubrações sobre as razões da morte autoinfligida tornam-se figuras, minimizando o foco no enlutado e no modo como vivenciam a morte por suicídio.

> Quando a morte se deu por suicídio, fatores como estigma social, medo, culpa e autoacusação podem afetar o apoio que nos oferecem, bem como nossas reações. A maioria das pessoas se sente sozinha e isolada por certo tempo durante o luto, e essas emoções são intensificadas, caso a pessoa enlutada se sinta estigmatizada ou culpada (CLARK, 2007, p. 13).

Existe, portanto, uma reconciliação com a vida e um processo que permite o vínculo continuado com a pessoa que faleceu. Logo, compreende-se que a tarefa no processo de luto é ajudar o enlutado a ampliar os significados de poder caminhar apesar de...

6) *O ilustre desconhecido: quem foi você, mãe/pai? Existe uma parte sua em mim ou uma parte minha em você? (C2 C7, C8, C9)*

> Minha mãe insiste para que eu coma um pedaço de manga verde com sal. Afasto sua mão que quase se aproxima de minha boca. Tenho sete oito anos se tanto. Revendo esta cena descubro que a vida fez com ela o mesmo que ela sempre fez com as mangas: não deixou amadurecer (FERREIRA, 2010, p. 40).

A maioria dos colaboradores trouxe a dúvida sobre quem era seu pai/mãe. Quem era seu pai/mãe sem a doença? Como assimilar todo o estresse com o pai/mãe vivo? Quem era a pessoa de quem todos ainda falam? Quais eram seus gostos? Sua cor preferida? O que mais gostava de fazer?

É importante destacar que para C8, que tinha 15 dias quando do suicídio do pai, sua história parece não ter o antes e depois, mas somente o depois, uma vez que tudo o que sabe foi relatado, descrito e contado; não vivenciado.

7) *Se meu pai/mãe se matou, eu também me matarei? Medos e a transmissão psíquica transgeracional (C1, C2, C6, C9)*

> "Escolher a repetição para libertar-se dela" (FERREIRA, 2010, p. 44).

Fox e Roldan (2009, p. 44, tradução nossa) afirmam: "Ninguém tem o direito de sugerir que o filho ou filha da pessoa que cometeu o suicídio fará o mesmo e seguirá os mesmos passos de seus pais". No entanto, se o pai/mãe se matou, o filho cometerá o suicídio? A pergunta parece persistir em alguns sobreviventes ao suicídio de seu genitor, pois apontaram o medo de repetição do ato suicida, principalmente em datas de aniversário do suicídio, quando estavam com a mesma idade, ou por ter perdido um grande amor da mesma maneira que a mãe. C1, C2, C6, C9 mencionaram o receio de morrer como seu pai/mãe morreu, sendo que especificamente

três deles (C1, C6 e C9) comentaram sobre o alívio ao ultrapassar a mesma idade que seu pai/mãe se matou. As colaboradoras C2 e C6 manifestaram preocupações em relação às suas irmãs cometerem suicídio.

Se uma das funções dos filhos é a aprendizagem, considera-se que, com base nos modelos e nas referências, ocorre a aprendizagem. Se para Perls (1977, p. 30), aprender "[...] é descobrir que é uma questão de experiências novas", quais são as experiências novas de filhos de pai/mãe que morreu pelo suicídio?

Há de se considerar que algumas das mães que cometeram suicídio parecem ter se desobrigado de suas funções, mesmo antes do suicídio, como foi o caso das mães de C6, C7 e C9, que tinham as mães delas desempenhando as funções maternas.

O que é transmitido ao filho no suicídio do pai/mãe? O suicídio pode ser visto como hereditário ou se trata de transmissão? Essa é a reflexão que circunda a presente explanação, pois, em alguns relatos, foi possível identificar que o suicídio do genitor afastou o filho do suicídio (C6, C9).

Por acreditar que os filhos aprendem e internalizam os conhecimentos oferecidos pelos pais, reflete-se sobre a possível repetição do filho de alguém que cometeu o suicídio. Instalam-se contextos familiares suicidogênicos, nos quais dinâmicas inter-relacionais apresentam-se de certo modo, marcadas por sentimentos de hostilidade e contribuem para um eventual aumento do risco de suicídio (CÂNDIDO, 2011; JAMISON, 2010).

> Os pais são os principais modelos e, quando tentam ou quando o suicídio é consumado, eles oferecem um exemplo para sua prole de finalizar o sofrimento tanto pelas tentativas quanto pelo ato suicida. Esse ato oferece aos filhos apenas uma opção para solucionar os problemas. Estatisticamente, os filhos de pessoas que cometem o suicídio apresentam potencial para tirar sua vida. Cabe aos filhos e filhas interromperem o trágico ciclo em suas famílias (FOX e ROLDAN, 2009, p. 11, tradução nossa).

O filho da pessoa que se mata pode receber de seu genitor modelos de autodestruição: "[...] ser filho é ser sujeito de uma ação profundamente violenta, porque o novo ser que vem ao mundo deve, antes de mais nada, inserir-se numa história que o antecede" (MANDELBAUM; MANDELBAUM, 2002, p. 5). Sendo assim, as reflexões sobre herança e transmissão são necessárias para que se possa evitar a visão determinista e estigmatizante. Na transmissão psíquica transgeracional, as gerações repetem, a fim de tentar elaborar algo já familiar, ao mesmo tempo em que os padrões disfuncionais familiares limitam a garantia ao enlutado de que suas necessidades emocionais e físicas podem ser confirmadas e acolhidas e, por esse motivo, o luto pode se tornar mais complicado. É o que afirma Cândido (2011, p. 96): "Estes padrões e modelos são transmitidos através das gerações e acabam por impor forte influência no surgimento das condutas autodestrutivas dos indivíduos do grupo. A transmissão transgeracional de modelos disfuncionais representa um verdadeiro legado de vulnerabilidades constituídas ao longo da história destes sistemas".

Enfim, o suicídio está no sangue? Não. Não é o ato suicida que corre nas veias do filho, mas sim, o modelo de lidar com a vida, por meio da autoaniquilação, que poderá ou não ser

repetido, ou seja, o que se repete não é o ato suicida, mas, sim, os padrões disfuncionais de interação preexistentes nesse sistema. Nesse sentido, considera-se, sobretudo, que a grande cilada, no caso, não é o fato de se ser filho de uma pessoa que cometeu suicídio; a grande cilada é o segredo familiar permanecer velado e alguns familiares desconhecerem a situação de suicídio, pois, se conhecessem a morte trágica, poderiam aprender a conviver com o drama e ir ao encontro de informações, a fim de prevenir a imitação do suicídio. Entretanto, o medo existe, uma vez que o contágio imaginário parece ser uma das preocupações dos familiares, como C2 e C6, que receiam que a irmã delas cometa o mesmo ato – o suicídio – que as acompanhou. Outro fato a ser mencionado é o segredo que gira em torno do suicídio no qual todos sabem e, talvez, pelo medo da repetição nada se fala, e o segredo é mantido, acentuando-se o tabu.

7.1 *Medo se serei uma boa mãe*

Fox e Roldan (2009, p. 40, tradução nossa) acolhem esse medo quando afirmam: "É comum sentir medo se você será ou não capaz de ser uma mãe amável, bem como preocupar-se sobre a possível vinculação e aproximação com seu filho, principalmente quando você não teve a experiência de aproximação e vinculação". As colaboradoras C2 e C5 expressaram que não gostariam de ter filhos no presente momento, pois se sentem inseguras quanto a cuidar deles e questionam-se se seriam boas mães. Em contrapartida, como dito anteriormente, na apresentação deste trabalho, influir não significa determinar e, apesar da influência, tudo dependerá das escolhas de cada filho que viveu a experiência do pai/mãe ter se matado:

> Tenho de pedir encarecidamente, no entanto, que não te esqueças de que nem de longe acredito em alguma culpa de tua parte. Tu influíste sobre mim conforme tinhas de influir, só que tens de parar de considerar uma maldade especial da minha parte o fato de eu ter sucumbido a essa influência (KAFKA, 2009, p. 24).

8) *A intensidade dos sentimentos e o estranho alívio (C1, C2, C3, C4, C5, C6)*

> "Dor compêndio de todas as dores. Não é sem causa justificada que a vida é quase toda dolorida: é para nos preparar para o enfrentamento da transcendência do martírio" (FERREIRA, 2010, p. 122).

O pai/mãe se matou e pode ter sentido que não pertencia ao mundo. Mundo vazio do ser. O pai/mãe se matou e, talvez, tenha tido a fantasia de que o nada se tornaria tudo sem sofrimento e que, ao morrer, o vazio seria transformado em completude. A pessoa foi um pai ou foi uma mãe – pai ou mãe agora morto.

Se o pai ou a mãe não se sentiu pertencente, sentir-se-á o filho pertencente? Ou, se o pai/mãe não amava a vida, o filho poderá amar a vida? A frase de Ferreira (2010, p. 24), "[...] *ah, minha filha, perdão se lhe dei aquilo de que nem eu mesma gosto: a vida*" expressa a intensidade de sentimentos advinda de questões sem respostas e que podem causar confusão na vida do filho da pessoa que cometeu suicídio. A intensidade dos sentimentos também fez parte dos relatos do processo de enlutamento dos entrevistados, sobretudo ao lidarem com o sentimento de abandono e com a falta de referências advindos da morte do pai ou da mãe. Um aspecto em comum foi o fato de alguns deles verbalizarem que o momento do suicídio foi como se o chão tivesse sumido e que a confusão de sentimentos foi intensa.

Como se autorizar a sentir raiva de um pai ou de uma mãe?

A intensidade de vários sentimentos, tais como raiva, vergonha, insegurança, desamparo e dor, foi um aspecto comum apontado no processo de luto dos filhos das pessoas suicidas, pois a violência e o impacto que os sobreviventes enfrentaram, muitas vezes não foram compartilhados e acolhidos pelos membros da própria família e, por isso, esses sentimentos foram alienados, não aceitos, ignorados, julgados como errados e, portanto, não acolhidos como temas que faziam parte do processo de luto. Círculo vicioso, ciclo sem fim. No entanto, há sempre de se considerar estilos diferentes e a variedade de enfrentamentos das pessoas.

8.1 *O estranho alívio*

Qual é mensagem que o filho recebe do pai/mãe que se suicida? Indagação anteriormente comentada e que exige um trabalho psíquico intenso e que influenciará seu destino e suas escolhas pessoais. Sentir alívio com morte do pai/mãe suicida pode significar uma afronta para as representações sociais, pois se espera que um filho deva amar seus pais incondicionalmente e que deva chorar pela morte deles. C1 e C4 não choraram quando receberam a notícia da morte de seus pais. C5 não socorreu sua mãe-avó quando esta estava passando mal. Sendo assim, cabe considerar que o alívio sentido não é pela morte em si, mas pelo sofrimento e estresse antes do suicídio, pois o filho pode sentir *"a tristeza de ter apenas o olhar para entender o pensamento"* (FERREIRA, 2010, p. 108).

O adjetivo *estranho* foi citado não como um julgamento, porém como uma observação da dificuldade em aceitar a sensação de alívio experimentada quando o suicídio do pai/mãe acontece, uma vez que o sofrimento acabou e a linha de estresse, de tortura foi cortada...

C1, C5 e C6 mencionaram o alívio após o suicídio de seu pai/mãe, porque, além de vivenciarem diariamente o estresse, precisaram lidar com a doença e a disfuncionalidade da dinâmica familiar. O alívio aconteceu, pois muitos dos filhos se sentiram exauridos pelo processo em sua

totalidade. Sendo assim, após esses depoimentos, o alívio parece muito mais aceitável, ou seja, mais bem compreendido neste estudo. Porém, de que modo poder-se-ia mobilizar a sociedade quanto à aceitação do alívio de um filho de uma pessoa que se matou?

9) ***As lembranças vividas, as histórias contadas e as vivências emprestadas***

> "No entanto, é paradoxal que para evitar pensar em uma coisa, tenhamos de pensar nessa coisa" (PARKES, 1998, p. 59).

Percebe-se a demanda de múltiplo acolhimento: das histórias dos entrevistados e de suas respectivas famílias. A pesquisa parece ter representado um momento de resgate das histórias, quando os depoentes migraram do lugar de vítimas para a categoria de sobreviventes. Sendo assim, as entrevistas tiveram o propósito de acolher a possibilidade de elaboração do que foi vivido e daquilo que ainda é vívido na história dos colaboradores. Como lidar com a elaboração quando não há uma história ou quando a história depende das vivências de outros, como no caso de C8, cujo pai se matou quando ela tinha apenas 15 dias? Ou quando as histórias foram contadas por terceiros – como foi o caso dos colaboradores que eram crianças quando o suicídio aconteceu?

Demonstrar interesse pelo processo do filho de uma pessoa que se matou talvez tenha possibilitado a confirmação de que o acontecimento foi, de fato, traumático, podendo ser considerado uma marca na vida deles. Além disso, a possibilidade de escuta buscou promover o acolhimento do acontecimento trágico, bem como do reconhecimento de que o fato não deveria ter ocorrido.

Embasada na consideração de Parkes (1998, p. 99) – que ensina que o trabalho de luto articula as lembranças como "[...] uma necessidade consciente de 'pôr em ordem', que não se trata apenas de lembrar-se do fato traumático com perfeição, mas inclui a necessidade de 'dar sentido' ao que aconteceu, explicar, classificar, comparar com outras situações, que fazem com que se encaixe nas expectativas que a pessoa faz do mundo" –, um aspecto interessante a se pensar é o fato de alguns dos colaboradores não se lembrarem de informações, tais como, a idade que tinham quando seu pai/mãe se matou, ou a data em que o evento aconteceu. Lembrar-se também pode significar que a situação foi concretamente vivenciada, pois como refletir sobre algo que se esqueceu? A serviço de que está o esquecimento? Qual seria a função de não se lembrar da data de um evento difícil e que trouxe várias consequências na vida do sobrevivente? Às vezes, é preferível esquecer a se lembrar de situações dolorosas e como Perls (1988, p. 35) preconiza: "[...] nem todo contato é saudável, nem toda a fuga é doentia". Desse modo, o esquecimento pode ser compreendido como fuga ou então como a melhor maneira de a pessoa lidar com a situação, portanto, segundo a Gestalt-terapia, um ajustamento criativo.

Ao se perguntar: "O que será de mim após o suicídio?", o enlutado busca, pela antecipação, um caminho para se organizar no futuro. As recordações permanecem depois de uma situação

de morte, ou como afirma Kovács (1992, p. 154): "A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é 'perdida' e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado". Por isso, é necessário oferecer um espaço para que o sobrevivente possa resgatar as lembranças e recordações que lhe assegurem as vivências do *entre*. E, do mesmo modo, o passado é trazido pelas lembranças, pela melancolia e nostalgia, cabendo aqui diferenciá-las sob a óptica gestáltica:

> [...] uma lembrança é uma abstração. Agora mesmo, você experiencia alguma coisa. Você me experiencia, experiencia seus pensamentos, sua postura talvez, mas não pode experienciar tudo. Você sempre abstrai a Gestalt relevante do contexto total. Agora, se você pega estas abstrações e as arquiva, então você as chama de lembranças. Se estas lembranças forem desagradáveis à nossa autoestima, nós as modificamos. Como Nietzsche disse: "A Lembrança e o Orgulho estavam brigando". A Lembrança disse "Foi assim" e o Orgulho disse "Não pode ter sido assim" – e a Lembrança se rendeu. Vocês todos sabem o quanto estão se enganando, quantas de suas lembranças são exageros e projeções, quantas lembranças são remendadas e distorcidas. (PERLS, 1977, p. 66).

A história se torna própria à medida que também pode ser relembrada pelos outros, pois alguns dos colaboradores conheceram ou reconheceram seu pai/mãe pelas histórias contadas e, embora as vivências tenham sido emprestadas, influenciaram na percepção sobre seu pai/mãe. É preciso, sobretudo, dar sentido, resgatar a linguagem que ficou emudecida e compartilhar o sofrimento causado pelos impactos da violência no corpo e na alma, pois o trauma provoca um hiato. Fox e Roldan (2009, p. 237, tradução nossa) mencionam um aspecto importante no que se refere ao esquecimento e perdão: "Perdoar não significa esquecer". A impossibilidade de dizer adeus, muitas vezes, torna-se imperdoável e, provavelmente por isso, em alguns momentos, o esquecimento é interessante para que o sofrimento não persista, ou seja, para amenizar a dor do luto, ocorre a evitação de se pensar na pessoa que se matou. Outra maneira de evitação é o dormir, como no caso de C5, que dormiu para não ver aquilo que já fora anunciado – o suicídio de sua mãe-avó ao fazer 15 anos. Dormiu para não ver. Aponta-se para o fato de os Gestalt-terapeutas acreditarem que nem toda a fuga é ruim, pois o que se deve questionar é: do que se foge? Por que se foge? Por quanto tempo a fuga acontece?

Parkes (1998, p. 93) afirma: "[...] parece que leva tempo para começarmos a nos lembrar das pessoas 'como um todo', principalmente se forem pessoas cujas vidas estiveram tão próximas da nossa que nós as conhecemos em milhares de partes fragmentadas" e, ao constatar que o pai ou a mãe se matou, talvez a sensação seja a de que restaram poucas coisas que possam assegurar a esse filho seus vínculos com seu pai/mãe, e as lembranças adotam tal função, a de ser algo que restou na relação mãe/pai e filho.

No entanto, "Como nossa sobrevivência depende de aprendermos sobre o perigo, não é surpresa notar que lembranças de situações de perigo, mesmo que superadas, possam persistir" (PARKES, 1998, p. 58). E, à proporção que pessoas evitam as lembranças, a persistência delas também

acontece e, nesses casos, a constante lembrança abre uma situação inacabada que clama por seu fechamento. É o que diz Ferreira (2010, p. 80): "Tenho o próprio passado visitando-me a todo instante: não consigo livrar-me de minhas rememorações fogo-fátuo".

10) ***Poderia ser totalmente diferente: as especulações sobre a vida que não vivi (C2, C3, C8)***

> Para aqueles que perderam seus pais na infância, é totalmente especulativo a maneira como seria suas vidas se o suicídio não acontecesse. Certamente, temos crenças de que poderia ser diferente. A única coisa que sabemos com certeza é que o suicídio de nossos pais delineou e deu nova direção para nossas vidas. A forma como seria nossas vidas é apenas uma adivinhação. (FOX e ROLDAN, 2009, p. 27, tradução nossa).

Alguns relatos foram realistas quanto às situações serem como são e que o suicídio aconteceu porque deveria acontecer. Tanto para a pesquisadora como para alguns dos entrevistados, o desejo seria que tudo fosse diferente, no entanto, não foi. A situação não foi diferente, mas cada um construiu sua própria diferença. Alguns filhos fizeram a diferença percebendo a vida deles pulsando, ora sentindo que a morte do genitor os salvou – uma vez que o ciclo de suicídio não seria repetido –, ora sentindo-se gratos e abençoados pelo que lhes aconteceu.

Recordo-me dos ensinamentos de minha influência oriental nos quais se acredita que quanto mais velha a pessoa, mais sábia ela se torna, por causa de todas as experiências vividas, principalmente as mais dolorosas. Assim, os maiores problemas não são somente os que causam sofrimento, mas aqueles que provocam a sensação de paralisação e a falta de esperança de que as transformações são possíveis. De uma expectativa ilusória de se ter uma vida perfeita, os filhos de pai/mãe que cometeu suicídio parecem que se tornaram aprendizes realistas e precisaram conviver com a amarga lucidez de que o colo ou a direção, funções materna e paterna, não se encontravam mais disponíveis.

O bebê que chora pode ou não receber os afagos de sua mãe, e o encontro mãe e filho pode acontecer ou não. E se, ao chorar, a criança não for atendida? E quando o encontro não acontece porque a mãe não está mais viva e morreu por suicídio? O suicídio escancara o desespero humano e funciona como um lembrete do próprio vazio existencial. Tudo poderia ser diferente, mas infelizmente não é. Tudo poderia mudar se o suicídio não acontecesse, se o pai ou a mãe dos colaboradores estivesse ainda vivo e os filhos pudessem ter "Um futuro que 'não foi', o presente que seria, se o passado tivesse sido outro" (CANCELLO, 1991, p. 69). E muitos se queixaram disso, como C2, C5, C6, C8, C9.

Se fosse diferente, os colaboradores não seriam os colaboradores desta pesquisa. Se fosse diferente, talvez eles não tivessem amadurecido tanto e se tornado tão responsáveis como o são.

Se fosse diferente, mas, não é.

A vida foi como precisava ser e como está sendo. E a tarefa de amadurecimento é dura e uma lida difícil. Cada colaborador viveu sua orfandade materna ou paterna e talvez tenha ou não tenha recebido cuidados de outros. Tudo não passa de um conjunto de elucubrações: desejos não atendidos, colos não recebidos e vidas que não foram vividas. E, talvez, o que eles mais desejariam seria ter menos sofrimento, menos sentimento de desamparo, porque a morte de seus pais acarretou em mais responsabilidade e mais preocupações. Tudo seria diferente se tão somente *tudo fosse diferente*...

11) *Os sobreviventes que se unem e o interesse pela história de sobreviventes (C1, C2, C3, C4)*

Martins e Leão (2010, p. 131) consideram que "No contexto dos familiares, por fim, observou-se que o suicídio causa um impacto muito grande nas famílias, que se reorganizam baseadas em preceitos como cooperação e cumplicidade" e alguns dos colaboradores compartilharam a cumplicidade que construíram com seus irmãos. A cooperação e cumplicidade parecem ter funcionado com os apoios externos para que os entrevistados pudessem lidar com a lacuna aberta pela morte do pai/mãe deles. As participantes C2 e C4 têm irmãs e sentiram que uma foi o apoio externo (heterossuporte) da outra, ou seja, uma pôde amparar a outra.

Os sobreviventes parecem se agrupar para que a ameaça seja amenizada, acolhida e acabam por endereçar seus cuidados àqueles que julgam mais necessitados de proteção, cuidado e carinho. A união e o amor parecem auxiliar a lida do sofrimento advindo pelo suicídio e, como afirma Frankl (2003, p. 179): "o amor pode sobreviver à morte do amado; é esta a única maneira de entender que o amor é mais forte do que a morte, isto é, do que o aniquilamento do ser amado na sua existência".

Em contrapartida, o interesse por história de sobreviventes parece servir de referência para o enlutado, pois pela identificação, podem receber uma direção para lidar com seu processo de luto.

12) *Manejos do processo de luto: ajudar outros, estudar, isolar-se, fazer psicoterapia, ser evangélica e escolher a profissão (C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8, C9)*

Em alguns depoimentos, percebeu-se, como exposto anteriormente, que as crianças deixaram de ser as crianças da família e se tornaram os provedores e cuidadores, como foi o caso de C2 e C6, que foram emancipadas. Pode-se refletir que a mudança aconteceu, pois a busca de

elaboração da situação traumática pode ter acontecido quando a criança ocupou o papel do pai ou da mãe suicida. Outros manejos do processo de luto foram apresentados pelos colaboradores, que expuseram diversas formas de trabalhar o impacto do suicídio. São eles.

- Receber apoio dos familiares e amigos.
- Assegurar seu lugar de pertencimento na profissão.
- Assegurar seu lugar de pertencimento na religião.
- Fazer psicoterapia.
- Buscar referências em outras pessoas do seu convívio.

Os colaboradores C1, C2, C5, C6, C7 direcionaram seus esforços para se tornar profissionais da psicologia; ou, como C4, buscar na história a compreensão da própria história; ou C9, que estuda arquitetura – exatamente o mesmo curso que sua mãe estudava. Seria possível pensar que, se não fosse esse evento singular que foi o suicídio do pai/mãe, os entrevistados seriam psicólogos, historiador e estudante de arquitetura?

Para responder à questão, cabe salientar que o enlutado pode orientar-se para a procura do ente que morreu e, talvez, a escolha da profissão permita uma aproximação da história de quem morreu; ou mantém o pai/mãe vivo enquanto desempenha a função profissional deles; ou acolhe quando o desejo foi de ser acolhido. Algumas perguntas que podem não ter resposta quando da morte podem ser ou não encontradas no campo da Psicologia, história ou arquitetura. A tocante frase de C5 "E eu acho que a gente tem que cuidar por escolha. E não por fatalidades" exprime que, provavelmente, ao se tornar psicóloga, seus objetivos e projetos se direcionem para poder escolher e não para ser somente vítima da situação. Desse modo, a escolha da profissão pode ser um jeito de o sobrevivente lidar com seu sofrimento e, portanto, pode ser considerado como um manejo do processo de luto, pois, talvez por meio do trabalho, haja a tentativa de elaborar a situação traumática em busca da compreensão do ato suicida e das sequelas desse ato.

13) *O calar quando o falar seria importante. Deixa eu ficar quietinho no meu canto: o isolamento*

Como o suicídio pode ser contado? Como falar que o pai/mãe morreu? Por que um segredo surge? Quando um segredo pode ou deve ser violado? Novamente várias perguntas para poucas respostas e explicações.

Para alguns entrevistados, o segredo tornou-se poderoso quando apenas alguns sabiam e quem sabia ficava no poder ou, então, com o peso do saber.

O não falar é, provavelmente, uma das piores violências. Nesse sentido, torna-se importante compreender as diferenças entre ter com quem conversar e querer ou não conversar. Um dos manejos identificados foi a conquista da capacidade de falar sobre a história, compartilhar a experiência traumática e estar com outras pessoas que podiam oferecer amparo e proteção. Em contrapartida, alguns depoentes também relataram que precisaram ficar sozinhos, que evitaram encontros públicos e outras situações. É o que afirmam Martins e Leão (2010, p. 128):

> No que se refere às estratégias de enfrentamento pode-se observar, na fala dos entrevistados, que as mais recorrentes foram as denominadas estratégias de afastamento [...] Além da negação, pode-se observar no discurso dos familiares um comportamento de fuga e esquiva, que consiste em fantasiar sobre possíveis soluções para o problema para escapar e/ou evitar o fator estressante (MARTINS e LEÃO, 2010, p. 128).

14) ***Algo mudou depois do suicídio: as transformações da vida***

Conforme Yalom (2008, p. 69), "Epicuro acreditava que o real objetivo da filosofia é aliviar o sofrimento humano. E qual é a raiz do sofrimento humano? O pensador não tinha dúvida quanto à resposta para a pergunta: o medo onipresente da morte". Já segundo Frankl (2003, p. 154), "a vida só adquire forma e figura com as marteladas que o destino lhe dá quando o sofrimento a põe ao rubro". Assim, os autores supramencionados retratam a importância do sofrimento que foi evidenciada em algumas entrevistas.

Em vários momentos, os filhos vivenciaram períodos de desorganização, pois migraram do lugar de serem considerados o futuro e a continuidade da família para assumirem o lugar de órfãos, enlutados e aqueles que precisaram continuar na família apesar da morte de seu pai ou sua mãe. Parkes (1998, p. 109) aponta que: "Aceitar o fato que a morte pode ocorrer em qualquer lugar, e que a doença não respeita pessoas, lugares ou tempos, mina a fé que se tem no mundo como um lugar seguro e em ordem", portanto, a esperança parece ser a companheira da transformação de um processo de muitas vivências, acontecimentos, dificuldades e apropriações. Percebe-se na história dos sobreviventes, ousadia e coragem para que as transformações pudessem acontecer. Então, o filho enlutado precisa resgatar a fé? Sim, é preciso resgatar a fé que incentiva o filho a continuar vivo apesar de seu progenitor ter retirado sua vida. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre esperança e transformação.

O confronto constante entre o desconhecido e a falta de garantias pode causar a falta de esperança.

Esperança significa acolher a essência da vida e da existência humana, logo, é acolher sentimentos, pensamentos, sofrimento existencial e, acima de tudo, resgatar a fé. Esperar, quem sabe, também significa recolher-se com o outro, aguardar pacientemente o processo e acreditar que se está fazendo o possível.

Para os filhos, a reorganização parece ter acontecido com a oscilação entre a abertura para novas vivências e a integração daquilo que fazia sentido para eles.

Desse modo, se a esperança acompanha as transformações e é vista como motor delas, como pensar no medo mencionado pelos colaboradores? No medo de serem iguais e cometerem o suicídio da mesma maneira de seus pais e o medo de nada se modificar e o caos permanecer?

Refletiu-se que o medo provoca a paralisação, e alguns dos colaboradores citaram que em alguns momentos de sua vida, a paralisação se fez presente e que, consequentemente, sentiram que o fluxo do viver se tornou empobrecido, rendendo-se ao tédio e à falta de significado da vida. Um dos presentes que recebi deste estudo foi o fato de, com base nos relatos, poder refletir sobre o significado de estar viva – reflexão aparentemente simples, mas muito complexa.

Viver significa, entre tantas compreensões, ter coragem. Constatou-se que muitos dos colaboradores precisaram ter coragem para que pudessem transformar suas vidas, acolhendo dúvidas e vergonha de partes de suas histórias. Também precisaram de coragem para acolher o sofrimento de seus semelhantes, outros sobreviventes. Precisaram desenvolver uma nova direção para ampliar suas possibilidades, descobrir existências diferentes da sua e aceitar as imprevisibilidades da vida.

A palavra coragem tem a mesma raiz da palavra coração e, por isso, foi preciso ter coragem, que acompanhou o coração e que impulsionou viverem para dignificar quem foram e quem são. Como Barthes (2011, p. 40) afirma: “Desejam-me ‘coragem’. Mas o tempo da coragem foi aquele de sua doença, quando eu cuidava dela vendo seus sofrimentos, suas tristezas e eu precisava esconder as lágrimas. A cada instante havia uma decisão a assumir, uma cara a mostrar e isso é a coragem. – Agora, coragem significaria querer viver, e esta a gente tem até demais”.

Cada colaborador precisou ter coragem para acordar todos os dias e buscar um novo sentido de vida. Foi preciso o coração para manter o foco e permanecer fiel àquilo em que acreditava. Precisaram aprender e parecem ainda estar no caminho para respeitar as diferenças, aproximar-se das igualdades e rejeitar a toxicidade da vida deles, como: lidar, simultaneamente, com as críticas e os apontamentos estigmatizantes e não permitir serem destruídos, ou seja, aprenderam a recuar e se isolar, em momentos em que se sentiram vulneráveis, e avançar em momentos de confiança.

Enfatiza-se que não somente os filhos de pessoas que cometeram o suicídio, mas os enlutados por suicídio, em geral, parecem conviver com a constante busca para encontrar sua exata medida, o próprio tom e ritmo e, por isso, acredita-se que seja preciso coragem para que a vida impere e as transformações possam acontecer.

Na transformação algo muda e algo permanece. O que muda é que a pessoa amada não está mais presente e o que permanece é a dinâmica familiar e a vida dos sobreviventes. Uma *Gestalt* que se abre e o núcleo familiar é abalado, desorganizado ou o rompimento de vínculos é exposto.

Transformações e mudanças são temas somente para aqueles que estão vivos...

Para aqueles que buscam, no olhar humano, o resgate da dignidade de ser e de se sentir humano...

Transformações implicam o dar-se conta de que é possível guardar o passado e aguardar o futuro. *Trans* – prefixo que significa ir além de, através. Testemunhar tamanho presente dessa transformação foi emocionante. Portanto, posso considerar-me transformada pelas entrevistas e análises, pois também fui além.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sintetizando. O presente estudo teve como objetivo a compreensão do processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio e, com base nos valiosos depoimentos de nove filhos de pessoas que cometeram suicídio e do levantamento bibliográfico sobre suicídio e luto foi possível levantar algumas das principais características do enlutamento de filhos pelo suicídio de seu genitor. São elas: culpa, autoacusação, insegurança, raiva, vergonha, sensação de abandono e rejeição, sentimento de ser ludibriado, lesado, traído e aliviado, elucubrações de que poderia ser diferente, busca de abrigo e proteção, medo do desconhecido e dos sentimentos, lida com o estigma e o isolamento, sensação de ser diferente, medo da arrogância – pelo conhecimento do sofrimento –, medo de ser igual – por causa da transmissão intrapsíquica transgeracional –, amadurecimento precoce, estresse antes e depois do suicídio, falta de referências e de saber quem foi o pai/mãe que cometeu o suicídio, dificuldades de se lembrar de partes da própria história, aproximação entre os sobreviventes, manejos para elaboração do luto pela profissão e religião, o calar enquanto o falar seria importante e as transformações na vida pós-suicídio.

Foram observados os fatores de risco, as vulnerabilidades e as potencialidades que devem ser compreendidos como possíveis influências e características dos colaboradores desta pesquisa e que não são, necessariamente, as mesmas que *todos* os filhos de pessoas que cometeram o suicídio apresentam. Ressalta-se o cuidado de não se generalizar, pois o objetivo principal é mostrar algumas das vivências de luto dos filhos e, por consequência, ser um convite para futuras ampliações e ressignificações acerca do tema. Recursos e estratégias de reconciliação e de enfrentamento utilizados no enlutamento por suicídio foram considerados. Além disso, como resultado, delimitou-se o interesse pela efetivação de um projeto de programas de prevenção e posvenção que, posteriormente, será abordado.

Do assassino de si para o assassino do outro. Novamente a pergunta se faz presente: *Quem mata quem?* E a resposta parece circundar a constante busca de sentido.

Síntese criativa

Ao se sentirem ameaçados pelo impacto do suicídio, os colaboradores relataram que, por não saber de fato que se tratava de uma morte por suicídio, tiveram dois processos de luto – o primeiro, da morte em si; o segundo, pelo conhecimento posterior de que a morte acontecera por suicídio. Alguns compartilharam também a paralisação diante do fato e que, apesar de todo o caos vivenciado, aprenderam a sobreviver. Aprendizes que amadureceram precocemente, os filhos vivenciaram diversas transformações e metamorfoses.

Ao refletir sobre a oportunidade de realizar uma síntese criativa, o desejo de apresentação artística foi despertado. Sendo assim, contratei os serviços do *designer* Marcel Rosa, para que expressasse a ideia das constantes metamorfoses, transformações, precocidade e emancipação emocional que alguns filhos relataram e, felizmente, o artista sintetizou sensível e singularmente, em duas imagens, meus sentimentos e pensamentos sobre o processo de luto.

A primeira arte gráfica enfatiza a alternância entre a escuridão e luz. Pedi que a libélula saísse da escuridão (que representaria o caos) em direção à luz (que representaria transcendência).

Outro pedido para o *designer* foi que o pano de fundo fosse uma espiral, pois é como se pensa acontecer o processo de enlutamento por suicídio: o processo se dá em altos e baixos. Para tanto, Marcel, genialmente, fez "a libélula de modo que ela seguisse a forma da espiral de Fibonacci – forma de se construírem imagens posicionando os elementos de acordo com um padrão geométrico, para se chegar a um resultado mais harmônico e, portanto, mais agradável aos olhos" (palavras do *designer*, em 11 de dezembro de 2012).

Mas o leitor pode indagar: por que a libélula?

Algumas pessoas falam sobre meu jeito energizado, risonho, rápido, quase biônico e outras, como minha querida Júlia, falam que sou "formiga atômica". Em vez de uma formiga, prefiro ser conhecida por libélula, pois percebo algumas identificações com o inseto.

> Irrequieta, voando incessantemente, planando, dando rasantes, subindo ou pousando como um helicóptero, a libélula parece ter sempre muita pressa. E motivos não faltam para isso. Toda libélula está sempre vivendo o ponto culminante de sua vida e não tem tempo a perder. Deve procurar parceiros e acasalar em um prazo máximo de dois meses – tempo entre sua última metamorfose, quando de larva se transformou em libélula, e sua morte, que corresponde, em algumas espécies, a menos de 10% de seu tempo total de vida. Será preciso entender rapidamente as regras do jogo no novo ambiente, aprendendo a evitar seus predadores e caçando suas presas. Aparelhada com o maior olho proporcional do reino animal, a libélula usa seu sofisticado aparelho visual como um radar. Posicionando-se sempre contra a luz solar, é capaz de detectar movimentos imperceptíveis aos nossos olhos. Em centésimos de segundo, ela identifica se é uma presa, um predador, um rival ou uma possível parceira. Aos inimigos, a lei-do-mais-forte (SZPILMAN, 1997, grifos nossos).

"Seu nome mais comum, libélula, pode ter-se originado dos termos latinos, *libellulus*, o diminutivo de livro (*liber*), devido à semelhança de suas asas com um livro aberto, ou *libella*, que significa balança" (SZPILMAN, 1997), a libélula provoca minha curiosidade, pois consegue bater suas asas rapidamente, apesar de sustentar um corpo grande e, após seu acasalamento, morrer...

Curiosamente, as pessoas que assistem a meus cursos e palestras costumam ressaltar minha leveza ao falar de um assunto tão pesado. Essa sou eu: irrequieta, voando incessantemente, planando e dando rasantes, subindo ou pousando e constantemente buscando um balanceamento e uma integração entre as polaridades: profundo e superficial, leve e pesado, suave e agressivo, belo e horroroso etc.

Alguns falam que, ao me ver andando, imaginam que pareço estar sempre com muita pressa. Concordo, pois, além de assumir várias coisas ao mesmo tempo, tenho pressa de viver e de querer saborear minha existência. E como Cassorla (1991, p. 19) afirma sobre o suicídio: "Em resumo: existe uma luta constante entre vida e morte. No ser humano individual, essa última acaba vencendo. Mas, em termos de espécie, a vida continua". E a minha continua e por isso, desejo consumir a vida...

A libélula passa por até 15 sucessivas metamorfoses antes de atingir a última transformação. Também identifico a transformação do meu jeito atômico, que teve seu início ao ser mãe, e quando a experiência de exercitar a função maternal instigou meu lado pacato e de querer parar, desfrutando minha existência com meus filhos.

O que despertou minha atenção para a libélula não foram somente suas características, mas, sobretudo, a precocidade com que ela morre, logo após o acasalamento. Procura acasalar em um prazo máximo de dois meses – tempo entre sua última metamorfose, quando de larva se transformou em libélula, e sua morte. Sua existência parece ser ameaçada desde a primeira até a última transformação, pois no meio aquático, a libélula tem de fugir dos sapos, peixes e pássaros. Com asas, ela sofrerá outras ameaças: aranhas, louva-deuses e pássaros.

A ameaça e o medo tanto do desconhecido quanto de ser igual ao pai ou à mãe que morreu também foram evidenciados no processo de luto, bem como a precocidade de acasalar e morrer lembrou-me da precocidade com que os pais deixaram seus filhos, ao cometerem suicídio, uma vez que não acompanharam o desenvolvimento dos próprios filhos. No entanto, apesar de não se sentirem acompanhados, mesmo antes do suicídio, os filhos pareceram revelar sua capacidade de autorregulação não obstante a morte trágica e precisaram "entender rapidamente as regras do jogo no novo ambiente, aprendendo a evitar seus predadores e caçando suas presas". Entenderam, integraram, se perderam e transcenderam...

Figura 7 - A arte do designer Marcel Rosa apresenta as constantes metamorfoses, transformações, precocidade e emancipação emocional vivenciados pelos filhos em seus processos de luto. Além disso, percebo algumas identificações com o inseto: irrequieta, voando incessantemente, planando e dando rasantes, subindo ou pousando e constantemente buscando um balanceamento e uma integração entre as polaridades.

Cuidando da prevenção e posvenção do suicídio

Em alguns depoimentos, o cuidar parece ter sido essencial na vivência do luto, pois se destacou que o acolhimento a esses filhos e a seu sofrimento fez com que não se sentissem sozinhos, mas acompanhados pela cumplicidade em suas vivências. O cuidado também parece ter permitido o acalanto da falta de lucidez do que se tornou incompreensível: o suicídio do pai/mãe.

O presente trabalho precipitou a efetivação de uma instituição para prevenção e posvenção que será fundada em 2013, em parceria com Karen Scavacini e o psiquiatra Teng Chei Tung.

Um dos maiores desafios ao estudar o suicídio e seu processo de luto foi o fato de que muitos dos autores consagrados, tais como Jamison (2010) e Parkes (1998; 2009), salientaram humildemente que seria impossível abarcar uma compreensão total tanto sobre o suicídio quanto sobre o luto. Dessa maneira, 42 anos de experiência pessoal e 20 anos como psicóloga clínica, lidando com o tema do suicídio, ainda se revelam insuficientes para minha compreensão sobre o suicídio e o processo de luto, motivando-me a cada dia, no aprofundamento desse tema. Mais que um

estudo para o doutorado, esta pesquisa tornou-se minha missão e motivou meu desejo para me tornar facilitadora das reflexões para que o suicídio não seja a melhor direção para o desespero existencial e para ser propagadora de esperança ***na*** vida e ***em*** vida. Escolhi, portanto, **cuidar** da prevenção e do enlutamento por suicídio. Mas qual seria o significado de cuidar durante o enlutamento por suicídio?

A preocupação em fundar um lugar justifica-se pelo fato de no Brasil não existir nenhum local destinado unicamente ao enlutamento por suicídio e pelo desejo comum de se criar um núcleo de atendimentos, pesquisa, ensino, extensão, informações e divulgações sobre o suicídio.

O cuidar trata da dor, do sofrimento e da solidão. Como Servan-Schreiber (2011, p. 91) aponta: "Assim como uma mãe consola o filho que arranhou o joelho dando-lhe um beijo no dodói. Ele precisa mais disso do que de água oxigenada e curativo. O beijo não trata o sangramento, trata a solidão e o sofrimento".

Estar com outro, cuidando e sendo cuidado, representa a possibilidade de compartilhar a vivência que faz sentido para os demais sobreviventes e para si próprio. Em concordância com Martins e Leão (2010, p. 125), quando argumentam ser "de extrema importância que haja projetos que desenvolvam as práticas de apoio a essas famílias [as enlutadas por suicídio] no sentido de que elas possam desenvolver uma capacidade maior de aceitação e resiliência", considero que este trabalho visa ao incentivo a profissionais, para que se unam a fim de criar, no Brasil, programas de prevenção. Sendo assim, é necessário instituir espaços para que o suicídio, ainda considerado tabu, seja tratado como uma morte trágica e seus sobreviventes tenham direito a um lugar onde sejam acolhidos, ouvidos, respeitados em sua dor e forma de enfrentamento singular.

Concomitantemente, outro modo de cuidar foi intensificar a premissa de que quanto mais se falar sobre o suicídio mais caminhos para preveni-lo poderão surgir. É necessário que o calar seja minimizado e o falar estimulado. Por isso, a imagem, elaborada também pelo designer Marcel Rosa, representa o estigma sofrido e em consequência, o isolamento de muitos dos enlutados.

Figura 8 - A imagem, elaborada também pelo designer Marcel Rosa, representa o estigma sofrido e meu grito para que os enlutados por suicídio tenham seu direito de viver o luto digna e respeitosamente. Entre o calar e o chorar, os sobreviventes precisam soltar a voz, compartilhar suas palavras e seu sofrimento.

A arte reflete meu grito para que os enlutados por suicídio tenham seu direito de viver o luto digna e respeitosamente, sem apontamentos injustos e estigmatizantes, tais como: “são filhos do suicida”, ou “são os coitados que ficaram pela morte por suicídio”.

Minha indignação e meu grito se fazem presente neste momento, pois as palavras que não foram ditas ainda podem ser. Quando a pessoa não se sente ouvida, às vezes deve gritar – gritar para se sentir ouvida, percebida e acolhida. Entre o calar e o chorar, os sobreviventes precisam soltar a voz, compartilhar suas palavras e seu sofrimento. E a pergunta que não quer calar é:

Por que se calar se o falar* é *tão importante?

MENSAGEM DE DESPEDIDA AOS ENLUTADOS

Obrigada por compartilhar sua história. Sua marca e trajetória permanecerão em mim.

Espero que a mesma dor que dilacera sua alma e que entristece seu coração seja aquela que oferecerá força e coragem para acolher seu sofrimento...

A mesma dor que o aprisiona e pede por aquietação provoque a permissão para ser amparado(a) por outros que desejam o seu bem...

Desejo que sua dor seja transformada em possibilidades para que descubra sua resiliência e capacidade para continuar sobrevivendo apesar dela...

Espero que possa viver:

Livre, leve e solto(a) – sem deverias e culpas...

Livre, leve e solto(a) para viver sua existência única e especial.

Espero que se sinta inspirado a iniciar ou a continuar a integração de sua história, de seu passado que se faz presente.

Espero que possa construir uma vida de sentidos.

Espero que percorra sua jornada com dignidade e que transforme, com esperança, sua dor do desamparo.

Espero que aproveite com coragem o pulsar da vida e que contribua, da melhor maneira que puder, dignificando todo o conhecimento recebido, adquirido e transformado.

CARTILHA AO PROFISSIONAL QUE DESEJA TRABALHAR COM A TEMÁTICA DO SUICÍDIO, PREVENÇÃO E POSVENÇÃO

Espero que cada vez mais, possamos nos tornar um instrumento de reconciliação e de fé para muitos que deixaram de acreditar no valor de existir.

Espero que este estudo inaugure em você um espaço para que possa compreender o significado de estar vivo(a), acentuar sua sensibilidade para semear a crença de que somente colocando-se disponível para o outro é que poderemos lidar com o desespero humano.

Espero que este trabalho possa:

Servir de inspiração para que os sobreviventes possam receber colo.

Ser um recurso facilitador para que o suicídio não ocupe mais o lugar do segredo, pois é preciso quebrar o silêncio para que os segredos sobre o suicídio sejam minimizados e acolhidos...

Ser um convite para que a estigmatização do suicídio seja diminuída, refletida e evitada, não ignorando que o estigma do suicídio existe.

Ser uma semente nos corações das pessoas, para que outros tenham compaixão pelas pessoas que sofrem pelas consequências do suicídio.

Ser um convite para as autoridades e uma provocação para incentivar institutos de prevenção e posvenção do suicídio. Para que mais vidas possam encontrar seus sentidos (de vida) e ter momentos em que possam se sentir cada vez mais vivos e orgulhosos por existir. Para que, pessoas como você, preocupadas com o tema, façam sua parte, orientando, educando, acolhendo, cuidando e prevenindo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem:** um estudo do suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AMATUZZI, M. Pesquisa Fenomenológica em psicologia. In: BRUNS, M. A. de T.; HOLANDA, A. F.(org.) **Psicologia e fenomenologia:** reflexões e perspectivas. Campinas: Editora Alínea, 2003.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BANDO, D. H.; BARROZO, L. V. **O suicídio na cidade de São Paulo:** uma análise sob a perspectiva da Geografia da Saúde. São Paulo: Humanitas-Fapesp, 2010.

BARRERO, S. P. Os sobreviventes e seu manejo. In: CORRÊA, H.; BARRETO, S. P. **Suicídio:** uma morte evitável. São Paulo: Atheneu, 2006.

BARTHES, R. **Diário de luto:** 26 de outubro 1977-15 de setembro de 1979. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTOCCI, B. **Nobody's child anymore:** grieving, caring and conforting when parents die. Note Dame: Sorin Books, 2000.

BELLO, A. A. **A fenomenologia do ser humano.** Bauru: EDUSC, 2000.

_____. **Fenomenologia e ciências humanas:** psicologia, história e religião. Bauru: EDUSC, 2004.

BOTEGA et al. Prevenção do comportamento suicida. **Revista Psicologia,** UNICAMP – Campinas. v. 37, n.3, p. 213-220, set/dez. 2006.

BORNHEIM, G. **Sartre:** metafísica e existencialismo. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BRUNS, M. A. de T.; HOLANDA, A. F. (org.) **Psicologia e fenomenologia:** reflexões e perspectivas. Campinas: Editora Alínea, 2003.

CANCELLO, L. A. G. **O fio das palavras:** um estudo de psicoterapia existencial. 5. ed. São Paulo: Summus, 1991.

CÂNDIDO, A. M. **O enlutamento por suicídio elementos de compreensão na clínica da perda.** 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

CASELLATO, G. Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. In: FRANCO, M. H. P. (Org.). **Uma jornada sobre o luto:** a morte e o luto sob diferentes olhares. Campinas: Livro Pleno, 2002.

CAPALBO, C. Fenomenologia e Ciência: Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty. In: CASTRO, D. S. P. de et.al. **Existência e saúde.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

CASSELL, C.; SYMON, G. **Qualitative methods in organizational research.** London: Sage, 1994.

CASSORLA, R. M. S. **Do suicídio:** estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1991.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

CLARK, S. Bereavement after suicide - how far have we come and where do we go from here? **Hogrefe & Huber Publishers - crisis**, Austrália, v. 22, n.3, p. 102–108, 2001.

_____. **Depois do suicídio:** apoio às pessoas em luto. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Gaia, 2007.

DURKHEIM, E. **O suicídio:** estudo de sociologia. São Paulo: Editora Martins Fontes, (1897) 1999.

ENDO, P. **A violência no coração da cidade:** um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2005.

EWALD, A. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando. **Estudos e pesquisas em psicologia,** Rio de Janeiro, ano 8, n.2, p. 149-165, 2008. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a02.pdf>.

FEIJOO, A. M. L. C. de. **A escuta e a fala em psicoterapia:** uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FERREIRA, E. A. **Minha mãe se matou sem dizer adeus.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

FLEWELLING, R. **A different senescene: the experience of transcending the expectation of aging by individuals 80 years of age and older: a phenomenological investigation**. 2008. 265 f. Degree (Doctor of Psychology) - Michigan School of Professional Psychology – Michigan, 2008.

FLEXHAUG, M.; YAZGANOGLU, E. Alberta Takes Action on Suicide: Best and Promising Practices in Suicide Bereavement Support Services: A Review of the Literature. In: **PREVENTION, Alberta Health Services-Alberta Mental Health Board Suicide.** Canadá: Alberta Health Services, 2008.

FONTENELLE, P. **Suicídio:** O futuro interrompido - Guia para sobreviventes. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FOX, J. Z.; ROLDAN, M. **Voices of strenght:** sons and daughters of suicide speak out. Far Hills, NJ: New Horizon Press, 2009.

FUKUMITSU, K. O. **Suicídio e psicoterapia***:* uma visão gestáltica*.* Campinas: Livro Pleno, 2005.

_____; ODDONE, H. R. B. **Morte, suicídio e luto:** estudos gestálticos. São Paulo: Livro Pleno, 2008.

FURACÃO. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/furacoes/furacoes-11.php>. Acesso em: 8 nov. 2009.

FRANCO, M. H. P. Apresentação. In: _____. (org.) **Formação e rompimento de vínculos:** O dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

_____. Por que estudar o luto na atualidade? In: FRANCO, M. H. P. (org.) **Formação e rompimento de vínculos:** O dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

_____. Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. In: FRANCO, M. H. P. (org.). **Estudos avançados sobre o luto.** Campinas: Editora Livro Pleno, 2002.

FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida:** fundamentos da Logoterapia e análise existencial. 4ª ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia.** São Paulo: EPU, 1989.

HENNEZEL, M. D. **A morte íntima:** aqueles que vão morrer nos ensinam a viver. Tradução Olga de Sá - Aparecida. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa: Edições 70, 2000.

JAMISON, K. R. **Quando a noite cai:** entendendo a depressão e o suicídio. 2 ed. Rio de Janeiro. Gryphus, 2010.

JOURNEY through the shadows - hope for healing after someone you love has committed suicide. Direção: Hans Spatzeck-Olsen. Produção: Charity Spatzeck-Olsen. Intérpretes: Iris M. Bolton; Stephanie Weber. Paraclete Press, Inc., 2010. 1 DVD (50 min), son., color., NTSC.

KAFKA, F. **Carta ao pai.** Porto Alegre: L&PM, (1919), 2009.

KEEN, E. **Introdução à Psicologia Fenomenológica.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

KOVÁCS, M. J. Morte, separação, perdas e o processo de luto. In:_____. **Morte e desenvolvimento humano.** (org.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

_____. **Educação para a morte:** temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAALOULF, J. F. **O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self.** 2005. 190 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MANDELBAUM, B.; MANDELBAUM. E. A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal. **Psicologia USP**, São Paulo, v.13, n.2. São Paulo, p. 1-6, 2002.

MARQUETTI, F. C. **O suicídio como espetáculo na metrópole:** Cenas, cenários e espectadores. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.

MARTINS, S. A. R.; LEÃO, M. F. Análise dos fatores envolvidos no processo de luto das famílias nos casos de suicídio. **Revista Mineira de Ciências da Saúde,** Patos de Minas: UNIPAM, v.2, p. 123-135, 2010. ISSN 2176-2244.

MELEIRO, A. M. A.; FENSTERSEIFER, L.; WERLANG, B. S. G. Esforços para prevenção. In: WERLANG, B. G.; BOTEGA, N. J. et.al. **Comportamento suicida.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological research methods.** Thousand Oaks. CA: Sage Publications, 1994.

NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, 4. ed. Versão 6.0. Curitiba: Positivo Informática, 2009.

PARKES, C. M. **Luto.** São Paulo: Summus,1998.

_____. **Amor e perda:** as raízes do luto e suas complicações. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F. S. Terapia de grupo versus terapia individual. In: STEVENS, J. O. (org.). **Isto é Gestalt.** São Paulo: Summus, 1977.

_____. **Gestalt-terapia explicada.** São Paulo: Summus, 1977.

_____. **Escarafunchando Fritz:** dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** 2 ed. Rio de Janeiro; Zahar, 1988.

PESSANHA, J. Apresentação. In: FERREIRA, E. A. **Minha mãe se matou sem dizer adeus.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

PUENTE, F. R. **Os filósofos e o suicídio.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RIBEIRO, JR. **Fenomenologia.** São Paulo: Pancast Editorial, 1991.

SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. (Org.). **Publicar em psicologia:** um enfoque para a revista científica. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia - Instituto de psicologia da universidade de São Paulo, 2009.

SERVAN-SCHREIBER, D. **Podemos dizer adeus mais de uma vez.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SHNEIDMAN, E. **Definition of suicide.** New York: John Wiley & Sons, Inc. 1985.

_____. **Suicide as Psychache:** a clinical approach to self-destructive behavior. New Jersey: Jason Aronson Inc., 1993.

SMALL, G. Prefácio. In*:* BARTOCCI, B. **Nobody's child anymore.** Notre Dame: Sorin Books, 2000.

SOIFER, R. **Psicodinamismos da família com crianças:** terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOUZA, A. M. de; MOURA, D. do S. C.; PEDROSO, J. da S. Instrumento de avaliação do luto e suas funções terapêuticas: a experiência em um serviço de pronto atendimento ao enlutado. In: FRANCO, M. H. P. (org.). **Formação e rompimento de vínculos:** O dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus Editorial, 2010.

STROEBE, M.; SCHUT, H. The dual process model of bereavement: rationale and description. **Death studies,** Filadelfia, v. 23, p. 197-224, 1999.

SZPILMAN, M. Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Libélula. **Instituto ecológico Aqualung,** Rio de Janeiro, Matéria publicada no Informativo n° 15 setembro/outubro de 1997. Disponível em: http://www.waleska.co.uk/2011/07/. Acesso em: 15 de nov. 2012.

TAVARES, G. R. Reflexões sobre nossa finitude: agrupar pessoas pode gerar mudanças de atitude. In: FUKUMITSU, K. O.; ODDONE, H. R. B. **Morte, suicídio e luto:** estudos gestálticos. São Paulo: Livro Pleno, 2008.

THE QPR INSTITUTE. **QPR Gatekeeper enhanced course review**. Washington: 2008.

TWISTER. Direção: Jan de Bont. Produção: Kathleen Kennedy, Ian Bryce e Michael Crichton. Intérpretes: Helen Hunt; Bill Paxton; Jami Gertz; Cary Elwes. Roteiro: Michael Crichton e Anne-Marie Martin. Amblin Entertainment, 1996. 1 DVD (113 min), son., color., NTSC.

VAN DUSEN, W. A fenomenologia de uma existência esquizofrênica. In: STEVENS, J. O. (org.). **Isto é Gestalt.** São Paulo: Summus, 1977.

ZLOTNIC, S. Contribuições de Ferenczi. In: VIII JORNADA PAULISTA DE GESTALT-TERAPIA, 2012, São Paulo. **Resumos**... São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 2012.

YALOM, I. D. **De frente para o sol:** como superar o terror da morte. Tradução de Daniel Lembo Schiller. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

YONTEF, G. **Processo, diálogo e awareness:** ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

WERLANG, B. G.; BOTEGA, N. J. et.al. **Comportamento suicida.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

WOLTERSTORFF, N. **Lamento:** a fé em meio ao sofrimento e à morte. Viçosa, MG: Ultimato, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Preventing suicide:** how to start a survivors group. WHO, Geneva, 2008.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Karina Okajima Fukumitsu, psicóloga, CRP 06/43624-6, doutoranda do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da USP, responsável pela pesquisa provisoriamente intitulada: *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio*, sob orientação da professora doutora Maria Júlia Kovács.

I. Explicações ao colaborador

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender o processo de luto do(a) filho(a) da pessoa que cometeu o suicídio. Serão realizados uma entrevista e dois contatos por e-mail para enviar a transcrição das entrevistas e outro, depois da análise dos dados, para compartilhar com o colaborador a compreensão da pesquisadora.

II. Esclarecimentos dados pelo psicólogo sobre garantias do colaborador

Informo as garantias para sua colaboração. São as seguintes.

1. A pesquisa será desenvolvida considerando-se os princípios éticos de que a pesquisadora manterá sigilo, privacidade, confidencialidade e não identificação dos dados do colaborador em toda e qualquer situação.
2. O depoimento do entrevistado será gravado, transcrito e encaminhado para o(a) senhor(a) para conferência, alteração, aprovação ou discordância do conteúdo.
3. O(A) senhor(a) poderá ter acesso quando quiser a qualquer informação do andamento da pesquisa e terá a liberdade de participar e de se retirar da pesquisa.
4. A participação na pesquisa haverá o mínimo de riscos, pois não utiliza nenhuma técnica invasiva ao corpo e não pretende infligir sofrimento psicológico. No entanto, a entrevista pode suscitar lembranças que, mesmo momentâneas, podem provocar sofrimento e, se for necessário, será oferecido acolhimento ao colaborador da pesquisa, que será encaminhado para cuidados psicológicos.
5. Dados relevantes da entrevista serão utilizados na pesquisa, e as citações sem identificação ficarão disponíveis ao público, bem como, para ensino, publicação em periódicos, livros e/ou apresentações em encontros científicos.
6. O(A) senhor(a) está ciente que sua participação é voluntária e que não estará recebendo nenhum tipo de pagamento, tendo o direito de retirar seu consentimento ou sair da pesquisa sem que isso lhe traga qualquer prejuízo e/ou ônus à sua pessoa.
7. Caso o(a) senhor(a) não tenha entendido alguma parte deste termo, solicite explicações à pesquisadora. Solicitamos que o(a) senhor(a) assine o termo de consentimento somente após sentir-se devidamente esclarecido(a) sobre todas as etapas do estudo, ciente de todos os direitos e de acordo com os procedimentos envolvidos na realização desta pesquisa. Agradecemos sua colaboração.

Karina Okajima Fukumitsu	**Profª. Drª. Maria Júlia Kovács**
Pesquisadora	**Orientadora**

Contato: Avenida Professor Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária. São Paulo-SP – Telefone: (11) 3097-0529.

III. Dados de identificação do colaborador

Nome:	Idade que tinha quando o suicídio aconteceu e data do suicídio:
Idade atual:	Escolaridade:
Profissão:	Sexo:

IV. Consentimento pós-esclarecido

Eu _____ declaro que, após os esclarecimentos oferecidos pela pesquisadora e ter entendido todas as etapas do estudo, ciente de todos os direitos e de acordo com os procedimentos envolvidos na realização desta pesquisa, consinto em participar da pesquisa *O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio* e ter as entrevistas gravadas, transcritas e analisadas.

_____

Assinatura do(a) participante

São Paulo, _____de _____ de 20_____.

Documento em duas vias (uma para o voluntário e outra para a pesquisadora).